Anais IV Seminário LEME

#maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio



2021

Anais IV Seminário LEME

#maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor da Uerj

Ricardo Lodi Ribeiro

Vice-reitor da UERJ

Mário Sérgio Carneiro

Direção do Centro de Educação e Humanidades

Bruno Rego Deusdará Rodrigues

Direção da Faculdade de Comunicação Social/UERJ

Patrícia Sobral de Miranda

Vice-direção da Faculdade de Comunicação Social/UERJ

Ricardo Ferreira Freitas

Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte

Anais IV Seminário LEME

#maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio

Rio de Janeiro

2021

© 2021 – IV Seminário LEME

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

IV SEMINÁRIO LEME

Coordenação-geral

Ronaldo George Helal

Comissão organizadora do seminário

Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

Carolina Alves Fontenelle

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Irlan Simões da Cruz Santos

Leda Maria da Costa

Leticia de Toledo Quadros Musco

Marina Perdigão Mantuano

EQUIPE TÉCNICA

Organização de conteúdo dos anais

Leticia de Toledo Quadros Musco

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Carolina Alves Fontenelle

Diagramação dos anais

Leticia de Toleo Quadros Musco

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Carolina Alves Fontenelle

Emilia Sandrinelli

Identidade visual do evento

Eduardo Vieira da Mota Gomes

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S471 Seminário LEME (4. : 5-7 de out. 2020 : Rio de Janeiro)
Anais IV Seminário LEME: #maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio / Leticia de Toledo Quadros Musco, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha, Carolina Alves Fontenelle, organização. – Rio de Janeiro, 2021.
304 f.

Inclui bibliografias.

ISBN: 978-65-995193-0-7

1. Comunicação. 2. Futebol. 3. Maracanã. I. Musco, Leticia de Toledo Quadros. II. Montanha, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli. III. Fontenelle, Carolina Alves. IV. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação social. V. Título.

CDU 796.33

Bibliotecária Emilia Sandrinelli – CRB7: 6288

SUMÁRIO

GT1 – Esporte, cidade e identidades

Maracanã além da arquibancada: territorialidades e interações da população carioca com o estádio depois dos megaeventos 8

Da arquibancada à avenida:práticas de sociabilidade e disputa dentro de uma torcida organizada de futebol 13

Instalações esportivas e (re)qualificação das cidades sedes dos jogos olímpicos de verão – 1960 a 1976 19

De *colosso do Derby* a *New* Maracanã. a promessa da cidade moderna. 25

As novas dinâmicas do processos de urbanização e o sumiço dos campos de pelada em Nova Iguaçu (Rj) 31

Futebol, usina e identidade socioespacial: Paraíso Futebol Clube, Usina Paraíso e o Distrito de Tócos 36

Futebóis e carnavais em meio à cidade em transformação: algumas memórias de Luiz Carlos da Silva 42

futebol no centro do campo: disputas pela construção da identidade nacional na literatura carioca do início do século XX 47

Quando um evento representa a nação: copa do mundo de 50 e musicalidade 52

Geografia, futebol e cultura: identidade e o espaço urbano no caso grenal 57

“Espanyol de Cornellà?” como a frase do zagueiro Piqué pode revelar processos geográficos na Região Metropolitana de Barcelona 62

Traços da rivalidade Brasil x Argentina no futebol da Paraíba da década de 1950 68

Raça, futebol e identidade nacional: disputuas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé 73

Zico ou Áustria: os impactos das fronteiras invisíveis do futebol 78

Maratona do Rio de Janeiro: o branding da Cidade Maravilhosa mesmo no cenário de caos 84

Disputas de representação: a coexistência festa-guerra na torcida organizada raça rubro-negra 88

A importância da representação dos ídolos de futebol para jovens da Baixada Fluminense 94

GT2 – Mídia, esporte e representação

Do monopólio das transmissões ao monopólio da memória: como a Rede Globo preencheu sua grade futebolística durante a pandemia 100

A retomada do futebol no contexto da pandemia: a experiência das rádios cearenses na transmissão de jogos via *streaming* 105

MP 984: futebol e mídia nos 70 anos do "Maraca" 110

A pandemia de Covid-19 na televisão esportiva brasileira 115

Ditadura e futebol na América do Sul: o Rio da Prata entre a gloria e a opressão 120

Os jogos bolivarianos de 1938 na imprensa colombiana: um olhar para a nação 125

A "tribo jornalística" presente na gestão de megaeventos esportivos 131

A cobertura jornalística das Copas de 2019 no globoesporte.com 137

Tifanny Abreu e a transfobia disfarçada nos meios de comunicação 145

Racismo no futebol brasileiro e mídia esportiva 151

A falação esportiva no futebol feminino: um estudo de caso do programa Mina de Passe 156

João sem Medo: a cobertura jornalística do Jornal dos Sports na contratação e demissão do treinador da seleção brasileira 162

Gérson: o craque midiático do gramado do Maracanã às redes sociais 167

Futebol e soft power: Gabriel Jesus é *made in Brazil* 172

O árbitro de vídeo e a comodificação total do futebol 177

Do Maracanã a Sarrià: Jornal dos Sports e Revista Placar nas publicações imediatamente após as derrotas em 1950 e 1982 182

Os dois 16: nos seus 70 anos, Maracanã continua associado à glória e à tragédia 187

Maracanã como redenção: a Copa América de 1989 na visão do *Jornal dos Sports* e da *Revista Placar* 192

O projeto de construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro nos anos 1940: para o desporto carioca, para o progresso da cidade 198

"Cai ou não cai?": a *Revista do Esporte* e as obras do maracanã no início dos anos 1960 203

GT3 – Estádios, arena e modos de torcer

Torceres: pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico 209

Violência verbal nos estádios de futebol 215

Menos democracia, mais Copa do Mundo: interações da Fifa com o Estado Brasileiro em 1950 e 2014 220

Polícia para quem precisa de polícia: segurança pública e as mudanças promovidas pela expansão do processo de elitização nos estádios 226

Quem é este que nega o novo? Breves considerações sobre o sujeito discursivo que nega o futebol moderno: uma análise de dizeres 233

Ascensão das torcidas antifascistas no futebol carioca 238

Pode a arquibancada ser delas? reflexões sobre a presença de mulheres nos estádios 243

O estádio monumental: o Maracanã enquanto patrimônio histórico cultural brasileiro (1983-2000) 248

Estádios de futebol no Centro-Oeste: história em quatro fases 253

Imaginário e representação: o choque do novo Mararacanã para o torcedor 259

“Domingo eu vou ao Maracanã”: pertencimento(s) e rivalidade(s) em palco neutro 264

Novo Maracanã: arenização e o embate entre novas e velhas formas de torcer 269

A necessidade de representação do ato torcedor no programa midiático futebol durante o “novo normal” do esporte mercantilizado 274

A influência da pandemia de COVID-19 no desempenho das equipes mandantes do campeonato alemão de futebol 278

Estádios x Covid-19: uma nova forma de torcer 283

Modelos de segmentação de consumidores de esporte: revisão de literatura e estudos de caso de torcedores de futebol 288

Raiz e nutela no gramado da ciberculta 293

O novo processo de empresarização dos clubes de futebol no brasil: elementos para uma análise crítica 298

GT1
Esporte, cidade e identidades

MARACANÃ ALÉM DA ARQUIBANCADA: TERRITORIALIDADES E INTERAÇÕES DA POPULAÇÃO CARIOCA COM O ESTÁDIO DEPOIS DOS MEGAEVENTOS

Victor Belart[1]
Igor Lacerda[2]

Resumo
Este trabalho se propõe a acompanhar algumas transformações estéticas e culturais ao redor do Maracanã, depois das reformas para os megaeventos. Considerando a passagem do tempo das obras, entre o que foi prometido e entregue, o artigo investiga algumas manifestações musicais e esportivas que já aconteceram ao redor e dentro do estádio após sua transformação. Junto de algumas mudanças na cultura torcedora, consideramos também a relação das remodelações urbanísticas com as atividades como o skate, os blocos não oficiais de Carnaval e a produção de shows nessa área da cidade que é distante das praias e das grandes casas de eventos. Como método de pesquisa, o trabalho combina a observação participante com a análise de algumas reportagens a respeito da trajetória do estádio.
Palavras-chave: Maracanã. Megaeventos. Carnaval. culturas urbanas. Territorialidade.

Introdução

A relação do Maracanã com a história do Rio de Janeiro é muito ampla e tem se transformado nos últimos anos. O "Mário Filho" nunca foi apenas um estádio. Enquanto Guimarães (2014) e Simões (2018) apresentam as mudanças da cultura torcedora em tempos de modernização das arenas e arquibancadas pelo mundo, Simas (2019) relembra o quanto, desde 1950, o nosso templo do futebol, para além de uma praça esportiva, é também um símbolo da cultura popular carioca e se conecta aos terreiros e rodas de samba.

Reconhecido internacionalmente por suas multidões festivas, o Maracanã também tem uma enorme relação com grandes eventos musicais, atividades de cidadania e lazer no Rio. Palco de shows, festivais, visitas do Papa, ações de saúde pública ou até realização de provas, ali sempre esteve imersa uma "multiterritorialidade" (HAESBAERT, 2016). Enquanto o canto e o estilo das torcidas dentro e fora do estádio têm relação com ritmos musicais nascidos na

[1] Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom UERJ – Bolsista CAPES). Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador no Laboratório de Comunicação, Arte e Cidade (CAC-UERJ). Especialista em Jornalismo Cultural (UERJ). Graduado em Comunicação Social (PUC-Rio). E-mail: belart.victor@gmail.com.

[2] Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom UERJ - Bolsista CAPES). Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Comunicação pela Universidade Veiga de Almeida. Pesquisador no Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (LACON-UERJ). E-mail: igorlacerdasa@gmail.com.

capital fluminense, como o próprio samba e o funk, a área externa do Maracanã é também um mar de socialidades diversas. Distante das praias, ele é um dos único**s** pontos da Zona Norte da cidade que costuma fazer parte de roteiros turísticos. Para além disso, é um espaço de lazer para crianças, ambiente de treino para atletas amadores, ponto de ação para skatistas e vendedores ambulantes.

Neste trabalho, buscamos compreender algumas práticas sociais e culturais que ocorreram no Maracanã, ou em suas proximidades, entre os anos de 2010 e 2020, antes e depois das reformas para os megaeventos. Entendemos que, para além da programação que ocorre nas arquibancadas nos dias dos jogos de futebol, o estádio institui em sua área externa e em seus corredores diferentes territorialidades que estão em constante modificação. Em métodos híbridos que combinam observação participante e análise de reportagens de jornais sobre as reformas na região, investigamos os usos e os paradigmas de quem vive ou circula ao redor do estádio, considerando o parque esportivo, assim como o novo perfil dos shows e das festas que passaram a ocorrer por ali.

Desenvolvimento

Com os megaeventos, as reformas bilionárias e as disputas administrativas, a parte interna do Maracanã foi totalmente modificada, mas foram mantidas algumas características de seu entorno. Por outro lado, entre a administração do consórcio Maracanã S.A. e a do Clube de Regatas do Flamengo, não somente o perfil do público que acessa os jogos do Maracanã foi transformado, como também o formato de determinados eventos ocorridos dentro dos muros do estádio. Simultaneamente a isso, novos eventos "não oficiais" passaram a ocorrer na área, como encontros de skatistas ou cortejos de Carnaval.

O dossiê de candidatura da cidade à sede da Olimpíada não era claro em relação aos legados que o estádio reformado traria aos cariocas, apenas reforçava a sua relevância para novos eventos esportivos e consumidores. Assim, é essencial reforçar que, em 2017, depois das reformas que custaram pelo menos 1,3 milhões aos cofres públicos, a estrutura do aparelho esportivo estava se degradando: o gramado tinha ficado alto e sem cor; não possuía iluminação; faltavam algumas cadeiras nas arquibancadas, e outras estavam empilhadas nos cantos; sem segurança adequada, foram roubados televisores, equipamentos de combate à incêndios e

alguns bustos de cobre, incluindo o do jornalista Mário Filho, que dá nome ao espaço[3]. No mesmo ano, o Ginásio do Maracanãzinho, que seria a casa do voleibol brasileiro, estava fechado para reformas. Por ser um núcleo do Maracanã, também estava sem luz e laudo de funcionamento dos bombeiros, além de defeitos no teto da quadra de aquecimento e no ar-condicionado – teve de passar por outra reforma que custou R$ 9 milhões, pagos por patrocinadores[4]. Mesmo depois de liberado para uso, teve aberturas esporádicas em 2018 e 2019, sendo utilizado em janeiro de 2020 para partidas de basquete entre o Flamengo (que administrava o Maracanãzinho) contra o Unifacisa, da Paraíba, pelo Novo Basquete Brasil (NBB). Só foi usado pela NBB porque o Parque Olímpico da Barra estava interditado, pois não havia licença de segurança, e a concorrência pelos poucos ginásios privados do Rio estava muito grande[5].

Nessa mesma década das reformas, é interessante perceber como muitas produções de entretenimento voltaram à cidade, o próprio Rock in Rio, por exemplo. Assim, percebemos que é "neste contexto que os eventos se confirmam como instrumentos de comunicação (e negócios)" (RODRIGUES, 2016, p. 105). Nas duas primeiras competições internacionais de seleções que recebeu na década, em 2013 e 2014, o Maracanã e suas ruas vizinhas abrigaram quiosques de empresas para ações de *marketing*, caminhões de imprensa e coquetéis para públicos *VIP*. Tudo isso veio junto a aumento do preço dos ingressos para esses e outros espetáculos.

Na gestão do consórcio Maracanã S.A., capitaneada pela Odebrecht (envolvida em casos de corrupção no país), o estádio chegou a receber grandes shows, como o da banda *Foo Fighters*, porém, essa programação foi mais rara do que o esperado. Como alternativa, passaram a ocorrer pequenos eventos por lá, como congressos, casamentos ou produções de menor tamanho em caráter de noitada para o público mais jovem. Com alto custo de manutenção para o futebol, várias vezes alguns times do Rio iam procurar outras casas pela cidade para realizarem seus jogos, como Luso-brasileiro, na Ilha, ou Estádio Nilton Santos, no Engenho de Dentro. Enquanto isso, durante a madrugada, as filas de táxis e carros de

[3] Ver a matéria "Legado da Rio 2016 conta com obras inacabadas e construções abandonadas" em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/legado-da-rio-2016-conta-com-obras-inacabadas-e-construcoes-abandonadas.ghtml>. Acesso em 27/07/2020.

[4] Ver a matéria "Liberado, Maracanãzinho ainda não tem data de reabertura" em: <https://oglobo.globo.com/esportes/liberado-maracanazinho-ainda-nao-tem-data-de-reabertura-22439927>. Acesso em 27/07/2020.

[5] Ver matéria "Interdição do Parque Olímpico faz Flamengo reabrir Maracanãzinho" em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/01/23/interdicao-do-parque-olimpico-faz-flamengo-reabrir-maracanazinho.htm>. Acesso em 27/07/2020.

aplicativos estavam ocupando a Radial Oeste, avenida próxima ao Maracanã, anunciando a ocorrência de eventos festivos para o público de classe alta.

Entre 2013 e 2019, quem aproveitou a menor realização de jogos no estádio foi o Carnaval de rua dos blocos não oficiais. Em 2018 e 2019, por exemplo, o evento *Bunytos de Corpo* realizou seus cortejos ao redor do estádio, que estava fechado. Apesar de reprimido pela PM em 2019, a realização do bloco por lá é interessante estética e politicamente, uma vez que "o grupo reúne foliões com roupas de ginástica dos anos 80 e brinca novamente com a perspectiva esportiva e do movimento" (BELART, 2019, p.100). O bloco, que tem temática LGBT+, ocupa de forma participativa a área de um estádio que de uns tempos para cá vem lidando com uma urgente mudança de paradigmas: em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) pressionaram a justiça desportiva para impor punições aos clubes quando as torcidas entoassem coros LGBTfóbicos nas arquibancadas[6]. Com isso, muitas temáticas racistas e homofóbicas, que antigamente eram cantadas no estádio, perderam espaço nos últimos anos.

Também incorporando essa temática de combate à LGBTfobia, algumas torcidas antifascistas, fundadas recentemente dos times do Rio e surgidas depois dos megaeventos, organizaram alguns atos ao redor do estádio fora do dia dos jogos. Elas também cobram por respeito às mulheres, diminuição do valor dos ingressos e combate ao racismo nos estádios. Esses grupos estiveram presentes em protestos ao redor do Maracanã nos primeiros meses de pandemia de COVID-19, quando a região recebeu um hospital de campanha. Nessas mesmas semanas, o Flamengo, atual administrador do estádio, acabou vencendo junto de outros clubes uma batalha jurídica que retomou as partidas do Campeonato Carioca 2020, uma atitude polêmica uma vez que a cidade estava no auge de contaminações por coronavírus.

Apesar da situação problemática e controversa, desde que assumiu o estádio numa parceria com o Fluminense, em 2019, a diretoria rubro-negra vinha conseguindo dar mais movimento ao Maracanã para além dos jogos, organizando algumas atividades festivas e de entretenimento como shows de samba e atividades infantis. Apesar disso, o preço das entradas para todas essas atividades permanece inacessível para boa parte da população carioca. Fora do estádio, no dia a dia, crianças da Mangueira voltaram a utilizar o Estádio Júlio Delamare para natação, depois de seis anos com o parque aquático fechado. Na calçada ao

[6] Ver matéria "STJD planeja punir ações homofóbicas em estádios com perda de pontos. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/com-decisao-stjd-gritos-atitudes-homofobicas-estadios-serao-punidos-com-perda-pontos.html>. Acesso em 27/07/2020.

lado, moradores praticam atividades esportivas e skatistas fazem por conta própria melhorias e reparos numa pista que foi construída em 2013, no término das obras para a Copa.

Resultados esperados ou conclusão

Mesmo diante de crises políticas e administrativas, é possível perceber que o Maracanã, entre práticas oficiais e informais feitas pelos próprios moradores, continua sendo um polo de produção de cultura, lazer e entretenimento para diferentes grupos de cariocas, não somente os torcedores. Jacobs (2000), em tom crítico aos planejadores, afirma que a cidade é uma criação nossa. Neste sentido, a autora reitera a necessidade de abertura para o imprevisível, preservação de arquiteturas antigas em combinação com novas obras, além da valorização das caminhadas. Por essa linha, é possível perceber que o Maracanã, diante de seus problemas e dificuldades, permanece atuando no Rio como uma espécie de praça pública que, mesmo diante de apagamentos, também é reinventada pela população em seus próprios modos e apropriações cotidianas numa tradição carioca.

Referências

BELART, Victor. Boulevard dos corpos livres: Carnaval LGBT+ na Cidade Pós-Olímpica. In: JORNADA IDENTIDADES, GÊNEROS, CORPOS E SEXUALIDADES, 2019, 1., Rio de Janeiro. *Anais da...* Rio de Janeiro, 2019.

GUIMARÃES, Marcelo. *PAIXÃO S.A:* como anda o marketing do seu clube do coração. Curitiba: CRV, 2014.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LA ROCCA, Fabio. *Ambiências Urbanas*. In: LA ROCCA, Fabio. A cidade em todas suas formas. Porto Alegre: Sulina, 2018.

RODRIGUES, Flávio Lins. *Rock In Rio:* comunicação e consumo no contexto de um grande evento made in Brazil. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus Rebeldes*: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

DA ARQUIBANCADA À AVENIDA:PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E DISPUTA DENTRO DE UMA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL

Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior[1]

Resumo
A presente proposta visa discutir a socialidade produzida na relação entre futebol e samba no contexto de uma torcida organizada (TO), o Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida, considerada dentro desse modelo de coletivos torcedores aquela que possui o maior contingente de sócios do país, além de ter sido pioneira, dentre as torcidas organizadas (TO's) na cidade de São Paulo, a seguir também os caminhos do samba em sua forma espetacularizada. Para isso, partirei do levantamento etnográfico da pesquisa de campo num complexo de práticas urbanas no interior da TO, onde pude perceber um universo de relações a partir de dois eixos (o torcer e o sambar) de sociabilidades e disputas na cidade de São Paulo, resultando assim, em novas formas de identificações torcedoras e de lazer.
Palavras-chave: Torcida Organizada de Futebol. Escola de Samba. Cidade. Sociabilidade.Cismogênese.

Introdução

Com este resumo, objetivo apresentar os dados pertinentes a uma etnografia realizada no interior de práticas urbanas na cidade de São Paulo, mais especificamente, no cotidiano de torcedores organizados mobilizados em prol do futebol e também do samba, a saber, o Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida, considerada dentro desse modelo de coletivos torcedores aquela que possui o maior contingente de sócios do país[2] (BUENO, 2015). Os Gaviões são pioneiros, dentre as torcidas organizadas na cidade de São Paulo, a seguir também os caminhos do samba em sua forma espetacularizada, ou seja, como escola de samba institucionalizada (HOLLANDA; MEDEIROS, 2018; BUENO, 2015).

Sobretudo, busco enfatizar a disputa entre essas sociabilidades distintas no interior de um mesmo grupo organizado, e mostrar, como isso pode gerar novas formas tanto do torcer como do sambar, a partir da relação de *cismogênese* (BATESON, 2006) entre ambas as sociabilidades. O caminho argumentativo que seguirei aqui será dividido em três momentos; o primeiro é este de sensibilização temática e descrição do caminho da pesquisa de campo, o segundo será de discussão bibliográfica e proposições a partir do campo em questão, no terceiro

[1] Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar), bacharel em Ciências Sociais pela UFSCar (2019). E-mail: r.alencarjunior@hotmail.com

[2] Apesar de não haver um número exato e oficial, estimasse – até o primeiro semestre de 2019 – algo em torno de 120 mil associados.

– e último – buscarei fechar e concluir o argumento proposto inicialmente e a contribuição do conceito de *cismogênse* para o debate acadêmico sobre torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba.

A pesquisa etnográfica foi realizada entre janeiro e dezembro de 2019, através da observação participante *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) num complexo de práticas urbanas no interior da TO. O trabalho de caráter etnográfico objetivou compreender a dinâmica entre a arquibancada e a avenida. Sua maior atenção foi perceber de que maneira se projetam formas de interação, que por hipótese poderiam ser definidas como *cismogênicas* (BATESON, 2006), ao reposicionar o torcer e o universo da sociabilidade do samba numa dinâmica competitiva por status, reconhecimento político e visibilidade da torcida como coletivo. Tal modelo observado contrasta com outras experiências torcedoras, fazendo do torcer uma continuada experimentação e socialidade de fatura popular no contexto ou nas franjas do futebol profissional.

O campo da pesquisa se baseou em alguns espaços de pertença torcedora, sobretudo a Quadra sede dos Gaviões no bairro do Bom Retiro em São Paulo, tanto em dias de ensaios da escola como em reuniões e confraternizações da torcida; dias de jogos ou mesmo treinos abertos na Arena Corinthians em Itaquera SP e, por último, mas não menos importante, o Sambódromo do Anhembi em São Paulo, tanto nos dias dos três ensaios gerais e o próprio desfile oficial no carnaval de 2019.

Ao adentrar o cotidiano das sociabilidades pude perceber, como previsto em hipótese de pesquisa, que o sambar e o torcer não são meras justaposições, antes, constituem uma complexa relação negociada de sociabilidades competitivas e conflituosas no interior da TO, a que aqui defenderei como *cismogênica* (BATESON, 2006).

Desenvolvimento

Os Gaviões da Fiel não abrem mão de sua origem social e histórica no futebol, mas também se orgulham de seu projeto no interior do arranjo institucional do samba a partir desse modelo das escolas carnavalescas[3]. O interessante é que esse duplo vínculo traz suas consequências ao modo de existir como uma *torcida que samba* na medida em que não se trata tão somente de uma justaposição de uma coisa sobre a outra, ou a produção de uma identidade torcedora que acomodaria samba e futebol como índices de agregação e sociabilidade em nome

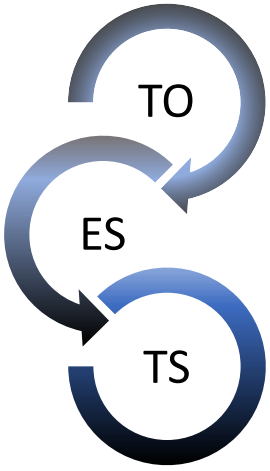
[3] Isso fica evidente em depoimento de um ex presidente da agremiação (Dentinho), que ao avaliar sua administração como a melhor da história, justifica seu argumento com os títulos do carnaval conquistados em sua gestão (BERNARDO BUARQUE; FLORENZANO, 2019).

de um *ethos* popular dos Gaviões.

Como adiantei ao decorrer do artigo, a junção de ambas sociabilidades competitivas transcende uma simples soma e se torna uma espécie de *cismogênese* dentro da própria torcida. Interações que replicam diferenciações que dizem respeito às "evoluções" de um projeto de TS, o que implica politicamente em constantes negociações internas em torno desses eventos não raramente tomados como símbolos de identidades populares e até da chamada identidade nacional, samba e futebol. Tais dinamismos resultantes desse acúmulo de interações dão os contornos cotidianos e negociados de novas formas e expressões de sociabilidade torcedora.

Cismogênese é um conceito de Bateson (2006) para tratar da diferenciação resultante do acúmulo das interações entre indivíduos e grupos sociais, ou como ele mesmo define "um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa dos indivíduos" (BATESON, 2006, p. 219). Segundo o autor não haveria interação que não evoluísse para processos cismogênicos, desde relações íntimas às mais coletivas. Por isso, a busca no campo foi justamente por encontrar o resultado desse processo *cismogênico*, afinal, se o futebol pode produzir torcedores e a escola de samba, sambistas, qual o resultado então de *uma torcida que samba*?

Percebi então que esse processo *cismogênico* está na base do sucesso institucional dessa relação entre futebol e samba. O que não é o mesmo que dizer que ele não segue rumos completamente imprevistos, como no caso inesperado da sociabilidade das avenidas e passarelas adentrar também nas arquibancadas. Se no plano inicial a arquibancada (torcida organizada) tomaria a avenida (escola de samba), atualmente ambos os projetos se retroalimentam, os sambas – enredos, por exemplo, atravessaram a avenida do samba diretamente para as arquibancadas do futebol. Não como ES ou TO, mas como uma terceira coisa resultante do *acúmulo* dessas duas; a TS. Como se pode ver a seguir:



TORCIDA ORGANIZADA

ESCOLA DE SAMBA

TORCIDA QUE SAMBA

Pude inclusive, através da pesquisa etnográfica, propor uma noção que defini por "canto-enredo", cujas apropriações recíprocas do torcer e do sambar resultaram no movimento inverso do pensado inicialmente pelos projetos de samba no interior das torcidas. Se trata de uma prática bastante comum dos Gaviões da Fiel nas arquibancadas de futebol, após o Corinthians marcar um gol, independente do momento do jogo ou situação, se inicia um canto na torcida que é, na verdade, um samba-enredo[4] da própria "escola de samba"[5].

Mais do que cantar a música, o que acontece nas arquibancadas é uma reprodução corpórea[6] dos movimentos básicos utilizados pela "escola de samba" em seu desfile acompanhado pelo samba-enredo em questão. No entanto, a apropriação tomada do espaço carnavalesco se acumula em experimentações na arquibancada, transformando assim parte da letra do samba[7], que compõe o roteiro para se perceber o desfile em curso, numa ritualização específica do pós-gol, cuja intensidade adquire um ápice diverso da entonação do samba-enredo ao longo da avenida, que passa numa intensidade necessariamente constante.

Pode-se inclusive observar esse acontecimento narrado pelo próprio presidente da agremiação (Digão) em uma entrevista para a Rede Globo[8] sobre o samba-enredo no carnaval: "o samba nosso é muito forte. Acabei de cantar agora duas vezes ele no jogo do Corinthians, cada gol do Corinthians a Torcida canta esse samba. Eu acho que a nossa identificação com o samba da arquibancada e com nosso povo no carnaval vai ser a diferença esse ano".

Com isto, as noções nativas que se tornaram oficiais de *canto da torcida*, para músicas entoadas pelas TO's nas arquibancadas de futebol, e *samba-enredo*, para a música que direciona o desfile da escola de samba, se tornaram insuficientes para categorizar tal

4 O samba-enredo em questão se chama "a saliva do santo e o veneno da serpente. Ele fez muito sucesso em 1994 quando a escola foi vice-campeã, reeditado agora em 2019, ano em que a Torcida completou 50 anos de existência.

5 Inclusive pude encontrar uma matéria jornalística que abordou de forma perspicaz e nada analítica essa prática, segue o link da matéria: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/gavioes-da-fiel-reedita-samba-que-virou-canto-de-gol-do-corinthians.shtml>

6 Como bem afirma Oliveira (2019), a festa carnavalesca tem como elemento central o uso do corpo em suas manifestações dançantes, e isso é, segundo o autor, uma forma de transmissão e apreensão de técnicas corporais que traduzem significados.

7 Enquanto na avenida se canta o trecho "[...] É um raro prazer, sabor de emoção, mas não abuse, que faz mal pro coração [...]", nas arquibancadas ele ganha novos contornos que no samba não são permitidos em seus limites institucionais, e se torna "[...] é um raro prazer, sabor de emoção, fumar maconha e torcer pro Coringão [...]".

8 Segue o link da entrevista completa online: <https://globoplay.globo.com/v/7349382/>.

experimentação. A partir disso, cunhei o termo "canto-enredo" (O encontro do samba-enredo com o canto da torcida), que seria na verdade o exemplo *cismogênico* da relação entre torcer e sambar no universo das TO's que vivenciam também o samba. Tal termo me serve inclusive como uma espécie de totalidade etnográfica (MAGNANI, 2002; 2009), a qual me permite experimentar o uso em outros locais de pesquisa.

Em outros momentos dessa relação *cismogênica* do torcer e sambar, se pode observar alguns desdobramentos que também caberiam nessa categoria de "canto-enredo", até mesmo para além das arquibancadas, é o caso dos cantos de torcida habitarem constantemente os ambientes carnavalescos, sejam nos ensaios na quadra ou até mesmo no Anhembi. Cantos estes que são em sua grande maioria com letras voltadas para o Corinthians e o futebol em si, entretanto o uso é tão comum que se tornou tradição dentro da estrutura litúrgica[9] de todo e qualquer ensaio.

Considerações finais

Com o objetivo de contribuir para o debate acadêmico sobre torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba, sobretudo na cidade de São Paulo, é que aponto o conceito de *cismogênese* de Bateson como um importante refinamento da discussão acerca dessa experimentação cada vez mais profunda nas sociabilidades das TO's.

Não vejo mais como possível estudar torcidas organizadas que são também agremiações do samba, apenas pelo vetor do futebol, ou considerar o samba meramente como um adereço lúdico e sazonal. Antes, se faz necessário considerar que a sociabilidade agora acontece em uma relação *cismogênica* entre os dois universos. E que as disputas e negociações internas constroem as práticas que são externalizadas tanto nos ambientes de futebol quanto de samba.

Inclusive, penso que as políticas públicas voltadas para as agremiações tenham um maior sucesso se partirem desse preceito, ou ao menos do reconhecimento de que as ações não podem mais ser direcionadas como se as torcidas/escolas fossem apenas do âmbito do futebol ou do samba, inclusive as ações punitivas e preventivas que visam o controle de conflitos.

[9] Os ensaios costumam ter a seguinte liturgia: Começa com um grupo convidado tocando samba enquanto os componentes chegam, depois tem apresentação da bateria, já em seguida e junto do aquecimento dos ritmistas são entoados os cantos de arquibancada, depois tocam algumas músicas / sambas antigos dos Gaviões, para enfim chegar no que em tese seria o principal da noite; o samba-enredo atual e o começo do ensaio dos componentes.

Referências

BATESON, Gregory. Contraste etológico, competição e cismogênese. In: BATESON, Gregory. *Naven*: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.. p. 1-384.

BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. *Comunicacion*: la matriz social de la psiquiatria. Buenos Aires: Paidos, 1965.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; FLORENZANO, José Paulo (org.). *Territórios do torcer:* depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.

BUENO, Arthur. Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. *Os Gaviões da Fiel*: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-30, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, p.129-156, 2009.

INSTALAÇÕES ESPORTIVAS E (RE)QUALIFICAÇÃO DAS CIDADES SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO – 1960 A 1976

Miriam Neves de Sousa[1]
Rômulo Meira Reis[2]

Resumo
O objetivo dessa pesquisa é examinar as instalações esportivas como instrumentos capazes de requalificar os espaços urbanos. Como método usamos as técnicas da pesquisa bibliográfica e documental, delimitado as edições dos Jogos Olímpicos de Verão de 1960 a 1976. Os resultados apontam requalificação urbana a partir de implantações de instalações esportivas, quando integradas a um Plano de Desenvolvimento Urbano (PUD).
Palavras-chave: Instalações esportivas. Cidades sede. Requalificação urbana. Jogos olímpicos.

Introdução

Ao refletirmos sobre o papel das instalações esportivas como fator de desenvolvimento urbano é possível identificar que as nações ou cidades sede ao receberem os megaeventos esportivos sentem os impactos e legados deixados, os quais refletem na sociedade (DACOSTA et al., 2008; DEBORD, 2003).

Cunha (2007) explica que qualquer instalação esportiva consegue (re)qualificar os espaços urbanos próximos ou os quais servem como pontos e referência ou destinatário. O autor considera Vilas Olímpicas e acomodações de atletas como instalações esportivas porque foram desenvolvidas para atender ao esporte. Nessa linha de ação, os megaeventos esportivos, representados nesse estudo pelos Jogos Olímpicos de Verão (J.O.), se apresentam como grande provocador de mudanças sociais, físicas, econômicas, financeiras, geradas a partir da constituição das instalações esportivas dentro das cidades (ESSEX; CHALKLEY, 1998).

No entanto, nem sempre a construção de instalações esportivas significa desenvolvimento, prosperidade, avanço da cidade e sua população. Assim, esta pesquisa tem por objetivo examinar as instalações esportivas como instrumentos capazes de requalificar os espaços urbanos.

Como objeto do estudo focamos nas instalações esportivas dos Jogos Olímpicos de Verão edições de Roma (1960) a Montreal (1976), realizados durante a transição do urbanismo

[1] Miriam Neves de Sousa, Mestre em Gestão do Desporto, arqmiriamns@hotmail.com.

[2] Rômulo Meira Reis, Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte, romulomreis@hotmail.com.

funcionalista moderno para o movimento pós-moderno do urbanismo causando intervenções das cidades sede (LIAO; PITTS, 2006).

Método

Utilizamos as técnicas da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Com isso, catalogamos as Referências convencionais (artigos, livros, teses, dissertações etc.) e documentos: relatórios oficiais, reportagens especializadas, publicações de órgãos esportivos e outros documentos que não receberam tratamento analítico.

Resultados

Roma 1960

A cidade preparou-se para receber os visitantes, pois cada vez era maior o interesse pelos J.O. e para tal promoveu várias melhorias na infraestrutura urbana e com campanhas que apelavam à hospitalidade de sua população, realizou as implantações das instalações em duas zonas da cidade, ao norte com o Foro Olímpico e a Vila Olímpica no bairro de Flaminio no campo de Parioli, e ao sul na região conhecida por Exposição Universal de Roma (EUR), as quais eram pouco conhecidas e utilizadas à época.

A Comissão Organizadora (CONI) quanto às intervenções adotou algumas premissas: a) Evitar melhorias de alto custo; b) Construir preferencialmente em terrenos do Estado; c) Utilizar locais existentes para as instalações secundárias adaptando-os ou melhorando-os; d) Planejar as instalações para uso futuro; e e) Responsabilizar a autarquia da cidade pela rede rodoviária, iluminação pública, iluminação de monumentos, jardins públicos, limpeza da cidade, melhoria dos parques e estacionamento (THE XVII OLYMPIAD ROME, 1960).

A partir dessas premissas os custos das construções de estádios foram separados dos investimentos diretamente empregados na organização com o objetivo de demonstrar os benefícios dos impactos das instalações esportivas à urbanização da cidade (THE XVII OLYMPIAD ROME, 1960).

O plano da Vila Olímpica era composto por 33 edifícios, dispostos sobre “pilotis” com variações de 2, 3, 4 e 5 andares, no total de 1.348 apartamentos com 4.723 quartos e áreas de 160.000 m2 de jardins e 110.500 m2 de áreas pavimentadas. A vila Olímpica integrou o plano habitacional popular da cidade (THE XVII OLYMPIAD ROME, 1960).

Tóquio 1964

A realização dos J.O. impulsionou o Plano Decenal de Desenvolvimento do país que envolvia melhorias no transporte, estradas, porto e infraestruturas de água e esgotos, sendo dada prioridade às construções que se relacionariam diretamente com os locais das competições (THE OFFICIAL REPORT OF THE ORGANIZING COMMITTEE TOKIO, 1964).

Foram utilizadas 30 instalações esportivas organizadas de forma que a população pudesse utilizar as mesmas após a realização dos jogos, das quais: 17 Novas construções, 01 Ampliação, 04 Reconstruções, 03 Renovações e 05 Construções temporárias. Do total, 13 (treze) Instalações Desportivas foram agrupadas em três locais distintos: o Meiji Olympic Park (n/d), Yoyogi Centre Sportive (12 hectares) e Komazawa Sports Park (41 hectares).

A Vila Olímpica foi localizada na instalação militar Washington Heights, a qual estava ocupada pelos americanos, sendo devolvida ao Governo Japonês e requalificada (THE OFFICIAL REPORT OF THE ORGANIZING COMMITTEE TOKIO, 1964).

Sobre as acomodações visitantes, o Governo Metropolitano de Tóquio e o Banco Shoko Chukin investiram cerca US$ 1.67 milhões para a remodelação de hotéis. Resultando em 1.445 camas residenciais, e 588 camas em casas particulares na cidade de Tóquio e subúrbios (THE OFFICIAL REPORT OF THE ORGANIZING COMMITTEE TOKIO, 1964). Todavia, a necessidade de alojamento para os visitantes era de 30.000 camas, assim, foram utilizados 05 navios no porto da cidade, cuja capacidade de atendimento era de 1.600 pessoas.

Cidade do México 1968

Segundo o Olympic Report Mexico 1968, a eleição da cidade do México foi baseada principalmente nas instalações desportivas existentes e em experiências anteriores na realização de eventos. As instalações esportivas estavam distribuídas de forma descentralizada, o que poderiam vir dificultar o acesso dos atletas aos locais de competição devido aos conhecidos problemas do caótico trânsito da cidade. No entanto, isto foi resolvido com esquemas de trânsito especiais.

Os objetivos fundamentais da Comissão Organizadora eram: uma realização ideal dos jogos, a celebração de um programa cultural sem precedentes e a projeção mundial de uma imagem do país (OLYMPIC REPORT MEXICO, 1968). Dessa forma, foram construídas duas Vilas Olímpicas principais com o apoio de edifícios de serviços, como restaurante de 9.000m2, clube desportivo de 3.000m2, Shopping Center, salas de formação e centro médico. A

Comissão Organizadora foi responsável por adaptações das unidades para a utilização durante os J. O e posterior uso da população (OLYMPIC REPORT MEXICO, 1968).

Munique 1972

A cidade apresenta uma intervenção inovadora, ao concentrar a maioria das Instalações Esportivas e a Vila Olímpica num *"Parque Olímpico"*, assim o sonho de Pierre de Coubertin de instituir a "Cidade Olímpica" tomava forma.

O Comitê Organizador planejou a ocupação de uma área abandonada e degradada em Oberwiesenfeld com 3.000.000 m^2 ao norte da cidade pelo *"Olympiapark"* numa estratégia de expansão urbana através de requalificação do território (OLYMPIC REPORT MUNICH, 1972).

"Oympiastadion", "Olympiahalle" e "Olympia-Schiwimmhalle" eram as três principais instalações interligadas por uma cobertura em estrutura metálica e acrílica de 75.000 m^2 de área. Este conjunto tornou-se o "emblema" da cidade de Munique.

A Vila Olímpica foi planejada para ser ocupada posteriormente por famílias e pessoas de baixa renda, entretanto, em 1973 havia vários apartamentos disponíveis devido ao custo da construção e à crise económica mundial que dera início.

Mesmo, construindo um *"Parque Olímpico",* a cidade teve o seu centro histórico restaurado com a criação de vias centrais, melhorias nos transportes públicos, ofertas de estacionamento subterrâneo, construção de um novo centro comercial e novos hotéis. Todos os serviços necessários para estimular o desenvolvimento do turismo local (OLYMPIC REPORT MUNICH, 1972).

Não obstante, o brilho dos Jogos Olímpicos de Munique foi ofuscado pelo violento atentado realizado por um grupo extremista Palestino o *"Setembro Negro"* à delegação de Israel, o que resultou em 11 mortos. O COI suspendeu as competições por um dia e alterou a cerimónia de encerramento devido à tragédia.

Montreal 1976

Montreal sofreu os efeitos diretos da crise económica mundial, o seu orçamento inicial estimava o custo em US$ 310 milhões, contudo, os custos finais chegaram a US$ 1.59 bilhões. Resultado, déficit de US$ 1.17 bilhões dividido entre a cidade de Montreal e o Governo Regional de Quebec (OFFICIAL REPORT OF XXIst OLYMPIAD MONTRÉAL, 1976).

O Parque Olímpico de Montreal era constituído pelo Estádio Olímpico, a Arena de Natação, o Velódromo e a Vila Olímpica, durante a construção verificou-se a má qualidade do

subsolo que apresentava fissuras, assim os projetos de previsões sísmicas tiveram que ser recalculados ocasionando o aumento dos custos das fundações do Velódromo em US$ 12 milhões (THE OFFICIAL REPORT OF XXIst OLYMPIAD MONTRÉAL, 1976).

As instalações esportivas apresentam uma arquitetura pós-moderna, principalmente o Estádio Olímpico com capacidade de 70.000 pessoas, que deveria ser reduzida para 55.000 pessoas após os Jogos, a sua arquitetura arrojada não foi concluída devido ao prazo e aos custos elevados do teto retrátil previsto (THE OFFICIAL REPORT OF XXIst OLYMPIAD MONTRÉAL, 1976).

Considerações finais

Os Jogos Olímpicos como expressão esportiva e global da humanidade, permitem o desenvolvimento da cidade, região ou país, que através dos seus legados podem (re)qualificar as respectivas zonas urbanas degradadas. Dessa forma, os resultados apontam em uma requalificação urbana gerada a partir das implantações de instalações esportivas, as quais em sua maioria estavam integradas a uma espécie Plano de Desenvolvimento Urbano (PUD).

Contudo, quando as instalações esportivas são construídas desligadas do interesse coletivo, fora do PUD, provocam mais ónus do que benefício à cidade e à população, tendo como exemplo concreto a má experiência da cidade de Montreal na realização dos Jogos Olímpicos.

Referências

CUNHA, Luís Miguel. (2007) *Os Espaços do desporto uma gestão para o desenvolvimento humano.* Coimbra: Almedina, 2007.

DACOSTA, Lamartine Pereira (org.). *Legados de megaeventos esportivos.* Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

DEDORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Edição: eBook e Books Brasil.com, 2003.

ESSEX, Stephen; CHALKLEY, Brian. Olympic Games: catalyst of urban change. *Leisure Studies*, n. 17, 1998, p. 187–206.

LIAO, Hanwen; PITTS, Adran. A brief historical review of olympic urbanization. In: MAJUMDAR, Boria; COLLINS, Sandra (orgs.). *Olympism:* The global vision, from Nationalism to internationalism. London: Routledge, 2008.

THE XVII OLYMPIAD ROME. *Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XVII Olympiad Rome 1960.* Rome, 1960.

THE OFFICIAL REPORT OF THE ORGANIZING COMMITTEE TOKIO. *The Games of the XVIII Olympiad Tokio 1964 The Official Report of the Organizing Committee*. Tokio, 1964.

OLYMPIC REPORT MEXICO. *Olympic Report Mexico 1968*. México, 1968.

OLYMPIC REPORT MUNICH. *Olympic Report Munich 1972 – Die Spiele*. 1972.

OFFICIAL REPORT OF XXIst. OLYMPIAD MONTRÉAL. *The Official Report of XXIst Olympiad Montréal 1976*. 1976.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingo de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano I, n. I, jul. 2009.

DE *COLOSSO DO DERBY* A *NEW* MARACANÃ. A PROMESSA DA CIDADE MODERNA.

Rafael Willian Clemente [1]

Resumo
O presente texto expõe parte da discussão sobre o desenvolvimento das modernizações urbanas no Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo a construção e reforma do Estádio Municipal, popularmente conhecido como Maracanã. O discurso modernizante aparece nos veículos de comunicação de cada época em questão. Ora em campanhas de apoio, ora como crítica, as disputas políticas são notórias em torno dos legados e resquícios deixados pelo surgimento e manutenção de aparelhos esportivos na cidade. Abordaremos a cruzada encampada pelo Jornal dos Sports entre o fim dos anos 1940 e início dos 1950 e da mídia esportiva pré Copa do Mundo de 2014. Momentos historicamente distintos, nos quais a vivência esportiva ganha relevância como agente civilizador em si e fio condutor da elevação sócio-política, individual e coletiva, da vida urbana.
Palavras-chave: Maracanã. Rio de Janeiro. Futebol. Mega-eventos. Questão urbana.

Introdução

O Colosso do Derby. Assim foi chamado o estádio municipal construído onde antes era o hipódromo fluminense. Após seu soerguimento a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e também sua vida esportiva fora alterada de forma significativa. Entretanto, o estádio que outrora receberia a alcunha de "o maior do mundo" não surgiu no desenho urbano carioca do nada. Muitos foram os debates, políticos e financeiros, em torno da sua construção. A existência de um "estádio nacional" – como descreviam os jornais da época, passava por questões de ordem maior ao futebol. Os discursos referentes a Copa foram primordiais, mas também o nacionalismo e um discurso da pátria desenvolvida eram pano de fundo ao convencimento da sociedade em geral e até da categoria política para a existência do estádio.

Em 1938, Célio de Barros, fez a defesa da candidatura da cidade do Rio de Janeiro como possível sede da Copa do Mundo de Futebol que ocorreria no ano de 1942 no XXIV Congresso FIFA, durante a Copa, na cidade de Paris. O que não contavam é que a Segunda Grande Guerra eclodiria dali a poucos meses, cancelando o projeto brasileiro e retardando as competições esportivas mundiais. Voltando a propor a candidatura no ano de 1946, um dos problemas para a continuação do projeto era a ausência de um aparelho capaz de comportar o evento.

[1] Rafael Willian Clemente, doutorando em Ciências Sociais (PPGCS/UFRRJ), rafaelsociologia@outlook.com

Para a realização do evento no Brasil seria preciso investimentos consideráveis na estrutura da cidade. O principal deles, um estádio. Mas haveria mesmo a necessidade de se levantar um equipamento em plena Capital? O primeiro debate sobre o estádio se deu no âmbito das reformas do já existente São Januário. Uma parte da imprensa esportiva mencionava em seus diários a viabilidade da reforma. O *Jornal dos Sports* escrevia não haver tempo para uma construção de algo "magno" como seria um estádio nacional. Logo, a viabilidade da reforma do já existente era a maneira mais prudente a proceder. Até então, o estádio de São Januário com capacidade para 35.000 pessoas, era o maior. Embora tal debate ocorresse, a construção de um novo estádio de proporções monumentais foi ganhando força, e assumiu protagonismo entre as esferas políticas e empresariais interessadas. Com o argumento de que o aparelho esportivo alçava a cidade, e o país, a um status mais moderno de sociedade os importantes setores midiáticos aos poucos assimilaram a ideia. Passados mais de sessenta anos da realização da primeira Copa em território brasileiro, outro evento futebolísitico trazia à baila a mesma argumentação. O ano de 2014 seria a consagração da entrada do Brasil em formas sociais e políticas desenvolvidas. A vivência esportiva, o reflexo da maturidade dos nossos aparatos sociais, políticos e econômicos.

Desenvolvimento

Em novembro de 1947, após muita discussão entre políticos que defendiam a edificação do estádio e outros que expunham a necessidade de investimento em outros setores, a Lei nº 57 autorizou as obras e deu outros provimentos em relação a construção do Estádio Municipal. Tal lei, de 11 de Novembro de 1947, autorizava a prefeitura do Distrito Federal a proceder na construção de:

> um grande Estádio Municipal e cinco outros pequenos estádios: 2 ao longo da linha da Central do Brasil; 2 ao longo da linha da Leopoldina e 1 entre a linha Auxiliar e a Rio Douro (ADMINISTRAÇÃO DOS ESTÁDIOS DA GUANABARA, 1947).

Autorizava o poder público a fazer às desapropriações necessárias e também a "emissão de títulos para a criação de fundo visando a construção". Assegurava-se ao portador o direito a uma cadeira numerada de modo vitalício. As "cadeiras perpétuas", e quando da última reforma do Estádio para a Copa de 2014 uma contenda foi criada entre o consórcio que administrava o Maracanã e os proprietários desses títulos.

Construção do estádio municipal aprovada, ela custaria ao final Cr$ 350 milhões. Para além dos preparativos do grande evento de 1950, se iniciava a proposta de um legado aos cariocas e ao Brasil: uma sociedade desenvolvida e civilizada a partir da iniciativa esportiva.

Todo esse coro começou a surgir nos editoriais jornalísticos no próprio ano de 1947. As manchetes ora ganhavam destaque na capa do jornal, ora existiam em pequenos comentários, mas todos com uma continuação nas páginas 4 ou 6. Tanto o leitor podia simplesmente ler as capas ao passar por uma banca, ou também adquirir o exemplar e acompanhar o desenrolar das notícias. Geralmente conclamando no discurso a participação da população na aprovação da obra, da construção e da compra de determinados espaços do futuro Estádio Municipal. Na edição de número 5.576, de 23 outubro de 1947 a capa estampava em seu alto: "Na mesa da Câmara Municipal o substitutivo do projeto do estádio", no mesmo quadro o editorial reclamava a inércia da casa em discutir o Projeto 161 no plenário, às vésperas do recesso dos vereadores. O respectivo projeto dava ao prefeito a autorização de construir o Estádio Municipal "em terreno que mais consulte o interesse da população" – como futuramente detalhado no Diário Oficial de 26 de maio de 1948 –, seguindo os passos necessários, como um anteprojeto, abertura de licitações e etc.; contudo, ao que demonstra o editorial houve um atraso significativo nos trâmites internos impetrada através de uma questão de "ação obstrucionista partida de quatro representantes cariocas – *apenas quatro*" (grifo nosso). O texto reflete um incomodo notável por parte do redator e claro do próprio jornal, ao mencionar que a ação foi feita por apenas quatro pessoas contra o que seria uma obra de toda uma sociedade. Continua dizendo subjetivamente que a ação parecia improcedente, "roubando assim precioso tempo para a realização do empreendimento". Daí o texto parece convocar os vereadores a se movimentarem na discussão "a fim de que seja aprovado ainda nesta legislatura o Projeto 161". Nesse meio, surgiram boas divergências entre os membros da câmara, uma delas versava sobre a necessidade da reforma de outros espaços no entorno do terreno do *Derby Club*. Porém sete dias após o editorial citado acima, precisamente em 30/10/1947, o editorial de capa estampava em letras garrafais "Agora, à grande obra!". No mês de janeiro de 1950 o Estádio Municipal já possuía um gramado e as marquises superiores começavam a serem construídas. Com as arquibancadas superiores já prontas o primeiro "*test"* com "carga viva" foi realizado. Cerca de três mil operários da própria obra realizaram movimentos com intensa trepidação afim de os engenheiros conseguirem avaliar o comportamento das estruturas em relação à movimentação nos setores. Segundo o jornal o teste foi intensamente esperado pois daria o parecer sobre a qualidade da obra. Os resultados foram publicados na edição de 13 de janeiro. A capa do jornal trazia mais imagens das obras em estádio avançado, além da descrição de como ocorreu o teste. Mas o destaque ficou por conta da imagem de Mário Filho dentro do estádio observando a realização do teste e da palavra "*blitzkrieg*" em destaque evidente. Uma guerra relâmpago anunciada pelo *JS* para a conclusão das obras do estádio, já que o jornal previa a conclusão da

mesma para dali a cem dias, com arquibancadas, gramado e marquises prontas "de maneira que se pode concluir de não haver qualquer embaraço na marcha dos trabalhos a despeito dos derrotistas o Estádio Municipal estará pronto para os jogos da Copa do Mundo".

Saltando para os anos 2000, as modificações que aos poucos descaracterizaram aquele estádio construído nos finais dos anos 1940, visavam outro tipo de modernização dos espaços e consequentemente da cidade. O "concreto frio" e com ar de obra inacabada, dava lugar a cadeiras plásticas amarelas e verdes visando um maior conforto e segurança para os torcedores. Lembrando que com a cadeira a tendência era a de poder controlar melhor a quantidade de indivíduos nas arquibancadas, além de prevenir as antigas concentrações desordenadas. A 30 de outubro de 2007 a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) tornou real a oficialização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil.

As exigências da FIFA englobavam muitos quesitos com finalidades exteriores ao universo do futebol. Desde tópicos como o fluxo urbano, melhorias de saneamento básico e outros aportes benéficos às cidades sede até, obviamente, a modernização das praças onde os jogos são realizados. Daí a ideia deste megaevento, bem como as Olimpíadas, ganharam a alcunha da "oportunidade" e não do fardo (DAMO, 2013, p. 23, grifo nosso). Oportunidade de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, de atração do capital empresarial para investir tanto em comércio, como em lazer e infraestrutura urbana, exploração do capital turístico, enfim, um sem números de ações capazes de "revitalizar" os locais das cidades e o seu próprio *modus vivendi*.

Alguns setores que poderiam se mostrar contrários a todo aquele processo estava de certa maneira apaziguado com a liderança de um governo historicamente defensor de causas sociais e até com uma inclinação política à esquerda. Isso mudaria com o passar dos anos, principalmente quando as contradições começaram a assolar o Partido dos Trabalhadores em se tratando das obras para a Copa e dos reais benefícios para as populações das cidades. Assim, grande parte dos movimentos sociais acharam respaldo em uma parcela significativa da população e da mídia. Era comum durante os anos próximos ao evento, reportagens sobre os "atingidos pela Copa", em várias cidades. No Rio de Janeiro não seria diferente. A cidade moderna, capaz de acolher e gerenciar grandes eventos esportivos também escolhia para qual parcela essa modernidade chegaria.

Conclusão

A criação do Rio de Janeiro como uma cidade propensa ao esporte, uma cidade tipicamente *sportiva* está diretamente ligada à naturalização construída, social e politicamente, desta atividade como se ela fosse inerente ao espaço geográfico da urbanidade. Mas essa

própria invenção tem seu histórico ligado a esses momentos da vida imperial e neorrepublicana. Ou melhor, da postura adotada pelos governantes e por uma parcela que tendia a construir tal aspecto através da linguagem comunicacional, por exemplo. A capital federal propiciava um ambiente que favorecia as práticas, reproduções e imitações dos hábitos europeus, tidos como civilizados. Práticas e costumes de uma sociedade desenvolvida que buscava se distinguir pelo *status* e pelos gestos das camadas mais baixas da população. Como demonstra Elias (1993), tais procedimentos nasceram na aristocracia absolutista europeia, não só na francesa que à época era a mais rica, mas na grande maioria das cortes do "velho mundo" a partir da observação das outras "pessoas de distinção" que "dominavam a civilidade", através daquilo que o sociólogo chamou de "intercâmbio social". As reformas urbanas de Pereira Passos e Rodrigues Alves iam no sentido de (re)construir a cidade à partir dessa *Belle Epoque* tropical. Tal reforma facilitou, inclusive a chegada à orla marítima o que por si leva a um segundo ponto, já mencionado aqui, ao qual Jesus chama de "dessacralização dos espaços públicos". Contrária ao domínio e o controle religioso a esses espaços públicos, o momento de uma nova conduta humana nesses espaços, propiciada pela facilidade do encontro com os lugares, levaram a grande excitação quanto à essas novas formas de conduta na cidade (Berman apud Jesus). Ela ligada a prática esportiva. E essa prática tinha que atender a todas as populações da cidade, até mesmo aquelas que de alguma forma foram segregadas pela cidade. Com o crescimento da população na capital a necessidade do esporte entretenimento para esses nichos estava posto. Porém, as políticas empresariais e capitais se sobressaem aos pressupostos valores esportivos e as populações de menor acesso aos bens culturais mostraram-se apartadas do processo de participação efetiva dos espetáculos mega-esportivos na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. Futebol, mundialização e mídia. In: AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer*: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

BARRETO, Túlio Velho. Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol: o que pode mudar com a adoção do "padrão FIFA" para a Copa de 2014? ANPOCS, 2011.

BOTELHO, André Ricardo M. Da Geral à Tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Memória social dos esportes. Futebol e política*: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo (org.). *Hooliganismo e Copa de 2014.* Rio de Janeiro: 7letras, 2014.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. *O clube como vontade e representação:* o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

COSTA, Maurício da Silva Drumond da. *Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945).* In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Memória social dos esportes. Futebol e política*: a construção de uma Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. v. 2.

DAMO, Arlei Sander. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos,* n. 40, p. 19-63, 2013.

DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento,* n. 02, p. 41-81, 2012.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GAFFNEY, Christopher. Mega-events and sócio-spatial dynamics in Rio de Janeiro. *Journal of latin american geography*, n.1, v.9, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol:* dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos históricos,* n. 23, v. 13, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Entradas e bandeiras:* a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. 2014 e o desenhar conflituoso de uma nova geografia do futebol. In: SÁNCHEZ, Fernanda (Org). *A Copa do Mundo e as cidades. Políticas, projetos e resistências*. Niterói: Ed. UFF, 2014.

MELO, Victor de. A cidade "sportiva": os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* ano 168, n. 435, p. 135-160, 2007.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV. 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

AS NOVAS DINÂMICAS DO PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO E O SUMIÇO DOS CAMPOS DE PELADA EM NOVA IGUAÇU (RJ)

Everaldo Lisboa dos Santos[1]

Resumo
No cenário contemporâneo, o processo de urbanização ganha novos contornos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro diante da expansão das atividades associadas à economia terciária, que se expandem e deixam, parcialmente, à retaguarda as atividades associadas à agricultura e à indústria provocando uma reestruturação produtiva da metrópole fluminense. Neste contexto, se insere a cidade de Nova Iguaçu, localizada na periferia metropolitana do Rio de Janeiro no qual a metropolização, face atual do processo de urbanização, imprime suas marcas no espaço - do uso do tempo livre e do lazer à emergência de novos equipamentos de consumo por exemplo.
Palavras-chave: Urbanização. Nova Iguaçu. Loteamentos. Campos de Pelada.

Introdução

O município de Nova Iguaçu, localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), vem apresentando, desde o final dos anos de 1970, uma modernização que ocorre em frações do território. O processo em relevo está associado à terciarização da metrópole fluminense e se evidencia diante da emergência das novas dinâmicas industriais, das novas formas de *habitat* e novos equipamentos de consumo, indicando uma urbanização marcada pelo avanço do terciário.

As transformações locais nos remetem à década de 1970 quando a cidade ganhava novos contornos alterando a visão de uma periferia desvalorizada e destinada à função de espaço dormitório. O período posterior aos anos de 2000, presenciou um *boom* imobiliário com a construção de *club-residências* e modernos edifícios comerciais alterando espaço construído.

Isto posto, o objetivo desta pesquisa é refletir a respeito do processo de urbanização do município iguaçuano, atualmente em curso na cidade, quando o espaço se revela repleto de contradições acirrando conflito entre os espaços urbanizados e não urbanizados que coexistem e se combinam.

Assim, apresentamos os seguintes questionamentos: I. A periferia metropolitana, representada por Nova Iguaçu, desempenha novas funcionalidades? II. De que forma a expansão do capital imobiliário fomenta transformações no espaço iguaçuano? III. Como o processo em destaque impacta no sumiço dos campos de pelada?

[1] Everaldo Lisboa dos Santos. Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor da Faculdade São Marcos e da Rede Estadual de Ensino. everladogeo@hotmail.com

Diante do exposto, o avanço do processo de metropolização redefine os conteúdos das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro alterando o conteúdo dos espaços periféricos.

A Urbanização do Espaço Metropolitano do Rio de Janeiro

No período contemporâneo, as cidades ganham uma outra dimensão no atual modo de produção capitalista diante das intensas transformações, que atingem de forma desigual os seus espaços. Os lugares são selecionados por diferentes agentes na implantação de infraestruturas modernas assim, sendo um fenômeno recente, a urbanização não ocorreu no mesmo período e nem com a mesma intensidade em distintas frações do planeta.

Nesse contexto, a urbanização nacional, no início do século XX, ganha impulso, reflexo das transformações motivadas pelo avanço de novas atividades industriais e de serviços praticadas a partir de uma base urbana. A urbanização brasileira, diante do processo de industrialização, se espraia pelo território brasileiro no último terço do século passado.

Na atualidade, o avanço da metrópole, num processo de reestruturação produtiva, sobre os espaços do seu entorno não é resultado de um fator isolado, mas sim de um conjunto de fatores políticos e econômicos que estão associados entre si articulando uma pluralidade de agentes envolvidos – Estado, Capital Imobiliário, Capital Fundiário, Proprietários dos Meios de Produção, dentre outros, que se desenvolve com ritmos e temporalidades distintas.

Geografia e Futebol: breves apontamentos

A temática sobre o futebol se constitui na atualidade como um objeto de estudo de diversas ciências - Sociologia, História, Geografia, Economia, Política, Educação Física, dentre outras - atraindo e seduzindo uma pluralidade de estudiosos. Neste caminho, o futebol, forma de "expressão cultural", elemento de integração nacional, envolve paixões do time do bairro, interesses socioeconômicos, políticos, aquece e dinamiza a economia em diferentes escalas - das pequenas e médias cidades às cidades globais e impactam no processo de urbanização. À luz desta temática, Mascarenhas (2014, p. 30) assevera que

> nos menores sinais de aglomeração humana, mesmo nas mais remotas regiões, notar - se - á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial de nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol [...] O campinho, lugar de centralidade que comparece como unidade básica referencial na vida de relações.

Seguindo as transformações presentes no país, diante do avanço da urbanização, os anos de 1930 se constituem como um marco no sentido de institucionalização do futebol no país com o surgimento dos primeiros estádios brasileiros. O período posterior aos anos de 1950 e

de 1970, diante da realização da Copa do Mundo, o futebol inicia um processo de modernização com a construção de grandes estádios, deixando à retaguarda os pequenos estádios.

Na contemporaneidade, a inserção da cidade do Rio de Janeiro, no seleto grupo das cidades que organizam grandes eventos esportivos, ocasionam grandes transformações no espaço da cidade e, por consequência, na sua Região Metropolitana. As transformações, resultantes da metropolização, atualmente em curso impactam no futebol onde se evidenciam fusões, a fragilização e o fim de clubes tradicionais do Rio de Janeiro, suprimidos do cenário futebolístico nacional - América E Campo Grande (Campeão da Série C em 1980), dentre outros, que disputam, na atualidade, campeonatos da Segunda e Terceira Divisão do Rio de Janeiro.

A nova Geografia do Futebol (espetáculo), associada à metropolização, produto do interesse dos grandes grupos capitalistas (re)constroem novos espaços, novas arenas de futebol, acirram a competitividade entre os lugares e as cidades e impactam no processo de urbanização.

Novas Dinâmicas do Processo de Urbanização em Nova Iguaçu e o Desaparecimento dos Campos de Pelada

No final do século XIX e início do século XX, gênese do processo de urbanização do município iguaçuano, diante da necessidade de recuperação econômica do Rio de Janeiro, a citricultura desponta como nova fonte de riqueza para o município provocando o desenvolvimento e o crescimento populacional da cidade.

O processo de incorporação da Baixada Fluminense e, particularmente, Nova Iguaçu, à expansão urbana da metrópole fluminense, através dos loteamentos, fomentou novos usos da terra em Nova Iguaçu transformaram paisagens rurais em loteamentos urbanos e também terrenos baldios (GEIGER; MESQUITA, 1956; PACHECO, 1984; SANTOS, 1995), compreendidos como um espaço que apresenta múltiplos usos. Nos dias atuais, os espaços sem atrativos, localizados nos bairros mais distantes são utilizados como campinhos de futebol de pelada, áreas de "lazer" para as crianças e adultos soltarem pipas, realização de festas juninas, pastagem do gado e de cavalo, pequenas hortas, despejo de lixo, dentre outros usos menos agradáveis.

Nos bairros periféricos, destituídos de benesses urbanísticas, aos finais de semana, os campos de pelada se constituem como espaços de festas e sociabilidade, do (re) encontro entre amigos do bairro, de disputas nem sempre amistosas entre os diferentes times, representados por bandeirões, que disputam os campeonatos amadores da "Liga Barbante".

Neste universo, o futebol disputado nos campos de pelada, se singulariza pela precariedade - condições do gramado, inexistência de arquibancadas, não há distinção entre estar no campo e fora dele, pois as invasões por parte dos "dirigentes" e torcedores, que chegam de carros, motos, a pé, bicicletas, com suas camisas de clubes pirateadas, são corriqueiras.

A disputa destas partidas aos finais de semana, disputadas pela manhã e à tarde, promovem, principalmente nos dias dos clássicos locais, burburinhos oriundos das resenhas que antecedem as partidas. Estas dinamizam e aquecem a economia local, pois nas laterais do campo, estão presentes bares, biroscas, mercadinhos, pequenos comerciantes, vendedores ambulantes, dentre outros, que comercializam no crédito ou no fiado - salgados, amendoim, doces, churrasquinhos, bebidas alcoólicas, refrigerantes, dentre outros, constituindo o circuito inferior da economia.

As transformações recentes no processo de urbanização da cidade acompanham as suas novas orientações econômicas com a transição da indústria para o terciário, se constituem fios condutores do processo de urbanização da cidade e redefine os seus (des) contornos. No processo de extensão do urbano, áreas de antigos loteamentos, são apropriados pelo capital imobiliário e ganham novos usos diante do processo de construção de novos condomínios (horizontais e/ou verticais) que modificam a paisagem urbana.

Assim, face à expansão da cidade e atuação do capital imobiliário, terras anteriormente ociosas vão sendo capturadas e inseridas no circuito de comercialização, os campos de futebol de pelada são subtraídos, modificam os aspectos da paisagem local. Neste sentido, os campos de pelada são substituídos por escolas, residências, ocupações irregulares em comunidades, casas populares, lojas de material de construção, condomínios destinados aos segmentos de baixa renda. Estes se singularizam pela ausência de melhores condições de vida para a população local, pela carência de infraestrutura, sem a presença de benesses urbanas e sem planejamento urbano, onde impera a violência.

A incapacidade do Estado em prover essas áreas de bens e equipamentos de consumo coletivo sinaliza o colapso social presente nessa fração do espaço face à ausência do poder público negando aos moradores "o direito à cidade" (LEFEBVRE, 1999) e a plenitude da vida urbana.

Assim, os campos de pelada, estão presentes na memória individual ou coletiva, através de depoimentos ou fotografias, que reconstituem o espaço vivido, pois materializavam a vida cotidiana, que se estendia para além do jogo. Estes espaços, dotados de simbolismo, faziam parte do processo de construção da identidade dos moradores do bairro consolidando o sentimento de pertencimento com o lugar.

Diante das novas dinâmicas do processo de urbanização da cidade, se expandem os campos das peladas realizados em espaços privados - sítios, condomínios elegantes da cidade, clubes, campos de grama sintética, dentre outros. Os sentimentos de pertencimento, então, se esvaem diante dos processos de (des) construção das relações de sociabilidade, pela moradia nos clubes residências, cercados de grades e aparelhos modernos de segurança, que monitoram as ruas evitando o outro lado do muro e agudizando o distanciamento social.

Considerações Finais

Na atualidade, a metropolização imprime novas dinâmicas à Região Metropolitana do Rio de Janeiro provocando uma reestruturação desta fração do espaço. Isto posto emergem novas formas de viver, de práticas do consumo, de morar em condomínios privados que se expandem na cidade.

Assim, os campos de futebol de pelada, subtraídos do espaço, fomentaram a fragilização das relações de sociabilidade e o desaparecimento dos espaços de festas, por exemplo. Este processo está associado à expansão e às novas dinâmicas da urbanização da cidade, guiadas pela indústria e o terciário. Deve - se, destacar, no entanto, que existem campos - Ouro Fino, Feridão, Brasileirinho, Morro Agudo, dentre outros, que ainda resistem a este processo de expansão da cidade. Por fim, as constantes transformações da cidade e as questões anteriormente apresentadas não estão fechadas, posto que despontam questões novas que nos permitem compreender dinâmicas outras da cidade de Nova Iguaçu.

Referências

BAULER, Sìlvia Godinho. *O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana.* 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GEIGER, P. P.; MESQUITA, M. *Estudos rurais da Baixada Fluminense.* Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

MASCARENHAS, G. *Entradas e bandeiras:* a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PACHECO, S. M. M. *Produção e reprodução de loteamento na periferia do Rio de Janeiro.* 1984. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 1984.

SANTOS, Everaldo Lisboa dos. *A transformação do capital fundiário em capital imobiliário na Estrada de Madureira: Município de Nova Iguaçu.* 1995. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 1995.

FUTEBOL, USINA E IDENTIDADE SOCIOESPACIAL: PARAÍSO FUTEBOL CLUBE, USINA PARAÍSO E O DISTRITO DE TÓCOS

Lucas Batista Barcelos[1]

Resumo
Cunhado como clube de usina mais antigo em Campos dos Goytacazes, o Paraíso Futebol Clube de Tócos representa a sua localidade no que tange a memória do futebol campista. Para chegar a essa comprensão, foram realizadas leituras bibliográficas acerca do futebol, da economia do Norte Fluminense, sobre a história do clube e da usina supracitados, associando tais questões ao quadro teórico da Geografia Cultural; além de entrevistas exercidas com moradores de Tócos, funcionários e ex-funcionários da Usina Paraíso, diretores, ex-diretores e pessoas que já atuaram no Paraíso Futebol Clube. Os resultados evidenciam que ainda há essa associação simbólica e identitária dos moradores do Distrito de Tócos entre a tríade posta em cheque no trabalho, embora alguns indivíduos afirma que esta questão apenas é marca pretérita.
Palavras-chave: Futebol. Usina. Identidade.

Introdução

Quem vê Goytacaz, Americano e Campos Atlético (os três clubes profissionais ativos de Campos dos Goytacazes) disputando certames estaduais e nacionais talvez não imagina que o município foi celeiro de equipes operárias num passado não tão distante assim, e, consequentemente, de um campeonato citadino bastante movimentado em molde profissional. Tais equipes foram oriundas de união entre trabalhadores de usinas de açúcar, as quais formaram a base econômica do município do final do século XIX até os fins do século XX, pondo Campos enquanto expoente econômico regional devido à alta produtividade no setor sucroalcooleiro.

Dentre este universo de galpões, máquinas e campos de futebol surgiu o Paraíso Futebol Clube em 1917, formado pelos trabalhadores da Usina Paraíso de Tócos, sendo considerado o mais longevo clube de usina no município, tendo disputado o Campeonato Campista e se encontrando em situação de amadorismo desde o fim do modelo profissional do certame citadino - concomitante ao declínio da atividade sucroalcooleira em Campos e região.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho se faz em contribuir com a Geografia utilizando o futebol enquanto objeto de estudo, com suas relações econômicas e de identidade socioculturais manifestadas no espaço geográfico.

[1] Lucas Batista Barcelos, pós-graduando em Relações Internacionais pela Faculdade Internacional Signorelli (FISIG) e licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF Campos), email: lucasbbarcelos@gmail.com

Desenvolvimento

Entre galpões e campos de bola

Segundo Mascarenhas (2014), o futebol, enquanto manifestação sociocultural, se tornou parte integrante de processos de industrialização em determinados países, cidades e regiões. Seguindo essa lógica, não foi diferente em relação à Campos dos Goytacazes, principal centro econômico da Região Norte Fluminense desde o período colonial até ao alvorecer do petróleo. No auge da economia sucroalcooleira, o município agregou inúmeras usinas de álcool e açúcar, durante aproximadamente sete décadas do século XX (PINTO, 1995).

Acompanhando o ritmo do futebol fabril no Brasil e no mundo, a cidade também contou com seus times operários decorrentes das usinas de açúcar, tais como o Esporte Clube Cambaíba, Sport Club Aliança, Esporte Clube São José, Esporte Clube Sapucaia, Esporte Clube São João. Santos (2017, p. 25) frisa que "dos 25 clubes que disputaram o campeonato campista de futebol, seis deles eram de usinas, isto é, mais de um quinto dos times". Inerente a este grupo, se econtra o Paraíso Futebol Clube, equipe da localidade de Tócos, décimo sétimo distrito de Campos dos Goytacazes.

Usina Paraíso



Figura 1 - Entrada da Usina Paraíso. Fonte: Elaboração própria

Segundo Mesquita (2012), a atividade usineira em Tócos, baseada na produção sucroalcooleira, se iniciou em 1905 nas mãos de empreendedores franceses os quais também detinham outros negócios. Os mesmos resolveram se desvencilhar da gestão das usinas na década de 60, período próximo à derrocada da cultura açucareira na região, passando o controle à Geraldo Silveira Coutinho, um pernambucano que veio na esteira dos usineiros nordestinos que aqui fincaram seus negócios o qual administrou a Usina Paraíso por mais 40 anos em conjunto com a sua família.

De acordo com um funcionário entrevistado, no final do mês de Maio de 2019, o Grupo MPE (Montagens Projetos Especiais) em conjunto com a COAGRO (Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro) alcançou o arrendamento da Usina Paraíso, tomando, assim, o controle da empresa.

Paraíso Futebol Clube



Figura 2 - Fachada da tribuna. Fonte: elaboração própria

O Paraíso Futebol Clube surgiu em 17 de julho de 1917, no Distrito de Tócos, considerando-o, assim, o clube de usina mais antigo do município. Sua fundação ocorreu graças ao engajamento de funcionários da Usina Paraíso, instalada na localidade (PARDO, 2010).

Enquanto praça esportiva, o clube possui o Estádio Benedito Silveira Coutinho (figura 2), antes denominado Roberto Codray, erguido em propriedades pertencentes à Usina Paraíso. Tal razão se dá pelo homenageado ter sido uma figurava proativa para a existência do clube.



Figura 3 - Vista da Usina Paraíso direto do estádio do Paraíso Futebol Clube.
Fonte: Retratos do Futebol Fluminense (Facebook)

No âmbito das competições, o Paraíso sempre participou do Campeonato Campista, do período amador ao profissional, pelo qual foram vice-campeão duas vezes (1958 e 1976). Como único título, conquistou o Torneio Otávio Pinto Guimarães, em 1975, após derrotar o Goytacaz por 2 a 1, no extinto Estádio Godofredo Cruz (OURIVES, 1989).

De acordo com Barcelos (2019), atualmente o clube se encontra no amadorismo (desde o fim do Campeonato Campista), porém ainda filiado à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, em hiato devido às mudanças de gestão da usina homônima.

Usina, *cancha* e identidade socioespacial

Para traçar a relação da identidade socioespacial entre Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Distrito de Tócos é necessário, antes de tudo, compreender a combinação entre economia e cultura, uma vez que o foco do trabalho transita entre a produção industrial e as relações socioculturais presentes no espaço geográfico.

Trotsky (2007, p. 33) diz que "a cultura alimenta-se na seiva da economia. É preciso, porém, mais que o estritamente necessário à vida para que a cultura se desenvolva e aprimore", exercendo a interdependência dialética entre as questões materiais e simbólicas.

Seguindo a mesma tendência, Lukács (1920) enfatiza que "[...]se nós compreendemos corretamente a cultura de uma época, compreendemos em suas raízes o desenvolvimento do conjunto dessa época, como se tivéssemos partido da análise de suas relações econômicas". Tal passagem[2] nos conduz a compreensão da existência da cultura do futebol operário em Campos em meio ao cenário da economia sucroalcooleira na região, durante parte do século XX.

Os relatos apresentados pelos entrevistados identificaram fatores que reforçam a identidade socioespacial existente entre os moradores de Tócos, a usina o clube e o lugar, os quais dizem respeito: ao sentimento de pertença dos entrevistados com o distrito; ao fato de boa parte dos entrevistados residirem longinquamente no distrito, e alguns de terem sido, simultaneamente, funcionários da Usina Paraíso e atletas do Paraíso Futebol Clube; pela questão de haver sociabilidades entre os moradores, a fábrica e o distrito; e, por fim, à existência de uma

[2] Por essa via, prevalece também a origem do futebol no Brasil enquanto manifestação cultural inglesa incorporada e praticada pela aristocracia no período das relações comerciais exercidas com a Inglaterra durante o final do século XIX, em plena expansão do capitalismo no mundo ocidental. Lukács (1920) reforça a questão quando afirma que "a velha cultura era então a cultura das classes dominantes. Só as classes dominantes estavam em condições de por a serviço da cultura suas atividades dotadas de valor[...]".

determinada memória afetiva acerca da prática futebolística local e da produtividade mantida pela usina, as quais dinamizavam a vida social de Tócos num tempo remoto e de apogeu.

A partir destes pressupostos, é possível abrir o leque teórico do que é denominado como identidade, no âmbito das Ciências Humanas, com o objetivo de entrelaçar a tríade a tal conceito. Para isso, Hall (2015, p.11) denomina enquanto "sujeito sociológico" o indivíduo dotado de identidades culturais e de valores aderidos de acordo com sua vivência em determinado meio social; enquanto para Tuan (1980, p. 114) "a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar".

Acerca da manifestação das identidades socioespaciais, Haesbaert (1999, p. 178) utiliza o artifício territorial quando diz que "a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território", e Castells (1999, p. 84) afirma que "[...] as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades".

Tais afirmações acima ilustram de maneira sucinta a razão do trabalho, calcada no contorno existente entre o Distrito de Tócos, a Usina Paraíso e o Paraíso Futebol Clube.

Conlcusão

O presente estudo expõe a existência de uma interligação simbólica entre a Usina Paraíso, o Paraíso Futebol Clube, o distrito de Tócos e seus moradores, a qual proporciona marcas de um passadorecente no que tange a identidade local manifestada e ao sentimento de memória afetiva das práticas e das sociabilidades ocorrentes no lugar, apesar do estado de decadência do empreendimento e da inatividade da equipe estudada.

Referências

BARCELOS, Lucas Batista. *Futebol operário e identidade socioespacial:* usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e sua comunidade. 2019. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2019.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da Informação*: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. v. 2.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LUKÁCS, György. *Velha e Nova Cultura*. 1920. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/misc/velhaenovacultura.htm.> Acesso em: 11 mar. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras:* a conquista do Brasil pelo futebol. 1. ed. RIo de Janeiro: EdUERJ, 2014. v. 1. 254p.

MESQUITA, Zandor Gomes. *O patrimônio industrial como elemento constituinte da paisagem cultural de Campos dos Goytacazes*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.

OURIVES, Paulo. *História do futebol campista*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1989. 182 p.

PARDO, Aristides Leo. *No país do futebol, cidade sem memória*: a história futebolística de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: Rio de Janeiro, 2010.

PINTO, Jorge Renato Pereira. *O Ciclo do Açúcar em Campos*. Campos dos Goytacazes: edição do autor, 1995.

SANTOS, Leonardo Soares dos. Os times de usina de Campos dos Goytacazes/RJ (1917-1980). *Petróleo, Royalties e Região,* v. XV, p. 25-31, 2017.

SMIDERLE, Dilcéa de Araújo Vieira. *O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos dos Goytacazes (RJ).* Campos dos Goytacazes, RJ, 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2009.

TROTSKY, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

FUTEBÓIS E CARNAVAIS EM MEIO À CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: ALGUMAS MEMÓRIAS DE LUIZ CARLOS DA SILVA

Camila Souza Lima[1]

Resumo
O trabalho é resultado de uma reflexão feita a partir das memórias narradas em entrevista cedida por Luiz Carlos da Silva. Pretendo apresentar uma trajetória que envolve futebol de fábrica, com a Embraer; amador, com o Esporte Clube Vila César e Vila Cristina; e o carnaval, com o primeiro rei momo negro do estado de São Paulo, buscando compreender o diálogo entre esses universos, individual e socialmente. Dando luz a um dos atores que fizeram parte da história de um século de muitas transformações em São José dos Campos, desvelar tais lembranças elucidam traços de como a construção e disputa de uma nova narrativa de cidade recaí sobre seus moradores.
Palavras-chave: Luiz Carlos da Silva. Memória. Esporte Clube Vila Cristina. Carnaval de São José dos Campos.

Introdução

Para Catroga (2001, p. 29), "as transformações sociais, culturais e simbólicas exigiam que os indivíduos, as famílias, as novas associações, as classes, os novos Estados-Nação procurassem no passado sua legitimação". Assim, "existem memórias oficiais, alimentadas pelas instituições, os Estados" (TRAVERSO, 2012, p. 71).

Observemos, então, a mudança de capital simbólico coletivo da então "Estância Climática Hidromineral", assim intitulada em 1935, em "cidade industrial", na segunda metade do século XX: o governo local e os profissionais de saúde reforçavam que o diferencial da cidade era o tratamento de qualidade dado aos tuberculosos em seus sete sanatórios; depois, a prefeitura e os meios de comunicação, propagandearam a grandeza da cidade de indústrias aeroespaciais, centros de pesquisa e tecnologias, época em que foram erguidas e instaladas a General Motors, Empresa Brasileira de Aeronáutica, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Centro Tecnológico Aeronáutico, Rodovia Presidente Dutra etc. Em 1960, a bandeira do município passou a ter uma engrenagem no centro. Para Almeida (2008, p. 6, grifos meus), a intenção era "*esquecer* o passado sanatorial *e apagá-lo* no desenho da cidade passou a fazer parte da política nacional".

[1] Camila Souza Lima, mestranda em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV, caamilasouzalima@gmail.com.

Com a criação do Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação Física e dos Desportos, em 1975, as fábricas investiram fortemente em Associações Desportivas Classistas, criando seus times que visavam uma competição principal: os Jogos das Indústrias, que no final da década de 80 já congregava mais de 30 fábricas. Assim, o futebol de fábrica teve lugar central na socialização dos trabalhadores e na disputa narrativa para a construção da "cidade fabril" que se firmava em meados do século XX.

Nos anos 70, ocorreu um advento de times de fábrica no município. Ao redor das fábricas formaram-se diversos bairros, alterando a paisagem da cidade, que cada vez mais se urbanizava. O futebol se difundiu por esses espaços, produziu uma série de times de várzea e amadores, formando territórios com disposições para torcer, que contavam com a participação ativa de diversos moradores locais. Para traçar aspectos das representações das "memórias subterrâneas" no calor do momento dessas transformações, já que "a memória é portadora de uma temporalidade que tende a pôr em causa o continuum da história" (TRAVERSO, 2012, p. 55), entrevistei Luiz Carlos da Silva, mais conhecido como Karudão, que começou seu envolvimento com o futebol na cidade em 1965.

Desenvolvimento

Luiz Carlos é uma figura conhecida na cidade por seu envolvimento com o futebol. Em campo, jogou pelo time amador Esporte Clube Vila César durante a década de 70 e também foi dez vezes campeão dos Jogos das Indústrias pela Embraer. Além disso, é torcedor do São José Esporte Clube e fez parte da Torcida Organizada Mancha Azul durante os anos 90.

> Todavia, o que marcou, de fato, sua vida com o futebol joseense foi o envolvimento com o Esporte Clube Vila Cristina, time amador de seu bairro, que Luiz foi presidente.
> A minha maior alegria mesmo, é quando eu era o presidente do [Esporte Clube] Vila Cristina. A gente era um presidente, assim, tão *respeitado* que arrumava patrocinador fácil. Uma média de quase dois jogos de camisa por mês. Eu falava pro pessoal assim: "Pessoal, hoje nós vamos rasgar saquinho!". O que é rasgar saquinho? É o uniforme novo que tá chegando. A camisa chegava tudo individualizada, cada um num saquinho. Então, essa é *minha época*.
> O dia que nós fomos fazer a final ali na ADC Parahyba em 2005, eu falei "Pessoal, tem três jogos de camisa novo aí, escolhe um pra nois jogar", os caras falaram "isso aí, essa aqui vai dar sorte pra nois". Aí virei o único presidente campeão amador aqui da Vila Cristina. De todo esse tempo de [Esporte Clube] Vila Cristina, a turma ainda fala "respeita aquele homem" porque ele montou o time sozinho, levantava cedo, ia lá, marcava o campo, colocava rede. Três vezes campeão de juniores e o único presidente campeão amador aqui da Vila Cristina sou eu. Então, eu tive muita história boa no amador. Eu acho que eu consegui tudo. No amador, eu consegui tudo. No futebol amador eu me *consagrei* (SILVA, 2020, grifos meus).

Ao longo da entrevista, “Karudo” apresenta mais um traço marcante em sua trajetória, o carnaval, ao dizer “futebol e samba, minha filha, toda vida foram unidos, aonde tem futebol tem samba, e aonde tem samba tem futebol” (SILVA, 2020). Em 1979, na quadra da escola do Calazans, Luiz foi convidado para ser candidato a Rei Momo do carnaval da cidade, e logo retrucou: “nunca vi rei momo preto” (SILVA, 2020). Nesse momento da entrevista, fica em silêncio e sério, sendo que na maior parte do diálogo sorriu. Podemos pensar na chave de Pollak (1989, p.8) a partir das fronteiras existentes entre o que não é dito e o silêncio que separa “uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor”. Ser preto em um lugar de brancos, o levou a visitar outros “lugares da memória”.

Em 2005, ano da conquista do Campeonato Amador pelo Esporte Clube Vila Cristina, foi homenageado pelo Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Filhos do Sol, a escola do bairro, que ensaiava ao lado de sua casa e guardava os instrumentos da bateria em seu quintal. Com esse samba-enredo, foram campeões do “grupo de acesso” e conquistaram a admissão no “grupo especial”, principal categoria de disputa do desfile das escolas de samba, no ano seguinte.

Em consonância às mudanças econômicas mundiais, a reestruturação produtiva transformou a cidade na virada da década de 80 para de 90. É um novo momento de disputa para alteração da narrativa oficial que qualificava a identidade da então “industrial” São José dos Campos: modificações na legislação, promoção de debates empreendedoristas nas escolas, criação do Banco Empreendedor, incentivo para que novas empresas se instalem na cidade, todas iniciativas que visaram “aumentar o quociente de capital simbólico coletivo” em torno desse novo período econômico (MACHADO, 2019).

As alterações atingiram o mundo do futebol, que passou por transformações na sensibilidade torcedora com o crescimento das experiências tecnológicas e mercadológicas (TOLEDO, 2010). Isso sucedeu “por várias razões, entre elas as mudanças na economia, a transferência de algumas fábricas para outras cidades e a mudança na legislação esportiva (Lei Zico 1993 e Lei Pelé 1998)” (ROQUE, 2012, p. 46).

A decadência desse ambiente futebolístico que Luiz fez parte na cidade, para ele, é consequência de três fatores principais: a mudança na economia, a falta de investimento da prefeitura, o desinteresse das pessoas. Com o fim da narrativa de seu envolvimento com futebol e carnaval na cidade, Luiz apresenta o ponto de chegada desse percurso relatado, quando passou

para o comando de um caminhão, há quatorze anos. “O que eu queria no samba também, já consegui. Tô de boa, *agora sou caminhoneiro* (risos)” (SILVA, 2020, grifo meu).

Resultados esperados ou conclusão

A memória narrada por Luiz é construída por seus momentos de glória, nas mais diversas partes que o formam, seja enquanto jogador do Esporte Clube Vila César, torcedor do São José Esporte Clube, presidente do Esporte Clube Vila Cristina ou Rei Momo do carnaval da cidade. São compartilhados momentos de orgulho, satisfação e alegria nessa retrospectiva autobiográfica.

A partir do exercício de entender a experiência individual no seio de um contexto amplo, que procurei estabelecer os diálogos entre as disputas de projeto de cidade e as experiências dessas lembranças. A “história oficial” não está em permanente conflito com a “memória comunitária”, como mostra Portelli (1996) ao dissertar sobre as “memórias divididas”, existem mediações culturais entre ambas, que convivem juntas. Portanto, as memórias aqui retratadas não têm a pretensão de escrever um “novo passado”, mas apresentar outros aspectos da história que ainda não possuem sua devida atenção.

Referências

ALMEIDA, Valéria Zanetti de. Cidade e identidade: *São José dos Campos, do peito e dos ares*. 2008. 255 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Por uma ciência das obras.* In: BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo, Papirus, 1996.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, n. 99, p. 123-138, 9 nov. 2013.

CATROGA, Fernando. *Memória, História, historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, p. 10-17. 30 ago. 1994.

FRAGA, Estefânia Knotz Canguçu Fraga; ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. *Futebol nas fábricas de São José dos Campos: memórias de jogadores operários*. In: COSTA, Sandra Maria Fonseca da; MELLO, Leonardo Freire de (org.). Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos. Univap, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o tempo. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo:Centauro, 2006. p. 90-130.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*, v. 9, n. 14. 2018.

MACHADO, Pedro Henrique Faria. *São José dos Campos e das vocações: uma análise do ideário empreendedor como projeto de competitividade urbana a partir de década de 1990*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *A rede de lazer*. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta De Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV ,1996. p. 103- 130.

ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. *A cidade, o futebol e o trabalho: memórias do futebol de fábrica - São José dos Campos 1920-2010*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Lei nº 4.598/94, de 04 de julho de 1994*. Institui junto à Secretaria de Esportes e Lazer, o Fundo de Apoio ao Desporto Não Profissional do Município de São José dos Campos e dá providências. São José dos Campos: Câmara Municipal, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez, 2010.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*. 1. ed. Lisboa: Unipop, 2012. p. 21-88. (I – História e memória: uma dupla antinómica? e II – O tempo e a força)

FUTEBOL NO CENTRO DO CAMPO: DISPUTAS PELA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA LITERATURA CARIOCA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Carlus Augustus Jourand Correia[1]

Resumo
O artigo busca analisar os discursos e as visões sobre o futebol dos principais escritores literários da Primeira República na intenção de explicitar a existência de um esforço de construção de distintas narrativas em torno da identidade nacional brasileira e do "ser brasileiro". Para isso, realizou-se uma contextualização entre o futebol e as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passava o Brasil, e mais especificamente o Rio de Janeiro, no período entre 1889 e 1930. Para essa análise foram utilizadas principalmente crônicas, romances e correspondências da época entre 1902 e 1920. A partir das fontes podemos concluir que parte dos intelectuais e literatos da época utilizavam o futebol como um meio de reafirmação das ideias higienistas e eugênicas, vendo nesse esporte a possibilidade de regeneração da raça. Em contraponto a essa construção autores como Lima Barreto viam no futebol um instrumento pelos quais as elites reafirmavam a desigualdade social, o racismo, a modernização excludente como projeto de nação, e o clientelismo.
Palavras-chave: Literatura. Futebol. Identidade nacional

Introdução

O final do século XIX e início do XX é um período de intensa transformação no cenário brasileiro. Tanto na política, com a queda do império e ascensão da República, como no âmbito econômico e social, através da abolição da escravidão, em 1888, e da crescente entrada de estrangeiros no país. Nesse contexto é que a cidade do Rio de Janeiro surge como palco de inúmeras mudanças e transformações, causadas principalmente pela necessidade de adequar a forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital, através da implementação de indústrias, bancos e a modernização do porto carioca (ABREU, 1988).

A urbanização tinha a intenção de tornar a cidade do Rio de Janeiro mais civilizada e moderna aos olhos dos países estrangeiros. Para isso os prefeitos cariocas implementaram sucessivas reformas normatizadoras, onde através de um forte aparato policial e ideológico das elites políticas e econômicas pretendia "educar" e segregar as camadas populares. Com intuito de reconfigurar a cidade, e seu espaço urbano para as novas formas de produção este projeto

[1] Graduado em História e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME-UERJ) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC-UFRJ). E-mail: Carlus.jourand@gmail.com

demoliu inúmeras casas e cortiços através da expropriação de terrenos, com intuito de construir suntuosos largos, praças, avenidas, boulevards e vilas operárias (ROCHA,1995).

As práticas esportivas, assim como os diversos modismos, foram elementos da construção dessas "novas cidades" e impulsionaram novas redes de relações sociais em um espaço que passava a ser o centro das manifestações político-culturais. O esporte enquadrava-se nesse cenário, sendo um dos elementos de civilidade que favorecia a aproximação da sociedade local com os elementos culturais europeus na intenção de reafirmar um ideal republicano e de construção de uma identidade nacional na virada do século XIX para o século XX.

A construção da identidade nacional excludente

A passagem do Império para a República marca, ainda na história brasileira, uma tentativa de construção de uma identidade nacional que já havia sido iniciada pelo Estado durante o Segundo Reinado (FAUSTO, 1983). Com uma consciência de nação ainda em formação, nossos intelectuais se dedicam a construir um ideário da nação brasileira. A literatura da época e os intelectuais das letras vão se voltar para construir uma imagem do brasileiro e do Brasil segundo um modelo europeu ligado, segundo seus fenótipos e costumes, baseado na "ciência das raças".

Tendo obtido sucesso na Europa do século XIX, as teorias eugenistas chegam ao Brasil no fim desse mesmo século, sendo recebidas com entusiasmo pelas elites políticas e intelectuais. "As teorias raciais chegam tardiamente ao Brasil, recebendo, no entanto, uma entusiasta acolhida, em especial nos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa, que na época se constituíam enquanto centros de congregação da reduzida elite pensante nacional" (SCHWARCZ, 1993, p.13).

A regeneração da raça, segundo as elites brasileiras, passaria pela adoção de novos hábitos entre eles o futebol. Em 1918, Afrânio Peixoto escrevia que esse esporte estaria refazendo o caráter brasileiro.

> [...] Dos clubes mais opulentos das grandes cidades, aos mais modestos [...] esse jogo de *football*, esse desporto que dá saúde e força, ensinam a disciplina e a ordem que fazem a cooperação e a solidariedade, me enternecem, porque são grandes escolas onde se está refazendo o caráter do Brasil (PEIXOTO, 1918, p.28).

A opinião de Peixoto sobre o futebol enquanto escola do caráter também era compartilhada por Coelho Neto. A popularização que atravessava o futebol e dos esportes era para muitos literatos

uma condição essencial para a transformação do país e do se povo, como mostra o hino do Fluminense Football Club escrito por Coelho Neto em 1908.

> O Fluminense é um crisol, onde apuramos a energia. Ao pleno ar, ao claro sol, lutando em justas de alegria O nosso esforço se congraça, em torno do ideal viril. De avigorar nossa raça, do nosso Brasil [...] Ninguém no clube se pertence; a glória aqui não é pessoal. Quem vence em campo é o Fluminense, que é como pátria um ser ideal A gente moça, a nova raça, do nosso Brasil [...] (NETO, 1969, p.56)

O hino possibilita compreender a visão de Coelho Neto sobre os supostos benefícios do futebol e o seu papel na construção do ser brasileiro e da identidade nacional que demandava a afirmação de uma "nova raça". O futebol assim assumia uma conotação cívica, moral e física. Freando paixões, ensinando disciplina, estimulando a virilidade e incentivando o cavalheirismo, o esporte seria o fim condutor da nova nação. Nesse momento a ideia de raça se tona metonímia da nação.

Os termos eugenia e regeneração da raça eram utilizados para defender a prática do futebol. Oscar Lopes em 1920 chegou a vê-lo como "a ponta de lança de todo o processo de eugenização da sociedade" (LOPES, 1920, p 22), enquanto Coelho Netto publicava em 1920 na revista *Athlética* uma secção intitulada Eugenia. No artigo sob o subtítulo de *"mens sana em copore sano"* discorria sobre os perigos da inatividade física para a juventude, sob o perigo de não serem capazes de cumprir dever cívico e patriótico.

A construção identitária impressa pelas elites passava pela noção do branqueamento racial, tornando invisível o negro nessa sociedade, mas também incorporando aos hábitos cotidianos e elementos culturais da Europa. A formação da identidade nacional buscava negar o passado colonial ligado a escravidão e jamais reconhecer a contribuição dos negros na formação da cultura brasileira. Nessa linha, percebemos na escrita de Lima Barreto o conhecimento a respeito das teorias raciais que ganhavam corpo em todo o mundo e a denúncia do caráter discriminatório das mesmas, que se apropriaram das verdades pseudocientíficas para cristalizarem seus estatutos inquestionáveis.
Segundo Sevcenko (2003), esse era um dado que Lima Barreto, mulato, vivendo em um meio de mulatos e negros e identificados com esse lado da herança cultural brasileira, não poderia admitir. Algumas de suas crônicas nos jornais buscavam justamente ridicularizar o modelo físico da eugenização da raça proposto pelas elites.

> [...] Entretanto, se nos colocamos no alto da arquibancada de um *field* de football, a contemplação dos músculos desarmônicos dos players, as suas longas pernas super enriquecidas de força, o *mollet* muito proeminente, a contrastar com o seu andar bambo, e também as suas cabeças de chuchu, é quanto vemos e percebemos a utilidade da educação física. Ela não está no emprego do seu platonismo, no seu

> desinteresse, em não se aplicar ou em dar sem proveito algum dia e noite pontapés em um pelotaço (BARRETO, 1921, p. 16).

Percebe-se o tom irônico de Barreto frente as características físicas dos jovens da elite praticantes do futebol, visto como referência a uma nova "esperança" de regeneração da raça. Na sua visão o esporte tornava os corpos desarmônicos. A contrapelo Lima Barreto descreve os trabalhadores braçais do porto como possuidores de belos corpos simétricos e ironiza a utilidade social do esporte.

> O serviço de estiva corre celeremente. Os estivadores, com passos apressados, correm sobre as pranchas, carregando pesados fardos. São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede-lhes a musculatura de todas as partes dos seus corpos, como que foram calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada – podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade (BARRETO, 1921, p. 16).

A analogia estabelecida pelo cronista evidenciava as distinções sobre os discursos promovidos por boa parte dos intelectuais das letras de acordo com sua origem social e sua raça. Por um lado, "os corpos calculados com paciente precisão", oriundos das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores das mais variadas raças e etnias, que eram ignorados e bestializados pelas elites. Do outro, "os músculos desarmônicos" dos jogadores de futebol e esportistas, em sua maioria filhos das famílias mais abastadas da cidade.

De fato, Lima Barreto lutava pelo reconhecimento do "genuíno brasileiro", o qual, notadamente era ignorado no futebol da elite dos primeiros anos do Séc. XX. Neste sentido, as elites políticas e intelectuais estavam presas a tríade ciência, raça e civilização como sistema de crença necessária à construção da identidade nacional. Dentro desse sistema que orientava as práticas sociais, a arte e o pensamento das elites, fica evidente que Lima Barreto era dissonante e não subscrevia o pensamento racial de sua época. Em toda sua obra ele procura desconstruir esses conceitos e apresenta uma proposta de identidade e inclusão do negro na sociedade brasileira (SEVCENKO, 2003, p.210).

O pensamento de Lima Barreto é de defesa da miscigenação, contrariamente à visão da "ciência racial", que atribuía os males e o atraso do Brasil ao fato de ser um país miscigenado. Lima Barreto é simpático à ideia de sermos um povo formado por várias matrizes. *"Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamios, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus 'galegos' também"* (BARRETO, 1997, p.34).

Conclusões

A crítica de Barreto ao futebol e a outras práticas europeizadas revela a existência da disputa de projetos de nação, um branco que tornava pobres e negros invisíveis e outro que incluía e dava visibilidade aos excluídos. Na sua literatura é possível ver pistas do projeto de nação que assumia a heterogeneidade e resgate da cultura popular, relacionada ao passado brasileiro como valor.

Referências

ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BARRETO, L. *Careta*. Dez.1921.

BARRETO, L. *Diário Íntimo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

FAUSTO. B. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1983.

LOPES, O. A Semana. *O Paiz*, 28 mar. 1920.

NETTO, P. C. *O Fluminense pitoresco e dramático*. Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1969.

PEIXOTO, A. *A educação Nacional.* In: PEIXOTO, A. Poeira de estrada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918. p. 285-288.

ROCHA, O. P. A *Era das demolições: Cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920*.Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SEVCENKO, N. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

QUANDO UM EVENTO REPRESENTA A NAÇÃO: COPA DO MUNDO DE 50 E MUSICALIDADE

Itamá Winicius do Nascimento Silva[1]

Resumo
O presente trabalho, parte de uma monografia, visa analisar as relações existentes entre música e futebol. Como duas formas de expressão cultural, a música e o futebol conseguem transmitir anseios e construções que grupos sociais fazem de si mesmos. É por isso que, tendo como recorte duas canções produzidas para a Copa de 1950, analisaremos como elas buscaram construir imaginativamente o Brasil e o papel desse evento na reafirmação de um projeto de nação.
Palavras-chave: Copa do Mundo. Identidade Nacional. Música. Futebol.

Introdução

A importância da pesquisa se encontra em um campo teórico e ligado primordialmente aos debates referentes a identidade nacional que giram em torno da Sociologia do futebol, que há tempo enxerga nesse esporte de multidões um potencial integrativo e simbólico sobre a sociedade brasileira (DAMATTA, 2006), porém, acaba que, de forma secundária, sendo relevante para a Sociologia da música ao buscar demonstrar como a musicalidade pode ser uma ferramenta importante na criação de tradições e desenvolvimento de imaginações sobre uma coletividade.

Desenvolvimento

O Brasil de 1950 era governado por Eurico Gaspar Dutra e mesmo após o fim do Estado Novo, o país ainda vivia sob uma democracia frágil. Na economia, a intensa recuperação econômica da Europa Ocidental, contribuiu para o Brasil crescer a uma taxa média de 8% ao ano entre 1946 e 1950 (GUTERMAN, 2014). Foi em meio a este cenário que as obras do Maracanã foram iniciadas. Sobre a opção pelo Brasil:

> Os dirigentes da Fifa desejavam um país democrático para a realização do torneio. A Argentina de Perón não se enquadrava nesse quesito. Além disso, o país não tinha mais interesse em receber a competição. Restava, então, o Brasil, que foi oficialmente anunciado como sede do Mundial em 25 de julho de 1946 (FARRUGIA; SALGADO; ZUCCHI; XIMENES, 2014, p. 20).

[1] Itamá Winicius do Nascimento Silva, graduado em Ciências Sociais (UFPE) e mestrando em Sociologia (PPGS-UFPE), itama_winicius@hotmail.com

A recepção a Copa do Mundo de 1950 transformou-se em uma tentativa de afirmação nacional. A Copa de 1950 representava o primeiro evento esportivo internacional que o país sediava, isso porque os Sul-Americanos de 1919, 1922 e 1949 tiveram contornos continentais. A responsabilidade pela organização do evento ficou a cargo da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), junto com a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e cidades-sede. O Governo Dutra teve uma participação pequena. Para as condições da época, a realização do evento foi satisfatória. Segundo os números:

> A Copa do Mundo de 1950 levou 1.045.246 espectadores aos seis estádios do torneio. A renda oficial gerada por esse público chegou aos 36,58 milhões de cruzeiros (o equivalente a 65,3 milhões de reais) (FARRUGIA; SALGADO; ZUCCHI; XIMENES, 2014, p. 142).

A presente pesquisa, centrada em uma análise de conteúdo como técnica, pressupõe que as letras das músicas analisadas oferecem mensagens com significados antropológicos e sociológicos. Buscaremos trazer o que se encontra implícito nestas letras (BARDIN, 2011). A análise temática que visa encontrar os núcleos de sentido das mensagens produzidas pelas letras (MINAYO, 2009). E essas são as categorias aqui analisadas: a) Diferenciação, tendo a ideia de futebol-arte e tradição inventada como componentes; b) Coletividade, tendo a ideia da pátria em chuteiras e a comunidade imaginada como componentes; c) Nacionalidade, tendo a ideia de cidadania deslocada como componente único.

Da Copa de 1950, duas canções com forte teor nacionalista merecem destaque. São elas: a *Marcha do scratch brasileiro*[2] e *O Brasil há de ganhar*[3]. Começaremos pela canção *Hino do Scratch Brasileiro*. Na primeira estrofe desta canção encontramos importantes elementos a serem analisados: "Salve, salve o nosso estádio municipal/No campeonato mundial/Salve a nossa bandeira/Verde, ouro e anil/Brasil, Brasil, Brasil!". É possível perceber a presença da categoria "nacionalidade". Os símbolos oficiais da nação como a bandeira e suas cores, são apresentadas para a população através do futebol. Segundo o conceito de cidadania deslocada, o futebol substitui instituições sociais como o Estado e aproxima os indivíduos dos símbolos nacionais. Devemos retornar as reflexões de Roberto DaMatta (2006) que atesta, "No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional" (DAMATTA, 2006, p. 165). A menção ao

[2] GOULART, Jorge. "Hino ao *scratch* brasileiro". Por: BABO, Lamartine. Continental, 1950, LP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVlD-AsjiFw> , Acesso: 08/12/19.

[3] BATISTA, Linda. "O Brasil há de ganhar." Por: BARROSO, Ary. RCA Victor, 1950, LP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Im1B-qAP7cE>, Acesso em: 08/12/19.

Maracanã, reforça a categoria "nacionalidade", pois vincula a grandeza da sua construção ao poderio do país. Em suma, a menção ao "estádio municipal", simboliza o poderio do Brasil. A canção "foi tocada nos alto-falantes do Maracanã em todos os jogos da Seleção, na mais fatídica Copa da história do escrete" (XAVIER, 2009, p. 73).

Na segunda estrofe da canção *Marcha ao scratch brasileiro*, temos o seguinte: "Eu sou brasileiro/Tu és brasileiro/Muita gente boa/Brasileira é!/Vamos torcer com fé/Num nobre coração/Vamos torcer para o Brasil ser campeão!". Observamos o uso dos pronomes pessoais "Eu" e "Tu", primeira pessoa do singular e segunda pessoa do singular, respectivamente. Logo, a música parece ser cantada de brasileiro para brasileiro. O emissor e o destinatário são indivíduos de uma mesma nacionalidade. Dessa observação, vemos a presença da categoria "coletividade" presente nesta primeira estrofe. A noção de pátria em chuteiras está aqui presente de forma implícita na comunicação de brasileiro para brasileiro. A característica geral dessas canções, tendo a edição de 1950 como ponto de partida, tecem um elo entre o selecionado nacional e o indivíduo.

Por falar na representatividade da construção do Maracanã, ela teve forte apoio do cantor e compositor Ary Barroso (GUTERMAN, 2014). E Ary foi o compositor da outra canção que marcou a Copa de 1950: *O Brasil há de ganhar*, interpretada pela cantora paulista Linda Batista. Na primeira estrofe da música, temos: "O Brasil há de ganhar/Para se glorificar/Toca a pelota no gramado/Palmas para o selecionado/Deixa a moçada se espalhar". Nesta estrofe, podemos perceber claramente como o sucesso em campo da Seleção Brasileira é esperado como um reforço da glória que foi recepcionar o evento. Essa glorificação é tratada com a conjunção subordinativa "se", indicando uma hipótese ou condição. E qual seria a condição? Seria o Brasil jogar o mundial e, com a ajuda da torcida, conquistá-lo. A categoria "nacionalidade" está aqui presente, visto que o triunfo nos gramados é visto como meio de redenção da nação.

Já na estrofe seguinte, temos: "É a raça brasileira/Numa festa altaneira/Mostrando o que é bom e varonil/Quando o time aparecer, gritaremos até morrer/Brasil, Brasil!". Diferente de um futebol-arte, a letra se remete a uma suposta "raça brasileira", porém, o foco da canção não é imaginar uma suposta forma do brasileiro jogar futebol; mas sim exaltar o evento e a festa altaneira, boa e varonil. A categoria "coletividade", se encontra na flexão do verbo gritar na primeira pessoa do plural, formando uma torcida uníssono que na prática seria uma pátria em chuteiras que torce conjuntamente por sua seleção. Enquanto que a categoria "nacionalidade", está presente em trechos como: "Numa festa altaneira/Mostrando o que é bom e varonil". Ou

seja, o brasileiro sente o que é varonil através de um evento esportivo. Por fim, as duas canções fazem parte de um contexto dado:

> Era uma época em que a nação queria deixar para trás o estigma de "país do futuro" e aspirava ocupar um lugar de destaque na "modernidade". Não à toa construíra para o evento o maior estádio do mundo, o Maracanã, com capacidade para 200 mil pessoas. Naquele contexto ufanista, os destinos do país e da "raça brasileira" foram colocados e definidos em campo (GIGLIO; SILVA, 2014, p. 113).

Vale salientar que as análises dessas músicas estão sob a ótica da Sociologia da música e não da musicologia tradicional. Nosso foco será entender o contexto sócio-histórico em que essas letras foram produzidas, trazendo possíveis diálogos delas com a realidade exterior. Detalhando a diferença de abordagem da Sociologia da música para a musicologia tradicional, afirma K. Boehmer:

> Outra diferença entre a musicologia tradicional e a sociologia da música é que esta parte da relevância social do consumo musical e não de alegadas qualidades estéticas ou formais do produto musical (BOEHMER, 1980, p. 433 *apud* CAMPOS, 2007, p. 77).

Por fim, como sabemos, todo este clima otimista e ufanista não foi suficiente para evitar a derrota do Brasil por 2 a 1, frente ao Uruguai. O jogo ficou conhecido como *maracanazo* e a derrota acabou abalando a unidade nacional, desenvolvendo uma espécie de trauma cultural (MORAIS; RATTON, 2006); mais tarde chamada de complexo de vira-latas por Nelson Rodrigues.

Resultados esperados ou conclusão

Como vimos acima, a relação entre musicalidade e Seleção Brasileira está para além das populares *A taça do mundo é nossa* e *Pra frente, Brasil* que representam as campanhas de 1958 e 1970, respectivamente. Através das músicas analisadas, pudemos ver como tradições inventadas foram introjetadas no imaginário social já durante a Copa de 1950. Como qualquer manifestação artística, a música tem a função de transmitir ideias e valores já presentes em sociedade. E em 1950 o evento Copa do Mundo, foi encarado como um meio de reafirmar um projeto de nação que pretendia construir o país imaginativamente ao mesmo tempo que propiciar o seu desenvolvimento e projeção internacional. O que fica da análise musical feita é a noção de que "As Copas funcionam como metalinguagem. Ao falarmos da seleção, de suas conquistas e derrotas, estamos falando também do Brasil e de seus dilemas" (HELAL; CABO,

2014, p. 12). Ademais, todas essas imaginações e construções também têm efeitos práticos e potencialidades.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Almedina, 2011.

CAMPOS, Luís Melo. A música e os músicos como problema sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 78, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FARRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI, Gustavo; XIMENEZ, Murilo. *1950*: o preço de uma Copa. São Paulo: Letras do Brasil, 2014.

GIGLIO, S. S.; SILVA, D. M. M. (org.). *O Brasil e as Copas do Mundo:* futebol, história e política. São Paulo: Zagodoni, 2014.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil*: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. *Futebol, jornalismo e ciências sociais:* interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, R; CABO, A. *Copas do Mundo*: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

LUNA, Paulo. *No Compasso da Bola.* São Paulo: Irmãos Vitale, 2011.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). *Pesquisa Social*: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORAES, Jorge Ventura; RATTON, José Luiz. A perda da Copa de 1950 como trauma cultural. *Revista Ciência e Rede*, n. 2, p. 75-77, 2006.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota.* Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.

RIBEIRO, José Augusto. *A Era Vargas, volume I:* 1882-1950: o primeiro governo Vargas. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música.* São Paulo: Panda Books, 2009.

GEOGRAFIA, FUTEBOL E CULTURA: IDENTIDADE E O ESPAÇO URBANO NO CASO GRENAL

Fernanda Serafim Alves[1]

Resumo
O presente trabalho busca analisar a interferência no espaço urbano, em dias com e sem jogos, dos atuais e antigos estádios do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e do Sport Club Internacional. As construções esportivas são aqui entendidas como geossímbolos nos bairros em que estão localizadas. Os bairros em estudo são Moinhos de Vento, Menino Deus, Azenha, Praia de Belas e Humaitá, todos localizados em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.
Palavras-chave: Geografia cultural. Território. Futebol. Identidade.

Introdução

O futebol é uma paixão nacional. A fidelidade dos torcedores ao time de coração lota estádios, fazendo do local um espaço também de experiências. No Rio Grande do Sul, dentre tantos clubes de futebol que possui o estado, observa-se dois grandes times: O Grêmio FootBall Porto Alegrense e o Sport Club Internacional, ambos possuindo estádios na cidade em que foram fundados: Porto Alegre. Na capital gaúcha, se percebe cultura e território de fato relacionados, assumindo os estádios uma dimensão simbólica e também sagrada que fortalece a identidade dos torcedores, podendo ser considerados um geossímbolo, que interfere em seus arredores em dias com e sem jogos.

O estudo realizado justifica-se pela renovação da Geografia Cultural que, segundo Campos, permite a incorporação de novas temáticas e abordagens, tais como o futebol, importante elemento sociocultural e espacial, merecendo mais atenção da ciência geográfica (CAMPOS, 2006).

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo analisar as interferências dos antigos e atuais estádios, dos respectivos times, nos bairros em que estão localizados. Os procedimentos metodológicos foram organizados em quatro etapas: pesquisa bibliográfica, questionário pré-campo, análise dos dados coletados e três campos feitos a Porto Alegre, com a finalidade de se entender a dinâmica dos bairros em estudo, sendo eles Moinhos de Vento, Azenha, Humaitá (abrigando os dois primeiros bairros antigas construções gremistas e o último onde encontra-

[1] Fernanda Serafim Alves, bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de Brasília. Mestranda em Geografia Cultural também pela UnB. E-mail: fernandaserafimgea@gmail.com

se hoje a Arena do Grêmio) e os bairros Menino Deus e Praia de Belas (O primeiro abrigando o estádio dos Eucaliptos que foi substituído pelo Beira Rio, localizado no bairro Praia de Belas).

Buscou-se com a pesquisa realizada identificar as interferências que as antigas e atuais construções esportivas de futebol, causam em seus bairros e quais novos significados e valores simbólicos os estádios dão aos locais em que se encontram a partir de uma compreensão da Geografia Cultural.

Desenvolvimento

O Rio Grande do Sul tem uma vasta história quando se analisa o futebol. O esporte em 1879, quando possuía regras ainda em construção, foi inserido no estado, nas escolas, por padres maristas. Nos dias atuais, o futebol rio-grandense ganha destaque dentro e fora dos campos. Grêmio e Internacional são protagonistas de uma rivalidade que existe há mais de 100 anos. Porto Alegre, capital gaúcha, foi o local escolhido para a fundação de ambos, o Grêmio em 1903 e o Internacional seis anos mais tarde.

Tal informação ganha importância já que, com cerca de 500 km^2, Porto Alegre é uma capital relativamente pequena, observando a de outros estados brasileiros e abriga dois clubes com um número considerável de torcedores, possuindo com essas características algumas particularidades quando se analisa as interferências que o futebol pode gerar.

Os estádios construídos ao longo do tempo, pelos times tricolor e colorado, fizeram também com que essa dualidade de afetos ganhasse territórios, enfatizando a importância da construção para os times, já que:

> Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica. (MASCARENHAS, 2002, p.84).

Destaca-se ainda que ao redor das construções esportivas é possível encontrar mudanças que essas edificações causam nos bairros em que se encontram, podendo o urbano também ser analisado a partir de uma visão cultural, já que cultura e urbano são termos profundamente relacionados (CORRÊA, 2010). Dar-se-á também atenção às mudanças de estádio, resultando inclusive em novas centralidades.

Bonnemaison (2012, p.288) entende que "é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e o espaço". Para o autor, a ideia de cultura traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território, sendo pela existência de cultura que se cria um território.

No mesmo artigo, o geógrafo ainda afirma que toda cultura se encarna, além de em um discurso, em uma forma de territorialidade, não existindo para Bonnemaison (2012) grupo cultural (aqui entendido como as torcidas dos respectivos clubes em estudo), que não tenha investido física e culturalmente em um território, afirmando sua identidade e transmitindo seus valores, além de gerar novas centralidades no espaço urbano.

Associando a ideia de Bonnemaison (2012) ao Grêmio e ao Internacional, percebem-se territorialidades definidas em Porto Alegre, onde os times que disputam uma hegemonia local, também possuem territórios próprios na cidade, identificados seja por torcedores ou mesmo por moradores que não possuem time. Os territórios podem ser vistos fora e dentro dos estádios já que segundo Campos (2006. p. 42):

> A questão da territorialidade dentre os torcedores é facilmente observada no fato futebolístico. Eles ocupam as arquibancadas, cadeiras numeradas e camarotes. Tal setorização expressa também uma divisão social estimulada pelo preço do ingresso. Todavia, há torcedores que mesmo podendo ficar em camarotes preferem as arquibancadas pela atmosfera encontrada nelas, manifestando seu sentimento topofílico.

Claval (2002), em uma mesma linha de pensamento, diz que as identidades culturais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial. Ora, como também já é de esperar, estádios de futebol podem ser (e são) vistos como monumentos e marcam a paisagem de espaços públicos na cidade, sendo associados à identidade de um grupo específico e por serem fixos, comunicam a todo o momento uma mensagem (JOHNSON, 1994).

De fato, tratando os bairros, com atuais ou antigos estádios, como um território do Grêmio ou do Internacional, percebe-se que esses territórios não são fechados, podendo torcedores gremistas e colorados se locomoverem por todos os bairros sem que existam maiores problemas, exceto em dias específicos, como no caso de um Grenal (nome dado ao clássico), onde até o número de policiamento aumenta ao redor dos estádios.

Conclusão

Nos cinco bairros em estudo, os estádios possuem grande importância quando se estuda o espaço urbano e também cultural. As interferências dos antigos e atuais estádios do Grêmio e do Internacional se mostraram existentes, mas de maneiras distintas nos cinco bairros. No bairro Moinhos de Vento a interferência mostrou-se maior em relação ao sentimento existente pelos torcedores e até pelo clube ao bairro, no bairro Menino Deus o memorial dos Eucaliptos

(praça que homenageia o primeiro estádio do Internacional) mostrou-se pouco lembrado pela torcida.

Os dois bairros não possuíam o futebol como atividade principal e hoje são considerados pela prefeitura como bairros nobres da cidade. Ambos não se mostraram impactados com a saída das construções esportivas, tendo, entretanto, até agora uma forte ligação cultural com os clubes. Ao contrário do bairro Azenha, que de todos os bairros que possuíam antigos estádios se mostrou o mais abandonado, sofrendo consequências inclusive negativas, com o comércio sendo impactado pela falta de movimento na região. O estádio encontra-se abandonado por questões judiciais, sendo planejado no local a construção de um condomínio, mas que ainda possui futuro duvidoso. O abandono que sofre o bairro parece não ser esquecido pelos torcedores gremistas que ainda lembram com saudosismo das grandes vitórias, da "avalanche" (comemoração realizada pelos torcedores no estádio), além dos inúmeros títulos conquistados ali. Ressalta-se que com a mudança de estádio, torcedores e não torcedores sentiram interferências no local, seja pelo menor movimento, ou mesmo pelo abandono em relação à infraestrutura que sofre o local.

Praia de Belas e Humaitá são os bairros que possuem os estádios que estão em funcionamento. Tendo como características semelhantes o comércio informal em dias de jogos, um movimento grande de torcedores ao redor dos estádios e bares temáticos dos clubes, além de uma especulação imobiliária visível, tendo o bairro Praia de Belas essas características mais consolidadas, já que o estádio se encontra presente no bairro desde 1969.

O estudo se mostrou interessante por mostrar as interferências que grandes construções podem gerar no espaço urbano. O estádio de futebol, por possuir também um valor afetivo, sendo tratado como casa pelos torcedores se mostra importante indo além de uma mera construção. Grêmio e Internacional se mostraram muito mais que clubes, os times dividem Porto Alegre e geram inúmeras interferências na cidade, possuindo territorialidades marcadas pela presença da construção esportiva, além disso, há uma valorização das áreas em que os estádios se encontram, contribuindo com a especulação imobiliária ao redor dos mesmos.

Referências

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Geografia Cultura: Um século (3).* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CAMPOS, F. R. G. Espaço de representação do futebol: uma apreensão do Futebol como um elemento sociocultural e espacial. *R. RA´E GA*, Curitiba, n. 11, p. 36, 2006.

CAMPOS, FRG. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NEER, 2006, 1., Curitiba. *Anais do I Colóquio Nacional do NEER*. Curitiba: [s. n.], 2006.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na geografia. *Revista Mercator*, ano 01, n. 01, p.19-28, 2002.

CORRÊA, R. L. Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010. p. 167-186.

JOHNSON, N. C. Sculpting Heroic Histories: Celebrating the Centenary of the 1798 Rebellin in Ireland. *Transactions of the Institute of british Geographers*, v. 19, n. 1, p. 78-93, 1994.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*ano IV, n. 8, p. 84, dez. 2002.

“ESPANYOL DE CORNELLÀ?” COMO A FRASE DO ZAGUEIRO PIQUÉ PODE REVELAR PROCESSOS GEOGRÁFICOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BARCELONA

Lucas Nascimento de Mattos[1]

Resumo
O seguinte trabalho tem como objetivo analisar a geograficidade dentro da declaração do Zagueiro Gerard Piquè, ao se referir ao RCD Espanyol como “Espanyol de Cornellà”. Essa frase mostra, muito além da acirrada rivalidade entre os clubes da cidade de Barcelona, um processo que vem sendo comum no mundo inteiro: A valorização do solo urbano das grandes cidades e sua consequente expansão metropolitana. Para isso, é feito através de trabalhos acadêmicos, textos jornalísticos e páginas dos clubes, um breve levantamento da história do RCD Espanyol, sua territorialização (e desterritorialização) na cidade de Barcelona, seguida da reterritorialização na cidade de Cornellà, região metropolitana de Barcelona
Palavras-chave: Espanyol. Futebol. Cidade. Barcelona.

Introdução

Na noite onde o brasileiro Phillipe Coutinho recebeu a camisa 14 que antes vestia o ídolo Javier Mascherano e estreou pelo poderoso FC Barcelona, em janeiro de 2018, foi Gerard Piqué que recebeu os holofotes. Sua frase *“*Jogar contra o Espanyol de Cornellà é sempre especial”[2], referindo-se ao RCD Espanyol, parece uma pequena provocação para olhos mais desatentos. Para os catalães, isso é como explodir um barril de pólvora pleno de ressentimentos e disputas históricas por identidade. Para um geógrafo das cidades, um prato cheio para a análise dos papeis dos clubes de futebol como criadores e criaturas do espaço urbano, do espaço da cidade.

É sabido que o FC Barcelona é mais que um Clube. Seu gigantismo ultrapassa as glórias em campo, chegando a sua luta contra o Franquismo que fez o clube criar a identidade de “representante” da Catalunha. Para o RCD Espanyol, sobra o rótulo de clube mais ligado a ideologias Franquistas e anti-Catalanistas. É sim verdade que, por muitos anos, o clube se calou frente as injustiças cometidas tanto pela coroa espanhola, quanto pela ditadura. Porém, o RCD Espanyol, clube nascido na cidade de Barcelona, tem em sua história diversos episódios

[1] Lucas Nascimento de Mattos, Mestrando em Geografia pelo POSGEO/Universidade Federal Fluminense. Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas (NEURB/UFF). Email: lucasnm@id.uff.br

[2] Tradução livre, frase original e contexto disponíveis em: <https://www.lavanguardia.com/deportes/futbol/20180126/44284052189/barcelona-espanyol-gerard-pique-cornella-polemica.html>

importantes para o futebol catalão, desde sua origem quando contava apenas com jogadores espanhóis, até ídolos mais atuais como Raúl Tamudo, jogador catalão com maior número de gols pela primeira divisão espanhola.

Considerando a multiplicidade de ideologias entre os "*pericos*"[3], e apesar dos esforços de alguns partidos políticos de direita[4] para cooptar o clube como "seu representante dentro da Catalunha", essa identidade pode ser extremamente injusta com o clube. Que o FC Barcelona é gigante, todos sabem. Mas os *pericos* afirmam: Catalunha é mais que (apenas) um clube.

Mas então, por quê o zagueiro barcelonista fez essa declaração? Por quê isso causou tanta repercussão nos meios de comunicação de toda Espanha? Para isso, a primeira parte do trabalho será uma breve cartografia histórica dos estádios utilizados pelo Espanyol em sua história. Logo após, uma discussão geográfica sobre a expansão das grandes cidades. E por fim, uma reflexão/conclusão sobre os temas tratados, unindo a forte mercantilização do futebol e como isso afeta os clubes.

Cartografia Histórica do RCD Espanyol

Segundo Ferreira (2019), o Reial Club Deportiu Espanyol nasce em 1900, na cidade de Barcelona. Mais exatamente, na Universitat de Barcelona. Surge da necessidade dos alunos que, incomodados com a dificuldade de encontrar espaço nos clubes já mais consolidados e formados basicamente por estrangeiros que já dominavam os conceitos desse (novo) esporte, criaram a Sociedade Española de Foot Ball (que, é importante ressaltar, nada tem a ver com a identidade espanhola anti-catalanista). Após idas e vindas, fins e recomeços, o Espanyol vai ganhando força e criando uma forte rivalidade com o FC Barcelona.

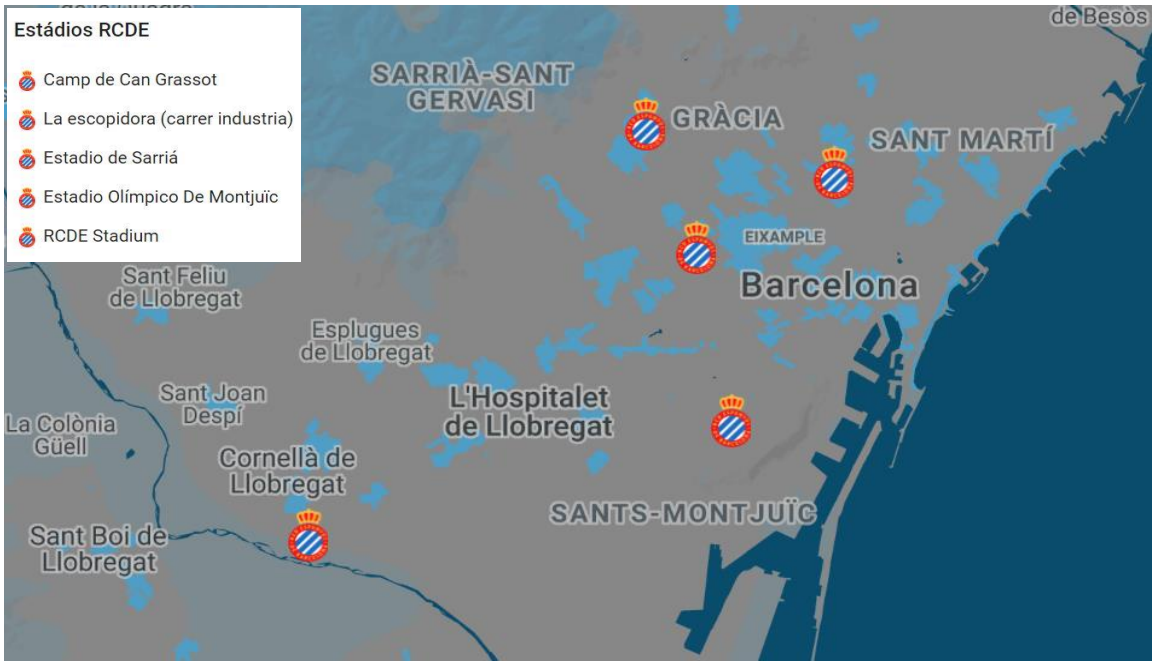
No ano de 1901, o clube inicia sua história em um campo denominado Can Grassot, muito próximo a famosa Igreja da Sagrada Família. Já em 1911, após um hiato do Clube em 1906-1907, é construído na cidade um novo estádio, conhecido como *"La escopidora"*, utilizado tanto pelo Espanyol, quanto pelo FC Barcelona. Em 1923, o sonho de ter um estádio maior que o do FC Barcelona foi interrompido: Se em 1922 o FC Barcelona inauguraria o estádio de Les Corts, uma parceria entre o Espanyol e a prefeitura de Barcelona visava um estádio ainda maior, no bairro do Sarrià. Porém a construtora responsável pela obra faliu e, ao

[3] Expressão em espanhol que significa "Periquitos", como são conhecidos os torcedores do Espanyol

[4] No ano de 2019, o partido "Vox" recolheu, nas redondezas do estádio Cornellà el Prat, assinaturas em apoio ao partido. Disponível em: <https://www.mundodeportivo.com/futbol/rcd-espanyol/20190319/461133904486/el-espanyol-se-desmarca-de-vox-tras-una-recogida-de-firmas.html>

invés de entregar um estádio para 40 mil pessoas, entregou para apenas 10 mil. Foi apenas em 1948 que o Espanyol comprou todo o estádio, dando seguimento a uma série de reformas. Essa é a origem do mítico estádio do Sarrià, de péssimas lebranças para o torcedor brasileiro: O desastre do Sarrià[5], durante a copa do *Naranjito* em 1982!

O mítico estádio do Sarrià foi demolido em 1997. Nesse ano o clube, afundado em dívidas, vendeu o terreno, localizado em dos bairros mais valorizados da cidade. Por isso, se viu obrigado a alugar durante anos o estádio Olímpico Municipal de Montjuic, construído em 1927 para receber a exposição de arte moderna em 1929 e remodelado em 1989 para as olimpíadas de Barcelona 1992. O aluguel, porém, nunca foi confortável para o clube. Em 2009, o clube inaugura seu novo estádio, na cidade de Cornellà de Llobregat, que faz parte da área metropolitana de Barcelona. Barcelona e Cornellà, inclusive, compartilham uma linha de metrô (linha azul).



Mapa 1: Cartografia Histórica do RCD Espanyol (1901 a 2020) Fonte: Elaboração própria, com dados fornecidos pelo próprio clube.

Esses movimentos na cidade mostram que o clube, ao longo de grande parte dos seus quase 120 anos, territorializou-se na cidade de Barcelona. Pelas suas raízes, ou pela rivalidade com o FC Barcelona, seus estádios são repletos de história e importância para o futebol Catalão, Espanhol e até mesmo Mundial. Sua criação dentro da Universidade de Barcelona, o estádio próximo a Sagrada Família, a disputa pela hegemonia dentro de *La Escopidora*, a construção

[5] <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/triste-lembranca-da-copa-de-82-segue-viva-em-praca-em-barcelona-37s9zjcsweernc0mswhilqwcu/>

do Estádio de Sarrià e sua "expulsão" para o Estádio Olímpico podem explicar processos urbanos interessantes da cidade de Barcelona, em diferentes tempos históricos.

Sobre a cidade, vale ressaltar que Barcelona tem uma larga história. Desde a cidade Romana de Barcino, passando pelo largo período murada e chegando a grande metrópole intercultural que é hoje, há aproximadamente 4 mil anos de história. Porém, o que nos interessa no trabalho é o processo de metropolização, no século XX, que segundo Randolph (2012) é "uma nova forma de organização territorial do urbano que se propaga pelo mundo afora". Uma das características desse fenômeno é exatamente a expulsão daqueles que não podem seguir o padrão econômico das grandes cidades, realocando-os em espaços menos valorizados.

A expulsão do RCD Espanyol foi predominantemente por motivos econômicos. Porém, a polissemia do termo "território" nos permite tratar essa expulsão como o início da desterritorialização do clube no sentido culturalista que, segundo Haesbaert (2003), prioriza a dimensão simbólico-cultural do fenômeno. É comum que clubes e torcedores, com raras exceções, se sintam incomodados com o fato de não ter uma casa própria. Esse era o caso do Espanyol, que sempre esteve incomodado em alugar o Estádio Municipal. Porém, como encontrar um espaço livre e acessivel, em uma cidade extremamente valorizada e cada vez mais identificada com o poderoso FC Barcelona?

A solução foi se reterritorializar em Cornellà com um imponente estádio para 40 mil pessoas. Essa cidade, de aproximadamente 90 mil habitantes e ocupação predominantemente popular, é bastante próxima a Barcelona. Inclusive, o estádio de Cornellà El Prat está a menos de 8 km do Camp Nou, estádio do rival. Anexo ao estádio, foi construído um Centro Comercial (Shopping Center), o que diz bastante sobre a nova forma de uso do solo naquela cidade, sobre expansão metropolitana e, obviamente, sobre o novo modelo de "futebol-negócio".

Conclusão e reflexões

O processo de desterritorialização é concomitante ao de reterritorialização (Haesbaert, 2003), e isso não é diferente para os clubes. Apesar da forte ligação afetiva que o clube mantém com Sarrià, hoje o clube manda suas partidas no estádio de Cornellà. A frase de Piquè, se analisada de forma geográfica, revela uma disputa econômica, territorial e discursiva extremamente rica e interessante no ponto de vista da geografia das cidades. A desterritorialização e consequente reterritorialização não se dão apenas no movimento pelo terreno, pelo solo urbano. Se dão também através de palavras e no campo das ideias. Com o RCD Espanyol instalado em outra cidade, mesmo que muito próxima, os adeptos do FC Barcelona acabam por ter sua missão pela hegemonia da cidade facilitada. Essa disputa

discursiva se utiliza de símbolos a todo o momento, sendo o espaço da cidade um espaço repleto de símbolos. Talvez o mais forte deles seja exatamente a fronteira, aquilo que separa o "eu" do "outro".

Apesar das diversas sociabilidades que também constróem as metrópoles atuais, a cidade também é reflexo dos interesses do capital. E através desses interesses ela se organiza, constrói e destrói elos. O FC Barcelona se mantém na cidade devido a sua marca mundialmente conhecida, o que em uma cidade de forte atividade turística é de grande importância. Em qualquer canto do mundo, o FC Barcelona é apontado como embaixador da cidade, sendo uma das atrações principais de qualquer roteiro turístico. Além disso, o poder econômico do clube permite não apenas a manutenção do clube na capital Catalã, mas também sua expansão através de lojas em toda a cidade e até mesmo fora da cidade e do país. Mas faz parte da marca FC Barcelona manter sua identidade na cidade.

A realidade do Espanyol é completamente diferente. Com um poder econômico (e de discurso) muito menor em relação ao rival, o clube embarca nas soluções que o atual "mercado" da bola (que não é uma bolha que flutua pelo espaço, esse mercado se dá geralmente no espaço da cidade e ainda com mais força no espaço da metrópole) oferece. O Estádio de Cornellà, além do ar e design "moderno", se mostra bastante interessado em seguir tendências mercadológicas, principalmente com sua passarela que dá acesso direto do Estádio ao *Shopping Center*. Vale lembrar que o discurso mercadológico é o grande vencedor dentro da guerra discursiva dentro que entendemos por futebol após os anos 90, o que de fato coloca o Espanyol nos trilhos *dessa tal* modernidade. Outra jogada visando o mercado tomada pelo clube recentemente foi a venda de grande parte das ações do Clube para um bilionário Chinês, o que pode distanciar ainda mais o clube da sua cidade, porém pode significar uma boa injeção de dinheiro no clube. É necessário observar os próximos passos do clube com cuidado, considerando a recente queda para a segunda divisão.



Figura 1 - Placa encontrada no Centro Comercial indicando a saída para o Estádio. Autoria própria.

Referências

FERREIRA, Daniel. *Entre trocas complexas e desequilíbrios* : catalanismo, identidades e protagonismo esportivo no FC Barcelona e no RCD Espanyol, na globalização (1980-2010). Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/64373?show=full>. Acesso em 30 jul. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 29, p. 11–24, jan., 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>. Acesso em 30 jul. 2020.

RANDOLPH, Rainer. Avanços da metropolização e formação de novas fronteiras: investigações sobre trajetórias da urbanização em torno das metrópoles. *Scripta Nova*: revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Barcelona, v. 16. 2012: Disponível em: https://www.raco.cat/index.php/ScriptaNova/article/view/263216. Acesso em 30 jul. 2020.

TRAÇOS DA RIVALIDADE BRASIL X ARGENTINA NO FUTEBOL DA PARAÍBA DA DÉCADA DE 1950

Raniery Soares Lacerda[1]

Resumo
Esta pesquisa visa identificar acontecimentos relacionados à prática do futebol no estado da Paraíba, que possam retratar a influência da rivalidade entre Brasil e Argentina no esporte, com o objetivo de encontrar registros dos primeiros jogos de times argentinos contra equipes paraibanas. Para tanto, além de uma pesquisa bibliográfica em livros sobre a história do futebol da Paraíba, foram analisadas notícias publicadas no jornal O Norte da década de 1950, de modo a investigar a existência de conteúdos relativos às partidas internacionais no estado. Como o estudo está em andamento, até o momento, foram encontrados registros de cinco jogos realizados entre times da Paraíba e da Argentina, todos ocorridos na referida época.
Palavras-chave: Futebol da Paraíba. Rivalidade. Brasil. Argentina.

Introdução

A rivalidade é algo inerente a qualquer atleta, seja ele protagonista em um esporte individual ou coletivo, afinal o principal objetivo em qualquer disputa é vencer. No futebol não seria diferente, até porque a popularidade conquistada pela modalidade provoca a criação deste cenário, que se reflete desde campeonatos locais, onde se envolvem times de bairros ou da cidade e, ao mesmo tempo, faz com que o mundo pare há cada quatro anos por causa da Copa do Mundo.

Ao se tratar do principal torneio de futebol do planeta, a comparação entre a história e as atuações das seleções nacionais ao longo do tempo se tornam inevitáveis nas discussões entre torcedores, ou até mesmo protagonizadas por comentaristas esportivos.

Neste contexto, uma das rivalidades envolve as seleções pentacampeã do Brasil e bicampeã da Argentina. Países vizinhos, que se tratam como '*hermanos*', mas que dentro do campo de jogo alimentam disputas que não começaram recentemente, indo desde o potencial de cada seleção, até confrontos que indagam quem foi melhor: Pelé ou Maradona?

O historiador Álvaro Vicente do Cabo, em entrevista ao jornal O Globo para falar do lançamento do seu livro 'Argentina 78 - Uma Copa do Mundo Política, Popular e Polêmica', garante que essa rivalidade já existia em anos anteriores ao Mundial de 1978, mas a situação estabelecida na época apresentava uma certa afeição pelo futebol brasileiro e, por outro lado, a

[1] Mestrando em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e graduado em Jornalismo pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). E-mail: ranierysoareslacerda@gmail.com

seleção alviceleste ainda não se apresentava como uma das grandes potências do futebol mundial.

> Nas Copas de 78 e 82, o que eu vi nos veículos argentinos que consultei foi uma admiração pelo futebol brasileiro, principalmente por aquela ideia do futebol arte do time de 70. O Pelé era colunista do diário "Clarín" nas Copas de 78 e 82, e sempre foi recebido como uma superestrela na Argentina. Além disso, o grande rival do Brasil até então era o Uruguai, especialmente por causa da Copa de 1950[2].

Baseado no que o autor descreve, que existiam aspectos da rivalidade entre Brasil e Argentina já na década de 1950, apesar de não serem os grandes arquirrivais, se buscou identificar de que forma isto influenciava, por exemplo, nas disputas do futebol brasileiro, utilizando como foco o futebol paraibano.

Os confrontos entre brasileiros e argentinos na Paraíba

A década de 1950 era propícia ao desenvolvimento do futebol no país, afinal o Brasil acabara de sediar pela primeira vez a Copa do Mundo masculina da modalidade. O cenário na Paraíba também deveria seguir este mesmo ritmo, inclusive com a criação da Federação Paraibana de Futebol (FPF) em 1947, além de alguns dos seus principais clubes já instituídos desde as três décadas anteriores.

Entretanto, Marques (1975) e Medeiros (2006) apontaram condições pouco favoráveis para o progresso do futebol no estado, como a decisão da FPF de não realizar o Campeonato Paraibano em 1951 e no início do ano seguinte, o presidente da entidade renunciar à presidência somente após um ano da sua eleição.

Segundo Medeiros (2006, p. 103), "a Federação Paraibana de Futebol, sem nenhum motivo aceitável, não realizaria o Campeonato Paraibano", se referindo ao Estadual de 1951. Sendo assim, a saída para alguns clubes foi marcar amistosos contra times nacionais e internacionais. Faz-se necessário destacar que nos registros encontrados nesta pesquisa, até o momento, os times paraibanos não tinham enfrentado adversários estrangeiros. As disputas em jogos não-oficiais eram restritas a equipes do Nordeste, principalmente dos vizinhos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Por coincidência ou não, quatro times paraibanos realizaram jogos contra argentinos em 1951: Botafogo da Paraíba e Treze enfrentaram o Vélez Sarsfield, enquanto que Miramar

[2] O nascimento da arquirrivalidade entre Brasil e Argentina na década de 70. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/o-nascimento-da-arquirrivalidade-entre-brasil-argentina-na-decada-de-70-23777643>. Acesso em 23 de abril de 2020.

e Auto Esporte tiveram como adversários equipes formadas por trabalhadores de navios argentinos, que ancoravam no porto de cargas localizado na cidade de Cabedelo, na Paraíba.

Os traços da rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol paraibano, identificados até então, registram o primeiro duelo no dia 18 de fevereiro de 1951. Na ocasião, o Miramar Esporte Clube enfrentara um selecionado argentino, formado por trabalhadores dos navios 'Campero' e 'Lancero', que estavam ancorados no Porto de Cabedelo, cidade localizada no Litoral Norte da Paraíba.

Dois dias depois, a edição do jornal O Norte trouxe um relato da vitória do time paraibano por 5 x 1. A publicação apresentou que este jogo, especificamente, era aguardado com um sentimento de revanche, já que no último encontro entre o Miramar de Cabedelo e o navio 'Campero', os argentinos sagraram-se vencedores:

> A partida estava esperada com certa anciedade porque da última visita do "Campero", o seu time quase surpreendeu o Miramar. Desta vez, porém, o alviverde se apresentou mais arregimentado conseguindo impor a sua classe sobre os nobres visitantes (O NORTE, 1951, p. 7)[3].

O mesmo texto revelou que estas disputas contra times formados por tripulantes dos navios que desembarcavam mercadorias na cidade de Cabedelo eram eventos frequentes no futebol paraibano:

> Em geral os navios de nacionalidade argentina que transitam por Cabedêlo, possuem a bordo quadros do futebol demonstrando desta maneira, o amôr que os platinos têm ao belo esporte inglês. Por isto, já se tornou comum as disputas de partidas amistosas entre os filhos da terra de Perón com os times cabedelenses, cabendo no entanto ressaltar que muitas das vezes os argentinos têm levado a melhor nas lutas travadas nos gramados praieiros (O NORTE, 1951, p. 7)[4].

Fundado em 1928, o Miramar Esporte Clube ainda não havia disputado o Campeonato Paraibano, diferente do Auto Esporte Clube, que também enfrentou um selecionado argentino, mas já se destacava como uma das importantes agremiações do futebol estadual.

O 'Clube do Povo', como é chamado o Auto Esporte, foi o segundo registro encontrado por esta pesquisa, como equipe paraibana que disputou algum jogo contra times argentinos. Neste caso, o confronto aconteceu no dia 13 de agosto de 1951 e os jogadores adversários eram da tripulação do 'Punta del Loyola', barco também ancorado no Porto de Cabedelo.

Mello (2017) confirmou que esta foi a primeira disputa internacional do Auto Esporte, mas em seu livro, não detalha nada sobre este acontecimento. Marques (1975) afirmou que o

[3] A grafia de algumas palavras pode apresentar erros, em relação a Língua Portuguesa, pois o trecho foi transcrito de acordo com a publicação do jornal.

[4] Cf. nota 3.

Clube do Povo venceu por 5 x 1 e o relato mostra que o jogo foi bem mais organizado, em relação ao que ocorreu entre Miramar e as tripulações dos outros navios argentinos.

No mesmo ano de 1951, entre os dias 13 e 16 de dezembro, Botafogo da Paraíba e Treze, respectivamente, também entrara para esta lista de times paraibanos que jogaram contra adversários argentinos. Ambos enfrentaram o Vélez Sarsfield, diferente de Miramar e Auto Esporte, que atuaram diante de eqiopes formadas por tripulantes dos navios que passavam pela Paraíba.

Veículos de comunicação e outros repositórios com informações históricas mostraram que em 1951, o Vélez Sarsfield esteve no Brasil participando de aproximadamente nove amistosos e especificamente no Nordeste, o time argentino disputou sete destes confrontos. Na Paraíba, os dois eventos aconteceram no Estádio da Graça, em João Pessoa. Apesar do Treze ser de Campina Grande e na época já ter o seu próprio estádio, Medeiros (2006) contou que a visita do Vélez Sarsfield estava sendo paga pelo Botafogo da Paraíba:

> A razão deste encontro ser realizado na capital do Estado foi o fato do mesmo ter sido "bancado" pelo Botafogo de João Pessoa, que contratara o time argentino para dois jogos na capital, sendo um contra o Treze. Pela importância do evento, além de não haver despesa alguma para si, o Galo da Borborema partiu para o desafio (MEDEIROS, 2006, p. 105).

Uma notícia publicada na edição do dia 03 de dezembro de 1952 do jornal O Norte reforça a afirmação de Medeiros (2006), sobre o pagamento dos custos para que houvessem os jogos contra o Vélez Sarsfield. O mais curioso é que nos dois jogos contra o time argentino, Botafogo da Paraíba e Treze perderam exatamente pelo mesmo placar: 3 x 2.

Com o intuito de continuar promovendo desafios contra equipes internacionais, transformando os amistosos em grandes eventos, os dirigentes José Américo Filho[5] e Luciano Leal, ambos ligados ao Botafogo da Paraíba à época, pensavam na quantidade de ingressos que poderiam ser vendidos, de acordo com registros feitos pela imprensa paraibana à época.

Em janeiro de 1953, a ideia foi trazer mais um clube argentino, desta vez o Chacarita Juniors. Para prestigiar mais de um time da Paraíba, a ideia foi montar uma seleção com jogadores de Auto Esporte e Botafogo. Os visitantes venceram por 4 a 2 e um dos traços da rivalidade entre Brasil e Argentina veio da torcida:

> O público, então, numa atitude que não se justifica e merece a nossa censura, entrou a "mimosear" o apitador e jogadores portenhos como "amabilidades" nada recomendáveis, numa demonstração de falta de hospitalidade e cordialidade esportiva, que muito depõe contra nós (O NORTE, 1953, p. 7).

[5] Foi atleta e dirigente do Botafogo Futebol Clube e morreu em um acidente automobilístico em 1973. É homenageado com o seu nome na mais importante praça esportiva de João Pessoa, capital da Paraíba: Estádio José Américo de Almeida Filho (Almeidão), construído pelo Governo do Estado da Paraíba em 1975.

No mesmo ano, os dirigentes ainda tentaram promover mais um evento, agora contra o Platense-ARG, mas sem sucesso. De acordo com a edição de O NORTE, publicada em 04 de novembro de 1953, o motivo foi o valor cobrado pelo empresário Sanchez Diez, que funcionava como intermediador entre os times argentinos e os dirigentes da Paraíba.

Resultados esperados

Este levantamento continuará sendo realizado, ao passo em que os acervos e outros espaços de pesquisa localizados no Estado da Paraíba venham a ser reabertos, tendo em vista que a maior parte dos materiais podem ser encontrados tão somente em forma física.

O estudo acabou partindo pela década de 1950, pelo fato de autores já terem publicado informações sobre o período e pela detecção de acontecimentos por esta pesquisa, como por exemplo, as partidas entre times paraibanos e equipes formadas por tripulantes dos barcos que ancoravam no Porto de Cabedelo.

Como resultados, se espera resgatar memórias sobre o futebol paraibano, do ponto de vista das experiências internacionais que os times obtiveram em sua história. Pela escassez de conteúdos publicados tanto pelos clubes, quanto por pesquisadores, vê-se a importância de pesquisas como esta.

Referências

MARQUES, Walfredo. *A história do futebol paraibano: 60 anos (1908 - 1968)*. João Pessoa: A União, 1975.

MEDEIROS, Mario Vinícius Carneiro. *Treze Futebol Clube:* 80 anos de história. João Pessoa: A União, 2006.

MELLO, José Octávio de Arruda (org.). *Na saga do Autinho do Amor ou as peripécias do Macaco Altino*. João Pessoa: A União, 2017.

Jornal O NORTE, 20 de fevereiro de 1951 (terça-feira) – p. 7 – *O Miramar venceu os argentinos por 5 x 1.* Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/cache/4966002485926/I0012864-20Alt=002081Lar=001330LargOri=004122AltOri=006448.JPG>. Acesso em 21 de março de 2020.

Jornal O NORTE, 05 de janeiro de 1953 (segunda-feira) – p. 7 – *Vitorioso o "Chacarita Juniors".* Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2985409967462/I0014746-70Alt=003373Lar=002159LargOri=004318AltOri=006746.JPG>. Acesso em 21 de março de 2020.

RAÇA, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL: DISPUTUAS E ATUALIZAÇÕES DA MEMÓRIA EM TORNO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE PELÉ

Nathan Pereira Barbosa[1]

Resumo
O presente artigo consiste em um levantamento histórico das narrativas biográficas sobre o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento (Pelé). Ao realizar um cruzamento de narrativas comparadas historicamente, foi possível detectar diferentes projetos de nação e identidade nacional mobilizados a partir da construção de sua trajetória enquanto futebolista e símbolo nacional. A análise teve como foco o debate étnico-racial fomentado por intelectuais, biógrafos e jornalistas que pensaram um "tipo nacional" inicialmente indissociável de Pelé. Visão essa que, em décadas posteriores, seria contrariada por outros intelectuais e jornalistas que seguiram caminhos opostos em suas interpretações do "mito".
Palavras-chave: Raça. Biografia. Memória. Identidade.

Introdução

Atualmente, quando se questiona qual o papel relevante que Pelé teve no cenário de combate ao racismo no mundo, não é raro notar que as falas e análises geralmente caminham na direção de uma crítica à assim chamada omissão por parte do ex-jogador. Entretanto, nem sempre seu nome esteve associado ao rol de negros que, contraditoriamente, trabalharam contra o avanço de uma consciência antirracista. No começo da década de 1960, em seu auge futebolístico e projeção nacional e internacional, foi tido por alguns pensadores e analistas como um dos grandes responsáveis por elevar a autoconfiança e orgulho do povo negro e representar, simbolicamente, a vitória coletiva da raça após anos de exclusão no futebol e nas demais esferas sociais, fato que representaria uma sociedade brasileira dita "pacificada". Saliento que entendo "narrativas biográficas" como sendo não somente obras editoriais de cunho biográfico, mas toda produção que atualiza, de alguma maneira, a biografia do ex-jogador no debate público, tais como: material jornalístico, artigos de opinião e charges.

Dessa forma, sua imagem oscilou entre a representação máxima da identidade nacional pautada pelo mito da harmonia racial de um lado, e, do outro, o completo fracasso e incapacidade de lidar com os conflitos raciais latentes na sociedade brasileira, fato que para muitos, o desabilitaria como "símbolo antirracista". Esse processo evidencia, portanto,

[1] Nathan Pereira Barbosa. Mestre em História. E-mail: npereirabarbosa@gmail.com

mediante a gradual mudança de compreensão, uma batalha de narrativas em torno de sua memória, a qual ainda se encontra em franca disputa.

Desenvolvimento

A seguir, apresento alguns exemplos dentre aqueles que a pesquisa conseguiu mapear na documentação. Neles, é possível perceber a complexa construção da biografia do jogador e como sua memória foi, em algumas ocasiões, utilizada como modelo para a construção de uma identidade nacional.

Em 1960 era lançado o primeiro volume da revista Niger, periódico paulista de variedades e com caráter militante, voltada, sobretudo, para o público negro. Em texto intitulado "O Negro no Esporte", a revista já se posicionava quanto ao simbolismo do jovem Pelé, então com 19 anos e campeão do mundo pela Seleção Brasileira em 1958:

> Na prática desportiva o negro tem aproveitado suas privilegiadas qualidades físicas, aliadas à sua capacidade, para galgar os pináculos da glória no esporte e se impor perante o mundo, quebrando, destruindo o mito de inferiorização racial. [...] O celebrizado Pelé atinge nos campos europeus o máximo que um ser humano pode com a bola de futebol; é o rei do futebol. E assim, muitos outros, nas diversas modalidades esportivas nos dão exemplos de como se pode elevar a raça com o esforço individual (NIGER, 1960, p. 9).

É curioso constatar que no início de sua carreira de esportista, Pelé chegou a gozar de considerável prestígio entre setores de organização política dos negros. O texto o define como um grande colaborador da causa negra que estaria "destruindo" concepções racistas por meio do futebol. Alguns anos depois, ele já não seria associado à essa imagem positiva e redentora por segmentos do próprio movimento negro, pois somente o futebol não era mais suficiente, tendo em vista que passou a ser cobrado por posições políticas fora de campo. Tido como herói negro nesse momento pela revista, as representações biográficas de Pelé seriam aos poucos deslocadas para outros sentidos através de outros atores sociais que faziam eco à noção de Brasil como paraíso das raças. Durante boa parte da década de 1960, Pelé (o preto) e Garrincha (o mestiço) foram considerados a prova mais contundente de que o Brasil miscigenado que absorve saberes, práticas e culturas a seu favor, estaria dando certo como civilização de múltiplas potencialidades adquiridas via herança cultural e racial.

Mário Filho em seu livro "O Negro no Futebol Brasileiro" (1963), também ressaltava a suposta diminuição do racismo após o surgimento de Pelé:

> cada brasileiro se sentia um pouco Pelé. Um brasileiro fôra escolhido para ser Pelé. [...] Era o sangue, era a raça. Era bom ser prêto para ser mais Pelé. [...] Pelé gostava de ser Prêto. [...] Por causa dele haveria menos racismo. [...] Não

> mandara espichar o cabelo como outros prêtos, antes dele, que queriam ser menos pretos (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 347-348).

O surgimento messiânico de Pelé no final da década de 1950 traria, assim, a redenção no campo psicológico de todos os pretos cativos de humilhações sociais e estéticas resultantes de um complexo processo histórico de exclusão. A afirmativa "Por causa dele haveria menos racismo", embora não dê por encerrado o problema no mundo como consequência da atuação esportiva de Pelé, implica por situá-lo numa posição de conciliador e ponto de equilíbrio na resolução de conflitos raciais ainda latentes.

Ainda na década de 1960, precisamente no ano de 1966, a Revista Realidade (1966-1976) publicava reportagem intitulada "O Pelé que ninguém conhece", assinada pelo repórter Roberto Freire, dizia:

> Pelé é um herói da raça negra sem se dar conta disso. O amor de todos os brasileiros e o respeito dos outros povos devem estar dissolvendo boa parte dos preconceitos raciais em quem o ama e respeita. Ele afirma nunca haver sentido discriminação alguma contra si. Hoje o seu nome o protege disso (REALIDADE, 1966, p. 44).

No mesmo ano de 1966, outra reportagem, dessa vez da Revista do Esporte, segue o mesmo caminho das palavras de Roberto Freire em Realidade. A matéria "Quero dedicar mais tempo à minha família" traz as seguintes considerações:

> Como quase não há problema de cor no Brasil, onde negros e brancos são iguais, exceto numas poucas carreiras, Pelé não tem consciência de sua contribuição para a emancipação e o "status" do negro, embora, ela tenha sido considerável. Quando se trata de um astro, ninguém se preocupa com sua cor. No mundo inteiro meninos brancos, negros e amarelos receberam seu nome (REVISTA DO ESPORTE, 1966, p. 31).

Ambas as reportagens trabalham com a ideia de que o aparecimento de Pelé havia apaziguado as relações sociais, visto que estaria "dissolvendo" o racismo. O homem que emancipou os negros, também fez garotos "brancos, negros e amarelos" serem batizados em sua homenagem é aqui apresentado como um grande conciliador racial, alguém capaz de unir todas as raças em torno do futebol. E, justamente por ser o futebol o principal motor dessa nova relação harmônica, é que ele, na condição de jogador, não teria percebido a revolução cultural que havia causado de forma natural. Tal situação acabou por gerar o cenário proposto pelo escritor da reportagem, um Brasil em que "quase não há problema de cor". Essa clássica proposta tem no futebol e mais especificamente em Pelé, o ponto de equilíbrio da nação, sem os quais a chamada harmonia racial brasileira inexistiria, pois o futebol seria o instrumento

pedagógico que provaria, na prática, não existirem abismos físicos e intelectuais entre brancos e negros.

Anos depois, já com a campanha dos Direitos Civis a todo vapor nos EUA e o seguido silêncio de Pelé a respeito da causa negra, sua imagem de "símbolo negro" começa a ruir. Uma reportagem de 1973 da revista Manchete, intitulada "Os Blacks no embalo do Soul", cobria as festas e aglomerações organizadas por estudantes e integrantes dos recém-criados movimentos "Blacks" da cidade do Rio Janeiro. Ao ser entrevistado, um jovem sociólogo negro argumenta que Pelé já não era, para muitos de seus semelhantes, uma referência:

> O negro brasileiro tem dificuldades de se identificar com suas origens, ao contrário do que acontece com os italianos, os judeus, os japoneses e outros grupos étnicos brasileiros. A presença do negro na nossa história ainda é muito folclórica. Não se dá crédito aos nossos heróis negros. E nos dias de hoje, que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelé? Este jamais se preocupou em contribuir para a ascensão do negro" (MANCHETE, 1973, p. 115).

Em uma de suas últimas entrevistas como jogador do Santos, fez um balanço de sua vida e de sua trajetória no esporte em entrevista para O CRUZEIRO:

> Pessoas incomodam-se porque decidiram se compenetrar de que não passei de um indiferente diante do racismo. Taxaram-me de comodista. Por aí afora. Inexato. Já provei que não é exato. Mesmo assim, convém esclarecer que o racismo existe em muitas partes. Acredito que ocorra no Brasil, mas em escala infinitamente menor do que é observado nos Estados Unidos e na África do Sul. O preconceito, de cor, no Brasil, é mais social que racial. Diferente dos Estados Unidos e da África do Sul. Queriam que eu reagisse contra isso. Que desfraldasse minha bandeira de luta pelo mundo. Estou em paz com a minha consciência. Meu comportamento e minha maneira de ser são uma prova de que não me mantive inerte diante de nenhum desses fatos (O CRUZEIRO, 1974, p. 80).

O fato de admitir que existe racismo, ainda que com complicadas ressalvas que o comprometeram cada vez mais, não absolveu Pelé de seus críticos, que esperavam dele atitudes muito mais impactantes do que meramente a constatação vacilante do óbvio. Ao afirmar que o preconceito é fruto apenas de mazelas sociais e não de uma questão racial, Pelé busca, com isso, se eximir de responsabilidade enquanto negro mundialmente conhecido que se tornou. É como se estivesse jogando a responsabilidade do combate ao racismo para as autoridades governamentais, as quais teriam o dever de amenizar o abismo social entre ricos e pobres para que, dessa forma e consequentemente, o racismo pudesse ser vencido. A partir de então, Pelé seria sistematicamente questionado. Era o início de uma longa e simbólica batalha biográfica.

Resultados esperados ou conclusão

Finalmente, essas foram algumas citações do material disponível em que foi possível constatar a evolução e oscilação de como que, historicamente, as representações raciais de Pele´ foram pensadas na sociedade brasileira. No início dos anos 60, a figura do jogador era pensada como símbolo de uma nação racialmente harmônica, da qual ele fora peça central no processo de "derretimento" do racismo. Na década de 70, após os impactos gerados pelo movimento negro nos EUA e o distanciamento de Pelé para com essas pautas, sua imagem positiva quanto ao racismo começa a ser questionada. A força desse debate se evidencia nos dias atuais, em que essa disputa de memória ainda se faz presente.

Referências

DA SILVA, Wilton Carlos Lima. Biografias: construção e reconstrução da memória. *Fronteiras.* Dourados, v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009.

FREITAS JUNIOR. Miguel Archanjo De Freitas. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. *Efdeportes*: Revista Digital, Buenos Aires, Año 10, n. 94, mar. 2006.

HELAL, Ronaldo (org.). *Mídia, Raça e idolatria*. *a invenção do país do futebol.* Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SILVA, Ana Paula. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SOARES, Antonio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira:* uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará-Fundação Ford, 2003. p. 38.

ZICO OU ÁUSTRIA: OS IMPACTOS DAS FRONTEIRAS INVISÍVEIS DO FUTEBOL

Victor Brandão de Oliveira[1]

Resumo
A relação estabelecida entre uma torcida e seu clube, muitas vezes, perpassa o âmbito do futebol, e acaba expandindo-se para outras esferas da vida social. Sendo assim, os traços identitários que procuram expôr a maneira pela qual tais laços são fundamentados, tornam-se objetos de estudo primordiais para a historiografia do futebol. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os movimentos decorrentes de um evento singular: a transferência de Arthur Antunes Coimbra para o futebol europeu (em 1983, o jogador saiu do Flamengo para o Udinese); e, assim, a construção das narrativas que culminaram na constante agitação do ambiente político italiano, no período da transação.
Palavras-chave: Êxodo. Itália. Jogador Estrangeiro. Udinese. Zico ou Áustria.

Introdução

O esporte apresenta-se como um objeto de investigação multidisciplinar, e o surgimento de uma 'sub-disciplina' denominada "História do Esporte", pode ser, decerto, entendido através de uma valorização da cultura como objeto de estudo nas Ciências Humanas e Sociais (MELO, 2007). Sendo assim, entre as diversas potencialidades que devem ser exploradas pelos historiadores por intermédio das dimensões que um único evento esportivo pode alcançar, o objetivo deste trabalho é analisar os desdobramentos da transferência de Arthur Antunes Coimbra - o Zico - para o futebol italiano.

Em 1971, com apenas 18 anos de idade, Zico estreava pelo time profissional do Clube de Regatas do Flamengo. Em um clássico contra o Vasco da Gama, que terminaria em 2x1 para a equipe rubro-negra, o jovem começava a escrever sua história no futebol. Doze anos depois, tendo conquistado inúmeros títulos pelo Flamengo e sendo um dos principais jogadores da seleção brasileira que disputara a Copa do Mundo em 1982, era chegada a hora do adeus.

Entretanto, a saída de Zico, do time profissional de futebol do Flamengo, tomou contornos dramáticos, representados diariamente em inúmeros periódicos, tanto no Brasil quanto na Itália. Cabe ressaltar que apenas em 1980 — após um longo período de 15 anos — o mercado de futebol italiano reabriu suas fronteiras, possibilitando, assim, a participação de jogadores estrangeiros em sua liga nacional. Inicialmente, nas duas primeiras temporadas, era permitida a atuação de um único atleta de outro país em cada time. Porém, em 1982 — ano em

[1] Victor Brandão de Oliveira; graduando em História pela UFRJ; email: victorb.o@hotmail.com

que a seleção italiana sagrou-se campeã da Copa do Mundo — a Lei foi revista pela Federação Italiana de Futebol, de modo que, os clubes passaram a poder realizar até duas contratações internacionais, a partir da temporada de 1982/83.

Desenvolvimento

No Brasil, o momento da abertura do mercado futebolístico italiano coincidiu com um período de extrema desconfiança da população em relação ao regime militar, que já não vivia mais seus 'anos de ouro', atrelado às seguidas manifestações que buscavam introduzir o debate a respeito da redemocratização. A conjuntura de profunda crise econômica vivida pelos brasileiros — reforçada, principalmente, pela constante desvalorização do Cruzeiro, devido ao aumento da inflação — afetava diretamente as diversas esferas sociais do país. Desse modo, o futebol brasileiro que, por muitos anos, havia conseguido manter a maioria de suas 'estrelas ' atuando em times nacionais, passou a ser um dos mercados mais explorados pelos clubes europeus que, na busca por maiores atrativos para suas Ligas, encontravam alguns dos maiores jogadores do futebol mundial atuando na América Latina.

Do momento da abertura de seu mercado, os italianos realizaram sua primeira incursão em território brasileiro, iniciada pelo Sul. Os dirigentes da *Associazione Sportiva Roma*, contrataram Paulo Roberto Falcão que, naquela época, era considerado um dos maiores jogadores do futebol mundial — sendo reconhecidamente ídolo do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, e atacante titular da seleção brasileira. Além de Falcão, outros futebolistas brasileiros como: Luís Silvio Danuello, Enéas de Camargo e Juary Jorge dos Santos Filho, deixaram seus clubes para trás nesta primeira investida italiana, em busca da independência financeira proporcionada pelos salários que receberiam em dólares. Era o começo do êxodo de grandes atletas do futebol brasileiro.

O Udinese, o principal time da região do Friuli (Itália), pleiteava um espaço entre as grandes equipes da Série A do campeonato italiano, o qual havia conquistado o acesso há apenas quatro anos. Desse modo, o clube não manteve-se alheio à procura de grandes craques do futebol brasileiro e, na temporada 1981/82, realizou sua primeira visita ao Brasil, levando para a Itália, o jogador Orlando Lelé, do Clube de Regatas Vasco da Gama. Após dispensar o atleta na temporada seguinte, os dirigentes do Udinese voltaram ao Brasil e, dessa vez, para levar o defensor Edinho Nazareth Filho que, naquela época, atuava pelo Fluminense e pela seleção brasileira. A saída de Edinho gerou inúmeras controvérsias entre a própria diretoria de seu clube e os torcedores, que não aceitaram a transferência de um dos maiores ídolos-recentes

do Fluminense — nem mesmo pela quantia de 700 mil dólares (que em 1982, era o equivalente a, aproximadamente, 128 milhões de Cruzeiros, segundo o *Jornal dos Sports*).

O futebol italiano mostrava sua força e, mesmo com a restrição de apenas um jogador estrangeiro por clube nas duas primeiras temporadas (subindo para dois a partir de 1982/83), assustavam os clubes brasileiros que, dificilmente, poderiam concorrer com as propostas em dólares. Ademais, surgia um agravante: além dos grande clubes, a exemplo de Juventus, Milan e Roma que, constantemente, estampavam os periódicos brasileiros, como possíveis destinos de craques como Zico, Júnior, Leandro e Sócrates; clubes de um 'porte menor', como o próprio Udinese, apresentavam um alto poder de compra.

Desse modo, em 1983, período em que o Brasil vivia uma alta da inflação, o Udinese apresentou uma proposta em cerca de 4 milhões de dólares, o equivalente, nesse momento, a 2 bilhões de Cruzeiros, por Zico. O valor extremamente alto, fosse pela idade do jogador, de 30 anos, ou pelo fato do clube ser um mero coadjuvante entre as principais equipes do país — sem possuir grandes recursos financeiros — acabou gerando intensas discussões e dúvidas a respeito do financiamento dessa transferência. Poderia o Udinese arcar sozinho e diretamente com todos os custos do jogador brasileiro? Não demorou até que a Federação Italiana de Futebol (FIF), presidida por Frederico Sordillo, bloqueasse as transações que levariam Zico ao Friuli.

O veto à transferência do jogador transformou-se em um evento que mobilizou diversos agentes políticos do país. Enquanto Sordillo mantinha-se irredutível em sua decisão, torcedores do Udinese se mobilizavam. No dia 4 de Julho de 1983, em plena *Piazza XX de Settembre* , a principal praça da região de Udine, o grito de ordem era "Zico ou Áustria". A expressão, que marcou o momento, fazia referência ao antigo Império Austro-Húngaro, ao qual a região pertenceu até o período de unificação italiana. Para além da pressão popular, algumas declarações do presidente italiano Sandro Pertini — conhecido por ser um fanático pelo futebol — favoráveis ao negócio, colocaram ainda mais pressão para uma possível resolução do processo. Em pouco tempo, o Comitê Olímpico Nacional Italiano (CONI) reverteu a decisão da Federação e autorizou a inscrição de Zico.

Em um ensaio publicado no livro "Universo do Futebol", o antropólogo Roberto DaMatta, propõe um novo panorama do esporte, visando estudá-lo como um "drama" da vida social, expandindo, desse modo, a análise das diversas camadas que podem ser percebidas tanto em sua perspectiva macro, quanto micro. Nesse sentido, é possível perceber de que maneira um evento, aparentemente isolado, como a transferência de um jogador de futebol, é capaz de

tomar contornos dramáticos, envolvendo torcedores, dirigentes e políticos, além de mobilizar o ‘envolvimento emocional ’de seus agentes em uma esfera mais ampla. Assim, capaz, até mesmo, de gerar repercussões nas autoridades máximas de um país (a exemplo do próprio presidente da Itália e suas manifestações).

Ao serem definidos como “enciclopédias do cotidiano que continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005, p.112), os periódicos, muitas vezes, podem ser enxergados como documentos capazes de permitir imagens parciais, distorcidas e subjetivas. Entretanto, tomando uma nova concepção a partir da análise dos jornais enquanto documento, não se pode negar suas contribuições para a historiografia: “Uma parte significativa das investigações históricas sobre o esporte utiliza os meios de comunicação como fonte e/ou objeto” (MELO; DRUMOND; FORTES; SANTOS, 2013, p.115).

Sendo assim, devido à ausência de materiais tradicionais que mobilizem tal tema, a base documental para a investigação deste trabalho concentra-se na imprensa - aqui vista como fonte privilegiada e completamente relevante para se pensar a relação entre história e futebol. Tendo como referência fundamental, no sentido teórico-metodológico, a obra “Pesquisa Histórica e História do Esporte”, pretende-se analisar o fenômeno como um todo: desde o veto à transferência de Zico, transitando por uma ameaça separatista da região do Friuli, até as alegações mais inocentes de Sandro Pertini, que repercutiam com a força de um Presidente da República; de modo que seja possível examinar a história através do esporte, tal como as forças política-social-cultural que emergem dele.

Para isso, este trabalho estrutura-se através de uma análise das publicações feitas entre os dias 09/06/1983 e 02/08/1983 no jornal *O Globo* , um dos veículos de comunicação mais relevantes da década de 80 no Brasil, com o complemento de uma pesquisa direcionada, realizada no site da Hemeroteca Digital, a partir de palavras-chave como: Zico, Áustria, Transferência, Itália; no Jornal dos Sports e no Jornal do Brasil. Assim, busca-se compreender de que modo a transferência de Zico era relatada, e quais foram suas implicações — inclui-se aqui uma variedade de agentes do processo e acontecimentos que fizeram com que essa se tornasse uma das transações mais longas da hitória.

Resultados esperados ou conclusão

A partir da perspectiva adotada por Roberto DaMatta, do futebol enquanto ‘drama da vida social’, assistida pelo conceito de ‘Comunidades Imaginadas ’desenvolvido por Benedict

Anderson, pretende-se analisar as narrativas estabelecidas, através da transferência de Zico para o Udinese, pelos agentes envolvidos no processo. Da compreensão de uma possível 'ameaça separatista', que reivindicava elementos nacionalistas, os quais, em certa medida, não circulavam na esfera política italiana, e não se apresentavam enquanto vetor do desenvolvimento histórico desde o final do século XIX e início do XX (HOBSBAWN, 1991, p. 196); até os elementos simbólicos e identitários, que representavam os fortes laços estabelecidos entre os torcedores e o seu clube. Leva-se em conta, também, o forte regionalismo exibido pelos moradores de Udine que demonstraram resistência imediata ao veto da Federação Italiana de Futebol, unindo-se em prol de um único objetivo: o concurso de Zico ao Friuli.

Em um segundo momento, perceber as transferências realizadas no Brasil, a partir da década de 80, com a reabertura do mercado italiano para atletas estrangeiros, como um processo incipiente do êxodo de jogadores de futebol para o mercado europeu. Pretende-se entender a saída de Zico, do Flamengo, como um dos elementos-chave na compreensão das fortes relações estabelecidas entre os craques brasileiros e o movimento de espetacularização do futebol nacional italiano, que buscava nas maiores estrelas de outros países. Esse seria um elemento atrativo para seus clubes e, consequentemente, para o fortalecimento de seu campeonato nacional que, no ranking da FIFA, pulou dez posições em apenas três anos, passando a ser considerada a segunda melhor Liga de Futebol do mundo, em 1985.

Entende-se, ainda, que o tema apresenta outras potencialidades a serem exploradas, como a análise de um processo de 'ritualização 'na apresentação do jogador ao clube italiano, além do modo como sua transferência repercute entre os torcedores flamenguistas que, buscavam, em conjunto com a diretoria do clube, inúmeras maneiras de mantê-lo na equipe rubro-negra.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FOOT, John. *Calcio: A History of Italian Football*. London: Harper Perennial, 2007.

HOBSBWAN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*; tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas.* São Paulo. Contexto, 2005. p. 111-153

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. *Histórias do Futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MELO, Victor Andrade de (org). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MELO, V. A.; DRUMOND, M.; FOTES, R.; SANTOS, J. *Pesquisa Histórica e História do Esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MARATONA DO RIO DE JANEIRO: O BRANDING DA CIDADE MARAVILHOSA MESMO NO CENÁRIO DE CAOS

Tatiana Cioni Couto[1]

Resumo
O Rio de Janeiro tem em 2019 a Avenida Niemeyer interditada devido a deslizamentos de terra, alterando o cotidiano da cidade e prova da Maratona do Rio de Janeiro. A corrida que se baseia em um imaginário do maravilhoso através dos cartões postais incluídos no percurso, escolhe o Boulevard Olímpico como novo trajeto. Neste artigo, aborda-se os conceitos de mapa mental geográfico esportivo, Marca Rio e o branding da Cidade Maravilhosa dentro da Maratona do Rio de Janeiro. Entende-se que há a fixação da identidade de "Cidade Maravilhosa" dentro da Maratona do Rio de Janeiro, de modo a promover a cidade, mesmo no cenário de caos, através de um megaevento e da necessidade de posicionar o Rio como mercadoria e produto.
Palavras-chave: Maratona do Rio. Mapa mental geográfico esportivo. Cidade Maravilhosa. Branding. Marca Rio.

Introdução

Um país ou uma cidade pode despertar um imaginário esportivo especifico. O futebol no Brasil é um exemplo: a projeção do país se deu com a figura do jogador Pelé que gerou uma imagem pelo mundo de que os jogadores brasileiros são habilidosos e criativos. O que pode explicar isso é que há formação de identidades e estereótipos na conexão entre lugar e esportes. As identidades esportivas de um lugar encontram nas mídias (filmes, rádios, televisão, jornais) um meio de reforçar questões nacionais ou regionais, afirma Bale (2013).

O branding do Rio de Janeiro como Cidade Maravilhosa é reafirmado em muitas narrativas do governo e também da imprensa, onde a miséria local, a violência ou qualquer outro caos urbano fica mascarado pelo belo e encantador durante megaeventos esportivos internacionais.

Entre 2003 até 2019, a Maratona do Rio de Janeiro ocorre entre o Recreio dos Bandeirantes até o Aterro do Flamengo, tendo no percurso diversos cartões postais da cidade que são reconhecidos internacionalmente, como a praia de Copacabana, o Cristo Redentor, o Morro Dois Irmãos e o Morro Pão de Açúcar.

Em 2019 porém um deslizamento de terra na Avenida Niemeyer, principal via usada na corrida na ligação entre Barra da Tijuca e a zona sul do Rio de Janeiro, faz com que a

[1] Tatiana Cioni Couto, Mestre no Mídia e Cotidiano (PPGMC – 2015) e Doutoranda do Programa PPGCOM-UERJ (2019), e-mail: tatianaccouto@hotmail.com.

organização da prova mude o trajeto incluindo o chamado Bouvelard Olímpico, área do centro da cidade que foi repaginada devido as Olímpiadas de 2016.

Entre Rio Cidade Maravilhosa, e Rio do Caos, recortam-se as reportagens sobre a Maratona do Rio de Janeiro em 2019 e a mudança no trajeto no G1[2], O Dia[3] e Lance[4].

Desenvolvimento

Bale (2013) escreve no livro "*Sports Geography* " (Geografia dos Esportes) como os esportes ajudam a fixar imaginários sobre determinado país ou cidade. Dentro das percepções locais ou globais de um lugar, há uma série de conexões feitas entre espaço e os esportes. Ao se mencionar o nome de um país ou de uma cidade, há a formação de um mapa mental geográfico dos esportes, como o Canadá com Ice Hockey, a Inglaterra com o tênis; Escócia com o Golfe, o Brasil com o futebol e o atletismo na África. Bale (2013) ressalta que as narrativas das mídias diversas ajudam a reverberar a imagem do lugar e a reforçar o mapa mental geográfico esportivo. Entre os exemplos, cita a profunda conexão entre o atletismo, a África e identidades locais. Bale (2013, p.172) aponta os relatos de escritores e fotógrafos sobre os atletas de Ruanda que praticavam pulo nas alturas entre 1907 e 1960. Comenta uma fotografia onde aparece a figura do atleta Tutsi praticando o pulo em altura e logo abaixo dois europeus que estão acompanhando a competição. Para Bale, o africano era visto e reconhecido como um "atleta natural", por sua capacidade de performance e pela constituição corporal. Comenta que na imagem há uma série de representações: a questão da hierarquia entre pretos-brancos, o discurso do colonialismo nas imagens, o estereótipo do corpo do atleta, o controle da figura do Europeu dentro da competição.

A representação e os estereótipos, que fixam o Rio enquanto Cidade Maravilhosa, se apresenta em diferentes narrativas idealizadas da cidade.

O Rio de Janeiro dos megaeventos esportivos, do samba, do encanto, do delicioso e da alegria carioca estão em evidência no branding da cidade, onde o caos, que permeia o urbano como a violência urbana e a miséria local, é mascarado.

[2] Reportagem do G1. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/11/maratona-do-rio-tera-mudanca-no-percurso-por-causa-da-interdicao-da-avenida-niemeyer.ghtm>. Acessado em 29-06-2020.

[3] Reportagem do Dia - <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/05/5648020-maratona-do-rio-pode-sofrer-alteracao-no-percurso-por-causa-do-fechamento-da-niemeyer.htm>. Acessado em 29-06-2020.

[4] Reportagem Lance - <https://www.lance.com.br/mais-esportes/corrida-informa/meia-maratona-internacional-rio-vai-largar-leblon.htm>. Acessado em 29-06-2020

O branding da "Cidade Maravilhosa" é explicado por Jaguaribe (2011) que conta como as Olimpíadas de 2016 conseguem reverberar o modelo de uma "cidade ideal", onde há propagação de imagens positivas da cidade que exaltam o "maravilhoso".

Os megaeventos esportivos tais como a Copa do Mundo em 2014 e as Olímpiadas de 2016 garantem uma grande projeção midiática e, ao mesmo tempo, se tornam um vetor econômico, ao melhorar as receitas turísticas do Brasil. Freitas (2017) pontua que nas narrativas, criadas por autoridades políticas e pela imprensa, podem auxiliar na formação de um imaginário de uma cidade atrativa, através de uma requalificação urbana. A cidade que é posta para ser vista, é aquela que pode ser consumida. Para Freitas (2017), há uma séria de estratégias de comunicação e *branding* urbano, de modo a fazer com que a cidade seja vista como um produto, se constituindo como uma "Marca Rio". Neste processo transformador de branding da cidade, a identidade da cidade é reafirmada pelos governos estadual e municipal através de publicidade e propaganda e na criação de vários produtos e subprodutos, que também incluam os corpos.

Entre 2003 até 2019, a Maratona do Rio de Janeiro ocorria entre o Recreio dos Bandeirantes até o Aterro do Flamengo. O percurso de 42 km incluía a orla da cidade Recreio dos Bandeirantes, Praia da Reserva, Barra da Tijuca, Avenida Niemayer, Leblon, Ipanema, Copacabana, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o Morro Dois Irmãos. O trajeto recorta cartões postais do Rio de Janeiro que qualificam o Rio de Janeiro através dos ícones da cidade (COUTO, 2019). Em 2019, a Avenida Niemeyer, em São Conrado, principal trecho da corrida, é interditada devido a deslizamentos de terra. A avenida é a ligação central da Zona Oeste (Barra da Tijuca) com a Zona Sul do Rio de Janeiro e apropriada no vídeo oficial da Maratona. O vídeo que possui o trajeto completo da corrida, confere destaque a Niemeyer, colocando três trechos da pista: A entrada por São Conrado, a pista e a vista da Niemeyer e a saída no bairro do Leblon. Tornando-se, portanto, uma parte importante do percurso da Maratona. A solução da organização da prova com a interdição da pista é retirar Recreio dos Bandeirantes e Barra da Tijuca e incluir o Boulevard Olímpico, de modo a colocar os atletas para correr no centro da cidade, que foi todo repaginado para criar um atrativo turístico para o Rio.

Escolher uma parte da cidade que foi qualificada e repaginada, através de um megaevento é uma ação estratégica de oferecer uma "cidade em crise" através da exceção. A cidade de exceção é aquela que muda planos, regras e decisões a favor do interesse privado (VAINER, 2011, online). Há uma estratégia cultural e política do Rio ao negociar sua imagem e cartões postais. O Rio enquanto marca, deve adotar discursos de promoção da cidade de modo a tornar alvo de um mercado global (ARANTES, 2000).

Resultados esperados ou conclusão

Na primeira reportagem do G1, o destaque é para o uso do Boulevard Olímpico, destacando que o local foi palco dos Jogos Olímpicos de 2016. A matéria cita a mudança da largada, o novo trajeto e cita o deslizamento de terra em duas frases. De modo, que a matéria jornalística não confere grande destaque à interdição da via. Na matéria do O Dia, a foto é da Niemeyer, é o foco da matéria é baseado na preocupação dos corredores com a mudança da paisagem da corrida no trajeto. Na terceira reportagem do Lance, é detalhado o caos da Niemeyer interditada, e coloca a mudança do percurso como necessária. As análises mostram que o caos, mesmo que descrito nas matérias jornalísticas, não possuem o mesmo destaque do imaginário da beleza e do maravilhoso. A cidade está em crise, mas o importante é que ela não pode parar. Tem que ser vendida para os corredores, como a Maratona da Cidade Maravilhosa.

O uso do Boulevard Olímpico atualiza o discurso da cidade empresa, aquela a ser vista e consumida. Os corpos estão na cidade qualificada. A retirada do ícone da Niemeyer e a vista da Orla do Rio é substituída por outra narrativa sugestiva de cidade atraente, aquela que foi palco das Olimpíadas 2016.

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura das novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BALE, John. *Sports Geography*. London: Routledge, 2003

COUTO, Tatiana Cioni. Cidade Maravilhosa: imaginário e consumo na Maratona do Rio de Janeiro. In: INTERCOM NACIONAL, 2019, Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2019.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Da cidade-espetáculo à cidade-mercadoria: a comunicação urbana e a construção da marca Rio. *Revista Eco-pós*, v. 21, n. 3, p. 49-65, 2017.

JAGUARIBE, Beatriz. Imaginando a "cidade maravilhosa": modernidade, espetáculo e espaços urbanos. *Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 327-347, maio/ago. 2011

VAINER, C. *Cidades de exceções: reflexões a partir do Rio de Janeiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO, 2011, 14., Rio e Janeiro. *Anais do...* Rio de Janeiro, 2011. vol. 14. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/downloads/carlos_vainer_ippur_cidade_de_excecao_reflexoes_a_partir_do_rio_de_janeiro.pdf. Acesso: em 16 jun. 2018

DISPUTAS DE REPRESENTAÇÃO: A COEXISTÊNCIA FESTA-GUERRA NA TORCIDA ORGANIZADA RAÇA RUBRO-NEGRA

Juliana Nascimento da Silva[1]

Resumo
Fundada com o pressuposto de revigorar as arquibancadas do Clube de Regatas do Flamengo, a torcida organizada Raça Rubro-Negra se consolida a partir de um planejamento prévio em um momento em que diversas agremiações se formaram. No entanto, a partir da década de 1980, a Raça Rubro-Negra, cuja categoria nativa tem como elemento a festa, passa a ser identificada enquanto torcida "de briga". O objetivo deste trabalho é analisar a construção da representação da torcida e o processo de estigmatização da mesma, entendendo os elementos festa e briga mais pela perspectiva da concomitância que da antinomia.
Palavras-chave: Futebol. Torcida organizada. Raça Rubro-Negra. Representação.

Introdução

Na esteira da eclosão das Torcidas Jovens, dissidentes das primeiras agremiações torcedoras da década de 1940, em 1977 é fundado o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, em 24 de abril, que passa a compor o universo das torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. Com o intento de renovar as formas de torcer nas arquibancadas do clube pelo qual torce, a Raça Rubro-Negra, no entanto, ao longo das décadas de 1980 e 1990, passou por um processo de estigmatização e criminalização. Desse modo, fundamenta-se a análise da concomitância das categorias que caracterizam a agremiação torcedora no intento de solidificar a percepção da mesma pela perspectiva da complexificação de seus elementos representativos.

Desenvolvimento

Fundada sob o pressuposto de renovar e inflamar a forma de torcer, considerada desgastada, mesmo com a existência de outras agremiações torcedoras, das quais se originou a Raça Rubro-Negra, os irmãos Claudio e Cesar Cruz incorporaram ao seu discurso uma crise também no cosmo torcedor rubro-negro.

[1] Juliana Nascimento da Silva, mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ns.juliana95@gmail.com.

No final da década de 1970, novos padrões[2] de sociabilidade e rivalidade entre torcidas organizadas passaram a existir, através da fusão e dissociação entre elas. As motivações para a criação de torcidas organizadas nesse momento, geralmente efêmeras, variavam, sendo as relações de bairro as justificativas mais evidentes. Assim, antes de se colocarem nas arquibancadas, os fundadores da Raça formularam uma estratégia de cativação de membros: uma espécie de marketing. Desde finais do ano de 1976, foram espalhados cartazes ao redor e nas dependências do Maracanã, nos dias anteriores aos jogos, anunciando a chegada do que seria a então torcida, sem mencionar o que seria. A ideia de instigar a curiosidade dos torcedores auxiliava na difusão de tal proposta, além de afastar a preocupação com uma possível efemeridade da facção.

O objetivo de caminhar na contramão das novas torcidas organizadas, que se findavam após pouco tempo, estava calcado na intenção de estabelecer um modo de torcer inflamado e vinculado a novas perspectivas para a festa torcedora. Na coluna Bate Bola, seção do *Jornal dos Sports* dedicada à interlocução torcedora, em dezembro de 1976, esses dois cenários se coadunam, evidenciando tanto o discurso sobre uma transformação na arquibancada rubro-negra a partir do surgimento da Raça, quanto o número extenso de agremiações torcedoras do Clube de Regatas do Flamengo. No tópico "Raça" dentro de tal coluna, de autoria de Lúcio da Cruz – sobrenome dos irmãos fundadores da torcida –, está escrito: "A primeira tocha já está acesa no peito dos criadores e adeptos da Raça Rubro-Negra. Ela está chegando. Vem aí, Raça Rubro-Negra, o maior movimento de torcidas do Brasil, aguarde"[3]. Logo abaixo, no tópico "resposta"[4], há uma espécie de réplica a um torcedor vascaíno que, reivindicando ao Vasco da Gama, um dos grandes clubes do Rio de Janeiro, o maior contingente de facções torcedoras, foi retrucado por uma torcedora do Flamengo, que apontou a existência de pelo menos 79 agremiações.

Da indumentária ao seu nome, os signos presentes foram escolhidos de modo a compor de forma coesa sua identidade, representação e memória. Assim, a escolha do termo "Raça" está vinculada à expectativa de preenchimento da torcida organizada com valores consonantes com os do clube. A opção pela cor vermelha, por sua vez, remete à proposta de distinção das demais facções, que utilizavam o preto e o vermelho, cores do Flamengo, como forma de

[2] HOLLANDA, B. B. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010, p. 261.

[3] Jornal dos Sports, 22 de dezembro de 1976.

[4] Idem.

identificação. Preocupados com uma estética diacrítica, o vermelho, sugerido por um funcionário de agência de marketing, simbolizaria, ao mesmo tempo, o vínculo com o clube e a sua identidade, cujas representações têm a ver com movimento e força, características presentes no corpo de bombeiros.

A atenção dada aos componentes identitários da torcida explicitam o mote transformador do agrupamento, cujo objetivo é a constituição, calcada nas noções de representação, prática e performance, de sua *forma-representação* estendida a toda a torcida de seu clube.

Visualizado com maior ênfase nas décadas de 1980 e 1990, o fenômeno da violência no futebol, para além das torcidas organizadas, pode ser rastreado já no final dos anos 1970. Consumados em assaltos, assassinatos e agressões, os atos violentos percebidos no cenário urbano são substancializados também no âmbito esportivo. Os casos de violência, dessa forma, assumem um certo protagonismo por permearem todos os agentes[5] da esfera futebolística: desde os jogadores, através de suas jogadas agressivas e truculentas, até os torcedores e os responsáveis pela manutenção da segurança no contexto do estádio, como a polícia. Isto posto, a violência manifesta-se enquanto fenômeno em emergência em um enquadramento extenso e amplo, afastando-se da perspectiva que a circunscreve a determinados grupos.

A torcida organizada Raça Rubro-Negra teve seu líder Cláudio Cruz como protagonista de um embate com policiais no Maracanã. Após ter recusado a oferta de confecção de suas indumentárias pela malharia de um dos policiais militares responsáveis pela segurança no Maracanã na partida disputada entre Flamengo e América, o fundador da Raça Rubro-Negra acusou o policial de perseguição à torcida e de seu espancamento com um companheiro. Dessa forma, apoiado pelo presidente do Flamengo à época, Márcio Braga, Cláudio Cruz registrou queixa do incidente, alegando, inclusive, a ocorrência de represálias. A hostilidade, desse modo, é percebida enquanto elemento constitutivo não apenas de torcedores organizados ou de jogadores, mas também nas instituições de controle e de segurança.

Todavia, a frequência de circunstâncias violentas não acometia somente o interior do estádio. Reclamação constante dos frequentadores, a circulação de "pivetes" nos arredores das praças esportivas incrementava a percepção de insegurança dos torcedores, amedrontados com a possibilidade de assaltos, furtos e agressões. Entre acusações de sequestro a policiais militares, menção a mortes e roubo de empresa de ônibus, o segmento do jornal *O Globo*

[5] Levando em consideração a divisão social do trabalho do futebol feita por TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000.

dedicado ao Rio de Janeiro, em 6 de maio de 1980, noticiava o caso de Cristina Albuquerque Faria, de 15 anos, alvejada nas proximidades do Maracanã.

Embora a presença da violência seja identificada nas estruturas estatais, os debates sobre as torcidas organizadas estiveram limitados ao seu estigma, recusando a densidade de possibilidades de interlocução com os subgrupos. A condução da questão relativa às práticas contendoras promovidas pelas facções torcedoras teve como base a repressão e a violência, o que evidenciou o caráter contraditório de tais medidas, bem como das acepções rasas e restritas.

O alcance da presença torcedora está além da delimitação das praças esportivas, que são fenômenos posteriores à existência de clubes de futebol e suas torcidas. A intensificação das viagens e caravanas promovidas pelas torcidas organizadas impulsionam o estabelecimento da relação para além do estádio. O arranjo das alianças e das rivalidades constituídas entre as facções, inclusive como forma de demarcar sua distinção em relação ao outro, entende-se à promoção dos conflitos no espaço da cidade, elaborados previamente.

No retorno ao Rio de Janeiro após a partida disputada entre Flamengo e Palmeiras no estado de São Paulo, os torcedores rubro-negros foram surpreendidos por um ataque ao seu ônibus, que tinha cerca de 40 pessoas em seu interior, entre eles componentes da Torcida Jovem do Flamengo e da Raça Rubro-Negra. Fruto da explosão de bombas de fabricação caseira, o ataque, cuja autoria remete à torcida Mancha Verde, do Palmeiras, em associação com a Força Jovem do Vasco, provocou uma série de queimaduras nos corpos dos torcedores atacados.

A emboscada promovida pela Mancha Verde às facções da torcida do Flamengo, especialmente Torcida Jovem e Raça Rubro-Negra, que estavam à frente da organização da caravana, teve sua autoria atrelada à Força Jovem do Vasco, torcida organizada do clube cruzmaltino do Rio de Janeiro. A suspeita da polícia remete à relação de amizade e aliança conformada entre a Força Jovem e a Mancha Verde, além dos depoimentos dos membros das facções rubro-negras em questão[6].

A possível ligação da torcida organizada vascaína remete às situações conflituosas vivenciadas anteriormente no Rio de Janeiro, de onde bandeiras do Flamengo, pertencentes às facções, são roubadas e assim, entendidas enquanto troféus nesse ritual disjuntivo. A constante produção de significados a partir da vivência torcedora dialoga com a demarcação de suas representações em perspectiva relacional, que orienta suas práticas no mote de estabelecer uma superioridade em relação ao rival, ainda que no cosmo das agremiações torcedoras.

6 Jornal *O Globo*, 5 de julho de 1993.

Isso posto, a contínua disputa calcada na lógica da distinção incrementa as expectativas de represália por parte da torcida rubro-negra em possível ocasião da presença palmeirense no Rio de Janeiro. Ainda nos relatos[7] sobre a situação do torcedor de 17 anos, Rogério José de Souza, membro da Raça Rubro-Negra, o padrasto faz um apelo às facções para que não haja o que ele chama de "forra"; entretanto, a resposta de um integrante não identificado da Torcida Jovem do Flamengo aponta para a inevitabilidade da contenda, de onde poderia haver mortes, ainda que existissem punições.

Na mesma página das notícias do embate, o jornal *O Globo* elaborou uma matéria de título "Uma história de sangue e violência"[8]. Espécie de cronologia das situações violentas no futebol, em estádios ou não, a matéria faz alusão às práticas das torcidas organizadas tanto no Brasil quanto no exterior. Entre os eventos citados, a queda da grade do Maracanã em 19 de julho de 1992, na final do Campeonato Brasileiro entre Flamengo e Botafogo, foi concebida enquanto ação promovida por torcida organizada. Embora o próprio jornal tenha buscado a investigação pela perícia à época, que confirmou a estrutura precária do estádio, o estigma da violência, exponenciado pela relação com o "sangue" mencionado no título, sobressai. Desse modo, o que se percebe é a vinculação direta entre torcida organizada e violência no futebol, ainda que existam outros fatores contribuintes para os eventos conflituosos.

Na esteira desse debate, a coluna de Fernando Calazans, em 6 de julho de 1993[9], abordou uma pesquisa promovida pelo Instituto Datafolha a respeito do público torcedor de futebol do Rio de Janeiro. A consulta aos torcedores recolheu dados que demonstraram a aderência e preferência ao futebol, ao mesmo tempo que se percebia a ausência dos mesmos nos estádios. O jornalista apontou ainda para a questão da premeditação dos conflitos enquanto elemento desencorajador das idas aos estádios[10].

Resultados esperados ou conclusão

Construídas calcadas na simbologia de sua distinção, as representações e suas práticas, em constante dependência, são frequentemente remodeladas a partir de suas experiências. Dessa forma, os embates premeditados são concebidos enquanto possibilidade de experimentação densa da coletividade torcedora, que se vê ressignificada na vivência urbana.

7 Jornal *O Globo*, 5 de julho de 1993.

8 Idem.

9 Jornal *O Globo*, 6 de julho de 1993.

10 Idem.

Em concomitância, a abordagem da mídia no trato dos eventos violentos envolvendo torcidas organizadas fomentam a conformação do estigma atrelado às facções. A construção das matérias jornalísticas baseadas na utilização de elementos e palavras exacerbadas para tratar dos torcedores organizados operam na lógica espetacular[11] dos incidentes, no entanto, de forma pejorativa.

Referências

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação:* o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol.* 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000

TOLEDO, Luiz Henrique. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista USP*, v. 22, p. 92-101, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26962/28740>. Acesso em 29 jul. 2020.

[11] TOLEDO, LH. Transgressão e violência entre torcedores de futebol**.** *Revista USP*, v. 22, p. 92-101, 1994, p. 101. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26962/28740>. Acesso em 29 jul. 2020.

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO DOS ÍDOLOS DE FUTEBOL PARA JOVENS DA BAIXADA FLUMINENSE

Carol Fontenelle[1]

Resumo
A relação que jovens têm com ídolos de futebol pode ser observada neste trabalho, parte integrante de dissertação de mestrado apresentada no PPGCOM-UERJ. A população de pesquisa são os jovens do Colégio Estadual Dom Walmor, localizado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Com base em formulários de pesquisa, bem como entrevistas em profundidade, objetivamos descobrir se a relação jovem torcedor - ídolo é estabelecida somente dentro de campo pelo desempenho exercido nas partidas.
Palavras-chave: Ídolo. Futebol. Jovens. Baixada Fluminense.

Introdução

Este trabalho é parte da dissertação *Jovens, ídolo e mídia no universo do futebol: um estudo sobre construção de identidades e comportamentos de consumo em uma escola da Baixada Fluminense*, defendida em fevereiro de 2020, pelo PPGCOM UERJ. A pesquisa foi realizada durante o ano de 2019 em todas as turmas do Ensino Médio regular, do turno da manhã, do Colégio Estadual Dom Walmor, onde a pesquisadora é docente desde 2011. Tendo como objetivo identificar diversos afetamentos que o futebol proporciona, em parte do trabalho abordamos a relação que os jovens têm com seus ídolos e identificamos que, muitas das vezes, a corporeidade é partícipe.

Dos 199 alunos do turno da manhã, 144 quiseram responder ao questionário. 60 formulários foram validados, já que esta dissertação foi submetida ao Conselho de Ética da universidade e, dentre as exigências, estava a obrigatoriedade de assinatura dos responsáveis dos jovens, autorizando o uso dos dados. Como muitos não têm contato regular com seus responsáveis ou ainda os veem em horários reduzidos, muitos não conseguiram a autorização.

Dos 60 formulários validados, optamos por realizar uma entrevista em profundidade com cinco jovens que apresentaram maior relação com o futebol. Utilizamos como critério para mensurar esta representatividade do esporte em suas vidas questões referentes a assiduidade que acompanham jogos e campeonatos, bem como a prática esportiva. Optamos por não utilizar os nomes dos jovens e, assim, utilizamos as nomenclaturas entrevistado 1, entrevistado 2 e etc. Neste universo pesquisado, temos quatro homens e uma mulher.

[1] Carol Fontenelle, doutoranda pelo PPGCOM UERJ, email: carolfontenelle@gmail.com

Desenvolvimento

O espelhamento que os jovens do Colégio Estadual Dom Walmor têm com os ídolos chega ao ponto deles quererem conquistar itens de consumo parecidos com os dos atletas, como conta o entrevistado 3, fã de Neymar, que segundo ele é puro talento e superação: "Eu comprei uma chuteira em 2014, com caveirinha, no calcanhar, como a que o Neymar ia usar na Copa" ou ainda conforme conta o entrevistado 1: "Já comprei chuteira porque vi o Messi jogando. Do Dogbar, do Neymar...". O entrevistado 4 completa:

> Eu já comprei a camisa do Barça por conta do Messi. Ele usava uma chuteira preta com listras verdes, eu era apaixonado, negava todas as chuteiras, poderia até ser mais bonita, eu quero ela. Ela é a chuteira do Messi, mesmo que não seja dele oficialmente, mas tem a mesma cor, eu levava ela em jogos quando eu treinava (ENTREVISTADO 4. Entrevista concedida à Carol Fontenelle, Nova Iguaçu, 16 ago. 2019).

Podemos ver aí a relação entre corpo e consumo. Quando estes jovens colocavam as chuteiras utilizadas por Neymar e Messi eles poderiam, de certa forma, terem desempenhos em campo destes atletas? Ou pelo menos brincar com seus colegas como se tivessem? É como se por alguns minutos os corpos assumissem as figuras de Neymar e Messi, porque conforme apontam Rocha e Pereira (2009), a relação de consumo é um sistema cultural, simbólico e de valores coletivamente compartilhados. Talvez um professor ou alguém do corpo técnico da escola que passe pela quadra, por exemplo, não entenda o porquê daquela chuteira com caveirinha ou a chuteira de listras verdes, mas pelo menos para a maioria dos jovens em quadra aquelas chuteiras têm uma representação, eles sabem o que significam. Aquele consumo vale mais que o preço pago na loja, é o valor, que nem sempre é mensurável. Estão em quadra Neymar e Messi, em pleno Parque Flora[2].

Durante o processo de pesquisa foi muito perceptível a importância que os ídolos têm para eles e aparece o papel da família como aquela que conta a história e passa a tradição, ou seja, ensina o filho ou filha a torcer para o time. Entre os entrevistados em profundidade, todos aprenderam a torcer para seus times, em casa. No caso da menina, quem a acompanha é a avó. O entrevistado 1 vê os jogos em casa com seu pai e às vezes sua mãe os acompanha; o 2 é vascaíno e acompanha pela TV. Já o entrevistado 3, tem fotos desde bebê com camisas do Flamengo e a família é toda rubro-negra, frequenta às vezes o Maracanã acompanhado do pai. O entrevistado 4 tem toda a sua família cruzmaltina.

[2] Não perguntamos se, de fato, os alunos levaram a chuteira para a escola, mas fizemos uma alusão do que representa este consumo.

> Que eu tenha visto jogar foi o Pet, praticamente passei a gostar de futebol por causa dele. Meu pai ficava me mostrando quase que todos os dias o gol de falta dele. Fui na despedida dele. Para mim é o melhor jogador e quem eu não vi, e é Deus, é Zico. (ENTREVISTADO 03. Entrevista concedida à Carol Fontenelle. Nova Iguaçu, 09.ago. 2019).

Devemos considerar que o entrevistado tem 16 anos e Zico encerrou sua carreira de jogador no Brasil há mais de 30 anos. Ou seja, ele não o viu jogar[3]. A tradição e a importância que o atleta tem para o seu clube são o mais importante, porque existe uma construção da imagem do ídolo para este jovem. Além de ter conquistado os principais títulos da história do Flamengo (o Mundial Interclubes e a Taça Libertadores da América, em 1981) marcou 508 gols em 730 partidas, e é o maior artilheiro do clube, tendo encerrado a carreira no Flamengo em 1989[4].

Já o entrevistado 2, apontou outros jogadores que fizeram parte da história do Vasco da Gama. "Ídolo para mim só no Vasco, como o Dinamite e o Edmundo". Roberto Dinamite dividiu os holofotes com Zico na década de 80, fez 617 gols na equipe profissional do Vasco, em 1016 jogos[5]. Já Edmundo foi estrela do clube na década de 90, principalmente no tricampeonato brasileiro de 1997, fazendo 29 gols, aproximadamente 42% de todos os gols marcados pela equipe naquele campeonato[6].

Apesar do desempenho em campo ser a principal característica apontada pelos entrevistados, outros pontos merecem destaque. No caso da entrevista em profundidade, a entrevistada foi a única que disse que a Marta é uma das atletas preferidas. Desta forma, podemos dizer que o futebol de mulheres ainda não está enraizado na cultura brasileira ao ponto de jogadoras serem apontadas como ídolos, por mais que Marta tenha sido eleita por seis vezes melhor jogadora do Mundo. "Eu gosto do Cristiano Ronaldo e do Messi pelo futebol e pelo corpo também. Eu gosto da Marta também", (ENTREVISTADA. Entrevista concedida à Carol Fontenelle. Nova Iguaçu, 16 ago. 2019). Além disso, podemos perceber, novamente, o aspecto corporal aparecendo, ou seja, o jogador é admirado por seu desempenho e também pelo porte físico de atleta, afinal, ele representa imageticamente saúde e desempenho.

[3] Devemos considerar que o jovem não viu o atleta jogar ao vivo, mas é provável que ele tenha tido acesso aos vídeos, tanto pela internet quanto pela televisão. Além disso, Zico promove, anualmente, um evento beneficente com jogadores, chamado Jogo das Estrelas.

[4] Para mais informações, acessar www.zico.com.br

[5] Para mais informações, acessar o site www.vasco.com.br

[6] Para mais informações, acessar o site www.vasco.com.br

Os jogadores Cristiano Ronaldo e Messi apareceram outras vezes durante as entrevistas em profundidade. Acreditamos que a globalização e as redes sociais possibilitaram que as informações chegassem aos jovens e, assim, eles possam acompanhar o dia a dia de seus ídolos. "Eu gosto do jeito do Cristiano Ronaldo de ser, como homem e como jogador. Um cara surreal. Ele carrega o time nas costas, como ele fez no jogo contra o Atlético de Madrid. Ele mudou o jogo todo, fez três gols", (ENTREVISTADO 1. Entrevista concedida à Carol Fontenelle. Nova Iguaçu, 09 ago. 2019). O jogo citado pelo jovem foi pelas quartas de final da UEFA Champions League. Na primeira partida, em casa, a Juventus de Cristiano Ronaldo, perdeu por 2x0 e precisava fazer três gols para seguir na competição. Desta forma, o homem se transforma em herói, como explica Campbell. "O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas" (CAMPBELL, 1997, p.13). Ou seja, Cristiano Ronaldo fez o que os torcedores esperavam que ele fizesse: salvou o seu time, trouxe para si a sua responsabilidade. E um jovem, lá em Nova Iguaçu, torcedor do Vasco o admira, o tem como ídolo – talvez a má fase do seu clube no Brasil contribua para isto também, como conta o entrevistado 4: "O fato do Vasco não ir bem prejudica a não ter um ídolo no clube. Hoje não temos um jogador que a gente pense assim: precisamos de você. Isto deixa a gente para baixo" (ENTREVISTADO 4. Entrevista concedida à Carol Fontenelle. Nova Iguaçu, 16 ago. 2019).

Cristiano Ronaldo apareceu também em outros momentos das entrevistas e ficou evidente que a relação que estes jovens tem com os ídolos pode ajuda-los no desempenho em situações extra-futebol:

> Atualmente, eu tenho como ídolo principal o Cristiano Ronaldo pela persistência dele. Ele quer ser o melhor. Até alguns jornalistas falam que ele não vai conseguir e tal, mas você vê ele dar a volta por cima. Se você vê um jogador conseguindo, você se sente inspirado, se todos conseguem, eu consigo fazer as minhas coisas, que são até mais simples (ENTREVISTADO 3. Entrevista concedida à Carol Fontenelle. Nova Iguaçu, 09 ago. 2019).

Ou ainda como nos conta o entrevistado 2: "Eu quero passar para EPCAr e Colégio Naval. Aí eu olho um cara como o Cristiano Ronaldo e penso: eu tenho que tentar também e passar até conseguir".

Vale ressaltar que o entrevistado 2 fez um paralelo também com o comportamento de seu ídolo, Edmundo: "Edmundo decidia, mas eu sei que como pessoa não é exemplo". O entrevistado 3 também fez críticas a um atleta que ele admirava, ídolo em seu clube do coração: "Eu amo o Adriano, mas eu sei que ele faltava treino".

Resultados esperados ou conclusão

Percebemos, durante a pesquisa, que os jovens entrevistados têm relação de admiração por seus ídolos e o desempenho deles em campo na conquista de títulos é fator principal. Quando eles têm um comportamento que não é condizente ao que eles e/ou a sociedade esperam, não perdem o status de ídolo.

Foi possível observar que a relação de admiração estabelece uma relação de consumo, na qual os jovens buscam adquirir itens como bonés e camisas que, de certa maneira, justifica o porquê jogadores são contratados constantemente para estrelarem campanhas publicitárias.

O desempenho dos atletas na conquista de títulos é outro fator a ser relevado. Para os jovens entrevistados, se os jogadores obtêm feitos por parte dos seus esforços, eles também podem ser capazes de lutar e alcançarem os objetivos propostos que, sob suas óticas, são até mais difíceis.

Sendo assim, podemos dizer que os ídolos, de certa forma, contribuem para a formação de identidades destes próprios jovens e que seus feitos dentro e fora de campo não estão somente imbricados nos aspectos relacionados ao futebol, podem, de fato, influenciar suas vidas, contribuindo até na construção de seus sonhos.

Referências

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces.* São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. *Juventude e consumo*: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

VASCO. *Site institucional do clube*. Disponível em: www.vasco.com.br. Acesso em: 17 jan.2020.

ZICO. *Apresenta a biografia do ex-jogador*. Disponível em: www.zico.com.br. Acesso em: 17 jan.2020.

GT2
Mídia, esporte e representação

DO MONOPÓLIO DAS TRANSMISSÕES AO MONOPÓLIO DA MEMÓRIA: COMO A REDE GLOBO PREENCHEU SUA GRADE FUTEBOLÍSTICA DURANTE A PANDEMIA

Alexandre Vinicius Nicolino Maciel[1]

Resumo
Todo brasileiro em algum momento de sua vida já ouviu o célebre: "Acabou! Acabou! É tetra! É tetra! É tetra!", proferido por Galvão Bueno no estádio Rose Bowl. Goste ou não de futebol, não se pode negar que o famoso grito é um símbolo nacional, há quem não conheça as palavras ditas por Dom Pedro I às margens do Ipiranga ou no "dia do Fico", mas o "grito do Tetra" o país inteiro conhece, reconhece, faz meme e o propaga para o mundo, pois guardadas as devidas proporções, fora tão libertador quanto o ato da Independência. Ao analisar como as transmissões da Rede Globo tornaram-se símbolo da memória nacional, apontaremos como a emissora se utilizou delas durante o isolamento social para firmar sua posição em tempos de contestação ao seu poder.
Palavras-chave: Memória Nacional. Galvão Bueno. Rede Globo. Monopólio. Contestação.

Introdução

O Grupo Globo detém desde 1999 os direitos de transmissão da Copa do Mundo FIFA e das outras competições organizadas pela entidade máxima do futebol, tanto na TV aberta, quanto na TV fechada, no mesmo ano obteve o monopólio das partidas da seleção brasileira junto à CBF. Desde então, Carlos Eduardo dos Santos Galvão Bueno, narrador principal da emissora desde 1985, é a voz da seleção brasileira nas transmissões televisivas, tendo em pouquíssimas oportunidades algum concorrente ou substituto. Essa exclusividade se estende para as competições de clubes, onde o monopólio da emissora carioca já dura décadas, criando uma relação íntima entre o ato de torcer e as transmissões da emissora, mais ainda com a própria figura de Galvão Bueno, pois além das partidas da seleção brasileira e das finais de Copa do Mundo, o narrador sempre é escalado para transmitir as principais partidas dos clubes brasileiros, geralmente finais continentais ou mundiais, mas também em jogos importantes nas competições nacionais, assim, pode-se dizer que voz de Galvão se confunde com as conquistas nacionais.

[1] Alexandre Vinicius Nicolino Maciel, graduando em História (UFRRJ), alexandrevinicius1996@gmail.com .

Desenvolvimento

O poder da Rede Globo é longo dentro da história brasileira e nuca se limitou à comunicação, sendo uma das mídias que apoiou o golpe em 1964, foi a principal emissora a se beneficiar do regime empresarial-militar. Seu poder já fora questionado inúmeras vezes por emissoras concorrentes, políticos ou pela própria sociedade, independente do viés ideológico, e sempre a TV dos Marinhos se manteve de pé. Todavia, o movimento contemporâneo de ascensão da extrema direita brasileira tem sido marcado pela contestação, perseguição e tentativas de boicote à emissora, o próprio presidente da República por inúmeras vezes destilou ofensas e ameaças ao grupo. Unido a esse ambiente, a emissora vê movimentações externas para romper seu monopólio, além de emissoras concorrentes, clubes abraçaram esse movimento visando maiores valores nas vendas dos direitos de transmissão, o CR Flamengo foi o principal deles ao não assinar o contrato de transmissão para o Campeonato Carioca de 2020.

Em março, quando os estados brasileiros passaram a adotar o isolamento social, o futebol parou e os tradicionais horários de quarta após a novela das 21h e domingo às 16h se viram vagos, inicialmente foram ocupados por filmes. Porém, no dia 12 de abril, domingo de Páscoa, seguindo o exemplo do que já fazia no seu canal esportivo privado, o grupo Globo decidiu transmitir jogos marcantes da história do futebol brasileiro. Mas diferente do que ocorria no SporTV, que adotou dois modelos de transmissão das reprises, o primeiro nomeado por *SporTV Retrô* que reexibia partidas com suas transmissões originais durante grande parte do dia, o segundo, no horário nobre, recebeu o nome *Faixa Especial* e reunia narradores e comentarista da casa para dar uma nova roupagem a jogos marcantes do futebol, em sua maioria partidas da seleção brasileira em Copas do Mundo ou competições que resultaram em títulos da seleção canarinho. A emissora do Jardim Botânico decidiu unir os dois modelos, do estúdio uma dupla composta por um narrador e um comentarista conduzia o programa, Galvão Bueno participava de casa, assim como personagens da partida participavam por meio de chamadas de vídeo ou por depoimentos gravados, quando a bola rolava, a transmissão era original, o que transportava o telespectador para o dia do jogo.

A partida escolhida para o primeiro domingo foi a final da Copa do Mundo de 2002, a vitória contra a Alemanha em Yokohama deu à camisa brasileira a quinta estrela e ficou marcada pelo sonoro “RRRRRRRonaldinho” proferido por Galvão a cada gol do Fenômeno. Nesse mundial, somente o grupo Globo transmitiu os jogos para o Brasil e a emissora obteve o recorde de telespectadores em uma transmissão televisiva com a partida semifinal contra a

Turquia. As reprises da seleção se seguiram por mais quatro semanas, os jogos recordados eram das mais variadas competições, a dupla de apresentadores sofreu alterações, mas Galvão Bueno se mantinha como voz única a vender emoções. Além do penta, foram retransmitidas as finais da Copa das Confederações de 2005 com a goleada sobre a Argentina e de 2013 contra a Espanha, a partida do Tetra contra a Itália em 1994 e a final feminina dos Jogos Pan-americanos de 2007. As reprises mantiveram a liderança da emissora no IBOPE, mesmo que alguns jogos tenham sido aquém das expectativas, as partidas da seleção masculina registraram uma média maior do que a alcançada na última partida da seleção nacional, o amistoso contra a Coréia do Sul em novembro de 2019.

Após transmitir os jogos da seleção nacional, a Rede Globo preparou para os quatro domingos seguintes, transmissões históricas dos clubes brasileiros, obedecendo a regionalidade partidas marcantes das principais equipes de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará e Paraná foram transmitidas para o público local, os Estados que não receberam partidas locais acompanharam reprises do Eixo Rio-SP. Num total de vinte e sete partidas transmitidas, doze foram narradas originalmente por Galvão Bueno, esse número seria de treze caso uma arritmia não o impossibilitasse de narrar a final da Libertadores de 2019. O narrador que teve mais transmissões reprisadas depois de Galvão foi Cleber Machado com quatro transmissões.

Resultados esperados ou conclusão

Ao reprisar partidas que marcam glórias do futebol brasileiro a Rede Globo buscou se utilizar dessas vitórias para ligar a sua imagem aos êxitos nacionais, em tempos de contestação ao se utilizar da voz do seu principal narrador, a emissora tentou captar as memórias causadas por sua voz e seus tradicionais bordões em torno de sua imagem como principal comunicadora do país. A campanha se faz ainda mais necessária após a MP que altera os direitos de transmissão no Brasil assinada por Bolsonaro durante a pandemia. Mais do que nunca, a emissora precisa (re)captar seu telespectador em torno de um consenso em si mesma e nada melhor do que relacionar momentos de alegria às suas transmissões. Nas comemorações aos setenta anos de Galvão Bueno, a emissora evidenciou que sua voz embalou as mais variadas conquistas do esporte nacional nas últimas décadas. Do futebol ao vôlei, do automobilismo ao atletismo, se Galvão esteve lá a Globo também estava, e ao monopolizar as emoções, monopoliza também as memórias.

Referências

CARTA CAPITAL. *Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório*. Carta Capital, 31 outubro 2017 Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/ . Acesso em 06 junho 2020.

CTV. *Consolidados + Média Dia SP* – Terça Feira, 19 de novembro de 2019. CTV, 21 novembro 2019. Disponível em: https://sitectv.com/consolidados-media-dia-sp-terca-feira-19-de-novembro-de-2019/ . Acesso em 12 junho 2020.

FERNANDES, Julio Cesar. *A memória televisiva como produto cultural*. Observatório da Imprensa, 24 dezembro 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/_ed778_a_memoria_televisiva_como_produto_cultural/. Acesso em: 30 maio 2020.

FRANÇA, Gustavo Silva da. *A consolidação do monopólio da Rede Globo na cobertura do futebol brasileiro*. 2017. 111f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, 2017.

MACIEL, David. Ditadura Militar e capital monopolista: estruturação, dinâmica e legado. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 64-78, jan./jun. 2014.

MEDINA, Cremilda (Org.). *O jornalismo na Nova República*. São Paulo: Summus, 1987.

NEGÓCIOS GLOBO. *Brasil: Cobertura*. Negócios Globo. Disponível em: https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx . Acesso em 07 jun. 2020.

PIRES, Daiane. Televisão e memória: preferências e modos de fixação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, jun. 2015, 10., Porto Alegre. *Anais do...* Porto Alegre, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SILVA, Roberta Alves. *A Grande Família: intelectuais de esquerda, Rede Globo e censura durante a ditadura militar (1973-1975)*. 2015. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SITE DE IMPRENSA. *Globo exibe a grande final da Copa do Mundo de 2002 no domingo de Páscoa*. Comunicação Globo, 1 abril 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/globo-exibe-a-grande-final-da-copa-do-mundo-de-2002-no-domingo-de-pascoa/#fotos. Acesso em 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Uma final mágica para o futebol brasileiro*. Comunicação Globo, 17 abril 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/uma-final-magica-para-o-futebol-brasileiro/#fotos. Acesso em 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *É tetra! É tetra! Com a narração original de Galvão Bueno, TV Globo reexibe o jogo que deu ao Brasil o quarto título da Copa do Mundo*. Comunicação Globo, 24 abril 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/e-tetra-e-tetra/#fotos . Acesso em: 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Seleção em dia de Fúria no Maracanã*. Comunicação Globo, 27 abril 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/selecao-em-dia-de-furia-no-maracana/#fotos. Acesso em: 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Goleada histórica da seleção feminina para comemorar o Dia das mães*. Comunicação Globo, 8 maio 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/goleada-historica-da-selecao-feminina-para-comemorar-o-dia-das-maes/#fotos . Acesso em: 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Drama, emoção e conquistas históricas*. Comunicação Globo, 15 maio 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/drama-emocao-e-conquistas-historicas/#fotos. Acesso em: 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Alegrias eternas do futebol*. Comunicação Globo, 22 maio 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/alegrias-eternas-do-futebol/. Acesso em: 13 jun. 2020.

SITE DE IMPRENSA. *Dias que entraram para a história*. Comunicação Globo, 29 maio 2020. Disponível em: https://imprensa.globo.com/programas/futebol/textos/dias-que-entraram-para-a-historia/ . Acesso em: 13 jun. 2020.

SOUZA, Felipe dos Santos. *As Copas na televisão brasileira: 1994, o alívio com novidade*. Trivela, São Paulo, 9 junho 2018. Disponível em: https://trivela.com.br/as-copas-na-televisao-brasileira-1994-o-alivio-com-novidade/. Acesso em: 28 maio 2020.

SOUZA, Felipe dos Santos. *As Copas na televisão brasileira: 2002, ou Globo/SporTV ou nada.* Trivela, São Paulo, 6 junho 2018. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-na-televisao-brasileira-2002-ou-globo-sportv-ou-nada/. Acesso em 29 maio 2020.

VAQUER, Gabriel. *Reprises da Globo acabam com Santos e Palmeiras na "lanterna" de audiência.* UOL, 09 junho 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/06/09/reprises-da-globo-acabam-com-santos-e-palmeiras-na-lanterna-de-audiencia.htm. Acesso em: 12 jun.2020.

A RETOMADA DO FUTEBOL NO CONTEXTO DA PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DAS RÁDIOS CEARENSES NA TRANSMISSÃO DE JOGOS VIA *STREAMING*

Bruno Balacó[1]

Resumo
A pesquisa tem como objetivo analisar de que forma as principais estações de rádio do estado do Ceará têm trabalhado a transmissão de jogos via streaming, utilizando seus perfis nas redes sociais Facebook e Youtube. O contexto apresentado é o da retomada do futebol, que teve o calendário afetado em 2020, em virtude da pandemia do novo coronavírus. Ancorado nos conceitos de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2010), o levantamento descreve dois pontos em específicos: os recursos audiovisuais utilizados e os resultados em alcance e engajamento. Para efeito de recorte, nos deteremos a demonstrar as experiências das rádios O POVO/CBN, Tribuna Band News e Verdinha.
Palavras-chave: Futebol. Rádio. Rádio esportivo. Transmissão de jogos. *Streaming*.

Introdução

Investir em plataformas digitais se tornou uma questão de sobrevivência para as rádios que trabalham com transmissões esportivas. No cenário atual, em que as audiências recorrem cada vez mais à internet para acompanhar os jogos do clube do seu coração, as emissoras têm apostado cada vez mais na popularidade das redes sociais para realizar transmissões via *streaming*, utilizando o recurso da *live*, disponível em sites como Facebook e Youtube. É sobre essa tendência que discutiremos nesta pesquisa, que tem como objeto de estudo as experiências das emissoras ligadas aos principais grupos de Comunicação do Ceará: as rádios O POVO/CBN, Verdinha e Tribuna Band News. Como mostra de análise, pegamos como recorte os meses de junho e julho de 2020, os dois primeiros após a retomada do futebol, afetado com quatro meses de paralisação, como medida de contenção à pandemia de covid-19, que teve seus primeiros efeitos sentidos no Brasil em março de 2020.

De caráter qualitativo, a análise será fundamentada em descrever dois pontos das transmissões realizadas pelas rádios: os recursos audiovisuais utilizados pelas emissoras e os resultados de alcance e engajamento desse tipo de estratégia. Antes, faremos uma breve contextualização sobre a evolução das transmissões esportivas até a chegada do formato atual.

[1] Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), bacharel em jornalismo pela Unifor e especialista em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Estácio. Membro do Grupo de Pesquisa Práxisjor. E-mail: brunoandersonfb@gmail.com..

Transmissões esportivas no rádio: do amadorismo ao *streaming*

As primeiras transmissões de jogos de futebol pelo rádio começaram na década de 1930, com experiências no Rio de Janeiro e São Paulo (SOARES, 1994). Na época, ainda não havia cabines de rádio nas praças esportivas e os narradores costumavam fazer suas transmissões nas arquibancadas, junto dos torcedores. À medida que as narrações esportivas diretas foram se tornando sistemáticas, as transmissões foram evoluindo, tanto do ponto de vista técnico, com melhores aparatos de estrtutura, quanto de pessoal, com a inserção da figura dos comentaristas, plantonistas e repórteres de campo. A consolidação das transmissões na grade das emissoras ocorreu a partir da década de 1950, impulsionada pelo sucesso da seleção brasileira de futebol, que conquistou três títulos mundiais entre 1958 e 1970. No embalo de grandes coberturas, o rádio esportivo mobilizou audiências expressivas e atraiu patrocinadores. Também na década de 1950 o rádio esportivo brasileiro ganhou a concorrência da televisão. Para frente ao novo veículo de mídia, o rádio investiu mais em tecnologia e passou a explorar mais o imaginário do ouvinte. "A utilização de efeitos sonoros generalizou-se a partir do início da década de 70. A concorrência da televisão colorida obrigou as emissoras de rádio a tornar a narração de futebol mais atraente e mais emocionante" (SOARES, 1994, p. 74).

A década de 1980 foi marcada pela popularização das irradiações via satélite e pelas transmissões de jogos em emissoras FM, que passam a acompanhar cada vez mais de perto os clubes nos principais campeonatos de futebol do País (FERRARETTO, 2001, p. 166). Na década de 1990, com a chegada da TV a cabo, vários canais especializados em esporte começaram a transmitir jogos de futebol ao vivo. Esse cenário influenciou que muitas emissoras de rádio, por questões de praticidade e economia de custos, deixassem de enviar equipes aos estádios e passassem a transmitir jogos de futebol pela imagem da TV, em prática que ficou conhecida como narração *off tube*, ainda muito comum nos dias de hoje. Outro marco da década foi a entrada do rádio na fase de convergência, que expressa a "consciência em nível empresarial da aproximação entre comunicação de massa, informática e telecomunicações, corporificada, no caso do rádio comercial, na disponibilização de conteúdo radiofônico para além das ondas eletromagnéticas" (FERRARETTO, 2012).

A internet, que chegou ao Brasil em 1995, potencializou os trabalhos de produção, interação com o ouvinte e distribuição dos conteúdos através de sites de redes sociais que começam a surgir no final dos anos 1990 e se popularizam ao redor do mundo no início dos anos 2000, na chamada Era Web 2.0, que é a segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet. Ao surgirem no ciberespaço, os sites de redes sociais rapidamente se

tornaram a principal representação no ambiente digital para as relações sociais que antes existiam apenas no ambiente off-line. Essas relações são estabelecidas pelas conexões de interatividade promovidas nas plataformas digitais, tais como Facebook, Twitter e Youtube. No que diz respeito ao rádio, esse cenário possibilita a propagação de seus conteúdos para além das ondas sonoras, chegando aos sites de redes sociais. Um conceito que ilustra bem esse contexto é o de "rádio hipermidiático", definido como sendo aquele que "vai além da transmissão em antena, ampliando sua produção através da internet e dos dispositivos de rádio digital, mas que ainda mantém a sua raiz no conteúdo sonoro" (LOPEZ, 2010).

Além de hipermidiático, entendemos o novo rádio como sendo um veículo expandido, definido por Kischinhevsky (2016) como aquele que "extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, os sites de jornais, os portais de música A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via *streaming*) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios)" (KISCHINHEVSKY, 2016).

Esse 'transbordamento' em transmissões esportivas nas mídias sociais se tornou realidade a partir do final de 2015, quando sites como Twitter, Facebook e Youtube lançaram suas ferramentas de *streaming*, que é a tecnologia que permite a transmissão em tempo real de dados de áudio e vídeo pela internet. Essas inovações, entre outras funcionalidades, possibilitam: saber quantos usuários estão visualizando a publicação em tempo real, permitir a interação com os internautas a partir de espaços de fórum para comentários. Ao fim da exibição ao vivo, a *live* fica arquivada no local onde foi transmitida, podendo o usuário acessá-la a qualquer momento.

Diante dessas novas ferramentas, as emissoras de rádio logo se apropriaram desses dispositivos para fazerem transmissões ao vivo pela internet com imagens, captadas a partir de câmeras e webcams instaladas em estúdios, além de ambientes externos às emissoras, como em cabines de rádio dos estádios.

Diferente das emissoras de TV, que precisam desembolsar cotas milionárias para exibir ao vivo os jogos de futebol, as rádios transmitem as partidas de campeonatos locais e nacionais de forma gratuita. Isso porque a legislação que regulamenta o esporte e faz alusão ao direito de negociação da transmissão dos eventos esportivos no Brasil, a Lei 9.615/98 (conhecida como Lei Pelé), aborda apenas a questão da imagem na transmissão dos jogos de futebol, sem nada mencionar sobre transmissão de áudio ou voz. No Ceará, as emissoras de rádio começaram a

transmitir jogos pelas redes sociais, utilizando o *streaming*, a partir de 2018, mas foi no ano seguinte a tendência se consolidou e se tornou regular nas principais emissoras do Estado.

Neste estudo, propomos a análise das experiências de três emissoras ligadas aos grandes veículos de comunicação do estado do Ceará que estão realizando transmissões de jogos pelas redes sociais nesse período de retomada do futebol: as rádios O POVO/CBN, Tribuna Band News e Verdinha AM 810.

Análise dos resultados

Pioneira entre as rádios cearenses que transmitem jogos pelas redes sociais, a Tribuna Band News (FM 101.7) utiliza os perfis do Futebolês (plataforma de esportes do Sistema Jangadeiro de Comunicação) no Facebook e no Youtube. No período que compreende a amostra (13 de junho e 28 de julho de 2020), a emissora transmitiu duas partidas, ambas pela Copa do Nordeste. No que diz respeito aos recursos audiovisuais utilizados, a emissora transmitiu o jogo com áudio da rádio e imagens enquadradas na figura do narrador em ação durante a partida, em um estúdio da emissora. Na tela, constavam informação do tempo e do placar da partida. Em relação aos dados de alcance e engajamento, as duas transmissões do Yotube geraram 346 mil visualizações. No Facebook, as duas transmissões tiveram 8,8 mil visualizações, além de geraram 355 reações de curtidas.

Já a Verdinha, emissora informativa do Sistema Verdes Mares (SVM) que pode ser sintonizada na Capital no AM 810, transmitiu, dentro do perídoo de análise, nove partidas. Em oito jogos, a emissora utilizou como recurso do áudio da transmissão no rádio agregado com imagens do narrador na cabine na sede da emissora, captadas a partir de uma câmera posicionada no alto da sala. Na tela constavam também recursos gráficos, com as escalações e técnicos dos dois clubes, o placar e o tempo de jogo. No jogo Ceará 1x0 Vitória, pela Copa do Nordeste, dia 25 de julho de 2020, a Verdinha realizou uma transmissão exclusiva em seu perfil no Youtube inovou ao utilizar uma estrutura similar ao de uma transmissão pela TV, com narrador e comentarista posicionados em frente de uma câmera durante a jornada. As nove transmissões do Youtube geraram um total de 344 mil visualizações. Já no Facebook, onde a emissora transmitiu 10 partidas e obteve um consolidado de 192 mil visualizações, além de 5.730 reações de curtidas.

A rádio O POVO/CBN, que pertence ao Grupo de Comunicação e opera na Capital em duas frequências espelhadas (FM 95.5 e AM 1010), realizou nove exibições de jogos pelas redes sociais no período. Em todas, utilizou os mesmos recursos técnicos: áudio da transmissão

da rádio e tela com arte gráfica fixa e placar da partida. Pelo Youtube, obteve 99,7 mil visualizações. No Facebook, as transmissões geraram 115,3 mil visualizações. Além disso, registraram 14,5 mil reações de curtidas.

Considerações finais

A análise dos dados coletados demonstra que o investimento nesse tipo de estratégia em expandir a transmissão dos jogos para as redes tem gerado bons resultados de alcance, com números consideráveis de visualizações e interações com audiência, que agregam não só acréscimo de audiência das emissoras. Do ponto de vista técnico, percebe-se um esforço das rádios em investir em recursos audiviosuais, ofertando que conteúdos que respeitem o interesse dos internautas.

A de se considerar que, nesse contexto de retomada do futebol em 2020, as emissoras enfrentaram dificuldades, como a impossibilidade de gerar e exibir imagens diretamente dos estádios de futebol, bem como atuaram como parte das equipes em regime de teletrabalho, como medida de segurança, num contexto onde a pandemia de covid-19 ainda requer cuidados especiais com as questões sanitárias. Projeta-se que, superado o cenário de limitações impostadas pela pandemia, as emissoras possam voltar a investir plenamente em novos recursos de transmissão para sua audiência.

Referências

FERRARETTO, L. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, L. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. *Revista EPTIC On-Line*, Aracaju/São Cristovão, v. XXIV, 2012.

KISCHINHEVSKY, M. *Rádio e mídias sociais:* mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2016.

LOPEZ, D. C. *Radiojornalismo hipermidiático*: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010.

SOARES, E. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

MP 984: FUTEBOL E MÍDIA NOS 70 ANOS DO "MARACA"

Carlos Henrique Biscardi[1]

Resumo
As comemorações pelos 70 anos do Maracanã foram atropeladas pela circulação do novo coronavírus no país. O futebol precisou ter suas atividades suspensas em todo o mundo. No Rio de Janeiro, as competições retornaram no dia 16 de junho e dois dias depois, o Governo Federal editou a medida provisória (MP) 984, que alterou a Lei Pelé, particularmente, no que diz respeito aos direitos de transmissão das partidas de futebol. Este artigo se propõe a analisar o impacto dessas novas determinações para os meios de comunicação, agremiações esportivas e seus públicos, os torcedores. Pretendemos também, contextualizar a MP 984 no cenário pandêmico, em relação aos modelos internacionais de gestão do futebol como espetáculo e sobre a própria expansão da mídia para novos dispositivos.
Palavras-chave: MP 984. Futebol. Mídia. Dispositivos.

Introdução

O estádio Jornalista Mário Filho, Maracanã, completa 70 anos de existência neste 2020. Um ano diferente, onde o futebol foi impactado pela pandemia provocada pelo novo coronavírus e sua prática ficou interrompida por cerca de três meses. Mesmo com o retorno das competições em 16 de junho, o palco principal do futebol no Estado do Rio de Janeiro nas últimas sete décadas está adormecido. Os cantos de quase 70 mil pessoas estão silenciados e o estádio parece sentir o momento da cidade, em seu isolamento, triste e solitário.

Já há algum tempo a atmosfera do Maracanã mudou. O Estádio, onde já se harmonizaram quase 200 mil pessoas numa única partida, foi redimensionado para um público máximo de 78.838 pessoas. A transformação do Estádio em Arena foi uma exigência da Federação Internacional de Futebol (FIFA), para a disputa, no Brasil, da Copa do Mundo de futebol masculino de seleções, em 2014.

O encolhimento dos estádios tem se consolidado como pauta de vários artigos acadêmicos, sobretudo, aqueles ligados à sociologia do esporte e estudos de mídia. A redução da oferta de lugares para um público cada vez menor, evidentemente, pelas teorias econômicas sobre as leis da oferta e da procura, produziu um aumento no preço dos ingressos. Um processo que vem sendo amplamente debatido pela mídia e cujo diagnósticos apontam para uma possível "elitização do público".

[1] Carlos Henrique Biscardi é jornalista, mestre em Ciência Política/UFRJ e autor e organizador do livro *Enquanto a Copa não vem: memórias e narrativas sobre o futebol*, EdUFF, 2013.

Paradoxalmente, é um desdobramento amplamente criticado pela mídia, mas que, teoricamente, só lhe traria lucros. A queda da oferta de lugares nos estádios, e o provável aumento no preço dos ingressos, não deixariam outra alternativa ao torcedor apaixonado por seu clube, além da televisão. Um mundo aparentemente perfeito. Estádios seguros, confortáveis e com público selecionado. Lucros cada vez maiores das emissoras de televisão. O torcedor, mesmo sem a emoção do estádio, acompanhando os jogos de seu time , ao vivo e do conforto de sua poltrona.

A pandemia provocada pela Covid-19 e a MP 984 provocaram profundas transformações neste cenário imaginado. E este será o foco principal de nosso trabalho.

Desenvolvimento

O Maracanã, desde a sua fundação em 1950, testemunhou importantes transformações na relação entre mídia, futebol e sociedade. Nos anos que precederam e sucederam a sua inauguração, o protagonismo pertencia aos jornais especializados e às rádios. O "rosadinho" Jornal dos Sports, e as rádios Rádios Tupy e Nacional eram os principais veículos a cobrir e divulgar o futebol na cidade do Rio.

Para muitos teóricos, o rádio foi o grande responsável por transformar o futebol em uma "paixão nacional". Os locutores e sua equipe de repórteres e comentaristas, criaram, durante décadas, um jogo que era muito mais idealizado do que propriamente jogado. Expressões como "onde a coruja dorme", "estava na banheira", "fez um corrupio", expressões utilizadas em narrações de jogos de futebol, formaram o imaginário coletivos das principais partidas de futebol por aproximadamente quatro décadas e consolidaram o futebol no coração de grande parte dos brasileiros.

Segundo Márcio de Oliveira Guerra, Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura na Universidade Federal de Juiz de Fora e autor do livro *Rádio x TV: o jogo da narração: a imaginação entre em campo e seduz o torcedor"* a maior prova de que as narrações dos locutores de rádio está enraizada no imaginário do torcedor é o fato de que, mesmo presente ao estádio, o torcedor não abandonou "o seu radinho". Guerra atribui essa identificação, entre outros fatores, à linguagem utilizada nestas narrações, com um vocabulário simples, popular, redundante e descontraído. O uso de superlativos também é destacado pelo autor, para que cada lance, cada simples jogada, possa ser sentida como algo maior do que realmente foi. A fascinação pela narração radiofônica pode estar conectada a um jogo narrado que se mostra muito mais emocionante daquele que transcorre diante de olhos de cada torcedor.

Na década de 60, surgiu a televisão. O início foi de pouca “agressividade” e o futebol ocupava poucos espaços na programação regular. Transmissões “ao vivo” eram restritas praticamente as partidas da seleção brasileira em competições oficiais. A televisão só tornou-se um veículo propriamente de massa, para jogos de futebol, na década de 80. O primeiro grande contrato entre clubes e uma emissora de televisão, com abrangência nacional e transmissão em rede aberta, foi firmado em 1987. As partidas da Copa União, que tardiamente seria reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como o Campeonato Brasileiro daquele ano, foi a primeira grande competição nacional inteiramente transmitida em tv aberta para todo o público brasileiro. Teria a imagem quebrado o encanto das transmissões radiofônicas?

Carlos Fernando Schinner, autor do livro *Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão*”, a imagem trouxe uma nova característica às narrativas esportivas que é a de colocar o torcedor mais próximo da jogada. É o “real” substituindo o imaginário. Os replays e, mais recentemente, o uso do *video asssitant referee*, ou simplesmente, VAR, fez com que o torcedor possa ver, em detalhes, de uma forma que jamais seria possível anos atrás. Na verdade, é um olhar diferente. Ao invés de se imaginar como teria sido aquela jogada que o locutor de rádio lhe descrevia, o torcedor vive, agora, a experiência de enxergar aquilo que seus olhos não seriam capazes de enxergar num primeiro instante. Isso mexe não apenas com o imaginário, mas com a própria percepção de uma outra realidade. Uma bola colocada “com maestria” lá “onde a coruja dorme” se perde no detalhe do olhar do jogador que cobrou a falta, nas luvas que chega ao tocar levemente na bola, na velocidade de bola, no detalhe da comemoração, na decepção dos adversários, no abraço ao treinador, múltiplas visões, um olhar mais atento que nem o melhor narrador de rádio do mundo de todos os tempos seria capaz de passar ao seu ouvinte, simplesmente porque dois olhos jamais conseguiriam competir com 20 câmeras, diferentes ângulos, focos, nuances e *replays*.

Recentemente, a Medida Provisória (MP) 984 adicionou um significativo capítulo a esta história. Ao transferir para o clube que possui o mando de campo, aquele que joga em sua “casa”, o direito exclusivo de transmissão sobre a partida da qual participa, fica inaugurado um novo capítulo na história da relação entre mídia, esporte e sociedade: a era das transmissões de futebol por meios virtuais e mídias digitais.

Pretendemos nesse artigo, apresentar as principais alterações propostas pela MP 984 na “Lei Pelé” e, a partir delas, observar as tensões provocadas nos agentes envolvidos: Televisão, clubes e torcedores. O objeto escolhido para análise desse estudo deve-se ao fato da MP 984

ter entrado em vigor no meio de uma pandemia, onde o isolamento social era obrigatório. Soma-se o agravante dela ter sido imediatamente utilizada pelo Clube de Regatas do Flamengo e Fluminense Futebol Clube, entidades esportivas envolvidas na decisão do título do Campeonato Carioca de Futebol de 2020. Estes clubes utilizaram de seus canais no Youtube para dar acesso a seus torcedores as imagens em transmissão "ao vivo", e em tempo real, das partidas desta final, o que foi amplamente contestado pela TvGlobo, detentora de um contrato de exclusividade nos direitos de transmissão da competição com 11 clubes de um total de 12 participantes.

A proposta deste artigo se justifica pela emergência dos fatos, por se tratar de um acontecimento recente e de grande impacto no campo político do futebol brasileiro e por representar uma inovação em termos de relacionamento entre emissoras de televisão, entidades esportivas e torcedores. Acrescentamos aos fatos, a condição atual da sociedade brasileira e do próprio futebol. Salientamos que o Campeonato Carioca de futebol foi o primeiro a retornar com suas competições em solo brasileiro e a pandemia provocada pelo novo coronavírus impediu o comparecimento do torcedor ao estádio. Um cenário agravado por um contrato de exclusividade de imagens por parte de uma emissora de televisão que, caso não houvesse a MP 984, teria, certamente, impedido os torcedores dos clubes envolvidos de acompanhar "ao vivo" e com imagens, a decisão do referido Campeonato.

Resultados esperados ou conclusão

O foco desse artigo está em contribuir para estas reflexões no que diz respeito aos efeitos da MP 984,que altera o artigo 42 da Lei Pelé, e seus impactos sobre a relação entre mídia, clubes de futebol e torcedores. Um processo que possui a particularidade de ter ganho corpo num momento em que a sociedade passa pela situação de isolamento social, provocado pela pandemia da Covid-19. Pretendemos como metodologia observar o discurso dos agentes envolvidos e suas justificativas, contrárias e favoráveis, estabelecendo relações entre seus interesses políticos, econômicos e sociais com um novo conceito do futebol inserido na indústria do entretenimento.

Desejamos ampliar o debate do lugar das mídias digitais na quebra do monopólio das transmissões de partidas de futebol, desenvolvendo reflexões sobre democratização de acesso do torcedor ao ato de torcer, num momento em que exista um projeto de exclusão das camadas mais pobres da sociedade dos estádios, processo intensificado pela ausência obrigatória de público nos estádios.

Referências

BUENO, Eduardo; BUENO, Fernando; MÁXIMO, João; ASSAF, Roberto; REIS, Rogério Reis; CASTRO, Ruy. *Maracanã 60 anos*. São Paulo. Ed.Leya, 2011.

BISCARDI, Carlos Henrique; COSTA, Leda; CURI, Martin (orgs.). *Enquanto a copa não vem:* memórias e narrativas sobre o futebol. Niterói: EdUFF, 2013.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960).* Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. n.13, p.509-521, 2017.

COHN, Gabriel. O meio é a mensagem: análise de McLuhan. *In:* COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural.* São Paulo: TA-Queiroz Ed., 1987. Pág. 363-371.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo:* um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GUERRA, Marcio de Oliveira. Rádio e tv: o jogo da narração A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. *Lumina,* Juiz de Fora: v. 1, n. 1, jun. 2007.

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do. *Copas do Mundo:* comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MCLUHAN, Marshall. *O meio é a Mensagem. In:* MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix1969. p. 21-37.

RÉGIS, Fátima. Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 37, 2008.

SHINNER, Carlos Fernando. *Manual dos locutores esportivos:* como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda Books ed., 2015.

A PANDEMIA DE COVID-19 NA TELEVISÃO ESPORTIVA BRASILEIRA

Pedro Paula de Oliveira Vasconcelos[1]

Resumo
Este trabalho pretende investigar de que o modo o tema COVID-19 foi representado em programas esportivos da televisão por assinatura, que, habitualmente, costumam abordar jogos, treinamentos e bastidores. Recorrendo à análise de conteúdo, observamos, entre os dias 13 e 19 de abril de 2020, 17 atrações distintas veiculadas em quatro emissoras: BandSports; ESPN Brasil; Fox Sports e SporTV. Como resultado preliminar, pode-se dizer que o impacto da pandemia sobre o campo esportivo foi o principal assunto tratado naquela semana.
Palavras-chave: Pandemia. COVID-19. Jornalismo esportivo. Televisão fechada.

Introdução

A pandemia de COVID-19 impôs desafios inéditos à televisão esportiva brasileira, segmento cujas emissoras costumam manter até 16 horas diárias de programação ao vivo, encadeando mesas-redondas, noticiários e transmissões de jogos. Com a propagação do novo coronavírus, a grande maioria dos torneios acabou suspensa no início de 2020; muitos atletas entraram de férias, e o mercado esfriou. Dada a escassez de matéria-prima, especialmente entre março e maio, o telejornalismo precisou se readaptar. Uma das estratégias foi a construção sistemática de pautas relacionadas à COVID-19. Nosso objetivo, portanto, é identificar como o assunto coronavírus apareceu em emissoras que se dedicam a debater futebol.

Para explicar esse deslocamento temático, vamos evocar, a princípio, o conceito de *acontecimento*, que, na perspectiva de Vera França (2012) é um tipo especial de fato, caracterizado pela capacidade de afetar a vivência humana. Por vezes, ele causa uma ruptura, ao abalar a normalidade e suspender expectativas; mas até "ocorrências previstas e esperadas podem se configurar como acontecimento, porque nunca podemos ter controle total sobre sua realização [...]" (FRANÇA; FRANÇA, 2018, p. 13).

Importante nas reflexões da autora é a ideia de dupla ordem. Tal qual o percebemos, o acontecimento possui uma primeira vida, de caráter existencial, capaz de surgir em qualquer plano de ação. A partir dela, constroem-se narrativas, que, ao circular, geram acontecimentos

[1] Pedro Paula de Oliveira Vasconcelos. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. E-mail: pedrovasconcelos2309@gmai.com.

de segunda ordem. Assim funciona o dispositivo midiático – um lugar de criação, determinação e amplificação desses 'fatos especiais'.

Longe de ser natural, a conversão do mundo-objeto em discurso jornalístico envolve procedimentos de seleção. Conforme Charaudeau (2013), os acontecimentos que se manifestam diariamente estão em número bem superior àqueles abordados nos meios de comunicação, fazendo-se necessário escolher quais deles merecem existência pública frente a um volume tão grande de matéria-prima (SILVA, 2005).

O telejornalismo esportivo, por definição, debruça-se sobre um fenômeno cultural de extrema relevância (HELAL, 1990), vinculado ao cotidiano, à educação, à saúde e à cidadania. Diante desse universo plural, a TV opera recortes específicos na hora de compor seu conteúdo. Via de regra, define-se como acontecimento nuclear o jogo em si. É pauta tudo aquilo que ocorre dentro de campo e nas adjacências. Frequentemente, incluem-se os preparativos para as competições e as consequências de cada partida. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), a cobertura ganha caráter de agenda, acrescida com cenas esporádicas de bastidor: negociação de atletas, política interna, chegada e saída de técnicos etc.

Cabe complementar, na esteira de Damo (2005) e Rojas-Torrijos (2016), que o jornalismo esportivo ibero-americano prioriza o futebol masculino de espetáculo, definido pela organização monopolista e globalizada, a excelência performática e a constituição de público. É essa matriz que preenche os noticiários, ao reunir campeonatos de ponta e clubes populares, com torcidas numerosas e larga projeção.

A COVID-19 suprimiu justamente a materialidade que dava suporte diário a esse tipo de jornalismo. Como "é impensável [...] a hipótese do apresentador do telejornal dizer 'hoje não há notícias'" (TRANQUINA, 2005, p. 181), o espaço informativo teve de absorver novos enfoques; e a pandemia, enquanto acontecimento transversal, ganhou destaque.

Desenvolvimento

A fim de identificar a presença do tema COVID-19 na televisão fechada, recorremos às quatro emissoras que tratam exclusivamente de esportes: BandSports; ESPN Brasil; Fox Sports e SporTV[2]. Nesses canais, foram observados 17 programas diferentes, todos ao vivo, entre os dias 13 e 19 de abril de 2020, quando não havia eventos importantes em andamento. A lista conta no Quadro 1.

[2] O BandSports foi criado em 2002 e faz parte do Grupo Bandeirantes de Comunicação. A ESPN Brasil nasceu no ano de 1995 como a primeira filial da ESPN fora dos Estados Unidos. Já o Fox Sports atua no Brasil desde 2012 e pertence à companhia norte-americana *Fox Networks Group*. Por fim, o SporTV, do Grupo Globo, surgiu em 1991 (SANTOS, 2013).

Quadro 1 – Programas esportivos analisados.

BandSports		**Fox Sports**	
Programa	**Data**	**Programa**	**Data**
Ace BandSports	16/04	A Última Palavra	19/04
Baita Amigos	13/04	Debate Final	15/04
BandSports Online	17/04	Expediente Futebol	15/04
Bola Rolando	17/04	Fox Sports Rádio	15/04
ESPN Brasil		**SporTV**	
Programa	**Data**	**Programa**	**Data**
Bate-Bola Debate	16/04	Bem, Amigos	13/04
Futebol na Veia	16/04	Redação SporTV	16/04
Futebol no Mundo	13/04	Seleção SporTV	14/04
Linha de Passe	13/04	Troca de Passes	14/04
SportsCenter	13/04		

Fonte: elaboração própria.

Realizamos, então, uma análise de conteúdo: "conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (BARDIN, 1977, p. 38). Com base nessa técnica, cada texto-programa foi dividido semanticamente para se obter núcleos de sentido. Somando as 17 atrações, delimitamos 91 pautas, que passaram por um processo de categorização e deram origem a cinco conjuntos: a) Pandemia (34 pautas); b) Memória (21 pautas); c) Desempenho (18 pautas); d) Bastidores (15 pautas); e) Outras (3 pautas)[3].

As pautas sobre pandemia, que nos interessam particularmente, estiveram voltadas às consequências da COVID-19 no âmbito esportivo. A partir de um recorte temporal, pôde-se subdividir essa categoria em três grupos. O primeiro deles comportou ações imediatas, como o cancelamento de competições, a redução ou a manutenção de salários de atletas e a prorrogação de férias. O *Bola Rolando*, de 17/04, por exemplo, tratou do adiamento da Copa América, decidido pela Confederação Sul-Americana de Futebol naquele dia. Já o *Bate-Bola Debate* noticiou que os clubes cariocas da primeira divisão começavam a redefinir questões salariais.

O segundo grupo reuniu temas que projetavam um futuro iminente, inclusive reiterando a problemática da 'volta'. *Baita Amigos*; *Seleção SporTV*; *Redação SporTV* e *A Última Palavra* questionaram quando e como o futebol retornaria, especialmente no eixo Rio-São

[3] Consideramos pautas de memória aquelas que priorizaram o registro histórico, resgatando personagens, partidas e eventos localizados no passado (por exemplo, a Seleção Brasileira Masculina de Futebol, de 1970, que foi tema em cinco atrações). Pautas de desempenho focalizaram a performance de times, jogadores e técnicos em atividade, geralmente por meio de comparativos. Notícias de bastidor trouxeram informações sobre política interna dos clubes ou negociações em andamento. Três pautas não se encaixaram nas macrocategorias, ficando no subconjunto 'Outras'.

Paulo. De modo complementar, o *Troca de Passes* discutiu a viabilidade de um novo calendário esportivo após a paralisação.

No terceiro subgrupo, entraram pautas contextuais, sobre um futuro dilatado. Por exemplo: a) O mercado do futebol pós-pandemia (*BandSports Online*; *Redação SporTV* e *Expediente Futebol*); b) Os impactos da quarentena nas relações interpessoais dentro do esporte (*Bem, Amigos*); c) A preparação da Seleção Brasileira Feminina de Futebol para os Jogos Olímpicos, agora em 2021 (*Troca de Passes*); d) As consequências da pandemia nas finanças do Sport Clube Corinthians Paulista (*Troca de Passes*).

Resultados preliminares

Recuperando os questionamentos deste trabalho, é possível concluir que a pandemia do novo coronavírus foi o assunto mais abordado pelos programas esportivos da TV por assinatura no auge da quarentena, com 37,3% de ocorrência, segundo a categorização do tópico anterior. Do nosso ponto de vista, dois aspectos justificam esse fenômeno: primeiro, o esgotamento das pautas tradicionais (jogos, treinos, repercussões e bastidores) – eventos rotineiros, produzidos em escala industrial, que compõem uma agenda permanente; depois, a emergência de um acontecimento inesperado, capaz de perturbar a normalidade e de romper a ordem das coisas (FRANÇA, 2012).

Qualitativamente, a COVID-19 apareceu condicionada a três marcos temporais: o agora, o futuro próximo e o futuro dilatado. A preocupação estrutural com os rumos do esporte, em termos competitivos, financeiros e técnicos, garantiu certa profundidade a uma cobertura que costuma focar no imediato e no imaginário da urgência, como denomina Charaudeau (2013).

Por outro lado, é importante mencionar que, apesar da excepcionalidade da situação, mantiveram-se elementos-chave. Os atores representados continuaram os mesmos: futebol masculino, sobretudo aquele praticado nas regiões Sul e Sudeste do Brasil ou então na Europa; torneios de prestígio que, em tempos normais, já possuem visibilidade; clubes populares e de grande torcida. A ideia de explorar os efeitos da pandemia no esporte esteve em estreita vinculação a métodos e a rotinas historicamente estabelecidos. Se a intenção era realizar prognósticos, o Corinthians foi escolhido como protagonista; quando se especulou a volta das disputas, pareceu natural retratar o Campeonato Paulista Masculino de Futebol; na hora de falar sobre redução salarial, a pauta se voltou para os ‘quatro grandes’ do Rio de Janeiro.

Finalmente, cabe aludir à reflexão, talvez utópica, de Rojas-Torrijos (2020), pesquisador que considera o coronavírus uma oportunidade de reavaliar a atuação da imprensa esportiva. Diante dos atuais desafios, ele sugere três medidas: abrandar o jornalismo declaratório, explorando novos ângulos, ultrapassar a futebolização informativa e dar ao

esporte maior contexto social, cultural, econômico e político. Até o momento, os dados da pesquisa mostram que a disrupção da pandemia ganhou as telas enquanto temática, mas não subverteu procedimentos consolidados.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual de jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FRANÇA, Vera. *O acontecimento e a mídia*. Galáxia, São Paulo, v. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: https://bit.ly/2yvV3Ky. Acesso em: 20 abr. 2020.

FRANÇA, Vera; FRANÇA, Renné. Quem (e o quê?) se lembra da Copa de 2014? In: FRANÇA, Vera; FRANÇA, Renné (org.). *Quem se lembra da Copa 2014?*: Marcas e repercussões do acontecimento. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. p. 11-15.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROJAS-TORRIJOS, José Luis. La creciente banalización de los contenidos deportivos. *Cuadernos de Periodistas*, Madrid, v. 31, p. 48-56, 15 mar. 2016. Disponível em: https://bit.ly/2XQe8ky. Acesso em: 02 jun. 2020.

ROJAS-TORRIJOS, José Luis. Un periodismo deportivo sin competiciones, una oportunidad para reinventarse. *Periodismo Deportivo de Calidad*, Sevilla, 14 mar. 2020. Disponível em: https://bit.ly/2zgXpxx. Acesso em: 24 maio 2020.

SANTOS, João Manuel. Televisão paga e as 24 horas do mundo esportivo. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de et al. *Olho no lance*: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 148-167.

SILVA, Gislene da. *Valores-notícia: atributos do acontecimento*. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos.* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-17.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo:* porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

DITADURA E FUTEBOL NA AMÉRICA DO SUL: O RIO DA PRATA ENTRE A GLORIA E A OPRESSÃO

Danilo Rodrigues Paiva[1]

Resumo
Esse artigo tem o intuito de compreender as relações entre futebol e as ditaduras sul-americanas do Cone Sul durante a metade do século XX. Para isso, será analisado duas Competições Internacionais que deixam claro o elo entre futebol e os regimes autoritários do Rio da Prata que são: a Copa do Mundo realizada em 1978 e a Copa de Ouro dos Campeões Mundiais que ocorreu entre o final de 1980 e início de 1981.
Palavras-chave: Futebol. Política. Ditaduras. Autoritarismo. Democracia.

Introdução

Para a elaboração deste trabalho foram utilizadas fontes jornalísticas, livros e documentários relacionados ao tema que nos propusemos a discutir. No que se refere, a base teórica do presente texto, os conceitos aplicados foram: a história comparada e o habitus. Utilizamos o conceito de História comparada que se constitui em um "*duplo campo de observação"* (BARROS, 2007, p.2) para discutir como as ditaduras sul-americanas da Argentina e Uruguai utilizaram o futebol com finalidade política, expondo suas semelhanças e diferenças. Já o habitus que é definido como "uma propriedade de atores (sejam indivíduos, grupos ou instituições) que é composta de uma estrutura, estruturante e estruturada" (GRENFELL, 2018, p.75), debateremos como o corpo social dos respectivos países agiram e reagiram as ações dos usos do futebol pelos Estados ditatoriais.

O recorte historiográfico empregado neste texto, para o caso argentino foi entre os anos de 1976 e 1978, discutindo o golpe militar e indo até a Copa do Mundo. Já no caso uruguaio, será discutido o referendo de reforma constituinte e o Mundialito que aconteceu entre os anos 1980 e 1981. Apesar do recorte apresentado, se fez presente a necessidade de fazer um contexto político prévio aos objetos estudados para que não ocorra nenhuma dúvida quando as discussões do trabalho forem indicadas.

Desenvolvimento

O Uruguai vinha passando por uma crise social e política desde 1972 que se intensificou mais no ano de 1973. Uma grande fragilidade política das instituições democráticas possibilitou

[1]Danilo Rodrigues Paiva, discente de Licenciatura em História na UERJ-FFP, danilorodrigues2000@gmail.com.

as forças armadas uma aliança com o Poder Executivo, que exponenciou o autoritarismo no Uruguai.

> Las tensiones políticas que opusieron reiteradamente en esos meses al parlamento y el Poder Ejecutivo culminaron finalmente el 27 de junio, cuando este último decretó la disolución de ambas cámaras y la creación en su lugar de un Consejo de Estado a integrarse oportunamente (CAETANO; RILLA, 1998, p.23).

Em 1980, sete anos após o golpe, o clima de instabilidade continuava. O governo no auge da sua arrogância convocou um plebiscito para uma nova constituinte, que segundo o militar aposentado Oscar Pereira Valdez tinha o *"intento de regularizar o legalizar la intervención de las fuerzas armadas en la vida política del Uruguay para siempre"* (VALDEZ, 2009). Devido à forte repressão do regime, era impensável uma derrota dos militares, pois como disse Marcelo Stefanell "*no había antecedentes históricos em ningún país del mundo de uma dictadura proponer un plebiscito y perder"* (STEFANELL, 2009), o povo uruguaio resistiu e "*against all odds, the new constitution was rejected by the 57% of the voters"* (MOSQUERA, 2018).

Um mês depois desse acontecimento, no dia 30 de dezembro de 1980, aconteceu a Copa de Ouro dos Campeões Mundiais que ficou mais conhecida como Mundialito. Segundo Caetano (2009), essa competição tinha o objetivo muito claro de ser um festejo ao êxito anterior que seria o plebiscito, só que isso não aconteceu. Dialogando com esse pensamento, Galeano afirmou que "*o Mundialito foi organizado pela ditadura militar uruguaia para promover, como forma de publicidade as virtudes do regime militar uruguaio"* (GALEANO, 2012). A Copa de Ouro dos Campeões Mundiais foi uma competição realizada pela FIFA em comemoração aos 50 anos da primeira Copa do Mundo que ocorreu no ano de 1930.

> A competição reuniu todos os campeões mundiais de 1930 a 1978: Uruguai (1930, 1950), Itália (1934,1938), Alemanha Ocidental (1954, 1974), Brasil (1958, 1962 e 1970), Argentina (1978) e Holanda (vice-campeã em 1974 e 1978) que entrou no lugar da Inglaterra, campeã em 1966, pelo fato de não ter tido o interesse em participar (ÁVILA,2017).

Este torneio de seis seleções foi dividido em dois grupos e os times de cada grupo se enfrentavam e o melhor de cada grupo se classificava para a final em um confronto único. Desses dois grupos, os melhores foram o Brasil liderado por Sócrates e o Uruguai liderado pelo experiente goleiro Rodolfo Rodríguez. Em uma partida muito disputada, o jogo acabou com a vitória do Uruguai por 2 a 1. Essa conquista para os uruguaios teve um gosto de vitória duplo. Primeiro pelo fim de um grande jejum de títulos pela seleção desde 1950 e segundo pela força do povo ao final do jogo em um gesto de resistência quando bradou *"vai acabar, vai acabar a*

ditadura militar" (GALEANO, 2012). Essa atitude da população veio para mostrar que os tempos obscuros imposto pelas forças armadas estavam chegando ao fim.

De acordo com o presidente da FIFA em 1980, João Havelange, a narrativa de existir uma ditadura no Uruguai impossibilitaria a realização do torneio e o uso do evento com intuitos propagandísticos pelo regime, não eram questões de competência da FIFA. Porque o mesmo disse *"a mim não teve nenhum problema porque não faço política, eu faço esporte, tem que respeitar quem está no governo. Se é bom, ou se é ruim não é minha decisão"* (HAVELANGE, 2009). Contrapondo as ideias de Havelange, o jornal La Nación publicou:

> El gobierno de facto uruguayo tomó como ejemplo la organización de la Copa del Mundo de 1978 para hacer algo similar dos años después y mostrar su "éxito". La ceremonia inaugural, a estadio lleno, con canción oficial e himno, fue una vitrina perfecta (KONISZCZER,2020).

No dia 24 de março de 1976, foi dado o golpe militar na presidente da Argentina Isabel Perón pelo chefe da junta militar, o general Jorge Rafael Videla. O Regime argentino foi considerado um dos mais autoritários do Cone Sul, tendo como características os inúmeros sequestros, desaparecimentos, torturas e mortes por aqueles considerados "subversivos". Embora os acontecimentos, o presidente da FIFA, João Havelange mantinha firme a decisão de realizar o campeonato e declarou: *"a Argentina está mais apta do que nunca para organizar o Mundial"* (RODRIGUES, 2007, p.210).

O país sediou a Copa do Mundo em 1978, Videla enxergou esse torneio como uma forma de melhorar a imagem do país para o mundo na tentativa de esconder os crimes que ocorriam em solo argentino. Sabendo do genocídio na Argentina, muitos países que iriam disputar a Copa do Mundo ameaçaram um boicote, não indo para o país portenho. *"Em fins de 1977 foi lançado, por meio do Le Monde, um movimento de boicote à Copa na Argentina para pressionar sua ditadura militar"* (JÚNIOR, 2010).

Os brasileiros venceram os poloneses por 3x1, com esse resultado os argentinos se viram em uma situação bem complicada, sendo obrigado a ganhar por no mínimo 4 gols no último jogo contra o Peru para ir à final. Argentina e Peru fizeram o jogo mais polêmico daquela Copa do Mundo. O país dominou o jogo e no fim fez um placar de 6x0 e foi disputar a grande final da Copa contra a Holanda.

> La goleada 6-0 de Argentina ante Perú em el Mundial 1978, uno de los resultados más polémicos de la historia del fútbol, estuvo vinculada con el plan Cóndor, la operación em conjunto de las dictaduras latinoamericanas em las décadas de 1970 y 1980, afirmo ante la justicia el ex senador peruano Genaro Ledesma Izquieta (LA JORNADA,2012).

Dialogando com jornal La Jornada, o jornal El Tiempo (2012), publicou que esse jogo foi usado em um acordo entre o ditador argentino Jorge Rafael Videla e o ditador peruano Francisco Morales Bermúdez para que fossem executados no Rio da Prata cerca de 13 "subversivos", entre eles o ex-senador peruano Genaro Ledesma Izquieta. O próprio relata que isso fazia parte de uma aliança entre as ditaduras sul-americanas.

Resultados esperados ou conclusão

Essa pesquisa expôs o elo entre política e futebol durante os regimes ditatoriais do Cone Sul.Sendo assim, chegamos a conclusão que é intrínseco o vínculo entre futebol e política, fazendo aqueles que estão no poder usem esse esporte para diversos propósitos.

Após analisar a situação de ambos os países, chegamos ao desfecho de que tanto a ditadura uruguaia, quanto o regime argentino estiveram muito conectados ao futebol. No Uruguai, é nítido com o Mundialito, competição que tinha o intuito de mostrar o país como uma nação renovada e preocupada com o "progresso" para o mundo. No final essa competição acabou tendo um desfecho inesperado pelo governo, pois segundo Caetano (2012), o Mundialito foi um grande êxito popular, mas um fracasso político total para o regime.

Na Argentina, compreendemos a manipulação do futebol feita pelo general Jorge Rafael Videla a favor de seus propósitos políticos foram de extrema importância para o regime argentino. Essa manipulação foi evidenciada com a Copa do Mundo, que teve como finalidade propagar o governo ditatorial e esconder os crimes contra a humanidade que ocorreram no país, no final da década de 70.

> "Mientras se gritan los goles, se apagan los gritos de los torturados y de los asesinados". La frase es de Estela de Carlotto, presidenta de Abuelas de Plaza de Mayo, en el documental La Historia Paralela, y no hace otra cosa que reflejar lo que significó el Mundial de 1978, disputado y ganado por Argentina mientras el país vivía su noche más oscura (CLARÍN,2013).

Referências

ÁVILA, A. Mundialito: *A copa que a FIFA escondeu*. Futbox, 2017. Disponivel em: https://www.futbox.com/blog/campeonatos/mundialito-a-copa-que-a-fifa-escondeu. Acesso em: 27 de mai. 2020.

BARROS, J. História comparada– um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2007.

CAETANO, G. *Breve historia de la dictadura (1973-1985).* Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 1998.

Dictaduras negociaron triunfo de Argentina sobre Perú en 1978. La Jornada, 2012. Disponivel em: https://www.jornada.com.mx/2012/02/07/deportes/a13n1dep. Acesso em: 28 de maio 2020.

El Mundial 78: cuando la dictadura puso al fútbol al servicio del terror. Clarín, 17 de mai. de 2013. Disponivel em: https://www.clarin.com/deportes/mundial_0_BkkZb7_jw7l.html. Acesso em: 21 de maio 2020.

Involucran el 6-0 del Argentina-Perú de 1978 en el plan cóndor. El Tiempo, 2012. Disponivel em: https://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-11079642. Acesso em: 28 de maio 2020.

GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: Conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JÚNIOR, H. *Futebol e orgulho nacional*. Le Monde Diplomatique, 2010. Disponivel em: https://diplomatique.org.br/futebol-e-orgulho-nacional/. Acesso em: 27 de maio 2020.

KONISZCZER, F. *Mundialito de Uruguay", aquel torneo repleto de estrellas del fútbol que la historia olvidó*. La Nacíon, 2020. Disponivel em: https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/mundialito-uruguay-aquel-torneo-repleto-estrellas-del-nid2346907. Acesso em: 27 de maio 2020.

MAGALHÃES, L. G. *Com a taça nas mãos*: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2014.

MAGALHÃES, L. G. Los Campeones del Río de la Plata: Fútbol en Argentina y Uruguay. *Hispania Nova*, n. 17, p. 470-493, 2019.

Memórias do chumbo- O futebol nos tempos de condor. Direção: Lúcio de Castro. Brasil: ESPN Brasil. 2012.

MOSQUERA, M. *The 1980 Mundialito*. Copa 90, 2018. Disponivel em: https://www.copa90.com/en/all/2018/1/the-1980-mundialito. Acesso em: 27 de maio 2020.

MUNDIALITO. Direção: Sebastian Bednarik. Uruguai, Brasil: Coral Cine. 2009.

RODRIGUES, E. *Jogo duro: A história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

OS JOGOS BOLIVARIANOS DE 1938 NA IMPRENSA COLOMBIANA: UM OLHAR PARA A NAÇÃO

Eduardo de Souza Gomes[1]

Resumo
Este trabalho tem por objetivo analisar os discursos e representações da mídia colombiana acerca dos primeiros Jogos Bolivarianos da história, ocorrido em 1938 como principal evento dos festejos de comemoração dos quatrocentos anos de Bogotá, capital do país. Busca-se estabelecer como tais discursos refletiram diretamente em representações acerca da nação colombiana pensadas pelos governos liberais do período.
Palavras-chave: Esporte. Nação. Colômbia. Imprensa. Representação.

Introdução

Este trabalho busca estabelecer uma análise acerca dos olhares da imprensa sobre os Jogos Bolivarianos de 1938. Tais jogos ocorrem até os dias atuais e tiveram sua primeira edição realizada no referido ano, como forma de festejar os quatrocentos anos da capital do país, Bogotá. Busca-se, com essa análise, perspectivar qual foi o papel da imprensa na cobertura desse evento, notadamente no que se diz respeito à relação dos veículos analisados com as ideias de nação presente no país, tal como seus efeitos nas relações internacionais da Colômbia.

Foram analisados nesta investigação os periódicos *El Tiempo*, *El Nuevo Siglo* e *El Espectador*. Todos são importantes por terem tido, apesar de serem jornais oriundos da capital Bogotá, uma grande circulação em nível nacional no período estudado, sendo assim importantes veículos para pensarmos o objeto aqui proposto. Como o recorte temporal desta pesquisa está inserido em um governo liberal, marcado pela transição entre os presidentes Alfonso Lopez Pumarejo e Eduardo Santos, foram escolhidos dois jornais que assumidamente possuíam uma linha liberal, que são *El Tiempo* e *El Espectador*, assim como um periódico assumidamente conservador, que é *El Nuevo Siglo*, de forma que seja possível problematizar as visões apresentadas.

Cada veículo de imprensa possui linha editoriais e posicionamentos próprios que, obviamente, podem ou não direcionar suas crônicas, matérias e demais formas de informações passadas. Abaixo, será abordado um pouco da linha editorial, histórico e posicionamento de cada jornal aqui analisado, pensando assim como esses se inseriam no cenário de festejos do IV centenário de Bogotá.

[1] Eduardo de Souza Gomes, Doutor em História Comparada – UFRJ, eduardogomes.historia@gmail.com.

O *El Tiempo* é um periódico oriundo da cidade de Bogotá e fundado em 1911. É publicado diariamente e possui uma forte tendência ideológica liberal assumida, tendo tido participação decisiva na difusão da imagem de Olaya Herrara, candidato liberal que se tornou presidente em 1930 e quebrou a então hegemonia conservadora no poder executivo nacional do país.

Já *El Espectador* é um periódico de circulação diária, oriundo da capital colombiana Bogotá. Fundado em 1887, é junto com *El Tiempo* um dos principais periódicos da capital, estando ativo até a atualidade. É também o periódico mais antigo da Colômbia e, desde sua primeira edição, deixou explícita a preferência política em sua linha editorial, favorável ao Partido Liberal no país. Assim, trata-se de uma fonte que, no período de análise do objeto desta tese, se colocou favorável aos governos aqui problematizados (dos presidentes Alfonso López Pumarejo e Eduardo Santos), salvo raras exceções.

Como contraponto, entre os periódicos da capital colombiana, o jornal *El Siglo* tem como característica histórica seu posicionamento ideológico ligado ao Partido Conservador. Periódico diário, foi fundado em fevereiro de 1936 pelos líderes conservadores históricos Laureano Gómez[2] e José de la Vega. Desde sua fundação, se tornou um periódico que buscou, em linhas gerais, exercer críticas aos governos da República Liberal, colocando-se contrários aos caminhos políticos desse período, o que possibilita a esta pesquisa aguçar o olhar comparativo acerca do objeto problematizado. Continua sendo publicado periodicamente até os dias atuais, porém teve sua nomenclatura alterada para *El Nuevo Siglo*.

Reconhece-se que, no âmbito dos próprios jornais analisados, podem ter existido cronistas ou alguns jornalistas que fugiam a essa linha editorial mais geral. Todavia, buscou-se nesta análise seguir o posicionamento mais amplo, ou "oficial", que tais veículos assumiram, sendo os olhares contrários, dentro dos períodos retratados, entendidos como minoritários ou com pouca força nesses periódicos.

Desenvolvimento

Dois meses antes dos Jogos Bolivarianos de 1938, já era possível encontrar notícias e escritos referentes a torneios esportivos locais espalhados pela Colômbia, fato que, em um país

[2] Um dos maiores líderes do Partido Conservador na história da Colômbia no século XX, Laureano Gómez representou uma das maiores forças de oposição à República Liberal (1930-1946) no país, tendo sido presidente de forma direta entre 1950-1951 e, indiretamente (devido ter sofrido um infarto), entre 1951-1953. Em 1953 foi oficialmente destituído do poder, após a entrada do militar Gustavo Rojas Pinilla, no período em que a Colômbia passou a ser governada por uma junta militar ditatorial, fruto do agravamento do período de *La Violencia* pelo qual passava o país desde o assassinato do liberal Jorge Gaitán em 9 de abril de 1948 e que culminaria em um processo de guerra civil até a década de 1960, resultando na criação futura de grupos como as FARC e o ELN. Maiores informações, ver BUSHNELL, 2008.

onde o esporte ainda não era tido como uma de suas atividades centrais, se faz um fato relevante[3].

A Copa do Mundo de futebol em 1938, principal evento esportivo de perspectiva mundial daquele ano, foi amplamente divulgada nos periódicos colombianos. Mesmo não tendo o país participado da competição, considerando que seu selecionado no futebol estava sendo formulado exatamente nesse mesmo ano, os jornais trataram com destaque os resultados da Copa, com maior centralidade para a campanha de países vizinhos, como o Brasil, que ficou em terceiro lugar na disputa, melhor colocação do país no torneio até então[4].

Há um mês do evento, foram destacadas algumas competições esportivas que ocorriam pelo país. Competições de ginástica[5], polo[6], basquete[7], atletismo[8], entre outras, foram algumas das modalidades citadas pelos jornais. A chegada de delegações, que vinham para a disputa dos Jogos Bolivarianos no mês seguinte, também mereceu olhares privilegiados. No momento da chegada de equipes do Peru, Bolívia e Equador, foi destacado o navio que trazia as delegações nas páginas de *El Espectador:*

> Tierra de las pampas de Junín traerán los atletas peruanos; bolivianos y ecuatorianos han llegado ya a tierra colombiana.
> A bordo del vapor "Alfaro" vienen 180 deportistas hoy.
> Los bolivianos dicen tener especial confianza en sus equipos de natación[9].

Os atletas bolivianos em questão, foram inclusive agraciados pelo prêmio "Jubilo da Paz", importante prêmio destinado na Colômbia e que representava a paz e comunhão existente entre as vizinhas nações. Esse fato demonstra a presença da questão diplomática, inserida na lógica do evento desde então[10].

Para o recebimento dos demais atletas e delegações que viriam, foi criada no país a "Guarda Olímpica Bolivariana"[11], destinada a organizar e conceder segurança para aqueles que chegavam ao país. Nesse clima "pré-jogos", as páginas de *El Espectador*, inclusive,

3 *Correio de Manhã*, 01 de junho de 1938, p. 7.

4 *El Tiempo*, 17 de junho de 1938, p. 15.

5 *El Siglo*, 02 de julho de 1938, p. 9.

6 *El Tiempo*, 03 de julho de 1938, p. 17.

7 *El Siglo*, 04 de julho de 1938, p. 9.

8 *El Siglo*, 04 de julho de 1938, p. 9.

9 *El Espectador*, 04 de julho de 1938.

10 *El Tiempo*, 08 de julho de 1938, p. 1.

11 *El Tiempo*, 09 de julho de 1938.

dialogavam com os leitores acerca daquilo que era entendido no país como sendo um "desportista"[12].

Algumas modalidades consideradas como centrais para os colombianos, foram destacadas com maior fervor pelos jornais. Como exemplo, é possível destacar a equipe de tiros do país, que era entendida como uma possível candidata a bons resultados[13].

A equipe de basquete era aquela que, coletivamente, foi mais exaltada inicialmente na imprensa[14]. No meio de notícias acerca da formação das equipes nacionais e da chegada de delegações internacionais, é interessante, também, perceber os símbolos construídos pela organização do evento acerca das ideias nacionalistas que permeavam o país. A identidade bolivariana, símbolo maior da construção dos jogos, ficava explícita quando "el fuego bolivariano" passou a ser destacado pelo país. O simbolismo da tocha que remetia aos jogos se permeou pelas fronteiras do país, colaborando assim para a consolidação da identidade bolivariana perpetuada.

Dentre as modalidades mais populares praticadas nos Jogos Bolivarianos, tal como no país em um todo, é válido destacar a presença do boxe. Desde o século XIX, essa foi uma modalidade de origem popular na Colômbia, oriunda das camadas sociais menos abastardas e com forte presença na população de origem africana, notadamente na região do Caribe no país.

Em 1938, as identidades esportivas da Colômbia ainda estavam em formação, tendo o boxe, que em momentos futuros se manteria com notória importância em alguns lugares da Colômbia, alcançado inclusive destaque com os "grandes lutadores do período". Destaca-se em *El Espectador*, sobre a grandeza do evento de boxe que estava para acontecer no mesmo período que os Jogos Bolivarianos, por mais que não estivesse inserido no âmbito desse evento em si:

> Varios boxeadores famosos vendran a los bolivarianos. Entre ellos se encuentran Kanfmann, campeon aleman, y Guera, campeon suramericano. Para iniciarse el próximo 29 de julio, se anuncia uma interessante temporada de boxeo, para la cual la empresa Pérez e Cia., há contratado a boxeacores de fama en otros países, para que se enfrenten com los pugillistas bogotanos y de otras ciudades del país, donde el boxeo há adquirido mucho impulso y donde existen unidades bastante bien preparadas[15].

Outras modalidades também mereceram destaque por parte da imprensa. Em alguns casos, tratou-se inclusive de manifestações culturais que não se materializaram como esportes

[12] *El Espectador*, 09 de julho de 1938.

[13] *El Espectador*, 11 de julho de 1938.

[14] *El Siglo*, 11 de julho de 1938, p. 2.

[15] *El Espectador*, 16 de julho de 1938.

do evento, mas que tinham importância cultural desde a colonização. Um exemplo foram as touradas, onde no calor dos jogos foi montada, em Bogotá, uma arena de touros que fez sucesso com o público.

O atletismo foi bem problematizado, também, nos jornais de Bogotá entre julho e agosto de 1938. A escolha da equipe colombiana destinada a representar o país no atletismo, foi um grande exemplo:

> Como quedo integrado el equipo de atletismo para el centenario.
> Quiénes integran el equipo que representará a Colombia en los Juegos Bolivarianos – El Comité Organizador de los Juegos Bolivarianos prorrogó la inscripción. [...]
> El equipo que en los distintos eventos de atletismo representará a Colombia en los Juegos Bolivarianos quedó inscrito con los siguientes elementos:
> 250 deportistas inscribe Colombia.
> Anoche se cerraron las inscripciones para los juegos bolivarianos, y sólo hasta las últimas horas de la tarde los entrenadores contratados por el comité organizador rindieron sus informes, dando a conocer la lista de los seleccionados que lucirán nuestros colores em agosto[16].

Antes de deixar o cargo, no início de agosto, o então presidente López Pumarejo fez um discurso importante nas prévias dos jogos. Sua perspectiva foi levar o tema à América Latina, de forma que pudesse lançar discursos nacionalistas e de integração na região[17].

O entusiasmo da capital pelos jogos e pelos festejos de seu IV centenário, não ficaram restritos apenas aos cidadãos *bogotanos*. Distintas entidades esportivas, nacionais e internacionais, deram valor ao início dos jogos. Assim mesmo, alguns simbolismos, fruto da expansão do movimento olímpico difundido pelo COI desde o fim do século XIX, marcaram presenças na Colômbia. Um exemplo foi a tocha do "fuego olímpico", que simbolizou fortemente a questão identitária bolivariana[18].

Resultados esperados ou conclusão

A expectativa acerca dos possíveis resultados dos jogos, permeou também parte dos escritos da imprensa. Por exemplo, em *El Espectador* foi muito comentado os possíveis "prognósticos" dos atletas colombianos que iriam disputar os Jogos Bolivarianos. Havia uma esperança gigantesca por bons resultados, com nomes sendo destacados em diferentes modalidades. Como vemos abaixo[19].

[16] *El Espectador*, 23 de julho de 1938, p. 9.

[17] *El Siglo*, 03 de agosto de 1938, p. 1.

[18] *El Siglo*, 02 de agosto de 1938, p. 9.

[19] *El Espectador*, 02 de agosto de 1938, p. 5.

A exaltação nacionalista a partir da perspectiva de bons resultados, se extrapolava quando aparecem nos jornais a relação do evento com a figura Simón Bolívar. Chamado de "el salvador del centenário", Bolívar foi o nome que unificou as nações participantes da primeira edição dos Jogos Bolivarianos, tendo dado um significado identitário de proporções muito maiores do que qualquer aliança que fosse possível perspectivar naquele período dentro de um cenário das relações internacionais[20].

Assim, conclui-se este trabalho entendendo que os Jogos Bolivarianos de 1938 foram de extrema importância para consolidar uma determinada ideia de nação que se pensava para a Colômbia no período em questão, tal como para estreitar laços do país com seus vizinhos, a partir da ideia bolivariana, tendo a imprensa tido papel central na construção desses imaginários.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Como se pode ser desportista?* In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim do século, 2003, p. 181-204.

BUSHNELL, David. *Colombia:* una nación a pesar de si misma: nuestra historia desde los tempos pré-colombianos hasta hoy. Bogotá: Planeta, 2012.

GOMES, Eduardo de Souza. *A invenção do profissionalismo no futebol*: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Curitiba: Appris, 2019.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Deporte y modernidad: caso Colombia. Del deporte en sociedad a la deportivización de la sociedad. *Revista Colombiana de Sociologia*, Bogotá, v. 36, n. 01, p. 19-42, jan-jun 2013.

RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto**.** *La política del sport: elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925*. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

[20] *El Siglo*, 03 de agosto de 1938.

A "TRIBO JORNALÍSTICA" PRESENTE NA GESTÃO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Roberto Falcão[1]

Resumo
Os megaeventos esportivos têm jornalistas como gestores de implantação de infraestrutura e de prestação de serviços gerais, tais como transporte e alimentação, a partir da premissa de que a imprensa é constituída por um grupo especial, com funcionamento particular. Tal premissa de gestão vai ao encontro da proposição do pesquisador Nelson Traquina, de que a "comunidade transnacional" dos jornalistas constitui uma "tribo jornalística", e desta forma é preciso um jornalista para avaliar as necessidades de outro. A partir de questionários respondidos por 36 profissionais que atuaram em megaeventos esportivos na área de imprensa e de entrevistas com quatro deles, percebe-se que os jornalistas envolvidos com a organização entendem que a formação em Jornalismo é uma vantagem.
Palavras-chave: Megaeventos esportivos. Gestão. Imprensa. Tribo jornalística.

Introdução

A cada segundo é gerado no mundo um número incontável de acontecimentos e se faz presente um número igualmente incontável de assuntos. Assim, os jornalistas precisam escolher aqueles que, em sua análise, são mais merecedores de se tornarem públicos. A escolha, portanto, deve recair naqueles que carregarem mais noticiabilidade.

Segundo o jornalista e pesquisador português Nelson Traquina (2013, p.61), é possível definir o conceito de noticiabilidade como o "conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor-notícia' ('newsworthiness')". O italiano Mauro Wolf (2008, p. 202) define valores-notícia como a qualidade inerente aos acontecimentos que os tornam "suficientemente interessantes, significativos, relevantes, para serem transformados em notícia".

Para Traquina (2013, p.102), a atenção aos critérios de noticiabilidade, a partir da avaliação dos valores-notícia, é um fator primordial para unir a "tribo jornalística", como ele se refere à "comunidade transnacional" dos jornalistas[2]. De acordo com o autor, um

[1] Roberto Falcão é mestre em Mídia e Cotidiano (UFF) e este trabalho faz parte de pesquisa de doutorado desenvolvido no PPGCOM da PUC-Rio sob orientação do Prof. Dr. Leonel Aguiar, com apoio da CAPES. robertofalcao.professor@gmail.com.

[2] Segundo Traquina: "Antropologicamente falando, a comunidade jornalística é uma tribo, e as características e ideologia desta tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico. Postulamos agora que esta

acontecimento ou um assunto que são notícia para o jornal de um país não necessariamente são para o de outro, mas profissionais dos dois lugares trabalham suas seleções de acordo com o mesmo protocolo de avaliação dos valores-notícia.

Assim, os megaeventos esportivos são organizados de forma a atender à premissa[3] de que os profissionais de mídia credenciados serão mais bem atendidos por outros jornalistas não somente no trânsito de informações, mas também na prestação de serviços. Por isso, habitualmente se separam as equipes de assessoria de imprensa[4], responsável por fornecimento de informações, e de operações de imprensa, que cuida da infraestrutura e do gerenciamento das áreas de imprensa[5] e dos serviços à mídia[6] (internet, alimentação e credenciamento, entre outros).

Para verificação desta premissa, 36 profissionais que trabalharam no atendimento à imprensa em megaeventos esportivos realizados no Brasil no século XXI responderam a um questionário online, em maio de 2019, com questões relativas à premissa de que a mídia credenciada é mais bem atendida por jornalistas também em serviços e infraestrutura. Quatro dos que preencheram o questionário responderam também a uma entrevista semiestruturada.

Pesquisa e resultados

O autor desta pesquisa baseou-se em sua experiência de trabalho para comitês organizadores de megaeventos para construir o questionário. Foram convidados a responder 63 profissionais que trabalharam em megaeventos esportivos, em operações de imprensa ou em assessoria de imprensa (ou ainda em ambos). Destes, 36 responderam. Quatro, de variados perfis, foram convidados a comentar suas respostas e aceitaram.

comunidade interpretativa chamada jornalistas é uma comunidade transnacional, uma diáspora, espalhada pelo mundo" (Id., ibid.).

3 Premissa verificada pelo autor quando trabalhou em comitês organizadores de megaeventos esportivos realizados no Brasil no século XXI: Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos Rio 2007, Jogos Mundiais Militares Rio 2011, Copa das Confederações FIFA 2013, Copa do Mundo FIFA 2014, Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e Copa América Brasil 2019. Trabalhou ainda na Copa do Mundo FIFA Sub-17 Brasil 2019.

4 Usualmente chamadas, em megaeventos esportivos, de Relações com a Imprensa, termo traduzido do inglês *Media Relations.*

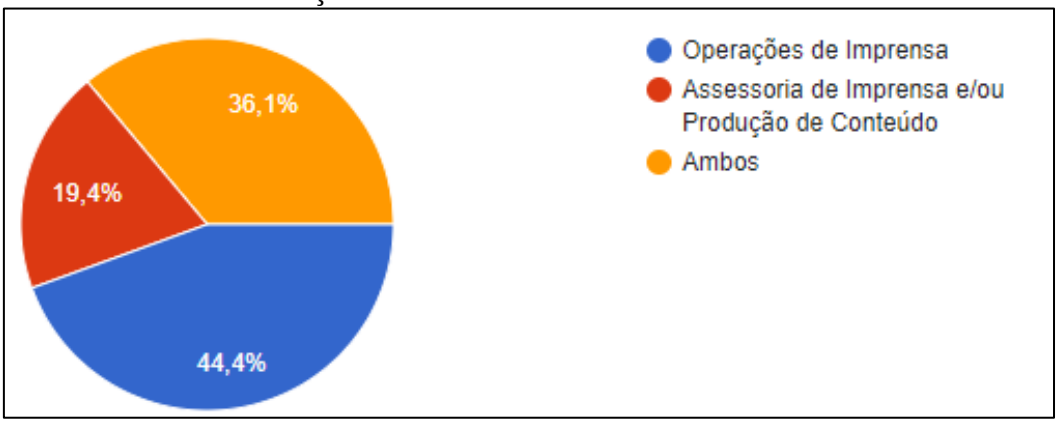
5 Usualmente, são as seguintes as áreas de imprensa em uma instalação esportiva nos megaeventos esportivos: tribuna de imprensa, sala de entrevistas coletivas, zona mista, sala de trabalho, posição de fotógrafos em campo, posições de TV e *broadcasting compound* (local de estacionamento dos caminhões de transmissão de TV).

6 Serviços pagos ou franqueados, dependendo do evento.

Dos 36 profissionais respondentes, 29 têm formação em Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo[7], equivalente a 80,56%. Ainda em Comunicação Social, um tem como principal formação Publicidade (5,56%) e o outro, Rádio e TV (2,78%). Quatro (11,11%) têm formação em outras áreas: dois em Direito, um em Artes Cênicas e um em Licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Direito[8].

Estes quatro sem formação em Comunicação Social atuaram exclusivamente na área de Operações de Imprensa e fazem parte do grupo de 16 profissionais (44,4%) que cuidaram de infraestrutura e prestaram serviços (vide gráfico 1). Sete atuaram exclusivamente em Assessoria de Imprensa e/ou Produção de Conteúdo (19,4%). São 13 (36,1%) os que trabalharam em ambas as funções.

Gráfico 1 - Área de atuação

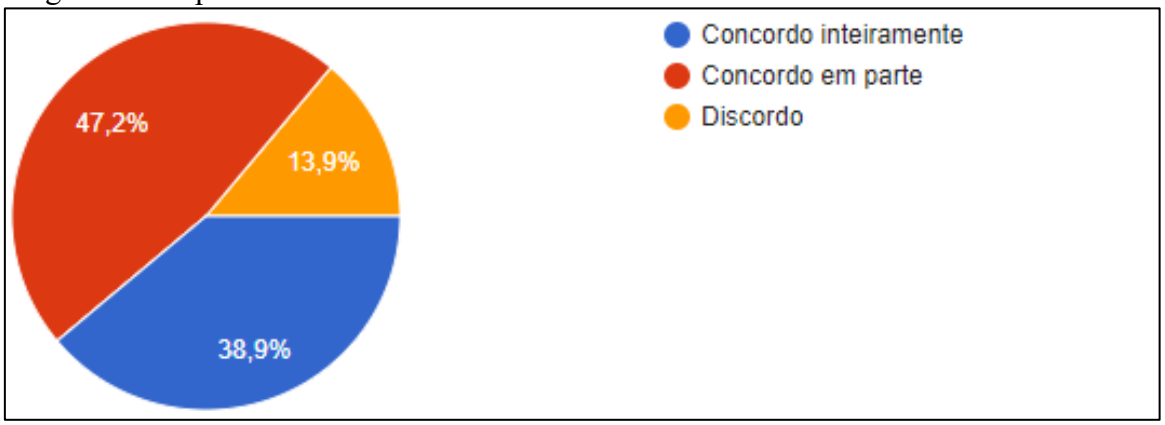


Estimulados a responder à pergunta "Em relação à frase 'É preciso ser jornalista para entender as necessidades de um jornalista em um megaevento esportivo', qual sua opinião?", 31 profissionais concordaram, inteiramente ou em parte, o que compreende 86,1% do universo pesquisado (ver gráfico 2). Todos os 14 que concordaram inteiramente são jornalistas por formação e atuação; entre os 17 que concordaram em parte, 14 são jornalistas e três têm formação em Comunicação Social (dois em Publicidade e um em Rádio e TV); entre os cinco que discordaram, estão todos os quatro que com formações diversas, além de um jornalista.

[7] Um profissional é formado também em Publicidade, mas tem atuação apenas na área de Jornalismo. Outro é formado em Jornalismo e em Rádio e TV, com atuação em ambas.

[8] Licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Direito obtida na França.

Gráfico 2: “É preciso ser jornalista para entender as necessidades de um jornalista em um megaevento esportivo?”



A francesa Amélie Bouan discorda da necessidade absoluta de ser jornalista para entender as necessidades da profissão. Com licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Direito, Amélie trabalhou na gerência de Operações de Imprensa do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

> Um jornalista conhece como trabalham os jornalistas, é capaz de avaliar se o pedido de um jornalista é razoável ou exagerado. Por outro lado, não adianta você ser jornalista e não saber como funciona a logística ou a operação de um megaevento esportivo (BOUAN, entrevista ao autor em 26 jun. 2019).

O jornalista Vitor Rocha, que trabalhou em megaeventos na área de Operações de Imprensa depois de fazer coberturas importantes, como a da Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, e a dos Jogos Olímpicos Londres 2012, concorda parcialmente.

> Profissionais acostumados à produção de eventos também são capazes de trabalhar na montagem de infraestrutura. Só que um jornalista sempre vai ter vantagem pois de certa forma também é um produtor, ele produz sua própria matéria (ROCHA, entrevista ao autor em 28 jun. 2019).

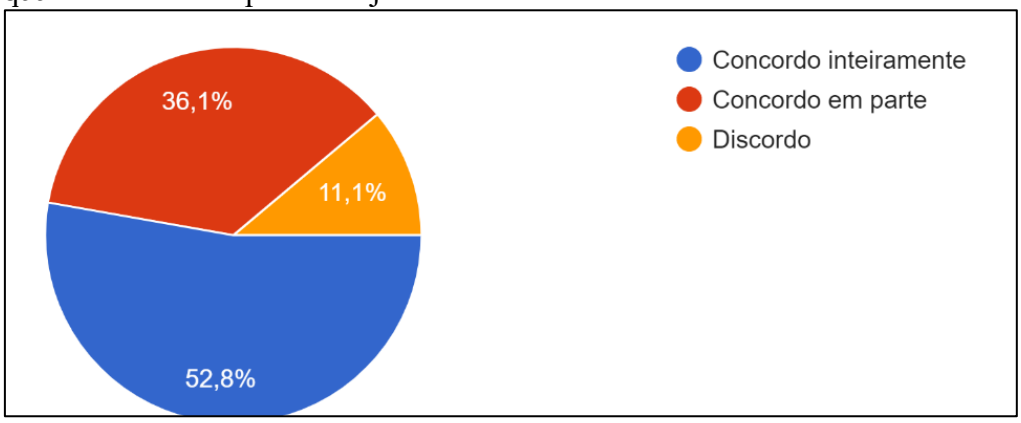
A jornalista Adriana Moreira, que trabalhou em diversos eventos esportivos e foi a coordenadora do Rio Media Center, durante os Jogos Rio 2016, comenta que o jornalista deve ter uma “dinâmica mais próxima do ambiente corporativo própria da organização” e aponta o seu foco:

> Entender as necessidades daquela instituição, como organização corporativa, pois dentro dessa dinâmica ele vai entender essa parte da administração, que tem a necessidade do planejamento, da execução, das metas... tudo isso combinado com as necessidades do jornalista produtor de conteúdo, que no fim das contas, é o cliente final (MOREIRA, entrevista ao autor em 28 jun. 2019).

Quando feita a pergunta “Em um megaevento esportivo, um jornalista se sente mais à vontade quando é atendido por outro jornalista?”, são 32 os que concordam inteiramente ou em

parte, o que representa 88,9% do universo (19 concordam inteiramente, 13 concordam em parte). Quatro discordam (ver gráfico 3).

Gráfico 3: "Em um megaevento esportivo, um jornalista se sente mais à vontade quando é atendido por outro jornalista?"



O jornalista Alexandre Bittencourt, assessor de imprensa do Fluminense Football Club, acha que só um jornalista é capaz de entender completamente as necessidades de um colega. Mas ele, que trabalhou para os Jogos Mundiais Militares Rio 2011 e integrou a equipe do Comitê Olímpico do Brasil (COB) nos Jogos Olímpicos Londres 2012, ressalva que é possível capacitar outros profissionais.

> Se for um jornalista, é bom ter experiência em redação. Também tem que ter conhecimento a fundo do evento, estudar as modalidades, saber as regras básicas. Conhecer os principais atletas do Brasil, principais atletas do mundo (BITTENCOURT, entrevista ao autor em 4 jul. 2019).

Mas Bittencourt ressalta que um não jornalista nunca será capaz de ter o entendimento completo da atividade de um jornalista. Mesmo que não expressa, aqui está a percepção da tribo jornalística como uma comunidade que acredita que somente seus membros são capazes de bem entendê-la.

Conclusão

Os jornalistas acreditam que há uma adequação de sua formação às funções de produção em megaeventos esportivos pelo entendimento do universo que Traquina chama de "tribo jornalística internacional". Quatorze jornalistas (38,9%) acham que é preciso ser jornalista para entender as necessidades de um jornalista. Outros 17 (47,2%) concordaram em parte com este entendimento, sendo que 14 são jornalistas e três têm formação em Comunicação Social (dois

em Publicidade e um em Rádio e TV). No entanto, todos os quatro que têm formações diversas discordam, além de um jornalista (cinco no total, ou 13,9%).

Um estudo complementar com repórteres que realizam as coberturas de megaeventos poderá ajudar a compreender se realmente se extrai eficiência desta premissa de que é adequado atribuir aos jornalistas o planejamento do atendimento à imprensa em megaeventos esportivos. Mas, pelas respostas aos questionários, é possível concluir que os próprios jornalistas que viveram esta experiência estão seguros de que sim.

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luísa. Questões metodológicas sobre a teoria do newsmaking: um estudo de caso sobre o jornalismo esportivo. In: ENCONTRO RIO-ESPÍRITO SANTO DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 5., 2011, Rio de Janeiro. *Anais V Encontro*... Brasília: FNPJ, 2011. v. 5.

BITTENCOURT, Alexandre. Entrevista ao autor em 4 jul. 2019.

BOUAN, Amélie. Entrevista ao autor em 26 jun. 2019.

BREED, Warren. Controle Social na Redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Florianópolis: Insular, 2016.

McCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, Adriana. Entrevista ao autor em 28 jun. 2019.

PAYNE, Michael. *A virada olímpica*: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ COB Cultural, 2006.

ROCHA, Vitor. Entrevista ao autor em 28 jun. 2019.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo:* a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2013. v. 2.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS COPAS DE 2019 NO GLOBOESPORTE.COM

Silvan Menezes dos Santos [1]
Breno Brey D'auria[2]
Lucas Barbosa Silva[2]
Marcus Vínicius de Arruda Silva Pereira[2]
Otávio Bonjiovanne Lourenço[2]
Vinicius Augusto do Nascimento Monteiro[2]

Resumo
O presente estudo visou analisar a cobertura jornalística do grupo Globo sobre as seleções brasileiras na Copa do mundo de futebol feminino e a Copa américa de futebol masculino, ambas realizadas no ano de 2019, em períodos concomitantes. Desenvolvemos um estudo de análise de produto midiático, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Como ferramenta analítica das notícias, utilizamos a teoria do enquadramento, subsidiada pelo modelo analítico dos 5 E´s do esporte. A análise midiática realizada dos constructos noticiosos perpassa por pontos como a data de veiculação, autoria, sexo dos autores e autoras, fonte de entrevista das notícias e o sexo dessas fontes. Os resultados reforçam a ideia de que o cenário é tendencioso a dedicar mais espaço jornalístico ao futebol masculino.
Palavras-chave: Futebol de mulheres. Enquadramento midiático. Copa do Mundo de futebol feminino

Introdução

Em 2019, pela primeira vez na história dos meios de comunicação de massa do Brasil, a Copa do Mundo FIFA de futebol feminino, ocorrida na França, foi coberta na íntegra pelo grupo Globo, ou seja, com todos os jogos transmitidos[3]. Nesse mesmo ano, a competição das mulheres coincidiu com a realização da Copa América Conmebol de futebol masculino, ocorrida no Brasil.

Para além da sobreposição de calendário dos eventos esportivos, a problemática que se apresenta em tal cenário é outra. É conhecida a tendência de dedicação de espaço jornalístico, por parte das Organizações Globo, de acordo com a detenção ou não dos direitos comerciais

[1] Professor adjunto dos cursos de Educação Física e pesquisador do Remix - Observatório de mídias, tecnologias digitais e práticas corporais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - silvan.menezes@ufms.br.

[2] Estudante do curso de graduação em Educação Física e pesquisador do Remix - Observatório de mídias, tecnologias digitais e práticas corporais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - b_brey@hotmail.com; lukas_jipa_1@hotmail.com; marcus91arruda@gmail.com; otaviobonjiovanne@gmail.com; vanm.vinicius@gmail.com.

[3] <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/10/pela-1a-vez-na-historia-globo-transmitira-selecao-feminina-na-copa/>Acesso em 31 de jul de 2020.

de transmitir o produto esportivo em questão (PIRES; LISBÔA, 2015). Além disso, também é sabido no Brasil a histórica desigualdade, entre homens e mulheres, no espaço esportivo e midiático que se dedica para eles em detrimento delas.

Diante das questões anteriormente apontadas, o objetivo do presente estudo foi compreender como as Organizações Globo, detentora dos direitos de transmissão para a televisão aberta da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino e da Copa América Conmebol de futebol masculino construiu a narrativa jornalística sobre as seleções brasileiras em seu portal de notícias, o Globoesporte.com.

Desenvolvimento

Desenvolvemos um estudo de análise de produto midiático (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBOA, 2012), com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Recolhemos as notícias publicadas no portal Globoesporte.com, uma semana antes de cada uma das Copas, durante a realização de ambas e uma semana após o encerramento delas. Para organização e análise desse material, as notícias coletadas foram tabuladas no Excel. Destacamos informações dos constructos noticiosos tais como data de veiculação, autoria, sexo dos autores e autoras, fonte de entrevista das notícias e o sexo dessas fontes.

Como ferramenta analítica das notícias, utilizamos a teoria do enquadramento, subsidiada pelo "modelo analítico dos 5 E´s do esporte" (MARCHI JUNIOR, 2015). Para Mendonça e Simões (2012), os enquadramentos midiáticos funcionam como "molduras balizadoras de sentidos". Eles afirmam que "[...] é no conteúdo que se busca o quadro, visto como uma espécie de ângulo, que permite compreender uma interpretação proposta em detrimento de outras" (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 194).

Mobilizamos o olhar para essas molduras e ângulos de abordagem das Copas, analisando e classificando-as a partir da multidimensionalidade do fenômeno esportivo. Para Marchi Junior (2015), ele se constitui na atualidade de maneira complexa nas dimensões da Ética, da Estética, do Espetáculo, da Emoção e, por fim, da Educação, que engloba todas as anteriores. Neste trabalho consideramos as quatro primeiras e a elas adicionamos a dimensão do que denominamos como esportividade. Em consonância com a definição do autor, consideramos o enquadramento das notícias e das entrevistas da seguinte forma:

- Ética: notícias que englobassem a arbitragem, o VAR, fair play, doping, questões de gênero.
- Estética: notícias sobre saúde, lesões e preparo físico de atletas.

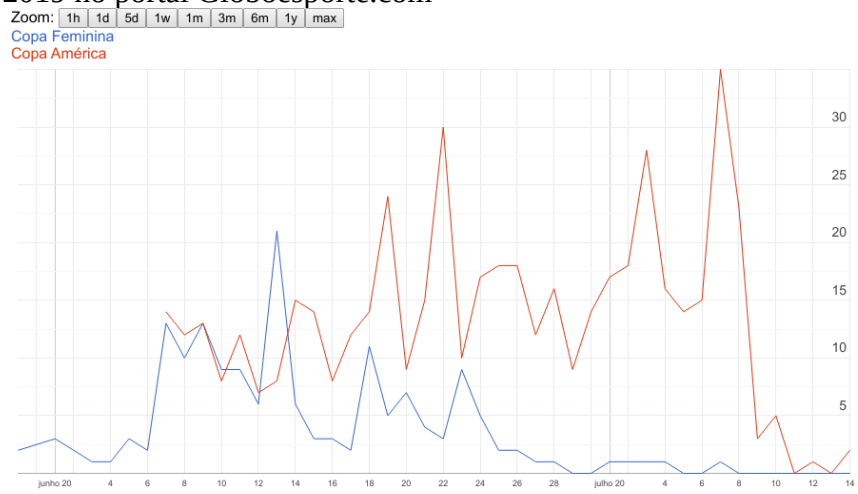
- Espetáculo: noticiário que envolvesse questões econômicas, mercadológicas, burocráticas, midiáticas ou publicitárias do esporte.
- Emoção: matérias jornalísticas sobre torcedores, envolvimento das torcidas e relatos dos jogadores e jogadoras acerca da experiência esportiva.
- Esportividade: reportagens que falassem do jogo propriamente dito e de questões atléticas, como treinamento, técnica, tática, estratégia.

Na sequência do texto apresentamos os achados preliminares desta pesquisa. Especificamente destacamos o tamanho da cobertura jornalística dedicada a ambas as Copas. Apresentamos a autoria desta cobertura, os enquadramentos primários e secundários, bem como mapeamos as fontes de entrevistas mobilizadas para a construção das notícias.

Achados preliminares da pesquisa

Conforme o gráfico 1, sobre a seleção brasileira masculina, durante os 38 dias de recolhimento de dados, mapeamos 506 notícias publicadas, com uma média de 13,31 publicações diárias. Por outro lado, sobre a seleção feminina, durante os 45 dias de coleta, identificamos 164 notícias, com uma média de 3,64 por dia.

Gráfico 1 - Cobertura jornalística diária da Copa América de Futebol Masculino e da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 no portal Globoesporte.com

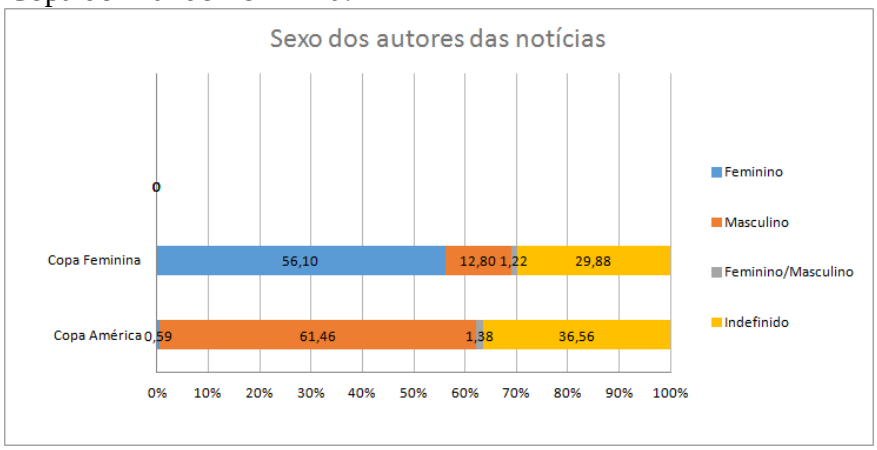


Ao considerarmos as participações das duas seleções nas suas respectivas Copas e recontarmos a produção noticiosa sobre elas até o encerramento das suas participações nas competições, ainda assim encontramos uma diferença abrupta de espaço jornalístico. Até o dia 23 de junho de 2019, dia da eliminação das brasileiras nas oitavas-de-final para a seleção

francesa, encontramos 148 publicações, que contabilizam uma média de 6,16 notícias por dia. Mesmo assim evidencia-se a distinção de espaço e atenção jornalística dedicada pelo Globoesporte.com entre as duas seleções. Quando comparadas as coberturas, vemos que as mulheres não tiveram metade do espaço que os homens obtiveram no portal.

Ao mapearmos o sexo dos produtores e produtoras das notícias, identificamos que na Copa do Mundo Feminina as mulheres ocuparam maior parte da cobertura, com 56,71%. Na Copa América, 61,46% das notícias foram elaboradas por homens, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Sexo dos autores das notícias da Copa América e da Copa do Mundo Feminina.



O tamanho da equipe de jornalistas dedicados à cobertura das Copas e a proporção de participação desses profissionais na produção de notícias sobre ambas as seleções também são indicativos da subvalorização das mulheres no portal Globoesporte.com. Na Copa América o portal contou com 60 repórteres assinando as notícias e na Copa do Mundo Feminina foram 35 os autores e autoras identificadas, ou seja, praticamente metade da equipe.

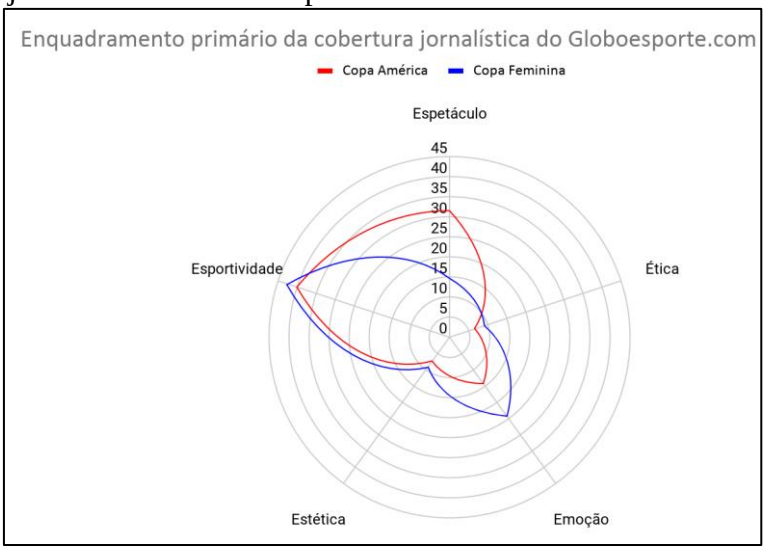
Na competição masculina, observamos 38,1% das notícias assinadas por redações do Grupo Globo. Outros dois jornalistas participaram da produção de aproximadamente 32% das publicações cada um e os demais 58 profissionais produziram entre 4,74% e 0,19% da cobertura do portal na Copa América.

Por outro lado, na competição das mulheres, identificamos 29,2% da produção noticiosa advinda de redações do conglomerado de mídia. Solitariamente, uma jornalista participou de 45,1% da cobertura, enquanto 34 diferentes jornalistas estiveram presentes em uma proporção entre 5,5 e 0,6% das notícias publicadas sobre a seleção brasileira feminina.

Sobre os tipos de enquadramento midiático-esportivo, observamos no gráfico 3 a tendência do portal em enquadrar a Copa América mais nas dimensões da esportividade

(40,1%) e do espetáculo (31,6%). Com relação à Copa Feminina, a primeira dimensão de enquadre seguiu como na competição masculina (esportividade com 42%), mas diferentemente vemos na sequência a dimensão da emoção (24,4%) como segundo maior foco da cobertura.

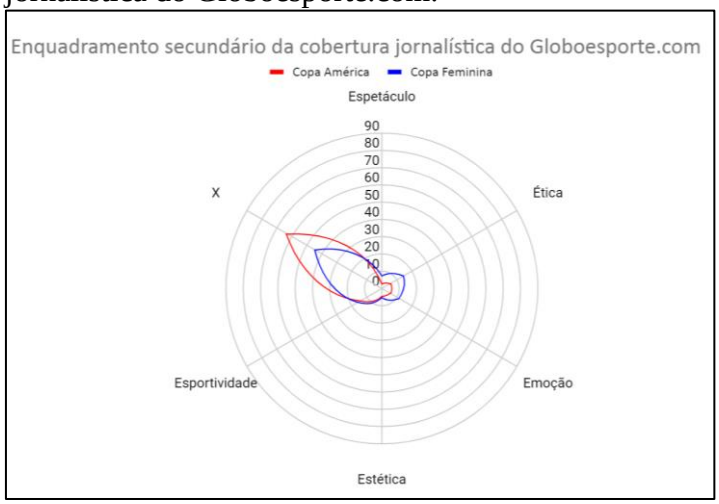
Gráfico 3 - Enquadramento primário da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Destacamos, diante desses dados, que não houve, ao menos proporcionalmente, uma diminuição esportiva das mulheres no conjunto da cobertura jornalística do Globoesporte.com. Paralelamente a isso, ressaltamos o enfoque maior à dimensão emocional do esporte na produção noticiosa sobre elas durante a competição.

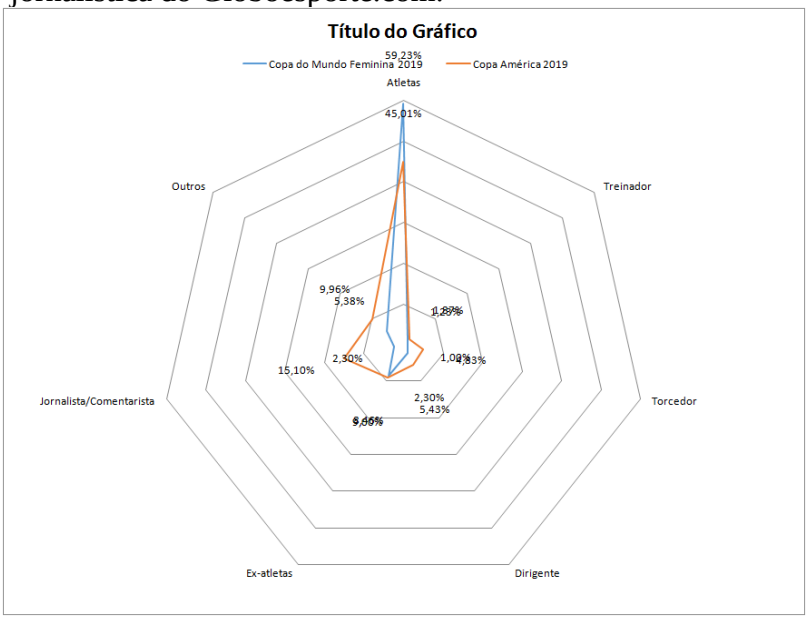
No gráfico 4 a seguir, visualizamos que a cobertura de ambas Copas ocorreu, tendencialmente, com enquadramentos noticiosos isolados. Vemos que 63,4% das notícias da Copa América e 44,7% da Copa Feminina não possuíam elementos secundários na composição das notícias. Destaca-se, no entanto, a leve preponderância da dimensão ética como elemento secundário na cobertura da competição feminina. Isso se deve à presença das questões de gênero e da luta das mulheres por igualdade em 14,7% dos constructos noticiosos veiculados naquele contexto. Todavia, visto que aquela seria uma ambiência propícia para o levantamento e veiculação de informações sobre a temática, podemos apontar um indício de silenciamento da pauta na cobertura do portal.

Gráfico 4 - Enquadramento secundário da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Quanto às fontes das entrevistas, a cobertura das copas analisadas (Feminina e América) concentrou a maioria de suas fontes nos(as) atletas (59,23% e 45,01%, respectivamente), conforme revela o Gráfico 5. Os jornalistas/comentarista são o número com maior divergência entre as copas. Enquanto na Copa América, a categoria representa 15,10% dos entrevistados, na Copa do Mundo o total é de apenas 2,3%.

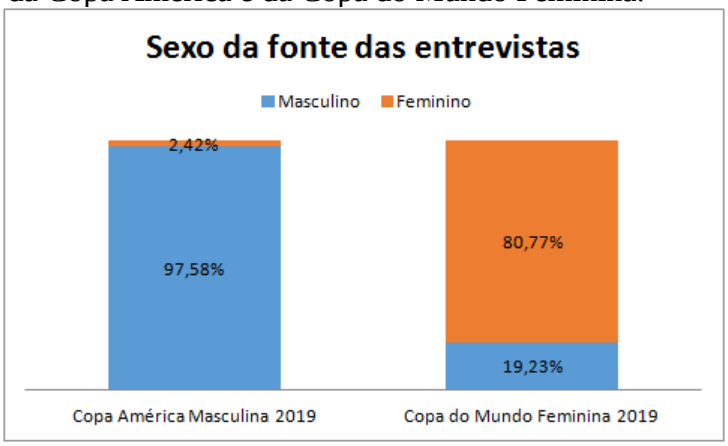
Gráfico 5. Fonte das entrevistas das notícias da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Com relação ao sexo das fontes das notícias, conforme o Gráfico 6 a seguir, vemos que a presença das mulheres como entrevistadas na Copa América é praticamente inexistente. Por

outro lado, observamos que os homens ainda ocuparam cerca de 20% do espaço das entrevistas veiculadas na cobertura da Copa Feminina.

Gráfico 6 - Sexo das fontes das entrevistas nas notícias da Copa América e da Copa do Mundo Feminina.



Percebe-se que não há abertura para a fala das mulheres sobre o futebol praticado por eles. Todavia, vemos que a mídia em questão reproduz a ideia de que eles estão habilitados para falar, comentar e analisar o futebol delas. Este dado configura, por sua vez, mais um elemento distintivo de como a mídia contribui fortemente com o imaginário social de que os autorizados a falar sobre futebol são majoritariamente os homens, seja o praticado por eles ou jogado por elas.

Considerações ainda não finais

Mesmo sem chegar ao final deste estudo, temos indícios de que o investimento midiático do Grupo Globo no futebol das mulheres, comprando os direitos de transmissão para Copa do Mundo de futebol feminino, não significou aumento do espaço jornalístico em seu portal de notícias. Apesar da desigualdade manifesta no espaço jornalístico, identificamos que não houve uma diferenciação na veiculação de ambas as competições como fenômenos representativos da esportividade. Neste ínterim, observamos que mesmo a Copa Feminina sendo um espaço propício para a circulação de informações sobre as questões de gênero e a luta das mulheres no esporte, esta foi uma dimensão do esporte secundarizada pela cobertura do portal.

Destacamos também que o Globoesporte.com aparentemente diferenciou a equipe de cobertura das Copas de acordo com o sexo dos e das jornalistas. Dedicou os homens para a competição masculina e, predominantemente, as mulheres para a feminina. Todavia, pudemos

identificar a distinção de valor jornalístico atribuído à seleção dos homens e das mulheres, sobremaneira, pelo tamanho dessas equipes que se debruçaram nos eventos. O grupo de jornalistas que participaram da cobertura deles foi praticamente duas vezes maior do que a que se dedicou a elas.

Chamamos atenção ao risco de o time de mulheres da seleção brasileira se transformar em uma relevante peça de entretenimento para a indústria midiática brasileira. Contudo, dessa forma elas podem acabar não sendo compreendidas como fenômeno de interesse público, que carece, portanto, de atenção e espaço jornalístico para a veiculação e circulação de informação.

Referências

MARCHI JUNIOR, W. O esporte "em cena": perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, v. 5, n. 1, p. 46–67, 2015.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 187–235, 2012.

PIRES, G. De L.; LAZZAROTTI FILHO, A.; LISBÔA, M. M. Educação física, mídia e tecnologias–incursões, pesquisa e perspectivas. *Kinesis*, v. 30, n. 1, 2012.

PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. *Quem será "mais Brasil" em Londres/2012?:* enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015.

TIFANNY ABREU E A TRANSFOBIA DISFARÇADA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Alícia Rufino Soares[1]
Rafaella Prata Rabello[2]

Resumo
Observamos uma ascensão da visibilidade e da participação LGBTI+ nas mais diversas áreas da sociedade, que também reverbera no esporte. Um grande exemplo disso é a jogadora brasileira de vôlei Tifanny Abreu, que defende o direito dos transexuais em participar de qualquer esporte profissional. Entretanto, nas colunas veiculadas na Folha de São Paulo, verificamos que ainda há muito preconceito com essa inclusão. Utilizamos a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) na construção de cinco qualificadores visando mensurar e examinar o posicionamento de várias editorias do jornal no período de dois anos. Concluímos que, nas matérias existe uma valorização dos atletas trans nas abordagens, favorecendo uma maior visibilidade e endossando argumentos favoráveis à participação trans em atividades físicas profissionais.
Palavras-chave: Tifanny. Esportes. Transfobia. Representatividade. Análise de Conteúdo.

Introdução

Recentemente, os atletas LGBTI+ estão conquistando o seu espaço no mercado de trabalho esportivo. Em 2019, durante a Copa do Mundo feminina, a futebolista norteamericana Megan Rapinoe levantou a bandeira, representou a classe e defendeu a não discriminação dessas pessoas. Após isso, boa parte da população passou a simpatizar com a causa e reduziu o estranhamento. Entretanto, o preconceito ainda é enfrentado por alguns atletas, como é o caso de Tifanny Abreu: jogadora de vôlei transexual, foi muito renegada ao argumentarem que sua condição trazia vantagem atlética comparada com as mulheres cis de seu esporte.

Como afirmava a filósofa feminista Simone de Beauvoir, "Não se nasce mulher, torna-se mulher" e Tifanny tornou-se mulher após descontentamento em ter nascido homem. O binarismo de gênero em masculino e feminino impossibilita a percepção das pluralidades e das diversidades (SCOTT, 1995 apud GOELLNER, 2013) e a partir dessa desconstrução, Judith Butler (1990) dá início aos estudos da Teoria *Queer*, defendendo a performatividade dos gêneros.

[1] Alícia Rufino Soares, graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: aliciarsoares@gmail.com

[2] Rafaella Prata Rabello, doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rafaella_prata@hotmail.com

A partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), o objetivo da presente pesquisa é analisar o texto escrito pelo veículo de comunicação selecionado para tratar de atletas trans no esporte, especificamente, de notícias sobre a jogadora de voleibol Tifanny Abreu na Folha de São Paulo, de forma a concluir se os meios de comunicação são preconceituosos ou não com esse tipo de atleta, verificando manifestações de transfobia.

Definições do estudo de gênero

Para a continuação linear do presente artigo, são necessárias algumas definições do estudo de gênero: identidade de gênero, gênero, orientação sexual, sexo, cisgênero, transgênero, LGBTI+, LGBTQ+, transgeneridade, transexualidade, transfobia e *queer*; utilizando autoras renomadas como Judith Butler, Simone de Beauvoir, Letícia Lanz e Jaqueline de Jesus, além do Novo Manual de Comunicação LGBTI+ e da cartilha de direitos LGBTI do Ministério Público do Estado do Ceará.

A origem de Tifanny

Tifanny Abreu é uma jogadora de voleibol transgênero que joga atualmente pelo SESI Vôlei Bauru. Antes de sua transição, já era profissional e tinha até carreira na Europa, mas nada disso a fez feliz a não ser a sua mudança de gênero aos 27 anos. Candidatou-se também à deputada federal nas eleições nacionais de 2018 pelo partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), mas não foi eleita.

No final de 2012, iniciou sua transição de gênero, através de hormônios e de cirurgias. Cinco anos depois, voltou às quadras brasileiras e se tornou a primeira transexual a competir na Superliga feminina. Não foi bem aceita devido a sua identidade de gênero e a convenção de que mulheres transexuais possuem vantagens corporais e hormonais comparadas às mulheres cis da modalidade.

A importância das políticas públicas

A criminalização da transfobia já foi aprovada pelo Supremo Tribunal Federal no Brasil, com pena entre um e três anos juntamente de multa, podendo chegar a cinco anos de prisão caso o ato tenha sido divulgado em meios de comunicação.

No esporte, o artigo 217 da Constituição da República Federativa do Brasil defende o direito de qualquer pessoa ao esporte e dever do Estado fomentar práticas desportivas formais

e não formais, e nem sempre isso acontece quando falamos dos transexuais, principalmente relacionado a esportes de alto rendimento.

Em 2016, foi definido pelo Comitê Olímpico Internacional que seriam permitidas atletas transexuais nas ligas femininas caso seus níveis de testosterona não ultrapassassem 10 nanomol/L de sangue nos 12 meses anteriores à competição, o que é possível em Tifanny graças ao tratamento hormonal constante para nivelação das taxas. Seus testes, inclusive, costumam apontar 0,2 nanomol/L.

Em abril de 2019, foi publicado um projeto de lei (PL 346/2019) no Diário Oficial de São Paulo, pedindo a proibição da inscrição de atletas transexuais em competições oficiais no estado paulistano. O texto, do deputado estadual Altair Morais, do PRB, dizia que as equipes deverão seguir apenas o sexo biológico como definidor dos gêneros competidores.

Metodologia

Foi utilizada a Análise de Conteúdo seguindo os princípios de Bardin (2011), de forma a verificar como o site do jornal Folha de São Paulo retrata a condição de Tifanny no mercado de trabalho esportivo como atleta profissional de voleibol: se ocorre de maneira neutra, positiva ou negativa. O jornal foi selecionado por ser um dos que possuíram maior circulação digital no ano de 2019, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação.

Com isso, a análise e coleta foram feitas a partir de um quadro com cinco qualificadores - classificação do texto, título, data, editoria e avaliação – utilizando as palavras-chave específicas “Tifanny” e “Vôlei” e excluindo notícias que tratassem da sua candidatura à Câmara dos Deputados nas eleições de 2018. O período utilizado datou-se entre dezembro de 2017 - mês de estreia de Tifanny na Superliga Feminina - e dezembro de 2019.

Resultados obtidos

A partir da pesquisa, foram encontrados 24 resultados. Em um aspecto geral, os principais assuntos foram sobre a concordância ou não da participação de transexuais nas modalidades padrões feminina e masculina, principalmente no que tange a legislação dos esportes e das confederações, além de notícias relacionadas ao próprio vôlei, como partidas e contratações.

O estudo tinha como premissa de que os veículos de comunicação são preconceituosos com atletas transexuais, mas utilizando o exemplo de Tifanny no jornal Folha de São Paulo, não se pode afirmar isso. As notícias positivas mostraram aceitação à condição sexual da atleta

ou à sua inclusão sem que fosse classificada como anormal; as notícias neutras possuíram posicionamento indefinido sobre a sua participação no vôlei feminino e as notícias negativas trouxeram informações ou opiniões que prejudicassem sua imagem ou que posicionassem contra a prática do esporte pela jogadora. A contagem da avaliação foram 11 notícias positivas, 9 neutras e 4 negativas.

Tal resultado expressa uma mudança significativa na postura com a classe trans no esporte, entretanto, nem tudo são flores. Dos sete artigos de opinião coletados das colunas do jornal, foram quatro notícias de teor negativo (as únicas), todas utilizando o argumento de que transexuais possuem vantagens hormonais e fisiológicas comparadas às pessoas cis. Já as notícias positivas, incluindo os outros artigos, focaram na importância da identidade de gênero e das políticas públicas – mostrando preocupação na inclusão e na igualdade perante a sociedade – dos regulamentos adotados pelas confederações e federações e de seu pioneirismo como atleta trans no vôlei brasileiro. Em especial, o texto Direitos em Quadra, presente na editoria O Que a Folha Pensa, apresentou a opinião favorável do jornal sobre Tifanny participar da Superliga Feminina.

O grande número de notícias neutras demonstra que nem sempre a Folha opta por definir uma posição em publicações mais informativas e menos opinativas, principalmente em assuntos polêmicos como o regulamento para a participação de transexuais e a PL 346/2019.

Considerações finais

O jornal Folha de São Paulo trata com naturalidade a existência de pessoas trans no mercado de trabalho, principalmente quando se trata de áreas nas quais há mais visibilidade, como os esportes de alto rendimento. Ademais, por ter sido feita a análise de apenas um meio de comunicação, será necessário um trabalho futuro estudando o fenômeno em mais pelo menos dois jornais para uma conclusão mais concreta sobre haver ou não preconceito com os transexuais no esporte.

Nas modalidades esportivas, apesar de o debate entre a existência de vantagens biológicas nos transexuais comparado com seus similares cis sempre estar em voga na agenda pública, deve-se levar em conta as políticas e direitos públicos conquistados por essa classe de participem dos esportes de alto rendimento com o gênero que desejam e se identificam.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos.* 4. ed. Difusão Europeia do Livro, 1970..

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Artigo 217. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_03.07.2019/art_217_.asp Acesso em: 05 jan. 2020.

CASTRO, P. H. Z. C. de; GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 32, n. 61, p. 01-22, jan./mar. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e62806 Acesso em: 28 jul. 2020.

COELHO, F. D.; MOURÃO, L. Notas sobre a inclusão de atletas transgênero no esporte. In: GUILHERME, W. D. (org.). *A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

DE JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero*: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, 2012.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tifanny Abreu no esporte de alto rendimento. *Movimento*, v. 25, e25032, 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82941 Acesso em: 27 jul. 2020.

GARCIA, R. M. Transexualidade e esporte: o caso brasileiro de Tifanny Abreu. *Educación Física y Deporte*, v. 39, n. 2, 2020. Disponível em: https://revistas.udea.edu.co/index.php/educacionfisicaydeporte/article/view/339410/20803097 Acesso em: 27 jul. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (orgs). *Educação Física e Gênero*: Desafios Educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa:* a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Projeto de Dissertação (Mestre em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36800 Acesso em: 29 jul. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO CEARÁ. *O Ministério Público e e a Igualdade de Gêneros para LGBTI. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão*. Ministério Público do Estado do Ceará.2. ed., rev. e atual. Brasília: MPF, 2017. 83 p. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/pfdc/midiateca/nossas-publicacoes/o-ministerio-publico-e-a-igualdade-de-direitos-para-lgbti-2017 Acesso em: 30 jul. 2020.

OLIVEIRA, Mariana; BARBIÉRI, Luiz Felipe. STF permite criminalização da homofobia e da transfobia. *G1*, Brasília, 13 jun. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/stf-permite-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.ghtml Acesso em: 08 jan. 2020.

PROJETO de lei pede limitação de atletas transexuais no esporte em São Paulo. *Globo Esporte*, São Paulo, 02 abr. 2019. Disponível em: https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/projeto-de-lei-pede-limitacao-de-atletas-transexuais-no-esporte-em-sao-paulo.ghtml Acesso em: 08 jan. 2020.

REDE GAY LATINO. *Novo Manual de Comunicação. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros*. Universidade Federal do Paraná, 2018, 104 p.

RELEMBRE o caso Tifanny, primeira atleta trans a disputar a superliga. *Lance,* Rio de Janeiro, 03 abr. 2019. Galeria Premium. Disponível em: https://www.lance.com.br/galeria-premium/tifanny.html Acesso em: 05 jan. 2020.

SACCHITIELLO, B. *Circulação digital dos grandes jornais cresce no Brasil*. Meio e Mensagem. 30 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.html Acesso em: 05 jan. 2020.

TRANSEXUAL, atleta e candidata a deputada: a história de Tifanny Abreu. *Superesportes*. 26 set. 2018. Volei. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2018/09/26/noticia_volei,504954/transsexual-atleta-e-candidata-a-deputada-a-historia-de-tifanny-abreu.shtml Acesso em: 05 jan 2020.

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO E MÍDIA ESPORTIVA

Emerson Maciel Esteves[1]

Resumo
O presente resumo expandido pretende trazer as noções básicas acerca do racismo presente na sociedade brasileira e no futebol brasileiro a fim de trazer uma breve reflexão sobre o papel que a mídia esportiva desempenha nesse processo. O cerne das ideias aqui apresentadas foi inspirado na minha monografia de conclusão de curso defendida em 2020: "Pele Alva e pele alvo: Uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol".
Palavras-chave: Racismo. Preconceito. Futebol. Mídia. Jornalismo.

Introdução

O racismo brasileiro possui características especificas da nossa formação enquanto sociedade. No futebol, o racismo esteve presente desde quando a prática ainda era amadora e é nele que às caracteristicas típicas do preconceito racial brasileiro podem mais ser visualizadas, seja em seus aspectos individuais, seja no aspecto estrutural. É de suma relevância entender de que forma a mídia esportiva pode fomentar e estabelecer debates sobre o tema.

Desenvolvimento

No Brasil, o racismo corresponde a uma forma específica de ódio que se dirige a um grupo específico de pessoas identificadas a partir de seu fenótipo (MOORE, 2007). A tonalidade da pele, associada a diversas características como o tipo de cabelo, a forma do nariz, a cor dos olhos, por exemplo, compõe um complexo de unidades diferenciais relativas a diferentes formas e intensidades de discriminação que os indivíduos estão sujeitos. De tal forma que, quantos mais traços negroides a pessoa tenha consigo, mais recursos vitais – como acesso à educação, serviços públicos e sociais, ao poder político, ao capital financeiro, às oportunidades de emprego – lhe serão dificultados, ou até negados (JUNIOR, 2008).

Existem algumas modalidades que caracterizam o racismo brasileiro. Dentre elas, vale mencionar a animalização e o tratamento como bicho dado às pessoas negras, a crença na superioridade que os brancos são melhores em qualquer coisa que se proponham a fazer, e os preconceitos negativos se relacionam com a ideia que a sociedade brasileira não é racista (SANTOS, J., 1984). Em consonância com isso, Moore (2008, p.284) frisa que "o racismo veda

[1] Emerson Maciel Esteves, graduado em jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, emersonmesteves@gmail.com

o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens e benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo.

O racismo com "jeitinho brasileiro" se apresenta, muitas vezes, de forma educada e polida, ao ponto de se questionar o porquê de a pessoa negra ter ficado irritada com um comentário de cunho racial pejorativo, o chamado "racismo à brasileira" (DAMATTA, 1981; TELLES, 2003; SCHWARCZ, 2001). Segundo Santos, J. (1984, p.41) "Nosso preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, num momento de competição (o futebol é um caso mais que típico de 'momento de competição')". Quando o time perde se procura um culpado para justificar a derrota, e esse culpado normalmente tem cor.

O estereótipo racial e o estigma racial que o negro brasileiro transporta consigo acaba segregando-o em outro nível. No primeiro momento, há uma série de expectativas socialmente esperadas de como o corpo negro deve ser e agir em sociedade. Por exemplo, é comumente aceito e esperado que uma pessoa negra no Brasil seja naturalmente sambista ou jogador de futebol: "Em nosso país os brancos sempre esperam que as minorias raciais cumpram corretamente os papéis que lhe passaram – no caso do negro, os mais comuns são artista e jogador de futebol. Se fracassam, lhe jogam na cara a suposta razão do fracasso: a cor da pele" (SANTOS, J., 1984, p. 41).

O racismo muitas vezes velado visto no Brasil resulta em uma sociedade que não se assume enquanto racista, mesmo desfrutando dos benefícios de se viver nela.

> No Brasil, ninguém aparece como racista declarado, e, todos parecem reprovar o racismo e o racista. Todos se declaram simpatizantes, amigos ou parentes de pessoas negras, ou, até mesmo, assumem-se como pessoas negras, porém isso não parece impedir a exclusão cultural, política e econômica dos afrodescendentes (JUNIOR, 2008, p.29).

Racismo dentro e fora das quatro linhas

Como mencionado anteriormente, os brancos sempre esperam que os negros cumpram dois papéis pré-determinados na nossa sociedade: ou ser artista (músico, sambista) ou ser jogador de futebol (SANTOS, 1984). E o futebol, como sendo um espaço de competição, é o local que, "zelosamente guardado", vem à tona quase sempre as expressões de nosso preconceito racial (idem): desde sua inserção no cenário brasileiro, num contexto de proibição da prática do esporte a partir de recortes sociais/raciais, até situações de um racismo institucional maquiado.

O futebol chega em terras brasileiras apenas seis anos depois do fim da escravatura do Brasil. Em 1894, Charles Muller e Oscar Cox traziam debaixo do braço a bola e as regras de um esporte que tinha sido criado anos antes na Grã-Bretanha. Em um contexto de uma recente

abolição da escravidão no país, a prática do esporte acabou refletindo as questões raciais e sociais que se apresentavam na época para os grupos racializados (HELAL; GORDON JR, 2007).

Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas estruturas sociais e nas instituições, e o futebol absorveu, direta e indiretamente, essas influências. Por isso ele foi no solo brasileiro, durante os primeiros anos de sua existência, uma prática elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação, como a exclusão de pessoas negras (HELAL; GORDON JR, 2007).

Mesmo diante do contexto hostil de ser negro num país que recém tinha abolido o sistema escravocrata e diante de uma sociedade, no início do século XX, explicitamente racializada, o primeiro grande jogador amador do país foi ironicamente um negro. Arthur Friedenreich era filho de alemão com uma brasileira negra e despontou como o maior jogador do futebol brasileiro na época. O jogador, entretanto, precisava se apresentar de forma mais branca possível. Ele alisava seu cabelo crespo para se tornar mais palatável e que assim não sofresse nenhum tipo de retaliação por parte das diretorias e das torcidas. Neste contexto, todo mundo queria de alguma forma "embranquecer" para atender a um ideal da branquitude, seja do ponto de vista físico ou moral. Um fenômeno comumente visto neste período era de negar à própria negritude (HELAL;GORDON JR, 2007).

Representações racistas no futebol

O emprego dos termos "macaco" e "macacada" ou "nêgo burro" condicionam as pessoas negras a um estado semelhante ao de espécies primitivas, subumanas. Ressalte-se que as opiniões emitidas pelos indivíduos são sociais e não se dirigem somente a um interlocutor direto. Deste modo, as narrativas evidenciam, sobretudo, a influência, enraizada e sorrateira, das teorias racistas na linguagem. De tal modo que reduzir o negro a animalização traduz a resistência, consciente ou não, de muitos brancos para considerar o negro como seu igual. Tanto isso é verdadeiro que durante uma partida de futebol a palavra macaco não apenas é a mais proferida como insulto, mas também o gesto mais comum é o de jogar bananas, ou cascas da fruta, no campo (FERÉ, 2019).

Para além do racismo ostensivo individual e/ou grupal que o Observatório de Discriminação Racial monitora é importante destacar também o racismo estrutural que afeta diretamente as estruturas administrativas do futebol brasileiro. Como Almeida (2019) destaca, o racismo estrutural pode atuar impedindo, dificultando ou excluindo pessoas negras de cargos de gerências nas estruturas organizacionais. Essas estruturas possuem a predominância de uma

maioria (branca) que visa resguardar seus privilégios. E com o aditivo do preconceito da sociedade em conceber que naturalmente negros não possuem intelecto suficiente para desempenhar funções de gerência e liderança (SANTOS, 1984), não existe representação negra nos cargos administrativos do futebol brasileiro.

Resultados esperados

Sodré (1999) manifesta que a referência ao negro na mídia constrói identidades virtuais, que condiciona essas pessoas aos estereótipos e às folclorizações em torno do indivíduo negro.

> A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele (SODRÉ, 1999, p. 243).

Diante disso, segundo Borges (2012) às questões raciais projetadas nos meios de comunicação podem nos conduzir a entender as múltiplas formas que o racismo pode ser retroalimentado. Conforme a autora especifica:

> O primeiro deles diz respeito ao papel nuclear, à presença incisiva e capilar da mídia em nossas vidas. É fato inconteste o fato de que os sistemas midiáticos tornaram-se vetor majoritário das sociedades ocidentais no primeiro quarto do século XX. Tornou-se moeda corrente dizer que, em tempos de inegável supremacia da técnica, inundados de rápidas transformações, a cultura das mídias instaura novas formas de sociabilidade. É de trivial evidência que o repertório de assuntos e temas que circulam no tecido social é fornecido, sobretudo, pela mídia (BORGES, 2012, p. 186).

É importante destacar que o racismo no futebol tem sido pauta nas mídias jornalísticas. Mas o como tem sido feito deve ser objeto de reflexão. O jornalismo possui o poder de informar, mas não apenas. Numa mídia tão massificada e capilarizada como a televisão, por exemplo, cobrindo um assunto que move milhões de pessoas todos os dias e que move milhões para os cofres das emissoras, o jornalismo esportivo pode e deve construir pontes para discussões e diálogos sobre temas que atingem não apenas o esporte, mas toda a estrutura da sociedade.

Referências

ALMEIDA, S. L. D. *Racismo estrutural.* São Paulo: Pólen, 2019.

BORGES, R. D. S. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, R. C. S.; BORGES, R. (org.). *Mídia e racismo.* Petropólis: DP et Alii, 2012. p. 180-205.

CARVALHO, M. *O negro no futebol brasileiro: inserção e racismo*. Geledés, 2018. Disponivel em: https://www.geledes.org.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo/. Acesso em: 18 ago. 2019.

DAMATTA, R. *Relativizando***:** uma introdução à antropologia estrutural. Petropólis: Vozes, 1981.

ESTEVES, E. *Pele alva e pele alvo*: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, São Cristóvão, 2020.

FERÉ, L. O valor atribuído à palavra "macaco" e outras injúrias. In: OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2018.* 1. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2019. p. 39-42.

FUTEBOL, O. D. D. R. N. Relatórios Anuais da Discriminação 2018. *Observatório Racial da Discriminação no Futebol*, Porto Alegre, 09 set. 2019. Disponivel em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINCACAO_RACIAL_2018.pdf. Acesso em: 25 julho 2020.

HELAL, R.; JR, C. G. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país futebol:* mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. v. 5, p. 51-72.

JUNIOR, R. L. D. S. *Raça e justiça:* o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça. Recife: Massangana, 2008.

MADUREIRA, T. Protagonistas em campo, negros são relegados dos cargos de gestão de clubes da Série A; veja levantamento. *Superesportes*, 2019. Disponivel em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml. Acesso em: 18 julho 2019.

MOORE, C. *Racismo e sociedade*: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro*: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

SANTOS, J. R. D. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SCHWARCZ, L. M. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.

SODRÉ, M. *Claros e escuros*: identidade, povo e mídia no Brasil. Petropólis: Vozes, 1999.

TELLES, E. *Racismo à brasileira*: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

A FALAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL FEMININO: UM ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA MINA DE PASSE

Núbia Azevedo[1]
José Carlos Marques[2]

Resumo
Nos dias atuais, o jornalismo esportivo, tendo o futebol como destaque, preenche toda a grade de programação de diversos canais na TV aberta e fechada. No entanto, quando o assunto é o futebol feminino o cenário é bem diferente, tanto no que tange a prática quanto à maneira como os meios de comunicação tratam a modalidade. Assim, o presente artigo busca analisar a falação esportiva no programa Mina de Passe, a fim de identificar os temas abordados e verificar se o formato do programa coincide com o das mesas redondas acerca do futebol masculino. A metodologia utilizada se fundamenta na pesquisa bibliográfica e na análise da materialidade audiovisual. Conclui-se que o Mina de Passe busca reverter a lógica da falação esportiva com discursos sociais e políticos, porém ainda reitera preconceitos e visões machistas.
Palavras-chave: Falação esportiva. Futebol feminino. Mina de Passe.

Introdução

O futebol é uma das modalidades esportivas mais praticadas no mundo, e no Brasil se tornou parte da identidade do povo brasileiro, apelidado de paixão nacional. Tendo o jornalismo esportivo, no País, o seu crescimento aliado ao desenvolvimento deste esporte, a mídia se transformou em uma das grandes responsáveis pela sua popularização, e posteriormente pela sua espetacularização.

Apesar de uma certa resistência enfrentada no início da atividade, atualmente, o jornalismo especializado em esportes preenche toda a grade de programação de diversos canais na TV aberta e fechada. E como esporte mais popular do mundo, o futebol é fonte dos cadernos de esporte nos jornais impressos, das páginas especializadas na internet, e dos programas de rádio e televisão. A vitória nos últimos minutos, ou mesmo o empate sem gols; a falha do

[1] Núbia Azevedo, doutoranda em Comunicação (Unesp). Jornalista (UFOP), MBA em Jornalismo Esportivo pela Faculdade Estácio, mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF), do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte da Intercom. E-mail: nazevedoppgcom@gmail.com

[2] José Carlos Marques, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp/Bauru (SP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Líder do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF). E-mail: jose.marques@unesp.br

goleiro ou as grandes defesas; o artilheiro do campeonato ou o melhor zagueiro, representam o assunto do dia seguinte.

No entanto, o cenário é bem diferente no que se refere à forma como os meios de comunicação tratam a participação feminina no futebol. Ainda que o século XX tenha sido promotor da visibilidade e da estabilidade da mulher no esporte, o futebol feminino ainda precisa de apoio, organização e segue buscando inserção na mídia. É no escopo dessas questões que surge a ideia do presente estudo, que visa analisar a falação esportiva do programa Mina de Passe, buscando identificar quais os temas abordados, além de verificar se o programa segue o mesmo formato das mesas redondas acerca do futebol masculino.

Para tal, utiliza-se como linha teórico-metodológica a proposta de Umberto Eco (1984), principalmente no que se refere à instância midiática, o esporte elevado ao cubo e à enésima potência. Desse modo, a metodologia usada para conduzir o estudo se fundamenta na pesquisa bibliográfica e na análise da materialidade audiovisual, tendo o corpus da pesquisa composto por quatro programas, referentes a um mês de análise, entre 29/10 e 19/11. A escolha das datas leva em conta as competições femininas em curso, tendo início no dia seguinte à final da Libertadores, e término na semana após a final do Campeonato Paulista, decidida com o clássico entre Corinthians e São Paulo.

Os resultados confirmam a hipótese de pesquisa ao evidenciar que o Mina de Passe ainda reitera alguns preconceitos, porém reverte a lógica da falação esportiva, mesmo que em menor grau nos programas em que possuem jogos na semana.

Desenvolvimento

No início da atividade, o jornalismo esportivo possuía pouco espaço na mídia. Como destaca Coelho (2003), os veículos de comunicação começaram a noticiar fatos esportivos meio a contragosto, havendo sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte, e não existindo o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo.

No entanto, ainda segundo Coelho (2003, p. 8), já em 1910, o jornal Fanfulha trazia páginas de divulgação esportiva e, não fossem os relatos de página inteira do jornal, num tempo em que o futebol ainda não cativava multidões, ninguém jamais saberia “quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos”.

Assim, o jornalismo especializado em esportes cresce no Brasil aliado ao desenvolvimento do futebol, que funciona como um motor para o crescimento e profissionalização do jornalismo esportivo.

Ainda de acordo com Coelho (2003), nos anos 30 é fundado o Jornal dos Sports no Rio de Janeiro, o primeiro diário exclusivamente voltado aos esportes no País. A década de 30 assiste ainda ao início das transmissões esportivas no rádio, que por intermédio de uma linguagem de pura emoção, contribuiu para a espetacularização do futebol.

> Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida. Casos como esse eram um espetáculo à parte quando comparados às narrações de locutores da Europa, habituada a uma narração mais informativa e menos empolgante (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 54-55).

Umberto Eco (1984), por sua vez, categoriza o esporte em potências, nos ajudando à compreender desde o seu exercício até o discurso especializado dos meios de comunicação. E para este autor, o jogo passa de exercício físico para discurso quando se eleva ao quadrado, quando o esporte, de jogo que era jogado em primeira pessoa, se torna "o jogo enquanto espetáculo para os outros, e depois o jogo quanto jogado por outros e visto por mim" (ECO, 1984, p.222). O esporte ao quadrado é portanto, o espetáculo esportivo.

Surge daí o que Umberto Eco (1984) denomina de 'falação esportiva'. A 'falação' pura e simples, a fala sobre o futebol, a fala jornalística sobre o futebol e a fala sobre a fala jornalística sobre o futebol. O esporte ao quadrado concebe então um esporte ao cubo,

> que é o discurso sobre o esporte enquanto assistido: esse discurso é em primeira instância o da imprensa esportiva, mas engendra por sua vez o discurso sobre a imprensa esportiva, e portando um esporte elevado à enésima potência. O discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso (ECO, 1984, p.223).

Ao discorrer acerca do conceito de Umberto Eco, Betti (2002) destaca a falação esportiva como característica do esporte da mídia, e afirma que ela informa e atualiza sobre quem ganhou, foi contratado ou vendido; conta a história das partidas, das corridas, dos campeonatos ou lutas, além de criar expectativas como quem será convocado para a seleção brasileira.

> A falação faz previsões: qual será o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe ou atleta ganhou ou perdeu. A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedimento ou não? A falação critica: fala mal dos árbitros, dos dirigentes, da violência. A falação elege ídolos: o gênio, o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramatiza (BETTI, 2002, p.1).

Dessa forma, Umberto Eco (1984) ressalta que o esporte enquanto prática não mais existe, ou existe por motivos econômicos, passando a existir apenas a falação sobre a falação

do esporte. Confunde-se o ‘falar sobre’ com o ‘praticar’. No lugar do jogo permanece a falação esportiva, ou ainda a falação sobre a falação esportiva.

Para utilizar a expressão de Umberto Eco (1984), a falação esportiva ocupa, nos dias de hoje, grande parte da programação televisiva. Mesmo nas semanas sem qualquer jogo de futebol, quando o calendário esportivo chega ao fim, a mídia especializada em esportes não deixa de existir. Os programas esportivos, as mesas redondas, continuam no ar, dando a impressão de que o jogo dentro de campo não é fundamental quando o jogo mais amplo do espetáculo futebolístico existe. Porém o cenário não é o mesmo quando se trata do futebol feminino.

Ainda que tenham pouca visibilidade, seja enquanto estrutura para a prática profissional, seja na mídia, as mulheres vivenciam histórias no futebol há muito tempo. Entretanto, é somente a partir das primeiras décadas do século XX que elas passam a conquistar mais espaço nesse território que ainda hoje é essencialmente masculino.

Ademais, a mídia esportiva confere pouco ou nenhum espaço ao futebol feminino. Identifica-se, no Brasil, o crescimento da prática e um maior destaque midiático após as recentes conquistas como a medalha de prata nas olimpíadas de Atenas em 2004, o ouro no Pan-Americano em 2007 e o vice-campeonato mundial no mesmo ano, com a disputa das olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro e até com as conquistas da Marta de melhor jogadora do mundo. No entanto, há ainda um reclame por apoio e organização, o futebol feminino segue buscando inserção na mídia.

Martins e Moraes (2007) afirmam que esse fato não é específico da cultura brasileira, informando que estudos mostram que os esportes envolvendo mulheres são mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e dignidade do que os esporte que envolvem homens.

Resultados esperados ou conclusão

A escolha do objeto se deu devido à sua proposta. O programa da ESPN Extra, Mina de Passe, se propõe a acarretar uma maior visibilidade ao futebol feminino e dar voz a jornalistas esportivas e mulheres especialistas em diversas áreas para abordar assuntos a partir de diferentes perspectivas[3].

[3] Descrição do programa Mina de Passe – Programação Detalhada http://www.espn.com.br/programacao/detalhada?date=2019-10-08. Acesso em: 03 jan. 2020.

Tem-se como hipótese o fato de que o programa ainda reitera alguns preconceitos e traz visões machistas, mas contrapõe a definição de Umberto Eco com uma narrativa sobre o futebol que aborda discursos sociais e políticos, revertendo a lógica da falação esportiva de resultados, escalação, a simples história das partidas.

O programa Mina de Passe foi lançado pela ESPN Brasil como um programa especial para Copa do Mundo feminina, entre junho e julho de 2019. A atração teve destaque na audiência, chegando a alcançar no dia 24 de junho o maior índice da emissora. Assim, a ESPN Brasil decidiu fixar o Mina de Passe na sua grade de programação, em seu canal ESPN Extra.

A mesa redonda é tratada como uma versão feminina do programa Linha de Passe, possuindo inclusive o mesmo apresentador, o jornalista William Tavares. Os comentários ficam por conta da ex-jogadora Juliana Cabral, a repórter Bibiana Bolson e a colunista do portal ESPNW, Julia Vergueiro. O tempo de programa é de cerca de 1H, 30 minutos a menos que a versão masculina, sem propagandas; já a abertura coincide, com apenas uma retificação no nome da atração na logo, como ilustra a imagem a seguir.

Figura 1 – Logo do Programa



Fonte: dados da pesquisa

A popularização, e posterior espetacularização do futebol acabou por o transformar em um fenômeno de massas que lota estádios e prende os torcedores na frente do rádio, da televisão e, atualmente, das telas de computadores e celulares. Desse modo, com a sua grande dimensão simbólica, o esporte mais popular do País consiste em um grande objeto para problematizações no contexto da comunicação.

O resultado da presente pesquisa mostrou a ocorrência de discursos sociais e políticos que rodeiam o futebol feminino, devido ao descaso que a modalidade ainda recebe. No entanto, essa reversão da lógica da falação esportiva, muito presente no programa analisado no pré-teste, em 22/10, aparece em menor grau nos programas que antecedem ou sucedem jogos, nos

quais predomina a história da partida, resultados, previsões e críticas às convocações e escalações.

Observa-se ainda que o Mina de Passe reitera alguns preconceitos ao não apresentar uma bancada completamente formada por mulheres, como ocorre com a versão masculina Linha de Passe, tendo inclusive como 'comandante' o jornalista William Tavares.

Através dos dados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que ainda nos dias atuais existe uma necessidade de reconstrução do papel da mulher no cenário esportivo, enquanto prática e na sua inserção na mídia, incluindo a forma como a questão é abordada e apresentada nos programas.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, Florianópolis, v. 12, n. 17, p. 1-3, 2002, Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929/5441. Acesso em: 14 dez. 2019.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

ECO, Umberto. A falação esportiva. In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.220- 226.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.

JOÃO SEM MEDO: A COBERTURA JORNALÍSTICA DO JORNAL DOS SPORTS NA CONTRATAÇÃO E DEMISSÃO DO TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA

Anna Virginia Nascimento Silva[1]
Livia Maria Nonato[2]

Resumo
João Saldanha treinou a seleção brasileira durante o período histórico da Ditadura Militar, entre 4 de fevereiro de 1969 e 17 de março de 1970. O presente artigo visa investigar como o Jornal dos Sports realizou a cobertura da passagem do técnico pela seleção canarinho. Para isso, serão analisadas as páginas do jornal em dois momentos específicos: o da contratação e o da demissão de João Saldanha como treinador. A pesquisa pretende mostrar, ainda, como o Jornal dos Sports retratou a oposição de Saldanha ao governo militar nas duas ocasiões.
Palavras-chave: Ditadura Militar. João Saldanha. Jornal dos Sports. Seleção brasileira.

Introdução

João Saldanha foi jogador, diretor de futebol, treinador e comentarista esportivo. Líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Saldanha assumiu o cargo de técnico da seleção brasileira em meio a Ditadura Militar no país, quando o Brasil era governado por Costa e Silva (1967-1969). No entanto, três meses antes da estreia na Copa do Mundo, Saldanha foi demitido. Nesta época, o militar que governava o país era Emílio Médici (1969-1974).

O presente artigo visa compreender como a imprensa retratou Saldanha no cargo de técnico do escrete. Com esse objetivo, a pesquisa irá analisar as matérias publicadas no periódico *Jornal dos Sports* no momento da contratação e da demissão de João Saldanha. O artigo investigará os textos do *Jornal dos Sports* nas edições posteriores a nomeação e demissão, evidenciando, por exemplo, os adjetivos utilizados para defini-lo, as manchetes nos dois momentos em análise, a angulação jornalística e a cobertura noticiosa do fato. A pesquisa visa responder, ainda, se há abordagem nas matérias ao posicionamento político de Saldanha.

João sem medo

Nascido em Alegrete-RS, João Saldanha mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1930, onde ingressou na Faculdade de Direito, filiou-se ao PCB e aproximou-se do futebol.

[1] Anna Virginia Nascimento Silva, graduanda em jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: annavirginians@gmail.com

[2] Livia Maria Nonato, graduanda em jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: livianonato@outlook.com

Apaixonado pelo Botafogo, começou a carreira futebolística no clube carioca, atuando como jogador, diretor e técnico entre 1957 e 1958. Já na década de 60, Saldanha passou a trabalhar na imprensa esportiva como comentarista.

No dia 4 de fevereiro de 1969, João Saldanha foi anunciado como novo treinador da seleção brasileira. Declaradamente contrário ao regime militar que existia no Brasil, Saldanha sabia que seu posicionamento político enfrentaria resistência na Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Em entrevista ao programa *Roda Viva*, em maio de 1987, Saldanha relata que ao ser convidado para assumir o cargo o objetivo da CBD era promover uma aproximação entre o povo e o escrete.

> Quando o Costa e Silva era o governo e eu fui chamado para a seleção, o Bonetti (assessor), no dia em que eu fui apresentado, botou a mão no meu ombro e disse: 'o General conhece tudo de você, mas ele quer isso mesmo, ele quer uma aproximação popular'. E eu aceitei o convite. (João Saldanha, em entrevista ao programa *Roda Viva*, no dia 25 de maio de 1987).

Com excelente campanha nas Eliminatórias, a seleção brasileira venceu o torneio de forma invicta. No mesmo período, a situação política do Brasil havia se agravado, com a instauração do AI-5 durante o governo de Médici. Na entrevista para o *Roda Viva* em 1988, Saldanha afirma que sabia que a pressão por sua queda aumentaria quando Médici assumiu o poder, em outubro de 1969. De acordo com o historiador Carlos Eduardo Sarmento, a demissão de Saldanha representou uma intervenção direta do regime militar, na época comandado por Médici. Em entrevista para o documentário *Memórias de Chumbo - o futebol nos tempos de condor*, produzido pelo jornalista e historiador Lúcio de Castro, Sarmento explica que o governo se incomodava com a visibilidade dada às opiniões de Saldanha.

> Ele já é um nome colocado sob suspeição muito antes da sua demissão, pelo incômodo que essa figura causava. Não era só o seu vínculo com o partidão, não é essa a discussão apenas. Era a independência do João Saldanha, que tinha autonomia para ocupar certos espaços, né? Rádio, TV e falar coisa que eram incômodas (SARMENTO, 2012, em entrevista concedida ao documentário *Memórias de Chumbo*).

A revista *Placar*, na edição de 27 de março de 1970, em reportagem intitulada "João-técnico morreu brigando", aponta os motivos principais para a queda de João Saldanha: brigas com a comissão técnica, falta de organização tática e o interesse do governo pela seleção.

> A queda de Saldanha já tinha data. E ficou resolvida quando influentes amigos de Havelange o aconselharam a tomar uma decisão urgente, pois o governo estava muito interessado na Seleção Brasileira. Os amigos ainda advertiam: se Havelange não fizesse nada, o governo poderia virar-se contra ele (*PLACAR*, 27/03/1970, p. 8).

Em crônica escrita para o jornal *O Globo*, João Saldanha define a reunião na qual aconteceu sua demissão como "a coisa mais cínica que presenciei na minha vida. Quanta fraqueza, quanta covardia" (*O Globo*, 19/03/1970, p. 23).

Jornal dos Sports

O *Jornal dos Sports* foi fundado no dia 13 de março de 1931 no Rio de Janeiro e, em 1936, passou a ser comandado pelo jornalista Mário Rodrigues Filho. Uma característica marcante era a impressão das páginas na cor rosa. Outro aspecto a ser destacado no periódico, como pontua Ribeiro (2007, p.74), era a utilização de linguagem popular, similar a usada por torcedores em estádios e rodas de discussão, além do uso de tom dramático para informar os acontecimentos. Com a morte de Mário Filho em 1966, conforme aponta Hollanda (2014), Mário Júlio Rodrigues - único herdeiro de Mario Filho – assumiu o *Jornal dos Sports*, que era, na época, o jornal de esportes mais vendido do país. No período em que Saldanha comandou a seleção brasileira, o presidente-diretor do Jornal dos Sports era Mário Júlio.

Resultados até o momento

Foram analisadas duas edições do *Jornal dos Sports*: a do dia posterior à contratação de Saldanha e a do dia seguinte à demissão do treinador. Com o artigo ainda em fase de pesquisa, já é possível observar que no *Jornal dos Sports* predominam as notícias positivas sobre João Saldanha. Com as análises que já foram realizadas, pode-se concluir que – nas duas edições pelas quais o artigo se debruça – o viés político de Saldanha não é enfatizado, embora nas páginas do *Jornal dos Sports* pós-demissão haja breve referência ao General Médici.

A contratação de Saldanha, como era de se esperar, aparece com grande destaque na edição de 5 de fevereiro de 1969 do *Jornal dos Sports*, com a notícia ocupando toda a capa do periódico. A manchete "Saldanha é o nosso técnico" acompanha a frase "CBD acertou em cheio com comissão pra frente". O apoio do *Jornal dos Sports* a João Saldanha fica evidente, que já afirma na capa da edição que a contratação foi a primeira vitória do escrete. Ainda na primeira página, há elogios aos demais membros da comissão técnica contratados: o supervisor Adolfo Milmam, conhecido como Ruço, e o preparador físico Admildo Chirol. Para descrever Saldanha, o texto na capa utiliza os seguintes adjetivos: sério, honesto, independente e competente. A frase dita por Saldanha ao ser anunciado - "Vamos ganhar a Copa de 70" – também é elogiada na capa do *Jornal dos Sports*: "É assim que fala um técnico que quer vencer e sabe como vencer. É assim que fala um homem de coragem e de idealismo. É assim que se

começa a trabalhar" (*Jornal dos Sports*, 5/2/1969, p.1). Ainda na capa, no entanto, há a informação de que Flamengo e Fluminense foram os primeiros clubes a parabenizar a decisão da CBD e que os paulistas ficaram chateados com a demissão do antigo treinador da seleção, Aimoré Moreira.

A contratação de Saldanha também é assunto presente na página 4: em uma crônica intitulada "Nova Esperança", que critica o antigo comando do escrete e pede apoio a nova comissão técnica, e em um texto na sessão "Câmera", assinado por Luiz Bayer. O tema é retomado na página 10, que fecha a edição do jornal. Esta é inteiramente dedicada a Saldanha e apresenta matérias anunciadas na capa, abordando diversos aspectos da contratação, como a insatisfação dos paulistas, a experiência de Saldanha e a relação dos 28 jogadores anunciados pela comissão técnica.

No que tange a demissão do treinador, o *Jornal dos Sports*, em publicação feita no dia 18 de março de 1970, destaca em sua manchete "Saldanha ao cair: Pelé não dá mais para jogar na Copa", dando ênfase a uma das últimas decisões do técnico antes de sua demissão ser confirmada por João Havelange. Apesar de repercutir o desentendimento de Saldanha com o rei Pelé, o periódico o definiu como corajoso - retomando o tom utilizado na publicação que anunciava o comando de Saldanha -, tranquilo e surpreendente, visto que a fala do agora ex-técnico apontava para a possibilidade de assumir a seleção novamente no futuro, caso houvesse um novo convite. O jornal na sequência menciona o novo comando de Zagallo, que ocupa espaço singelo e não comenta sobre a possível crise na comissão técnica do escrete durante a passagem de Saldanha. Na perspectiva política, apenas há uma simples menção a atenção do presidente Médici ao processo de troca dos treinadores. O jornal menciona que o gaúcho esteve acompanhando toda a crise que levou à queda de Saldanha, mesmo durante o momento em que esteve no estádio vendo a disputa entre os clubes do Flamengo e do Grêmio.

O assunto é retomado na quarta página do jornal, por meio da análise de Luiz Bayer, que relata falas do presidente da CDB Havelange que descreviam um cenário conturbado na saída do treinador "Saldanha não tinha mais condições para dirigir a equipe. Está transtornado com fatos alheios ao escrete". A coluna lateral também deu voz ao chefe da Comissão Técnica Antônio do Passo que, com o mesmo foco, se pronunciou defendendo a solidariedade e o protecionismo à seleção como necessários. Ainda na mesma página, o jornalista Archilles Chirol se debruça também sobre os fatos, relatando as falas de Havelange em entrevista antes da demissão. A crítica do jornalista a Saldanha é feita de forma comedida, ele relembra as passagens dos treinadores que antecederam João Saldanha sem sucesso e observa que uma

possível vitória na Copa do Mundo de 70 seria em partes por mérito de Saldanha. Na edição, a última página é dedicada a Saldanha e enfatiza frases ditas pelo ex-treinador em entrevista para a Rádio Globo logo após a demissão.

Referências

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Jornal dos Sports em tempos de ditadura: Jornalismo esportivo e as torcidas de futebol no final dos anos 1960. *Ludopédio*, 2014. Disponível em https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/jornal-dos-sports-em-tempos-de-ditadura-jornalismo-esportivo-e-as-torcidas-de-futebol-no-final-dos-anos-1960. Acesso em 17 jul. 2020.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, n. 12.464, 5 fev. 1969.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, n. 12.865, 18 mar. 1970.

MEMÓRIAS do chumbo. *O futebol nos tempos do Condor*. Produção e Roteiro de Lúcio de Castro. Rio de Janeiro, 2012. 50 min., son., color, HD.

PLACAR, São Paulo, edição número 2, 27 de março de 1970.

RIBEIRO, André. *Os Donos do espetáculo. Histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SALDANHA, João. *Entrevista concedida por João Saldanha ao programa Roda Viva da TV Cultura*, em 1988, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fBjcJUskjRw. Acesso em: 29 de maio de 2020.

SALDANHA, João. Os fumantes. *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 13.455, 19 mar. 1970. Primeira seção, Esportes, p. 23.

GÉRSON: O CRAQUE MIDIÁTICO DO GRAMADO DO MARACANÃ ÀS REDES SOCIAIS

Rafael Orazem Casé[1]

Resumo
O corrente trabalho traz uma análise sobre a trajetória esportiva e midiática de Gérson de Oliveira Nunes, o "Canhotinha de Ouro". Um dos poucos jogadores de futebol de sua geração que conseguiram transpor a barreira do ato de "pendurar as chuteiras" e se manter ligado ao esporte em outra atividade: a mídia esportiva. Mostraremos como o ex-jogador formou seu público cativo durante décadas à frente dos microfones do Rádio e da Televisão e de que maneira se reinventou para também brilhar nas Mídias Sociais.
Palavras-chave: Futebol. Mídia Esportiva. Redes Sociais.

Introdução

Prestes a completar 80 anos de idade e quase 50 anos após ter deixado os gramados, o ex-jogador Gérson de Oliveira Nunes continua fazendo parte da história do futebol brasileiro. Se antes seu papel era comandar com maestria o meio de campo das equipes pelas quais jogou, hoje ele ainda se mantém presente e atual, na mídia esportiva. Só que não mais restringindo seu trabalho aos tradicionais meios de comunicação, como jornal, rádio ou TV. Hoje o ex-jogador tem forte presença também nas Mídias Sociais, oferecendo conteúdos no YouTube, no Instagram e no Twitter.

Como alguns outros "boleiros", Gérson foi para o Rádio, ainda na década de 1970. Sua leitura do jogo, fruto de quem atuou muitos anos nas quatro linhas, fez com que ganhasse respeito e público, afinal, tinha sido o "maestro" da Seleção na conquista do tricampeonato mundial, no México, em 1970. De acordo com o jornalista João Máximo: "Era respeitado, admirado, craque e líder. O próprio espírito da Seleção" (MÁXIMO, 2011, p. 319).

Em seu começo, com comentarista, porém, tinha um concorrente de peso, o jornalista João Saldanha. Maior nome da Rádio Globo, principal emissora esportiva carioca durante muitos anos, Saldanha também tinha um histórico ligado à Seleção do Tri, fora ele quem montara a base daquele time para as eliminatórias do Mundial e só não fora ao México como treinador por "bater de frente" com o Presidente da República, Médici insistia para que convocasse o atacante Dario.

[1] Professor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Email: rafaelcase@gmail.com

O estilo de Gérson e de Saldanha, como comentaristas é bastante similar. Análises mais informais, sem tantos tecnicismos e com uma linguagem mais popular, adotando um tom de diálogo com o ouvinte/telespectador, como lembra o biógrafo de João, André Iki Siqueira:

> João gostava do Maracanã. Quanto mais lotado melhor. E gostava mesmo da geral. Ali, o rádio era fundamental para que os geraldinos soubessem em que faixas do campo o jogo se desenvolvia. Saldanha cumpria um papel importante para eles: analisar o jogo que eles tinham dificuldade de ver. João falava preferencialmente para esse torcedor; o mais humilde, que gastou o dinheiro suado para ver a partida. Fone nos ouvidos, rosto bem próximo da janela da cabine que dá para a geral, ele falava e olhava para o torcedor lá em baixo. Gesticulava e provocava. E a galera da geral, já sabemos, respondia (SIQUEIRA, 2007, p. 398).

Gérson acabou herdando esse público após a morte do comentarista gaúcho durante a Copa da Itália, em 1990. A informalidade e a passionalidade de suas análises, inclusive refletindo os sentimentos do torcedor (tanto a satisfação, quanto a indignação), garantiram seu sucesso. Essa exacerbação do comentarista/torcedor é capaz de protagonizar cenas inusitadas, como a do dia em que tirou a camisa para comemorar uma vitória do Botafogo na Libertadores, em 2014, dentro da cabine de transmissão. Um episódio que, contudo, não causou nenhuma estranheza por parte de seus admiradores, acostumados com as reações extremas do comentarista e que, ainda por cima, gerou enorme repercussão do meio esportivo.



Em uma “tabelinha” de sucesso, formou dupla com o locutor José Carlos Araújo, não apenas na Rádio Globo, mas também em outras emissoras de rádio e nos programas televisivos comandados pelo “Garotinho”. Durante um bom tempo também manteve uma coluna no Jornal dos Sports.

A imagem positiva de Gérson fez com que superasse, até mesmo uma infeliz associação do ex-jogador com a corrupção. A propalada “Lei de Gérson” se refere a uma frase dita por ele

em um antigo anúncio de cigarros: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?”. Logo ele, um dos craques de história mais coerente do futebol brasileiro.

Atual e atuante, e na busca de renovação de seu público, desde o ano de 2019, leva suas análises das partidas para as Mídias Sociais. Um campo promissor para o tema futebol se levarmos em consideração o número crescente de ações de clubes e torcedores nesse segmento.

No YouTube e no Instagram, proliferam canais e perfis voltados para o dia-a-dia dos clubes, com noticiário, entrevistas, análises e *lives*. A condução, feita por torcedores inclui, em alguns casos, até mesmo transmissões de jogos.

De olho nesse mercado e em seu crescente retorno comercial, os clubes também desenvolveram seus próprios canais, uma ligação direta com seu público-alvo sem a necessidade de um meio de comunicação formal como intermediário.

De acordo com os números divulgados pelo IBOPE Repucom, em julho de 2020, os 6 clubes com maior número de seguidores em Redes Sociais já somam mais de 97 milhões de pessoas[2].

RANKING DIGITAL – CLUBES BRASILEIROS DE FUTEBOL — IBOPE | Repucom
JULHO/2020 - Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e TikTok

SÉRIE	#	Clube	Combinado	Facebook	Twitter	Instagram	YouTube	TikTok
A	1	Flamengo	**32.734.537**	12.078.168	6.703.522	8.432.847	4.220.000	1.300.000
A	2	Corinthians	**23.688.769**	11.236.891	6.072.268	4.828.510	1.180.000	371.100
A	3	São Paulo	**15.368.661**	6.654.548	4.312.695	2.931.518	1.260.000	209.900
A	4	Palmeiras	**11.211.971**	4.400.352	3.113.678	2.367.941	1.330.000	*
A	5	Santos	**8.533.700**	3.517.303	2.824.705	1.238.992	894.000	58.700
A	6	Grêmio	**8.310.956**	3.118.071	2.771.787	1.762.098	628.000	31.000
A	7	Vasco	**7.400.065**	3.087.666	2.310.469	1.250.830	661.000	90.100
A	8	Atlético Mineiro	**7.099.522**	3.186.671	2.109.939	1.511.312	254.000	37.600
B	9	Cruzeiro	**7.099.295**	3.068.472	2.140.436	1.451.587	279.000	159.800
B	10	Chapecoense	**5.753.917**	3.780.844	614.708	1.308.365	29.400	20.600

Os resultados da iniciativa do “Canhota” também são bastante expressivos. Gérson mantém um canal no Youtube, com mais de 200 mil inscritos; um perfil no Instagram, com cerca de 60 mil seguidores e uma conta no Twitter, com outros 40 mil fãs. Um fenômeno, se levarmos em conta que muitas dessas pessoas não tiveram a oportunidade de vê-lo em campo e o “seguem” justamente por seu desempenho midiático.

[2] <http://www.iboperepucom.com/br/rankings/ranking-digital-dos-clubes-brasileiros-jul-2020/>

Desenvolvimento

Este trabalho tem como objetivo explicar como se deu a migração do "Canhotinha de Ouro" para o ambiente virtual. Vamos mostrar todo o processo dessa inciativa, desde a tomada de decisão de criar o projeto, o desenvolvimento e a estruturação do mesmo, além de sua implementação.



A análise do trabalho realizado pelo "Canhotinha" Gérson passa, obrigatoriamente, pelo levantamento dos números significativos alcançados. No canal de Youtube, por exemplo, há um vídeo sobre o Flamengo, no auge do clube, na Copa Libertadores de 2019 que alcançou 375 mil visualizações. Até julho de 2020, já eram quase 280 vídeos, divididos em playlists como "Comentários de jogos", "Resenha do Canhota", "Canhota responde" e "Baú do Canhota". A frequência das postagens, bem como a repercussão das mesmas também serão compiladas através de gráficos que nos ajudem a entender possíveis padrões.



Além da análise quantitativa, também verificaremos os temas mais recorrentes e de que forma eles pautam os conteúdos apresentados nas Mídias Sociais.

O discurso adotado pelo protagonista também merecerá nossa atenção. Foi necessária uma adaptação para as novas plataformas ou o formato adotado no Rádio e na TV foi transposto para os vídeos das Redes Sociais?

Para uma melhor compreensão de todos esses aspectos, bem como de objetivos e estratégias, foram coletados depoimentos de integrantes da equipe responsável e do próprio Gérson.

Conclusão

O presente trabalho traz uma ação de sucesso nas Mídias Sociais em um setor tão concorrido e dominado, em sua enorme maioria, pelo público mais jovem. Os resultados consistentes dos canais disponibilizados pelo quase "oitentão" Gérson no meio digital merecem registro e estudos ainda mais aprofundados, principalmente em relação ao perfil de seus seguidores. O "Canhota", mesmo em um campo tão adverso mostra, mais uma vez, o que nunca lhe faltou nos gramados, sabedoria para entender o jogo e categoria para "dar tratos à bola".

Referências

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. *Gigantes do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RIBEIRO, André**.** *Os donos do espetáculo:* histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha, uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

FUTEBOL E SOFT POWER: GABRIEL JESUS É *MADE IN BRAZIL*

Rodrigo Nascimento Reis[1]
Marco Antonio Roxo da Silva[2]

Resumo
O documentário "Gabriel Jesus: made in Brazil" produzido pelo canal de TV do clube Manchester City dá boas-vindas à contratação do jogador brasileiro ao time inglês. O modo como uma produção internacional interpreta a formação dos jogadores brasileiros por meio da história de Gabriel Jesus é o nosso objeto de discussão. Muito além do futebol como representante da identidade nacional, temos como pressuposto que, quando a narrativa sobre o esporte é produzida no cenário internacional, o futebol ganha contornos de Soft Power. Nesse processo, também nos interessa destacar como o audiovisual é central na disseminação do poder suave. Nosso estudo de caso indica que o futebol brasileiro é cultuado internacionalmente não apenas pelas vitórias em Copas, mas pelo surgimento de grandes jogadores que começam os primeiros passos na várzea.
Palavras-chave: Futebol. Soft Power. Brasil. Manchester City.

Introdução

Por 32 milhões de euros, cerca de 138 milhões de reais, o jogador brasileiro Gabriel Jesus foi contratado pelo *Manchester City* em agosto de 2016. O atacante ainda terminou a temporada no Palmeiras e oficialmente ingressou no time inglês em janeiro de 2017. Com apenas 19 anos, a jovem promessa brasileira foi exportada. O *Manchester City*, por meio do seu canal de TV (*Man City for TV*) produziu o documentário "Gabriel Jesus: *made in Brazil*" para dar boas-vindas ao jogador brasileiro. Perante este quadro, nos interessa discutir como uma produção internacional interpreta a formação dos jogadores brasileiros por meio da história de Gabriel Jesus.

Na descrição do documentário, o *CityTV* atiça a curiosidade dos torcedores com os bastidores do roteiro: "Visitamos sua cidade natal, sentando-nos com aqueles que influenciaram sua carreira e sua vida, e olhamos para alguns dos momentos mais importantes - dentro e fora do campo". Mas a expectativa não é apenas dos torcedores, é do próprio clube que por meio do site retrata o atacante como iminente estrela futebolística, pronta para brilhar na Inglaterra e em campeonatos internacionais. Este entusiasmo em torno de

[1] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense com Bolsa Faperj Nota 10. Email: rodrigoreisitz@gmail.com

[2] Professor Associado do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense. Email: marcos-roxo@uol.com.br

um jogador brasileiro nos suscita a refletir que valores sobre o futebol brasileiro foram negociados e veiculados pela TV do Clube.

Temos como pressuposto que a narrativa produzida pelo futebol brasileiro em âmbito internacional ganha contornos de *Soft Power*, por isso, vamos abordar o futebol do Brasil além da noção de representante da identidade nacional, ideia já bastante consolidada nos trabalhos de DaMatta (1982), Agostino (2002), Antunes (2004), Guedes (1998) e Helal e Cabo (2014).

Porém, acreditamos que esse quadro teórico não dá conta para responder a importância dada ao nosso futebol quando este é narrado pela mídia estrangeira. Será que o conteúdo do documentário do *Manchester* pode ser explicado por uma chave teórica que entenda que em qualquer parte do mundo, nosso futebol é vinculado a identidade nacional? Nossa aposta é que a teoria delineada por Joseph Nye (2004) intitulada *Soft Power* possa contribuir para o debate. Cunhada dentro das Relações Internacionais, a expressão que em português pode ser compreendida como "poder suave" ou "poder brando" trata do modo como uma nação pode influenciar outra via aportes culturais, divergindo do *Hard Power* que busca impor à vontade por intermédio do poderio econômico ou mesmo de armamentos.

Por fim, no detemos ao estudo de caso (YIN, 2009) do documentário Gabriel Jesus: *Made in Brazil* de duração de 24 minutos, observando quais sentidos da trajetória de vida do jogador ficam em evidência e ajudam a perceber o significado dado pelo documentário ao futebol brasileiro. Optamos pela descrição do documentário para então aferir possibilidades de diálogo com o *Soft Power*.

Análise de Gabriel Jesus: made in Brazil

Desde o título do documentário, percebemos uma inclinação nada inocente para indicar o tratamento dado ao jogador. É mercadoria fabricada no Brasil. Por este caminho, temos um objetivo concretizado de *Soft Power* que ocorre quando 'alguém' percebe o valor do 'outro' e deseja tê-lo. Neste caso Gabriel Jesus foi exportado. Quais as motivações que influenciaram a decisão do *Manchester City* em investir tão alto na carreira de um jovem jogador brasileiro é o que procuraremos delinear por meio da descrição do vídeo.

Fizemos a transcrição de todo o áudio do documentário para entender a teia narrativa construída. Observamos que o roteiro é construído a partir da infância do jogador quando ele jogava em campos de várzea, seguida da formação dele em categoria de base, subida para o time profissional, no caso o Palmeiras, participação nas Olímpiadas do Rio de Janeiro de 2016,

premiação com a Bola de Ouro e ida para *Manchester City*. Nesse contexto, conforme a história do jogador foi se desenvolvendo no documentário, percebemos como o ápice da carreira dele à ida para seleção brasileira. Houve uso abundante de imagens que colocam este acontecimento como afortunado, com destaque para cenas da vitória em cima da Alemanha (nas Olimpíadas) ao lado de outros craques como Neymar.

Isto nos autoriza a entender que para produção do documentário, ou mesmo para o *Manchester City*, não é só ter um jogador de excelente performance em campeonatos brasileiros, mas um jogador em ascensão que chegou a topo do futebol brasileiro, a seleção. Isto significa pensar que para o estrangeiro, membros desse grupo seleto, são atraentes, visados e interessantes para os jogos.

Mas se o conhecimento sobre a técnica futebolística está mais aprimorado e acessível em todas as partes do mundo, por que o atleta brasileiro seria tão sedutor? Outra explicação possível está nos depoimentos de Gabriel Jesus e Robinho. Trata-se do futebol de várzea, sinônimo de futebol praticado de forma amadora, praticado em campos íngremes, na 'terra' ou mesmo na rua. Que ganho poderíamos ter de alguém que pratica futebol em um lugar teoricamente inapropriado? E principalmente em tempos tão modernos de evolução da performance física do futebol desde as categorias de base. Damo (2005) investigou o futebol de várzea e diagnosticou que esses campos precários possuem um significado de superação e provação na trajetória dos jogadores. É o que o jogador Robinho, ao tentar explicar a qualidade futebolística sua e de Gabriel Jesus, admite:

> Olha, jogar na rua é difícil, mas ao mesmo tempo faz você evoluir porque tem muitos buracos na rua, a bola bate e vem de uma maneira diferente e faz você ter esse lado do improviso que é muito importante. Tem muitas jogadas que eu faço até hoje e o Gabriel também que nós não treinamos, sai na hora, sai do improviso, então eu acho que o fator principal de tudo de você jogar futebol na rua é a improvisação, é o jogador que do nada cria uma jogada que ninguém espera (Robinho: depoimento em *Gabriel Jesus: Made in Brazil*, 2017).

Esse tipo de desafio soou atraente no documentário que utilizou várias cenas de Gabriel Jesus jogando em campo de várzea. Aliás, há várias imagens de arquivo do jogador que foram inseridas no vídeo desde pequeno. Imagens dele quando ainda criança se aquecendo no campo de terra, realizando dribles, jogadas criativas e gols nos adversários da mesma idade. Os primeiros cinco minutos do documentário, além de depoimentos, intensifica que de fato, a passagem pela várzea é um diferencial do jogador. "A várzea me ajudou bastante, os campos, tudo porque eu tinha um pouco mais de maturidade; apanho, levanto logo, então a várzea me ajudou muito nisso" (Gabriel Jesus: depoimento em *Gabriel Jesus: Made in Brazil*, 2017). A

declaração dialoga com as descobertas de Damo (2005) que discorre sobre a virilidade e a força que seriam proporcionadas pelos fortes confrontos físicos ocorridos nos campos de terra.

Os técnicos possuem papel importante nesse processo. O primeiro treinador de Gabriel Jesus, quando ele ainda tinha oito anos, o Mamede, atestou que o garoto era disciplinado, tinha boas notas e já era apaixonado por jogar bola. Oswaldo de Oliveira, técnico do Palmeiras em 2015 comentou que Gabriel tinha maturidade para a idade, além de ser centrado e romper barreiras que outros jogadores demorariam mais tempo para romper. Marcelo Oliveira, outro ex-técnico do Palmeiras que comandou Gabriel também apareceu para afirmar que jovem era bom em confrontos físicos, tinha arrancada, era ágil e corajoso atribuindo este contexto novamente ao tempo do garoto nos campos de terra.

Apesar das críticas recentes ao desempenho do futebol brasileiro, a ideia de um futebol-arte foi concebida no documentário, o que pode indicar que o que está em crise é a associação do futebol com símbolo da identidade nacional, e não o modo como o brasileiro joga e que se mantém interessante ao olhar estrangeiro. A sequência final é a ida de Gabriel ao *Manchester City* que se posiciona como o lugar mais proveitoso para acolher o jovem talento. As cenas finais mostram dezenas *prints* e vídeos do twitter do *Manchester* feitos por torcedores ingleses com mensagens ávidas para ver o jogo de Gabriel, o futebol fabricado no Brasil.

Apontamentos

A partir da descrição de pontos pertinentes do documentário Gabriel Jesus: *Mande in Brazil*, podemos entendê-lo como um produto que ressoa o futebol brasileiro como ferramenta de *Soft Power*. As imagens instigantes de partidas de futebol do jovem talento intercaladas com vários depoimentos sobre sua trajetória criam uma narrativa de que Gabriel Jesus é o que é porque foi formado diante os desafios de jogar bola em campos de terra do Brasil. Há uma estética que sustenta que "várzea" como lugar fundamental da formação de força física e criatividade de nossos "grandes jogadores".

Esta informação é compartilhada com Roxo (2015) que identificou uma teia discursiva envolvendo programas jornalísticos, documentários cinematográficos e músicas brasileiras responsáveis por criar o mito da 'várzea'. Para ele, a várzea seria um mito romântico que tenta explicar a forma brasileira de jogar. No documentário estes campos de rua, como vimos pelos depoimentos de Robinho e do próprio Gabriel Jesus, são um dado de realidade. Desse modo, a várzea pode ser vista como um produto cultural fundamental para o lugar ocupado pelo futebol para representar o Brasil no eixo global.

De outro modo, o futebol brasileiro enquanto *Soft Power* ganha consistência não apenas porque o Brasil é cinco vezes campeão em Copas, mas pela formação singular de nossos jogadores. A TV do *Manchester City* serviu como um profícuo espaço para exibição do documentário em questão. Trata-se da percepção de uma produção que embora esteja localizada na Europa, é periférico por estar restrito a assinantes/torcedores. Porém, a partir do momento em que o conteúdo é expandido para o *YouTube*, ele atravessa fronteiras e encontra fácil acesso devido à identificação de milhares de pessoas ao redor do mundo com a seleção brasileira.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer:* futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002

ANTUNES, Fátima M. R. F. *"Com brasileiro não há quem possa!":* futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol:* esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. *Do Dom à Profissão*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futeb*ol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Editora UFF, 1998.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. (org.). *Copa do M*undo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *O Brasil de todas as Copas 1930 - 2010*. Brasília: Ministério do Esporte, 2012.

NYE Joseph. Soft Power. *Foreign Policy*, n.80, p.153-171, 1990. https://cutt.ly/stxYCCH. Acesso em: 23 jan. 2020.

ROXO, Marco. *Da Terra à Grama: Telejornalismo, Futebol e Populismo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2015, 38., Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: https://cutt.ly/RtxY3bz. Acesso em 17 jan.2020.

YIN, R. K. *Estudo de caso:* planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

O ÁRBITRO DE VÍDEO E A COMODIFICAÇÃO TOTAL DO FUTEBOL

Gabriel Said[1]

Resumo
O futebol passa por um processo de hipercomodificação, tal fenômeno busca transformar o esporte em um produto agradável de ser economicamente manipulado. Para tanto é necessário transformar o futebol em todos os seus aspectos para que suas formas tradicionais de construção de afetos sejam refeitas para agradar e atrair um outro público, de perfil mais consumidor para o futebol. Ao substituir os torcedores por clientes, o próprio jogo também deve se tornar mais palatável para este público, ou mais racionalizado. Neste contexto o árbitro de vídeo surge de rompante com aceitação universal entre os canais televisivos e pelas organizações do esporte, que sustentam seu uso através do discurso de um progresso vago, que mais se caracteriza como propaganda do que debate.
Palavras-chave: Futebol moderno. Árbitro de vídeo. Progresso. Neoliberalismo.

Introdução

O futebol em seus mais altos níveis econômicos do século XXI é um espetáculo, não apenas um jogo. Esse dualismo aumenta suas contradições conforme a espetacularização cresce. Enquanto um jogo pode ser entendido pelas palavras de Johan Huizinga como algo significante (o sentido se encerra em si mesmo), incapaz de ser compreendido pela antítese do verdadeiro e falso, do bem e do mal pois mesmo sendo uma atividade não material, "não desempenha uma função moral, sendo impossível aplicar-lhe as noções de vício e virtude". O espetáculo é a própria relação social mediatizada por imagens, é resultado e fim do modo de produção da sociedade. Mais do que um recurso ou ferramenta, Guy Debord nos ajuda a entender o espetáculo como a "afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo".

A partida de futebol transmitida pela televisão não é o mesmo que o assistido nas arquibancadas, apesar das diferenças estarem diminuindo com a invasão da TV no jogo e nas construções de estádios-estúdio. O jogo se transforma cada vez mais em imagens, em representações da realidade. Não há o interesse em transmitir um jogo de futebol, este esporte é entendido como um produto, um meio de gerar muito dinheiro e não precisa ser um jogo no seu entendimento mais puro, basta ser uma atrativa representação comercial desse jogo. A inserção da lógica mercadológica em todas esferas do futebol é no fim, a potência motriz do futebol profissional, hoje vivendo o que Richard Giulianotti chama de hipercomodificação.

[1] Graduando em Sociologia pela UFF, gabriel.said@gmail.com

Desenvolvimento

O árbitro de vídeo, ou VAR (*Video Assistant Referee*) teve um começo meteórico de existência, apareceu ao mundo em um jogo profissional de divisão de topo pela primeira vez no dia 7 de abril de 2017, em uma partida válida pela A-League entre Melbourne City e Adelaide United. O jogo, porém, não usou o VAR. O primeiro uso do árbitro de vídeo foi no dia seguinte na Nova Zelândia quando o Wellington Phoenix (clube neozelandês que participa como convidado da A-League) recebia o Sydney FC e os australianos tiveram um pênalti marcado depois que as imagens detectaram um toque de mão dentro da área do Phoenix.

O VAR teve um crescimento espantoso até chegar à Copa do Mundo na Rússia em 2018, foi adotado na Austrália, Estados Unidos, Alemanha, competições menores da FIFA, etc. O argumento era dos melhores; iria acabar com erros de arbitragem e trazer justiça para o futebol. Mas até melhor das intenções para mudar o mundo está fadada ao fracasso sem uma interpretação apropriada dele. A partir da Copa do Mundo de 2018 a relação do VAR com os fãs de futebol começou a ter as primeiras críticas e reclamações a um nível maior e midiático. Nos maiores meios de comunicação as discussões sobre o uso desta tecnologia, no entanto, nunca colocam em xeque o próprio uso do vídeo, assumindo que seja um caminho inevitável.

Luiz Antonio Simas considera como perversidade do bem o cinismo que mata os espaços de cultura e criação de afeto em nome de uma ideia de progresso que ao final, tem como real finalidade causar a esfoliação de tradições e povos em detrimento de interesses econômicos ou políticos privilegiados. A partir do pensamento de Simas, podemos pensar Walter Benjamin:

> Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 1987, p. 226).

A narrativa da história tende a favorecer o futebol negócio, a arenização dos estádios, gentrificação nos estádios, os clubes-empresa, a introdução do VAR e outras mudanças são colocadas como inevitáveis. Um artigo da Le Monde Diplomatique é certeiro: o que está nos

matando é o neoliberalismo. Pensando nisso é possível perceber como até mesmo várias das fundações da Premier League, o campeonato mais midiático do mundo, tem suas fundações na barbárie neoliberal.

No Brasil não é de hoje que o Flamengo ignora sua grande massa de torcedores. Marcos Alvito, ex-professor de História de Universidade Federal Fluminense costumava dizer que a camisa oficial do Flamengo é aquela comprada numa barraquinha no Centro do Rio de Janeiro. Enquanto o rubro-negro escorraçar sua torcida com ingressos caros, programa elitista de sócio-torcedor e com o "*Maraca-Arena"* o clube seguirá perdendo sua alma popular, mas alguns poucos dirigentes e empresários conseguirão grandes feitos pessoais. O mesmo serve para Vasco, Fluminense, Botafogo e qualquer outro clube.

Em pesquisa feita em 2018[2], o Datafolha indicou que o desinteresse do brasileiro pelo futebol está crescendo, especialmente nas classes mais baixas. 45% das pessoas que pertencem a famílias com renda familiar até dois salários mínimos não têm interesse em futebol. Para entender isso, vamos falar da situação desesperadora dos salários, usando mais uma vez o Flamengo como exemplo:

Em dezembro de 2009 o Flamengo recebeu o Grêmio no Maracanã (antes da reforma para a Copa) em partida que valia o título. Os ingressos custavam entre RS30 e R$180. Uma década mais tarde o Flamengo, recém campeão, recebe o Ceará no *New Maracanã* e os ingressos variavam entre R$130 e R$950. Repare: em 2009 era o jogo do título enquanto que em 2019 o título já estava ganho, e mesmo assim os ingressos subiram a ponto de poderem valer praticamente o mesmo a um salário mínimo. Isso em um país que quase um quarto da população recebe até dois salários mínimos mensais.

Retornando ao VAR, ele está aumentando o número de pênaltis e consequentemente os gols. Até a Copa da Rússia o antigo recorde de pênaltis em uma edição de Copa era de 18 pênaltis em 2002, mas foi superado com folga: 29, sendo 11 deles marcados após revisão do VAR. Se o gol é o orgasmo do futebol, parece ter encontrado um bom estimulante. A espetacularização que reduziu o tamanho dos campos para gerar imagens melhores na transmissão e em comerciais pode ter provocado uma diminuição do número de gols e o VAR aparece como uma forma bem agradável de subir os gols com o bônus da tensão de uma batida de pênalti.

[2] Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/05/cresce-desinteresse-do-brasileiro-por-futebol-aponta-datafolha.shtml?>

O outro lado da moeda são os gols anulados, aqueles gols em que só com algumas repetições do videoteipe consegue perceber que algum jogador estava 2 centímetros à frente. Nesses lances, como houve recentemente em partida entre Manchester City e Tottenham pela Liga dos Campeões com um gol apoteótico de Raheem Sterling no final do jogo, mas que foi anulado após revisão e foi visto que Kun Agüero estava com o ombro adiantado. Não tem como negar que aquele gol aconteceu, a torcida de Manchester e os jogadores celebravam a classificação enquanto os londrinos sabiam que era o fim e seus jogadores já estavam caídos no gramado lamentando a eliminação. Se o impedimento é marcado pelos árbitros de campo – movidos por interpretações feitas no momento – não haveria o rompimento com a realidade como acontece quando o gol é reanalisado após o gozo coletivo. O gol se torna um acontecimento traumático pois mesmo comemorado pode ser anulado a qualquer momento.

O futebol como qualquer fenômeno social tem erros. Obviamente não será feita aqui uma apologia a erros e/ou manipulações de resultados, mas sim uma crítica à maneira como a tal da justiça está trabalhando na partida de futebol. Quando algo agrada a todos é porque é um fenômeno ideológico puro, o quê poupou o VAR de ser questionado desde o princípio.

Richard Giullianoti descreve o perfil de um tipo de torcedor (*fan*) novo nos estádios; o *flâneur*. Esse novo torcedor é caracterizado como pertencente de uma classe que possui capital econômico, cultural e educacional e tem um perfil social voltado para o consumo, implicando também em relações menos afetuosas.

Parte do processo de tornar o futebol mais palatável para uma classe que detém o capital cultural e ingressá-lo em uma lógica neoliberal de eficiência econômica (e até como ferramenta política), não basta tratar apenas da gentrificação dos estádios reduzir gramado, mudar calendário, etc. É necessário levar o jogo assistido pela televisão para o estádio e tentar reduzir ao máximo qualquer elemento advindo da sorte. O jogo, portanto, deve ser altamente racionalizado.

Em junho de 2018 no programa Diálogos com Mario Sergio Conti[3] o professor Marcos Alvito disse: “Um jogo verdadeiro de futebol é uma coisa que acontece no presente, em um determinado momento. Ele é quente, é uma coisa quente e como qualquer coisa quente, às vezes ela é errada, às vezes ela é tragicamente errada, mas ela é verdadeira. É viva”. Com esse entendimento sobre o jogo entendemos o porquê do videoteipe ser burro, pois enquanto o jogo é quente, o replay é frio. Sua tentativa de compreender o jogo está errada no nível mais profundo uma vez que ambos têm valores morais incompatíveis.

[3] Disponível em <https://globosatplay.globo.com/assistir/c/p/v/6839778/>

A dúvida se vale a pena perder a emoção em troca de mais justiça – por mais equivocada que possa ser uma vez que a própria justiça é passível de questionamentos – deve ser respondida pelos torcedores. Pelas autoridades ela já está respondida, e a resposta é "o que der mais lucro". Quem não ganha nada com futebol mas dá ao jogo o que tem e o que é está em uma situação como a dialética do senhor e do escravo, de Hegel: O futebol não precisa de árbitro de vídeo assim como o escravo não precisa do senhor, mas vão nos convencer de que sim.

Resultados esperados ou conclusão

Pretende-se compreender as motivações e consequências do uso do árbitro de vídeo nos jogos de futebol e sua relação com o processo de hipercomodificação do esporte que, entre outras coisas, vem transformando o público nos estádios. Por fim, há também o objetivo de incitar um debate sobre o uso (ou não) do árbitro de vídeo, uma vez que se carece deste tipo de debate pelas mídias esportivas.

Referências

GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football. *Journal of Sport and Social Issues*, p. 25-46. 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 222-232. (Obras escolhidas)

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

SIMAS, Luiz Antonio. *A Perversidade do Bem*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://luizantoniosimas.blogspot.com/2019/02/a-perversidade-do-bem.html. Acesso em 13 jul. 2020.

NAVARRETE, Ana Carolina; EGYDIO Carla. *O que está nos matando é o neoliberalismo*. Le Monde Diplomatique. Brasil, 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-que-esta-nos-matando-tem-nome-neoliberalismo/. Acesso em 13 jul. 2020.

DO MARACANÃ A SARRIÀ: JORNAL DOS SPORTS E REVISTA PLACAR NAS PUBLICAÇÕES IMEDIATAMENTE APÓS AS DERROTAS EM 1950 E 1982

João Pedro Prado Mercês Lázaro[1]

Resumo
A mídia, ao longo da história brasileira, serviu como instrumentos para criação e consolidação de sentidos de nacionalidade associada ao futebol, sobretudo a partir dos sucessos das equipes nacionais em Copas do Mundo. Como apareceram, no entanto, os discursos nos jornais a respeito das derrotas? A partir dessa questão elencamos duas Copas do Mundo (1950 e 1982) e dois veículos de imprensa (Jornal dos Sports e Revista Placar), com o objetivo de investigar quais discursos forma contruídos por esses periódicos impressos nas suas publicações, imediatamente posteriores as derrotas do escrete nacional.
Palavras-chave: Futebol. Copa do Mundo (1950 e 1982). *Jornal dos Sports*, *Revista Placar.*

Introdução

Ao longo do século XX as Copas do Mundo de futebol se tornaram momentos singulares para a formulação de discursos que reforçavam sentidos da identidade nacional brasileira através do futebol (CABO, 2006). Enunciados como *futebol-arte, pátria de chuteira, país do futebol*, foram criados e difundidos, através de veículos de comunicações, para significar os sucessos dos jogadores brasileiros nas competições internacionais produzidas pela FIFA. No entanto, se isso acontecia a partir dos triunfos, o que acontecia nas mídias por ocasião das derrotas? Sentidos eram criados? Se sim, quais eram esses sentidos?

Copa de 1950: entre progresso e tragédia nacional

O ano de 1950 marcava o início de mais uma década na qual expectativas em torno do futuro do Brasil eram criadas. Vivia-se, após uma ditadura varguista de cerca de oito anos, o momento da história do país mais próximo do que poderia ser chamado de democracia (PINHEIRO, 2014). O futebol aparecia, naquele momento, como um elemento nesse processo de idealização de uma nação que rumava ao progresso. Depois de um hiato de doze anos sem Copas do Mundo de futebol, em função da Segunda Guerra Mundial, o Brasil sediaria a competição (FRANZINE, 2010). O campeonato aparecia como uma possibilidade do país se mostrar ao mundo através dos sucessos, tanto na realização da competição quanto dentro das

[1] João Pedro Prado Mercês Lázaro, Doutorando no Programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade – UFBA. pedropigmeu@hotmail.com.

quatro linhas. No que dizia respeito à efetivação da competição, o projeto maior se desenvolveu a partir da construção de um monumental estádio na cidade do Rio de Janeiro, à época capital da república. Um empreendimento grandioso que deveria estar à altura da competição e representar a imagem do progresso da pátria. No terreno do antigo Derby Club foi erguido o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, que passou a ser conhecido como Maracanã, em função do bairro no qual estava localizado. A edificação monumental se materializava através da arquitetura imponente e da capacidade de comportar até 200 mil torcedores. Primeiro passo do planejamento atingido com êxito. Restava aos onze brasileiros, em campo, colocarem em prática a segunda parte necessária para o sucesso total. Iniciada a competição o selecionado brasileiro, depois de duas vitórias e um empate, se classificou para o quadrangular final. Na fase decisiva enfrentou as seleções sueca, tcheca e uruguaia. Depois de duas goleadas, contra as equipes sueca e tcheca, respectivamente, disputou o jogo decisivo contra o conjunto uruguaio, contando com a vantagem do empate para conquistar aquele que seria o seu primeiro título mundial. Cerca de duzentos mil torcedores foram ao estádio do Maracanã esperando o título da equipe da casa. Depois de um primeiro tempo empatado, a euforia tomou conta da torcida após o escrete brasileiro abrir a contagem. Sensação que se transformaria após o apito final do confronto, em função da virada da equipe celeste (FRAGA, 2009).

Aquela derrota diante de toda a expectativa de sucesso, segundo Nelson Rodrigues escrevendo oito anos depois do acontecido, causara sequelas profundas no povo brasileiro. Segundo ele, a derrota representava uma das grandes tragédias da história do país, "uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode (ria) curar" (RODRIGUES, 1958, p. 25).

Em 18 de julho, dois dias depois da derrota, o principal periódico esportivo do Rio de Janeiro naqueles tempos, o *Jornal dos Sports*[2], publicava um número produzindo uma série de sentidos sobre o jogo. De modo geral, embora a maioria daqueles que comunicavam no *JS* reconhecessem a vitória legítima do time adversário, a ideia do futebol como um esporte injusto era construída. Através de vários de seus narradores, dizia que foi derrotada a equipe que tinha abrilhantado toda a competição com seu estilo de jogo. Recorria, para reforçar sua argumentação, das falas do técnico do escrete nacional Flávio Costa e de Willy Meisl, periodista do jornal londrino World sports, que se deu "o direito de declarar que a equipe perdedora jogou melhor football" (JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro: número 6411, 18 julho 1950, p. 01 e 06).

[2] Periódico carioca especializado em esportes criado em 1931 por Argemiro Bulcão e comprado, por Mario Filho, anos depois.

Os sentidos produzidos, em geral no *JS*, reforçavam a noção de *futebol-arte*, um time que transformava, durante o campeonato, cada jogo em espetáculo. No entanto, se assim foi durante toda a competição, porque não se repetiu através de um triunfo na final? Duas explicações para o fato foram desenvolvidas. A primeira, apresentada por Mario Filho,[3] proprietário do jornal, dizia que a principal causa da derrota teria sido o excesso de confiança do time, cuja "natureza" era ser ofensivo, incapaz de jogar por um empate (idem, p. 05). A segunda, apresentada por José Lins do Rêgo como um destino manifesto do brasileiro, como "um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinharia do destino" (idem, idem)

Esse povo, segundo o cronista, marcado pela falta de sorte diante das decisões, era, no entanto, saudado nas publicações do *JS*. Diante daquele que era narrada como uma das maiores tragédias da história do país, a "nação se superou a si mesmo", "foi maior na derrota do que jamais poderia ser na vitória". E não deveria se entregar ao "golpe", o futebol estava vivo, e formava craques aos montes, nos mais variados estados (idem, p. 07).

Através das páginas do periódico podíamos ver a construção de significações que iam, desde a maneira que o jogo era praticado até a característica do povo brasileiro.

Copa de 1982: a tragédia de Sarrià

Trinta e dois anos depois daquela derrota esportiva "em casa", vivia-se, em terras brasileiras, contexto diferente daquele identificado em 1950. A ditadura, iniciada em 1964, permanecia em vigor, mantendo, na dinâmica política e social, uma série de restrições. Por outro lado, sentimentos de esperança pela proximidade de seu fim apareciam cada vez mais presentes. A extinção dos Atos Institucionais, um relativo afrouxamento na censura, a lei de anistia, marcava algumas mudanças no modelo governamental que procurava se colocar como condutor de uma transição "lenta, gradual e segura" (ALMEIDA, 2011). No plano desportivo, o projeto de militarização da Confederação Brasileira de Futebol (CBD) iniciado na preparação do escrete brasileiro para a Copa de 1970 e intensificado nos anos posteriores com a intervenção de um presidente militar na instituição, perdia força com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1979, e a eleição de um civil para sua presidência (SCHATZ, 2018).

Em 1982 mais uma Copa do Mundo de futebol se apresentava. Naquele ano, diferente de 1950, o selecionado brasileiro já ostentava três títulos mundiais, conquistados em 1958, 62

[3] Um dos protagonistas no projeto Copa do Mundo, inclusive na defesa da construção de um estádio no modelo do Maracanã.

e 70. A seleção que, de quatro Copas vencera três, estava a duas em jejum. As expectativas em torno da competição, que aconteceria na Espanha, aumentavam a medida que se aproximava do seu início. A geração de jogadores selecionados, entendida pelos especialistas como a mais talentosa desde 1970, alimentava ainda mais as esperanças em torno da possibilidade da conquista. A competição teve início no mês de junho. Depois de três vitórias, a primeira por 2 a 1 contra a seleção soviética, e duas goleadas, contra Escócia e Nova Zelândia, respectivamente, o time brasileiro afirmava seu favoritismo e se classificava, como primeiro lugar do seu grupo, para o triangular que definiria um dos semifinalistas. Enfrentaria as seleções argentina e italiana. No primeiro jogo, contra seu rival mais tradicional, sagrou-se vitorioso pelo placar de 3 a 1. Iria disputar a vaga na final contra os onze italiano. A bola rolou em Barcelona, no Estádio de Sarrià. Assim como em 1950, ia para o confronto decisivo jogando pelo empate, no entanto, mesmo com a vantagem, não conseguiu o triunfo. Quem se destacou, em meio a tantos craques brasileiros, foi o centroavante adversário, Paolo Rossi. Com três gols, contra dois feitos pelos jogadores brasileiros, Sócrates e Falcão, a Itália garantiu sua vaga na semifinal da Copa do Mundo de 1982 (FRANCO Jr, 2007). A derrota marcaria uma geração de torcedores que carregariam, como apontou Mayrant Gallo, algum trauma em função do resultado daquele jogo (GALLO, 2013).

Em *Placar*[4], revista semanal especializada em esportes, mais consumida, desde os anos setenta, a derrota era abordada. Já na coluna escrita pelo editor chefe da revista, Juca Kfouri, o tom era de tristeza. Mais uma vez o melhor futebol havia sido derrotado, e com isso, talvez uma maravilhosa concepção de jogo perdia seu futuro. (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 633, 09 julho 1982. p. 03)

Assim como no jornal de 1950, a noção de *futebol-arte* era exaltado em uma Copa do Mundo definida pelo articulista Alberto Helena Jr como, "tecnicamente jogada sob um padrão deplorável, sem engenho, imaginação ou beleza" (idem, p. 16).

Uma das explicações, por sua vez, para a derrota do melhor time, em *Placar*, repetia a ideia de mais de trinta anos atrás. Falava sobre uma identidade ofensiva do time, que o impediu de jogar pelo empate. Além disso, outro argumento seria um certo "temperamento latino", que temia "mais a vergonha que a força do adversário". Manteve então seu jeito de jogar bola, escolhendo apresentar "momentos de um futebol de sonhos" que se ajustar "a fria lógica dos números" (idem, p. 13).

[4] Periódico esportivo do Grupo *Abril* criada em 20 de março de 1970, às vésperas da Copa do México que consagraria o escrete canarinho com o título de tri mundial.

Considerações finais: Os veículos impressos e a construção de uma tradição

Nos dois veículos de comunicação percebemos a construção de sentidos narrativos que procuravam falar sobre as derrotas, se apropriando de alguns enunciados que naturalizavam a forma de se fazer futebol. Afirmava-se e reafirmava-se tradições a respeito do futebol brasileiro. A ideia do melhor perder, a explicação para a derrota a partir de uma "natureza ofensiva", a existência de um "destino manifesto do povo brasileiro" em 1950, enquanto em 1982 um jeito "latino americano de ser", ao mesmo tempo que aproximavam os discursos dos dois periódicos, reproduziam sentidos sobre a identidade nacional brasileira através do jogo da bola. Em que pese os limites do texto, a análise desses dois veículos de imprensa nos oferecem instrumentos para identificarmos como os discursos da imprensa afirmavam e reafirmavam uma tradição para explicar a relação entre país e futebol a partir de duas derrotas em Copas do Mundo.

Referências

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

CABO, Álvaro Vicente do. A imprensa e as Copas do Mundo de futebol no Mercosul. *Contemporânea*, ed. esp., v.6, n. 03, 2008.

FRAGA, Gerson Wasen. *A "derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO Jr, Hilário. *A dança dos deuses:* futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 243-274, jul./dez. 2010.

GALLO, Mayrant (org.). *82: uma Copa, quinze histórias.* Anajé, Ba: Casarão do verbo, 2013.

PINHEIRO, Marcos César de Oliveira. Dos comitês populares democráticos (1945-1947) aos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964): uma história comparada. Tese (Doutorado em História Comparada).: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RODRIGUES, Nelson. *Brasil em Campo.* Organização Sônia Rodrigues Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SCHATZ, Patrícia Volk. *A imprensa escrita entra em campo*: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OS DOIS 16: NOS SEUS 70 ANOS, MARACANÃ CONTINUA ASSOCIADO À GLÓRIA E À TRAGÉDIA

Sérgio Montero Souto [1]

Resumo
O Maracanã completou 70 anos marcado por uma duplicidade no seu DNA. Inaugurado em 16 de junho de 1950 para ser o coroamento, no campo esportivo, de um país que buscava afirmar-se como nação, um mês depois, em 16 de julho de 1950, experimentou sua maior tragédia: a derrota para o Uruguai, na Copa de 1950. Tal dualidade simbólica, recordada a cada aniversário, teve um determinado continuum por 64 anos. Foi necessária outra tragédia, essa centralmente esportiva, o 7 x 1 para a Alamanha, em 8 de julho de 2014, e em outro palco – o Mineirão – para, enfim, retirar o Maracanã dessa desconfortável posição no ranking das tragédias nacionais. No entanto, na comemoração da primeira data redonda após o 7 x 1, a imprensa continuou, sob novas camadas, a associar o lado trágico aos aniversários do Maracanã.
Palavras-chave: Maracanã. 16 de junho. 16 de julho.

Introdução

Por que uma dualidade tão poderosa estende-se por tanto tempo sobre um estádio marcado por tantas glórias do futebol brasileiro, ainda, o mais vitorioso do mundo? Como futebol e imprensa desenvolvem uma simbiose seminal, desde o início do surgimento desse esporte no Brasil, é na representação que o jornalismo constroi das diversas memórias do Maracanã e de seus personagens que buscamos as respostas para ajudar na compreensão dessa representação dual.

Como observa Morley, mais relevante do que o equilíbrio na cobertura dos acontecimentos é o enquadramento conceitual e ideológico básico pelo qual os acontecimentos são apresentados e, "em conseqüência do qual eles recebem um significado dominante/primário" (MORLEY, 1976 Apud HACKETT in TRAQUINA, 1993:121). Tal enquadramento não se dá, obrigatoriamente, por uma atitude consciente dos jornalistas. Não é incomum que resulte da internalização por esses profissionais do enquadre do mundo social que contextualiza a notícia. Em geral, a notícia e as ideologias dominantes encontram-se imbricados.

[1] Sérgio Montero Souto, Doutor em Comunicação pela UFF e professor-adjunto da Uerj – sms306406@hotmail.com

Desenvolvimento

Um processo de decomposição do texto jornalístico permite deixar à mostra a hierarquização dos discursos e como tal hierarquia é constituída a partir da naturalização de uma dada realidade social. A narrativa jornalística procura, como norma, restringir significados, atribuir sentidos e articular aspectos isolados da interpretação. O objetivo, consciente ou internalizado, dessa operação discursiva da imprensa é produzir e divulgar uma visão dos acontecimentos sociais que admita a existência "de formas institucionais de conflito, mas sem contradições fundamentais" (HACKETT, 1993).

A gramática do texto jornalístico, no entanto, não é nem arbitrária – no sentido, de inexistir uma metodologia que faça sentido aos seus profissionais e possa ser explicitada ao público – nem se baseia, central e/ou exclusivamente, na manipulação das notícias. Embora, tal prática, também, exista, como confirma larga literatura dos estudos sobre a imprensa e o material empírico desse campo, ela não é assumida por seus profissionais como uma prática válida, sendo apresentada como uma distorção do que deve ser uma notícia.

Seu principal suporte é a objetividade, umas das fontes constitutivas vitais para a consolidação do jornalismo como atividade industrial, após suceder ao jornalismo artesanal. Embora tenha sido o principal contraponto à subjetividade explícita do modelo anterior, a objetividade não impede o surgimento de impasses quando os jornalistas tratam de determinados temas. O surgimento de uma questão expõe a necessidade de relatos distintos ou opostos de uma dada ocorrência. Para virar um acontecimento considerado noticiável, uma ocorrência passa pelo crivo de um conjunto de agências, constituídas por indivíduos ou grupos, que interferem na forma como o acontecimento será mostrado. Molotoch e Lester (MOLOTOCH; LESTER, 1993) identificam três grupos principais de agências: os promotores da notícia, os profissionais da notícia e os consumidores da notícia.

Entende-se como promotores da notícias os indivíduos e grupos que identificam – tornando-a, portanto, observável – uma ocorrência que, por razões variáveis e conteúdos específicos, pode vir a interessar a determinados indivíduos e grupos. Cabe aos jornalistas, que, recorrentemente, trabalham a partir de materiais fornecidos pelos promotores das notícias, a transformação de um conjunto finito de ocorrências em acontecimentos públicos. Com a publicação da notícia e a amplificação do seu alcance, a terceira peça desse tripé, os consumidores das notícias, criam uma sensação de tempo público.

Estudos sobre recepção já lograram mostrar que o papel da audiência/leitor não é meramente passivo. No entanto, embora também cada agência incorpore sucessivamente o

mesmo trabalho de construção, baseado em interesses que determinam dadas necessidades de acontecimentos, o trabalho desenvolvido em cada etapa bloqueia ou inibe outras possibilidades de criação e angulação dos acontecimentos. É essa capacidade de bloqueio, da elaboração da pauta à edição, que funda, em boa medida, o poder do trabalho jornalístico e de toda atividade de informação.

O bloqueio a outras possibilidades, porém, não se apresenta de forma aleatória. Ao longo do tempo, a imprensa e os jornalistas criaram e desenvolveram discursos e técnicas que oferecem racionalidade e justificativas, de um ponto de vista teórico e profissional, à inibição de outras possibilidades de abordagem dos acontecimentos e às não notícias.

Então, quais foram as necessidade dos três integrantes desse tripé a definir que, por 64 dos 70 anos – ou seja, 91,4% da vida do estádio – o aniversário do Maracanã tivesse, não uma, mas duas datas de referências, sendo uma delas indexada à maior tragédia do futebol brasileiro? O que será que esse duplo dialético nos pode contar? O aniversário de 70 anos, trouxe, porém, uma curiosidade complementar. Como se sabe, é um clássico da gramática da imprensa a opção por eventos/temas que completem datas redondas. É como se o fechamento de um ciclo, como o primeiro aniversário, dez anos ou um centenário, permitissem uma síntese que tente enquadrar, dentro de determinada perspectiva, um acontecimento que, relevante no passado, continua de alguma forma a informar o presente e sinalizar um futuro.

E, ao menos no primeiro aniversário com data redonda pós-7 x 1 para a Alemanha, a imprensa continuou a trabalhar o par glória/tragédia em relação ao Maracanã. É curioso, e significativo, que, mesmo com o Mineraço ou Mineiratzen tendo ressignificado o sentido de tragédia para o futebol brasileiro, o jornalismo esportivo continua a eternizar a derrota para o Uruguai como um dos fatores constituintes do DNA do estádio carioca. Tem-se, agora, que a derrota de 1950, enquanto tenha perdido o posto de maior vergonha do futebol brasileira, segue como a principal metáfora de tragédia *do Maracanã*. Nesse sentido, ele localiza-se em escala abaixo da "vergonha, vexame, humilhação"[2], como a imprensa catalogou a goleada sofrida para a Alemanha, na Copa de 2104.

Diante da manutenção desse dualidade em relação a 1950, temos uma questão simbólica ainda não examinada, nem pela imprensa nem pelos inúmeros estudos acadêmicos sobre o tema. Se, mesmo após o 7 x 1, o jornalismo esportivo cristaliza que o Maracanã tem uma duplicidade no seu DNA, então, Barbosa é a figura mais associada aos *aniversários* do

[2] Manchete do jornal "O Globo" em 9 de julho de 2014, um dia após o 7 x 1. No subtítulo, o jornal acrescentou: "Seleção sofre em casa a maior derrota de sua história".

estádio. Mais do que Pelé – este a figura mais importante da *história* do Maracanã – Barbosa é o mais emblemático representante da fusão simbólica do 16 de junho e do 16 de julho. É o único – ou o mais recorrentemente – jogador ligado às duas datas.

Tem-se assim que, embora no presente aniversário, existam movimentos de resgate e/ou releitura da memória do goleiro, esse nuançar não elide o fato de que, se os aniversários juntam, num intervalo de apenas um mês, glória e tragédia, a Barbosa estaria destinado o papel de principal significante da segunda. Com isso, o goleiro teria borrado o outro pólo da sua representação midiática quando em atividade: a glória. Tendo conquistado cerca de 18 títulos em 23 anos de carreira, somando os do Vasco (14) e os da seleção brasileira (quatro), permanece associado ao Maracanã como principal significante do pólo trágico dos aniversários do estádio. Barbosa perde, assim, o direito a uma representação mais polissêmica da sua vitoriosa carreira.

Resultados esperados ou conclusão

Apesar de o 7 x 1 ressignificar o significado de tragédia e restringir esse fenômeno ao plano esportivo, a cobertura sobre os 70 anos do Maracanã – primeira data redonda após a derrota para a Alemanha – parece apontar que o estádio deve continuar sendo associado ao par glória/tragédia. Tendo esta sua dimensão mais emblemática na derrota para o Uruguai, na Copa de 1950.

Se tal representação permanecer, então, a fusão 16 de junho e 16 de julho estará intrinsecamente associada cada vez que se celebre os aniversários do estádio. Haverá que busque justificar que tal entreleçamento dê-se pelo curto intervalo entre a primeira partida no estádio, entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo, e partida final da Copa de 1950. Também pode-se aduzir que foi a primeira – e única vez – em que o Brasil fez o jogo decisivo de um Mundial em seu próprio território. Nesse sentido, embora "vergonhoso", o 7 x 1 não teria a dramaticidade – adicional – de uma final de Copa do Mundo.

Tais argumentos, ainda que aportem questões pertinentes, não são capazes de dar conta de uma explicação simbólica mais ampla. Se fossem capazes de esgotar o tema, teríamos de aceitar uma abordagem centralmente cronológica, desconsiderando o papel social da memória e deixando de perceber a necessidade de distinguir o número de tempos coletivos para cotejá-los com a variedade de grupos coletivos (HALBWACHS, 1990).

Ao tratarmos a memória como fenômeno social, podemos desconfiar que, para além de convergências cronológicas, existem outros fenômenos e necessidades em, após o país produzir

jogadores como Pelé e Garrincha, conquistar cinco Copas do Mundo e ser reconhecido, interna e externamente, como produtor do futebol de maior reconhecimento social, o seu principal estádio tenha, nos seus aniversários, uma representação dual. É como se a rememoração da derrota para o Uruguai, mesmo deixando de ser principal metáfora de tragédia, devesse ser relembrada a cada aniversário do estádio.

Halbwachs (1990) busca demonstrar que a razão da sociedade resulta da forma humana, a única equipada para realizar e animar permanentemente a existência social. Para ele, mais relevante do que a memória são os quadros sociais da memória, entendendo que, por sua natureza, esta é social. O que se busca aqui avançar é, passados 70 anos da derrota de 1950, haveria resíduos daqueles quadros sociais que impelissem a imprensa a sustentar a duplicidade do DNA do estádio durante os seus aniversário.

Referências

HACKETT, A. Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja, 1993

HALBWACHS, Maurice. *A memória social*. São Paulo: Vértice, 1990

HELAL, Ronaldo George; LISBOA, Fábio Aguiar. Do Maracanazo ao Mineiratzen: um estudo da memória a partir das narrativas da imprensa na Copa de 2014. *Logos* 44 Dossiê - Mídia, esporte e cultura, Rio de Janeiro, v. 23, n. 01, jan./jun. 2016

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Paz e Terra. São Paulo:1997

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

OUTO, Sérgio Montero. *Imprensa e memória da copa de 50:* a glória e a tragédia de Barbosa. Niterói: Dissertação de Mestrado da UFF, 2002.

MARACANÃ COMO REDENÇÃO: A COPA AMÉRICA DE 1989 NA VISÃO DO *JORNAL DOS SPORTS* E DA *REVISTA PLACAR*

André Alexandre Guimarães Couto[1]
Álvaro Vicente do Cabo[2]

Resumo
A Copa América de 1989 retornava ao Brasil como país anfitrião depois de quatro décadas e, para esta edição, quatro sedes foram selecionadas pela CBF. Portanto, as cidades de Salvador, Goiânia, Rio de Janeiro e Recife tornavam-se palco do torneio sul-americano de futebol de seleções masculinas. E é justamente no Estádio do Maracanã que a fase final seria disputada. Para alguns periódicos, o estádio e a torcida carioca seriam fatores importantes e decisivos para o bom desempenho da seleção brasileira, principalmente por conta dos problemas decorridos na fase anterior.
Palavras-chave: Copa América. Estádio Maracanã. Jornalismo Esportivo.

Introdução

O ano de 1989 tornou-se um marco importante para a história da seleção brasileira e do futebol nacional, pois depois de 40 anos o país poderia novamente organizar um Campeonato Sul-Americano de futebol masculino, também chamada de Copa América.[3] Após a realização de vários formatos do torneio (com ou sem sede própria), a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) resolvera investir em sediar a competição, tendo em vista alguns objetivos traçados por esta instituição em relação a esta modalidade esportiva: 1) a necessidade de reconquistar o torneio depois de tantos anos sem vencê-lo (o último fora vencido justamente em 1949, que fora também a última vez em que o Brasil sediara o evento); 2) a pressão da própria CBF e da imprensa esportiva em torno da necessidade da seleção preparar uma geração vencedora que pudesse almejar a conquista da Copa do Mundo FIFA (cuja próxima edição ocorreria na Itália, no ano seguinte).

Sobre este último ponto, cabe mencionar que os jogos eliminatórios para a Copa do Mundo de 1990 seriam disputados logo a seguir à disputa do torneio sul-americano. As análises

[1] André Alexandre Guimarães Couto, Professor e Pesquisador do CEFET/RJ; Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e o NEPPES (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da UFF); e-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br.

[2] Álvaro Vicente do Cabo, Professor da UCAM; Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e o LEME (Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ); e-mail: alvarodocabo@yahoo.com.br.

[3] A partir de 1979, o Campeonato Sul-Americano de Futebol passara a ser denominado pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) por Copa América. Até então este último termo era designado para o troféu do torneio que era vencido pela melhor seleção em campo.

de alguns jornalistas e cronistas tratavam as duas participações da seleção como se fosse um processo só e, por vezes, por conta do mau desempenho na fase inicial da Copa América, apontavam preocupações sobre as reais possibilidades de classificação para a Copa do Mundo[4].

A organização da CBF escolhera quatro cidades para sediar o evento: Goiânia (Serra Dourada), Salvador (Fonte Nova), Recife (Arruda) e o Rio de Janeiro (Maracanã). As dez seleções foram divididas em dois grupos que, por sua vez, eram alocadas em sedes distintas. Após a primeira fase, a segunda etapa do torneio (com a participação das quatro melhores seleções) seria disputada exclusivamente no Rio de Janeiro, no Estádio Mário Filho, o Maracanã.

Desta forma, procuramos analisar o discurso dos jornalistas e cronistas do *Jornal dos Sports* e da *Revista Placar* sobre o evento e, principalmente, sobre o desempenho da seleção brasileira na fase final do torneio. Seria possível, do ponto de vista de parte do jornalismo esportivo brasileiro, associar a boa campanha na Copa América com a mudança dos locais dos jogos?

Desenvolvimento

Apesar do foco deste trabalho ter o objetivo de compreender as representações em torno do Estádio Maracanã, por meio da análise da cobertura jornalística nos dois periódicos apresentados na fase final da Copa América de 1989, devemos previamente trazer para o debate um fato importante na trajetória da seleção brasileira neste torneio: o caso Charles.

O jogador Charles, ídolo do Esporte Clube Bahia, que fazia parte do elenco da seleção brasileira sob o comando do treinador Sebastião Lazaroni, foi o estopim de manifestações de torcedores baianos durante a passagem da equipe nacional por Salvador e o Estádio da Fonte Nova.

É importante destacar também que o Bahia era na época o então campeão brasileiro, título inédito e conquistado em 1988. O jovem atacante destacara-se nas rodadas e fases decisivas do Campeonato Brasileiro e chamara a atenção da CBF, tendo sido convocado para amistosos e a Copa América de 1989[5].

Porém, o jogador fora cortado na primeira fase do torneio, por conta da necessidade de adequação do regulamento e também por opção técnica do treinador, e tornou-se chave das

[4] Cabe lembrar que as eliminatórias sul-americanas eram realizadas em formato diferenciado do modelo atual ("todos contra todos" em turno e returno). Em 1989, as seleções deste continente eram divididas em 3 grupos. O Brasil disputou uma vaga para a Copa do Mundo, disputando com Chile e Venezuela, compondo o Grupo3.

[5] Charles também participaria da boa campanha do Bahia na Copa Libertadores da América de 1989, sendo eliminado justamente pelo também brasileiro Internacional na fase de quartas de final.

críticas dirigidas pela torcida baiana ao comando do selecionado brasileiro, ocasionando uma crise de apoio. Além das críticas, gritos e xingamentos, com direito à queima da bandeira nacional nas arquibancadas da Fonte Nova, os protestos também foram refletidos pela presença insuficiente no estádio baiano[6]. A boa presença de Charles nos amistosos pré-Copa América, fazendo 3 gols em dois jogos tornava a revolta de parte da torcida baiana ainda mais insinuante, elevando ainda mais a temperatura de insatisfação contra o treinador Lazaroni e a CBF[7].

Neste clima de tensão, o fator regionalismo apresentava-se como um elemento dissociativo na relação entre a torcida e o selecionado. Tanto por parte dos torcedores baianos que acreditavam estarem sendo alijados da representação nacional, quanto por parte da CBF, que reforçava o desapreço pela falta de apoio ao Brasil, por conta de um litígio regional.

Segundo reportagem da Placar até os jogadores da equipe estavam indignados, dentre eles o baiano Bebeto e o zagueiro Mauro Galvão que teria afirmado ironicamente "Aí, finalmente esperamos chegar ao Brasil" (PLACAR, n.994 07/07/1989, p.16).

Na última rodada da primeira fase, a seleção brasileira reencontrou o caminho da vitória justamente quando saíra de Salvador e jogara em Recife, no Estádio do Arruda, vencendo o jogo por 2 x 0 contra o Paraguai. Entretanto, seria no Rio de Janeiro que a equipe teria o melhor desempenho durante o torneio, momento em que a imprensa local associasse a qualidade técnica com o apoio oriundo das arquibancadas do Maracanã.

Porém, a defesa do Maracanã pelo *Jornal dos Sports*, por exemplo, passara não apenas pelos "ares cariocas" de apoio de sua torcida e de seu povo. Mas, também, pela estrutura do estádio como um todo: a qualidade do gramado e as condições técnicas (elétrica e hidráulica, por exemplos) (JORNAL DOS SPORTS, 09/07/1989, p. 1 e Caderno Segundo Tempo).

Durante o torneio, o treinador do Botafogo, Valdir Espinoza, fora convidado a assinar uma coluna no *JS* e assim como os demais cronistas principais (jornalistas Washington Rodrigues e Nelson Rodrigues Filho) tinha uma visão do Maracanã como um elemento que poderia conduzir a seleção brasileira à redenção e à vitória aguardada a tantos anos[8].

---

[6] Na estreia da seleção brasileira, contra a Venezuela, cerca de 13 mil torcedores compareceram para assistir aquela partida. Ressaltamos que a capacidade máxima do Estádio Fonte Nova naquela ocasião era de 80 mil pessoas. Mesmos nos jogos seguintes, contra Peru e Colômbia, o público presente não atingira metade da capacidade total, em ambos os jogos.

[7] Charles jogara contra Peru em Fortaleza (vitória de 4 x 1; fazendo 2 gols) e contra Portugal no Maracanã/Rio de Janeiro (vitória de 4 x 0, marcando 1 gol).

[8] Valdir Espinoza estava prestigiado junto à imprensa esportiva carioca por ter comandado o Botafogo na conquista do Campeonato Carioca, após 21 anos sem alcançar este sucesso. O *JS* promoveria uma campanha em favor deste treinador para substituir Sebastião Lazaroni no cargo, por conta principalmente dos resultados ruins em amistosos no continente europeu pouco antes da Copa América e, principalmente, pelo mau desempenho na primeira fase deste torneio (JORNAL DOS SPORTS, 09/07/1989, p. 1).

Tal discurso seria reforçado posteriormente com a conquista da Copa América, principalmente por conta da partida final contra o Uruguai no dia 16 de julho, a data que remontava a derrota contra a "seleção celeste" na final da Copa do Mundo em 1950, disputada no Maracanã. Desta forma, este fator reforçaria ainda mais o discurso em prol deste estádio como o local da redenção da seleção brasileira naquele ano de 1989.

O acionamento da memória da final disputada em 1950[9] é um dos destaques da reportagem da revista "Campeão se fala português" que exalta o título no estádio vencendo os uruguaios, 39 anos depois como se fosse uma anacrônica revanche confortadora:

> Quis o destino que no mesmo Maracanã e no mesmo 16 de julho, a seleção brasileira desse um certo troco aos uruguaios pela maior tragédia da história do futebol verde-amarelo: a perda da Copa de 1950. Ao contrário daquela fatídica tarde, o time de Lazaroni não foi surpreendido pelo adversário. Esses jogadores, aliás, só ouviram falar da frustração e da tristeza daquela derrota – não se sentiam ameaçados por velhos fantasmas (PLACAR: N. 996 - 21/07/89, p. 4 e 5).

O jornalista Juca Kfouri em crônica sobre a conquista intitulada "A façanha dos profissionais" destacava o papel dos jogadores, o técnico Lazaroni, da própria CBF mas também se remete tanto às adversidades encontradas pela seleção na primeira fase, quanto a uma importância simbólica na vitória sobre os uruguaios: "A seleção assumiu o papel. Do Arruda ao Maracanã, o povo embala o time. E o time embalou o povo. Então era fundamental vencer. Melhor, vencer o fantasma celeste" (PLACAR: N. 996 – 21/07/89, p. 9).

Por outro lado, de acordo com as fontes pesquisadas, cabe pensar o Maracanã também como o local do caos, da desorganização de uma final esportiva internacional, associada aos problemas urbanos da cidade do Rio de Janeiro, como o transporte e a segurança pública; além de questões sanitárias. Com esta visão, o cronista mais crítico era Nelson Rodrigues Filho, oriundo da família Rodrigues e que fundara o *JS* em 1931.

Críticas também foram direcionadas ao sistema de jogo "europeizado" com a implantação do líbero, a indicação do técnico Lazaroni, as desconfianças na recém instituída gestão "moderna" da CBF com o presidente Ricardo Teixeira, então genro de João Havelange, e o dirigente vascaíno Eurico Miranda como diretor de Futebol da entidade.

[9] O acionamento da memória da final de 1950 é recorrente na imprensa de ambos os países. Um exemplo está no artigo "O Jornalismo esportivo e o acionamento da memória: o Maracanazo 20 anos depois" que demonstra como o *Jornal El País* remete a memória de 1950, no momento que a seleção uruguaia se classifica para enfrentar a brasileira na semifinal da Copa de 1970 (CABO, HELAL:2009).

Entretanto, a conquista do torneio em uma fase final muito satisfatória sobretudo em função das vitórias sobre a então campeã mundial Argentina, e a simbólica vitória sobre o Uruguai justamente no dia 16 de julho, ofuscaram críticas existentes em ambos os periódicos.

Conclusões Possíveis

O objetivo do presente resumo foi estabelecer uma proposta de análise do disurso a partir de dois periódicos importantes, *Jornal dos Sports* e *Placar*, sobre a Copa América de 1989 realizada no Brasil.

Foi possível identificar uma valorização da realização da segunda fase do torneio no Estádio do Maracanã, sobretudo em função dos problemas relatados ocorridos nas partidas realizadas em Salvador na primeira fase e em virtude de um acionamento da memória de 1950 em função da coincidência da partida decisiva ter sido disputada justamente contra o Uruguai novamente em um quadrangular final, 39 anos depois.

Assim sendo, diversas críticas à organização do torneio e da partida final, à ausência do baiano Charles, ao técnico da seleção Sebastião Lazaroni, ao esquema tático europeizado, e à nova gestão da CBF enfrentaram nos mesmos espaços jornalísticos o discurso da euforia e do deslumbramento com a vitória da seleção e com o "poder do Maracanã" nesta conquista. Como se a cabeçada de Romário após o cruzamento de Mazinho, na partida final, pudesse apagar as mazelas do evento e do próprio estádio.

Referências

CABO, Alvaro e HELAL, Ronaldo. *O* Jornalismo esportivo e o acionamento da memória: o Maracanazo 20 anos depois. *Estudos de Sociologia:* Revista de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 14, n. 2. 2, jul/dez. 2008.

ESPINOSA, Valdir. *Maracanã garante bom futebol*. Jornal dos Sports, 09/07/1989, Rio de Janeiro. P. 5.

ESPINOSA, Valdir. *A hora da verdade***.** Jornal dos Sports, 12/07/1989, Rio de Janeiro. P. 5.

KFOURI, Juca. *A façanha dos profissionais*. PLACAR, N. 996, 21/07/1898, Rio de Janeiro. P.9.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaldi. V. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

MARACANÃ Prepara-se para não ser Fonte Nova. *Jornal dos Sports*, 09/07/1989, Rio de Janeiro. Caderno Segundo Tempo. P. 4 e 5.

RODRIGUES, Washington. Queremos Rambo. *Jornal dos Sports*, 03/07/1989, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Washington. Foi a vitória de Lazaroni. *Jornal dos Sports*, 17/07/1989, Rio de Janeiro. P. 3.

RODRIGUES FILHO, Nelson. *Pisando em ovos*. Jornal dos Sports, 11/07/1989, Rio de Janeiro. p. 6.

RODRIGUES FILHO, Nelson. *Jornal dos Sports*, 13/07/1989, Rio de Janeiro. p. 5.

RODRIGUES FILHO, Nelson. *Jornal dos Sports*, 19/07/1989, Rio de Janeiro. p. 3.

RODRIGUES FILHO, Nelson. *Jornal dos Sports*, 29/07/1989, Rio de Janeiro. p. 4.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção:* as seleções brasileiras de futebol - 1914-2002. Rio de Janeiro, Folha Seca, 2002.

O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 1940: PARA O DESPORTO CARIOCA, PARA O PROGRESSO DA CIDADE

Renato Soares Coutinho[1]

Resumo
Está consolidado no imaginário social do Rio de Janeiro que o estádio Mario Filho, o Maracanã, foi construído para a Copa do Mundo de 1950. Sem dúvidas, as condições objetivas para a realização das obras estiveram associadas ao torneio internacional. Mas a ideia de um grande estádio que fosse neutro, central na cidade do Rio de Janeiro e que servisse para os grandes clássicos do futebol e para os eventos sociais do Rio de Janeiro não era novidade em 1946. O objetivo deste trabalho é mostrar como a crise do futebol carioca nos primeiros anos do modelo profissional foi o fator determinante para que o projeto de um estádio municipal de grande porte fosse divulgado pela imprensa esportiva, associando o desenvolvimento do futebol ao progresso da cidade do Rio de Janeiro ainda na primeira metade da década de 1940.
Palavras-chave: Rio de Janeiro. Estádio Municipal. Imprensa esportiva.

Introdução

Está consolidado no imaginário social do Rio de Janeiro que o estádio Mario Filho, o Maracanã, foi construído para a Copa do Mundo de 1950. Sem dúvidas, as condições objetivas para a realização das obras estiveram associadas ao torneio internacional. A decisão da FIFA de realizar a Copa do Mundo no Brasil, tomada em 1946, foi determinante para que o projeto de um grande estádio na capital federal saísse do papel em 1947 e começasse a ser executado.

Mas a ideia de um grande estádio nos moldes do que se tornou o Maracanã, que fosse neutro, central na cidade do Rio de Janeiro e que servisse para os grandes clássicos do futebol carioca e para os eventos sociais não era novidade em 1946. A campanha pelo estádio municipal foi gestada no momento de crise dos públicos e da falta de estádios do futebol carioca, e não surgiu relacionada à necessidade de um estádio para sediar um torneio de seleções. A primeira campanha pela construção do estádio municipal, que surgiu na imprensa em 1943, reivindicava o estádio municipal como uma obra ligada ao progresso do desporto e da cidade do Rio de Janeiro, mesmo antes de se pensar em Copa do Mundo.

O objetivo deste trabalho é mostrar como a crise do futebol carioca nos primeiros anos do modelo profissional, que atingiu seu ápice com a queda da arquibancada no Campo do São Cristovão em 1943, foi o fator determinante para que o projeto de um estádio municipal de

[1] Renato Soares Coutinho, Professor de História do Brasil Republicano do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense. rscoutinho@hotmail.com

grande porte fosse divulgado pela imprensa esportiva, associando o desenvolvimento do futebol ao progresso da cidade do Rio de Janeiro ainda na primeira metade da década de 1940.

Desenvolvimento

Os primeiros anos do futebol profissional do Rio de Janeiro não foram fáceis. Campeonatos com fórmulas confusas, jogadores ruins e muito desequilíbrio entre as equipes, poucos torcedores no estádio e muito prejuízo para os clubes. Nas páginas dos jornais, o pessimismo com os campeonatos do Rio de Janeiro era evidente. Nos campeonatos de 1940 e 1941, os jornais *Globo Sportivo*, da família Marinho, e *Jornal dos Sports*, do jornalista Mario Filho, noticiaram severas críticas sobre os rumos do futebol carioca, especialmente estabelecendo comparações com o sucesso do futebol paulista. Em meio a todas as críticas, começava a ser elaborado na imprensa o diagnóstico sobre o fator determinante para os fracassos cariocas: no Rio de Janeiro não havia um estádio como o Pacaembu.

Em 1943, ocorreu o fato que potencializou todas as críticas veiculadas pela imprensa. Em um jogo decisivo entre São Cristovão e Flamengo, realizado no acanhado estádio da Rua Figueira de Melo, a arquibancada de madeira cedeu e centenas de torcedores ficaram feridos, causando a interrupção do jogo e provocando grande comoção popular sobre as condições estruturais dos campos da cidade. Um novo estádio, capaz de receber mais torcedores com segurança, tornava-se definitivamente a solução para a crise do futebol carioca. Os torcedores feridos em São Cristovão eram a imagem da precariedade do campeonato e o diagnóstico do fracasso carioca se mostrava, de acordo com a imprensa esportiva, indiscutível: era preciso um estádio moderno no Rio de Janeiro.

O desabamento da arquibancada do São Cristovão fez acelerar as articulações políticas pela construção do estádio, que já existiam desde o início do ano de 1943. Na mesma edição em que fazia a cobertura da queda da arquibancada, o *JS* fez questão de destacar que já alertava sobre o problema: "Uma campanha do Jornal dos Sports cuja razão de ser foi comprovada. Como em várias oportunidades se chamou atenção dos clubes para a acomodação do público"[2].

O tom retrospectivo dos textos do jornal reforçava a ideia do "eu avisei", presente nas críticas aos clubes. E as opiniões expressas na coluna "críticas e sugestões" foram enfáticas sobre a responsabilidade dos clubes e sobre o alerta feito pela imprensa:

> Na verdade, o football carioca poderia ter dispensado a experiência amarga de domingo [...]. Não é mesmo possível responsabilizar este ou aquele pelo que sucedeu, pois a verdade é que até agora a mentalidade reinante era a de

[2] Jornal dos Sports, 21 de setembro de 1943, p. 3.

> respeitar, custasse o que custasse, o 'mando' dos jogos fixado pela tabela. E ninguém se mostrou disposto a fazer concessão nesse sentido [...]. Naturalmente esperava-se que, por um milagre, arquibancadas feitas para um determinado número de espectadores, viessem a suportar o peso em dobro [...]. O milagre, todavia, não se verificou, e agora o remédio é concordar que a razão estava com aqueles que se batiam por uma nova política no football profissional[3].

Mesmo adotando uma tática oportunista ao usar um fato comovente para reforçar seus projetos para o futebol carioca, a opinião editorial do jornal não deixava de ter razão. Em maio de 1943, a mesma coluna já clamava pelo apoio popular ao estádio, fazendo a comparação com a estrutura do futebol paulista, que tinha estádios para grandes públicos. Um mês depois, em 30 de junho, a capa do jornal destacava a reunião que seria feita entre os clubes e a FMF para tratar da construção de um estádio nos moldes do Pacaembu. Segundo Mario Filho, essa era uma ideia que deveria "ser recebida de braços abertos pelos clubes"[4].

Entre agosto e o final de setembro, o assunto saiu das páginas do jornal. Mas, quando houve a comoção popular com a tragédia no campo do São Cristovão, o momento se tornou propício para a imprensa mobilizar os atores políticos dos governos municipal e federal em prol da construção de um estádio moderno. Em 30 de setembro o prefeito Henrique Dodsworth se manifestou na imprensa pela primeira vez sobre o projeto do estádio. Os números eram grandiosos. Como forma de reconhecimento, a FMF inaugurava o retrato do prefeito, ao lado do Presidente Getúlio Vargas, no salão principal do prédio da federação. O prefeito Dodsworth anunciou até mesmo os engenheiros responsáveis pelo projeto: Raul Penafina e Enéas Silva, ambos do quadro de servidores federais. De acordo com as diretrizes do projeto:

> A obra de linhas modelares, abrangendo uma área de 260 metros por 250. Conterá assim, piscinas, quadras de tênis, rink de basketball, ginásio e ring para boxe [...]. Outro detalhe importante é o que se prende ao número de espectadores que o estádio poderá comportar. Nada menos do que 120 mil pessoas sentadas. Será assim, uma maravilhosa construção da prefeitura para o maior desenvolvimento do esporte da cidade[5].

Na mesma solenidade, o presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Neto, também expressou que o estádio estava articulado ao crescimento da cidade, e não apenas ao futebol: "o Rio de Janeiro não poderia ficar na retaguarda do progresso"[6].

[3] Jornal dos Sports, 21 de setembro de 1943, p.2.

[4] Jornal dos Sports, 30 de junho de 1943, p. 2.

[5] Jornal dos Sports, 30 de setembro de 1943, p. 3.

[6] Jornal dos Sports, 03 de outubro de 1943, capa.

Na capa da edição do dia 02 de outubro, o *JS* publicou que o estádio municipal era uma aspiração do presidente Vargas, e usou exclamação para reforçar o recado. Aliás, com a entrada do governo federal no processo de construção do estádio, a questão ultrapassava os limites da municipalidade e se tornava nacional:

> o pleclaro chefe da Nação proclamou sempre a necessidade de se fornecer aos aficionados do desporto carioca um praça de esportes traçadas segundo as linhas mais modernas, o prefeito Dosdworth em sua faina de sempre melhorar o aspecto geral da cidade, esperou uma ocasião propícia para das os primeiros passos nesse sentido: Virá o Estádio Nacional[7].

Ao longo da campanha pelo estádio municipal, muitos elementos desportivos foram evocados a fim de legitimar a construção na nova praça de esportes. A importância de um campo neutro, com medidas padronizadas, e com espaço para mais torcedores, eram propagandeados pela imprensa como condições para o futebol do Rio de Janeiro se profissionalizar e superar o de São Paulo. Mas após o desabamento em São Cristovão, o novo estádio se tornava mais do que um fator desportivo. As arquibancadas de madeiras se tornaram o símbolo do atraso, do amadorismo, do passado carioca. Em contrapartida, o novo estádio se tornava o símbolo do progresso do futebol nacional.

Conclusão

Mais do que um campo para sediar a Copa do Mundo, o projeto de construção de um estádio no Rio de Janeiro gestado em 1943 por imprensa, clubes, FMF e governos municipal e federal, tinha como objetivo erguer um símbolo do progresso nacional e um lugar de reconhecimento e diálogo entre Estado-nação e sociedade.

A queda da arquibancada de madeira, metáfora do atraso, se tornou um ponto de inflexão importante. Expôs o anacronismo dos pequenos campos com degraus de madeira em tempos de progresso do desporto e do país. E municiou os defensores do estádio com argumentos de cunho político e social.

O estádio municipal, inaugurado em 1950 e que hoje é batizado com o nome do seu maior entusiasta, Mario Filho, foi a grande estrela da Copa do Mundo realizada no mesmo ano. Apesar da derrota brasileira, ele se tornou o símbolo da magnitude do futebol no Brasil: 200 mil pessoas em silêncio, sofrendo com a derrota, uma metáfora dramática da pátria.

Mas se ele foi estrela da Copa, por outro lado, ele não foi construído apenas para ela. O estádio do Rio de Janeiro em seu projeto inicial indicava a disposição do Estado Nacional em

[7] Jornal dos Sports, 02 de outubro de 1943, p. 3.

dialogar com os agentes da sociedade civil. Em outros termos, ele surgiu do esforço de inclusão e interação social dos torcedores, imprensa e Estado a partir de um pacto social que entendia as camadas populares como os verdadeiros representantes da modernidade brasileira. Mais do que um estádio para a Copa do Mundo, o estádio municipal surgiu para ser o lugar das multidões historicamente esquecidas no Brasil. Coube a Mario Filho decifrar como ninguém os significados do projeto:

> Desse modo, quando, mais tarde, as multidões se reunirem nas monumentais praças desportivas que em breve se erguerão, para celebrar as suas maiores festas, a homenagem de ontem não deve ser esquecida, como o marco de uma era de entendimento mais amplo entre o poder público e o desporto[8].

Referências

ASSAF, Roberto. *História dos campeonatos cariocas de futebol* 1906-2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

BASTOS, Pedro Paulo Zaluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. (org.). *A era Vargas:* desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Unesp, 2012.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior:* O Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (org.). *Memória social dos esportes.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006. v. 2.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

[8] Jornal dos Sports, 27 de outubro de 1943, p. 3.

"CAI OU NÃO CAI?": A *REVISTA DO ESPORTE* E AS OBRAS DO MARACANÃ NO INÍCIO DOS ANOS 1960

Elcio Loureiro Cornelsen[1]

Resumo
Esta contribuição visa a apresentar uma análise de matérias publicadas na Revista do Esporte, em edições de 1959 a 1964, referentes à retomada de obras do Estádio do Maracanã, que permaneciam inconclusas desde sua inauguração em junho de 1950. Feito uma catedral, que costuma levar décadas ou mesmo séculos para ser construída, o "templo do futebol brasileiro" levou mais de 13 anos para, finalmente, ser considerado concluído. Durante anos, políticos e gestores públicos se empenharam em levar a cabo tal empreitada em meio às transformações geradas pela mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. O interesse neste breve estudo recai sobre a representação da retomada e andamento das obras no referido periódico esportivo.
Palavras-chave: Estádio do Maracanã. *Revista do Esporte*. Esporte e Jornalismo. Política e Gestão Pública.

Introdução

É de conhecimento geral que, no dia de sua inauguração, em 17 de junho de 1950, o Estádio Municipal, construído especialmente para a Copa do Mundo, cujas obras haviam sido iniciadas em 21 de julho de 1948 (MOURA, 1998, p. 38), não estava concluído (SÉRGIO, 2000, p. 10). Conforme narram Beatriz Farrugia *et al*. (2013, p. 97):

> [o] paredão de madeira disputava lugar na arquibancada do novíssimo Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o palco principal da Copa do Mundo de 1950. Ocupava pelo menos 32 degraus de um total de 48 e estava localizado atrás de um dos gols, o que correspondia a 25% do maior setor do campo, que mais tarde se tornaria famoso. [...] No dia 17 de junho de 1950, a apenas sete dias da abertura do Mundial, os andaimes que impediam a lotação máxima do estádio municipal tinham uma função vital. Eles serviam de base para a marquise e suportavam parte das suas 96 toneladas [...].

Porém, menos conhecidos são o debate e a retomada de estudos de engenharia para a conclusão das obras do Maracanã no início da década de 1960, mas que já ganhava corpo no final da década de 1950, exatamente no período em que ocorria a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Sendo assim, a partir da análise de matérias sobre o assunto, publicadas em edições da *Revista do Esporte*, serão apresentados os protagonistas que participaram dessa empreitada, dentre os quais atuava a polêmica figura do então Governador

[1] Elcio Loureiro Cornelsen, Doutor em Estudos Germanisticos pela Freie Universität Berlin, Alemanha (1999). Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG. E-Mail: cornelsen@letras.ufmg.br

do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, cuja trajetória política, mais uma vez, o levava a se ocupar do Estádio do Maracanã. Desta feita, não como um crítico ferrenho da construção do estádio no antigo areal do Derby Club, mas como um gestor público, o político da União Democrática Nacional (UDN) teria papel preponderante na conclusão das obras de um Maracanã que, a seus olhos, pelo abandono, teria se tornado "a maior ratoeira do mundo".

Inicialmente, cabe justificar a escolha da *Revista do Esporte* como fonte de consulta para este estudo. Para quem viveu nos anos 1950 e 1960, sem dúvida alguma, uma das grandes referências culturais na imprensa brasileira foi a *Revista do Rádio*, lançada pelo escritor e editor Anselmo Domingos em 1949, tendo sido publicada até 1969. Anos mais tarde, em 1959, Anselmo Domingos decidiu criar a *Revista do Esporte*, seguindo o mesmo formato do semanário musical, que circulou até 1970 (CABO, 2012a). O escritor assinava o editorial de ambas as revistas, e o curioso é que, no caso da *Revista do Esporte*, em geral, salvo exceções, as matérias não eram assinadas. Porém, na ficha técnica de cada número era indicada a equipe de redação, na qual figuravam, entre outros, Waldemir Paiva, Otton Corrêa, Mário Derrico, Nóli Coutinho, Adílson Povil, Ademar de Almeida, e Ubirajara Rocha. Trata-se, aliás, de uma revista pouco estudada, embora tenha marcado época. Uma das poucas referências sobre o periódico é "Um raio-x da 'Revista do Esporte'" (CABO, 2012b), estudo de Álvaro Truppel do Cabo publicado no livro *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil* (2012), organizado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo. Diante da carência de estudos sobre a *Revista do Esporte*, surgiu o interesse em utilizá-la como fonte para este estudo.

Os esforços para a conclusão das obras do Maracanã em matérias da *Revista do Esporte*, nos tempos da ADEM

Em nossa pesquisa, que abrangeu edições publicadas entre 1959 e 1964 na *Revista do Esporte*, selecionamos para análise um total de 18 matérias, após realizar levantamento na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com consulta a 282 edições utilizando o descritor "Maracanã". Justifica-se este recorte temporal pelos seguintes motivos: a *Revista do Esporte* foi lançada em 1959, de modo que houve a intenção de selecionar matérias sobre obras no Maracanã a partir das primeiras edições; e 1964 é o ano em que houve mudança no comando gestor dos estádios do Estado da Guanabara, sendo que várias obras foram realizadas no estádio entre os anos de 1961 e 1964.

Todavia, antes de prosseguirmos, cabe aqui uma digressão importante: com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, criou-se o Estado da Guanabara em 14 de abril de 1960, que teve José Sette Câmara Filho como primeiro Governador, nomeado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Tal mudança implicou também alterações na estrutura de gestão, uma vez que órgãos em nível municipal voltados para a gestão do Distrito Federal, existentes anteriormente, precisaram ser reestruturados em âmbito estadual.

Sendo assim, tivemos de levar em consideração tais mudanças ao analisarmos as matérias publicadas em 1959, anteriores à transferência da capital. Ao todo, foram analisadas cinco matérias: "Maracanã [I]", editorial assinado por Anselmo Domingos e publicado na edição n. 3, de 28 de março de 1959; "O Maracanã não vai cair", matéria publicada na edição n. 6, de 18 de abril de 1959; o editorial intitulado "Cai ou não cai?", assinado por Anselmo Domingos e publicado na edição n. 11, de 23 de maio de 1959; "Escândalo no Maracanã", matéria publicada na edição n. 23, de 15 de agosto de 1959; "600 Milhões: custo (real) do Maracanã", matéria publicada na edição n. 26, de 05 de setembro de 1959.

As cinco matérias analisadas, publicadas na *Revista do Esporte* em 1959, reiteram a argumentação de que o Estádio Municipal carecia de obras para sua conclusão, ao mesmo tempo em que apontam para questões de gestão e de falta de repasse de verba por parte da Prefeitura do Distrito Federal à Administração de Estádios Municipais (ADEM). Não obstante os esforços de gestores como o presidente João Vilibaldi e o superintendente Arno Frank, a ADEM não contava com dotação de verba para realizar as obras faltantes, sendo o revestimento de partes do estádio a principal delas. Em meio a tudo isso, havia o processo de apuração de corrupção na construção do Estádio Municipal, levado a cabo por políticos como Raul Brunini, vereador da UDN, e o Ministro João Lira Filho, cujo nome é destacado no cenário esportivo brasileiro, tendo sido Presidente do Botafogo de Futebol e Regatas no início dos anos 1940 e primeiro Presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), nomeado por Getúlio Vargas.

Os esforços para a conclusão das obras do Maracanã em matérias da *Revista do Esporte*, nos primeiros anos de gestão da ADEG

Em 1960, com a transferência da capital federal para Brasília, criou-se o Estado da Guanabara como nova unidade da Federação. Com isso, houve mudanças na estrutura de gestão pública. A Administração de Estádios Municipais (ADEM), fundada em maio de 1948, no contexto dos esforços para construção do Estádio Municipal, presidida naquela época pelo

Coronel Herculano Gomes, engenheiro responsável pela condução das obras do Maracanã (FARRUGIA *et al*., 2013, p. 110-111), foi extinta em 1960, e em seu lugar surgiu, no mesmo ano, a Administração dos Estádios da Guanabara (ADEG), que seria extinta em 1975 com o fim do Estado da Guanabara e a fundação da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ).

Ao todo, foram analisadas 13 matérias referentes ao Estádio Municipal e a demanda urgente por obras de manutenção e de conclusão: "Roupa nova do Maracanã custará 304 milhões de cruzeiros!", matéria publicada na edição n. 86, de 29 de outubro de 1960; "Rendas abaixo de 500 mil cruzeiros são um desastre para o Maracanã", matéria publicada na edição n. 95, de 31 de dezembro de 1960; "Escândalo no Maracanã – Lacerda deu um título ao estádio: maior ratoeira do mundo...", matéria publicada na edição n. 101, de 11 de fevereiro de 2020; "Maracanã é a maior ratoeira do mundo", matéria publicada na edição n. 103, de 25 de fevereiro de 1961; "Maracanã [II]", editorial assinado por Anselmo Domingos, publicado na edição n. 103, de 25 de fevereiro de 1961; "Estádio do Maracanã estava criminosamente abandonado", materia publicada na edição n. 104, de 04 de março de 1961; "Maracanã [III]", editorial assinado por Aselmo Domingos, publicado na edição n. 131, de 09 de setembro de 1961; "Maracanã necessita de 300 milhões para ser acabado", matéria publicada na edição n. 135, de 07 de outubro de 1961; "É preciso acabar com os buracos do Maracanã", matéria publicada na edição n. 155, de 24 de fevereiro de 1962; "Maracanã ficará pronto de verdade dentro de um ano", matéria publicada na edição n. 161, de 07 de abril de 1962; "Televisão voltará êste ano ao Maracanã", matéria publicada na edição n. 259, de 22 de fevereiro de 1964; "Emílio Ibrahim", editorial assinado por Anselmo Domingos e publicado na edição n. 277, de 27 de junho de 1964; "Televisão prejudica o Maracanã", matéria publicada na edição n. 282, de 01 de agosto de 1964.

As matérias publicadas entre outubro de 1960 e agosto de 1964, que apontam para as obras do Maracanã nos primeiros anos de gestão da Administração de Estádios da Guanabara (ADEG), revelam que duas figuras foram fundamentais para que o Estádio do Maracanã recebesse a devida atenção dos político e da gestão pública: o governador Carlos Lacerda e, em especial, o presidente da ADEG, Emílio Ibrahim.

Considerações Finais

A partir do estudo em questão, baseado na análise de 18 matérias publicadas na *Revista do Esporte*, conclui-se que o Estádio do Maracanã demandou mais de uma década, desde a sua inauguração em junho de 1950, para ter todas as obras concluídas. As matérias analisadas revelaram também os embates políticos e as alterações na gestão pública em decorrência da

transferência da capital federal para Brasília e da criação do Estado da Guanabara. Pudemos concluir que, por um lado, ainda na fase de administração da ADEM, o maior impasse para que as obras do Estádio Municipal fossem concluídas adivinha, sobretudo, da falta de repasse de verbas por parte da Prefeitura. Por outro, com a criação do Estado da Guanabara e a nova gestão da ADEG, tal impasse se desfez, de modo que as obras puderam, num período de três anos, ser devidamente realizadas com competência pelo presidente Emílio Ibrahim e por sua equipe, dando ao Maracanã sua devida atenção e zelo administrativo.

Referências

CABO, Álvaro Vicente Graça Truppel Pereira do. *Pérolas na Revista do Esporte*. História(s) do Sport (blog). 2012a. Disponível em: https://historiadoesporte.wordpress.com/2012/05/29/perolas-na-revista-do-esporte/. Acesso em: 19 jun. 2020.

CABO, Álvaro Vicente graça Truppel Pereira do. *Um raio-x da 'Revista do Esporte'*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012b. p. 130-148.

FARRUGIA, Beatriz et al. *1950*: o preço de uma copa. São Paulo: Letras do Brasil, 2013.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

REVISTA DO ESPORTE. *Rio de Janeiro, 1959-1964*. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144118&pesq=Maracan%C3%A3. Acesso em: 14 jun. 2020.

SÉRGIO, Renato. *Maracanã: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

GT3
Estádios, arena e modos de torcer

TORCERES: PENSANDO DIFERENTES POSSIBILIDADES DE PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO

Marina de Mattos Dantas[1]
Luiza Aguiar dos Anjos[2]
Bárbara Gonçalves Mendes[3]

Resumo
Partindo do conceito de pertencimento clubístico, traçamos reflexões sobre a fidelidade, imutabilidade e unicidade, comumente acionadas para legitimar a relação torcedor-clube. No diálogo com quatro pesquisas, identificamos elementos que, de diferentes modos, tensionam tais aspectos. Na experiência de mulheres casadas com jogadores de futebol, encontramos uma polifiliação: formas de torcer marcadas por diferentes intensidades e modos de engajamento. No caso das torcedoras organizadas, a construção do torcer próprio é permeada por relações assimétricas de gênero, concessões e, até mesmo violências dentro e fora dos estádios. E, por fim, no caso de uma torcedora travesti, a cisheteromasculinidade atua a excluindo do universo futebolístico, e o encontro do acolhimento acontece no clube rival.
Palavras-chave: Torcedoras. Torcer. Gênero. Pertencimento clubístico. Polifiliação clubística.

Introdução

O conceito de pertencimento clubístico, amplamente utilizado nas análises sobre o torcer, implica em um "vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube [o qual] estabiliza [...] um sistema articulado de crenças e de práticas que [...] pode ser definido como um totemismo moderno" (DAMO, 2007, p. 61).

Outros autores que se debruçam sobre o tema a partir das torcidas organizadas também identificam características comuns nessa relação entre torcedores e clubes, enfatizando a importância desses agrupamentos na constituição de um protagonismo. Na maior parte desses trabalhos, toma-se como referência torcedores alinhados a uma masculinidade viril. É desse torcer hegemônico que advêm comparações com outras experiências.

Partindo de quatro pesquisas (MENDES, 2015; DANTAS, 2017; 2019; ANJOS, 2018), notamos outros atravessamentos importantes aos modos de vida em que o torcer é produzido. Assim, as características de exclusividade e imutabilidade no vínculo clubístico são passíveis

[1] Marina de Mattos Dantas, Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marinamattos@gmail.com

[2] Luiza Aguiar dos Anjos, Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: luizaaguiardosanjos@gmail.com

[3] Bárbara Gonçalves Mendes, Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: baarbaragm@gmail.com

de questionamento em alguns contextos. Portanto, o objetivo desta comunicação é seguir indícios de que esse pertencimento fiel, imutável e inconteste - características que, com frequência, legitimam esse vínculo - apaga uma diversidade de *torceres*.

Polifiliações

A partir das vivências de três torcedoras, todas mulheres casadas com jogadores, Dantas (2019) identifica modos distintos de lidar com o torcer e o pertencimento clubístico que dissonam de sua concepção clássica de fidelidade.

Na narrativa de Natália, percebemos que sua relação com o futebol foi predominantemente marcada pelo envolvimento com o marido, uma vez que declarou não conseguir sentir paixão por um clube, embora tenha torcido por alguns durante a vida. Contudo, ela aponta mudanças do seu torcer depois do casamento, por passar a ver o futebol, primordialmente, como um trabalho. Dinâmica similar acontece com outras namoradas/esposas de jogadores (DANTAS, 2017).

Apesar desse distanciamento relatado por algumas mulheres, muitas delas também mantêm outras formas de pertencimento clubístico. Casos de Monique e Luize, que reconhecem essa dimensão do torcer para o time no qual trabalha o marido, mas não abrem mão de torcer para os seus "times do coração". Luize, por exemplo, é gremista e disse fazer Junior, o cônjuge, torcer com ela. Contudo, ambos também acompanham e torcem para outro time pelo qual ele jogou anteriormente. Os pais de Luize se conheceram em um jogo do Grêmio. Anos mais tarde, Luize e Junior começaram a namorar quando ele jogava no clube.

Já para Monique, o esporte se configura como um momento de divertimento em casal. Além disso, ela vai aos "jogos do marido", sempre que possível, às vezes viajando, e ouvindo no rádio quando não há transmissão pela TV. Também disse ir aos jogos do Atlético, time para o qual torce. Mostrando a importância que atribui ao clubismo, diz que escolher entre o marido e o Atlético não é tarefa fácil.

Embora marcadas, cada uma a sua maneira, pelo torcer, as três interlocutoras apontam para os efeitos do casamento neste vínculo com "o clube do coração". Ao mesmo tempo que "tudo é futebol" após se casar com o jogador, mudanças no torcer acontecem.

Campos e Toledo (2013) identificam a bifiliação clubística como uma possibilidade de pertencimentos clubísticos que coexistem. Diante da multiplicidade de torceres admitida após o relacionamento com um jogador e o laço conjugal que fideliza torceres diferentes, podemos pensar, nesses casos, em uma polifiliação clubística, ainda que a relação com cada um dos

clubes tenha marcas e intensidades diferentes, que apontam para outras formas de relacionar-se com o futebol e não configuram uma traição um em relação ao outro.

Controle e reconhecimento

Apesar do aumento da participação de mulheres no futebol brasileiro como "ser-que-torce" (COSTA, 2006, p.1), as noções de feminilidade impostas e o desconforto com a presença feminina em espaços públicos seguem sendo uma questão.

Diante disso, há o incômodo gerado por mulheres no contexto futebolístico, experiência originária do mito da Maria-Chuteira (COSTA, 2006). Mesmo não aparentando se relacionar com as torcedoras organizadas, lidas como genuínas, esse mito atravessa seu torcer. Estatutos de algumas torcidas organizadas (TOs) brasileiras são elaborados especialmente para mulheres tendo como fundamento para o reconhecimento da autenticidade torcedora o afastamento de ações que transcendam a relação torcedora, principalmente com jogadores, evidenciando a suspeição que se instaura sobre elas.

Mendes (2015) se debruçou sobre esse torcer de mulheres participantes de TOs e percebeu que essas lógicas de controle se atualizam. Apesar de todas as interlocutoras terem sua inserção no torcer mediada por uma figura masculina, traçaram percursos dentro e fora das torcidas de forma independente, reivindicando legitimidade. Há entretanto (re)atualizações da autoridade masculina e a vigilância dos corpos femininos nessa mediação no contexto futebolístico.

Percebe-se uma mescla essencializada entre ser mulher e ser-mulher-que-torce, explicitadas no pânico moral dos familiares de que essas mulheres adquirissem "características atribuídas às masculinidades" ou se assumissem lésbicas. A tentativa de garantir a feminilidade, num controle cotidiano que passava pela vigilância dos corpos dessas mulheres e das possíveis relações desenvolvidas no contexto do futebol e das TOs.

Conforme relatado pelas tocedoras, sua sociabilidade era observada com afinco. No caso vigilância dos corpos, algumas mencionaram que as roupas usadas, suas funções na TO e partidas permitidas, eram outorgadas pela diretoria, majoritariamente (se não integralmente) composta de homens cisgêneros heterossexuais (MENDES, 2015).

Essas expressões do machismo atravessam o torcer dessas mulheres que, com frequência, aceitam, internalizam e reproduzem tais dinâmicas numa busca pela pertença reconhecida (MENDES, 2015). Todavia, extremos desse controle violento têm efeitos que vão

da ressignificação do clube e da torcida, culminando em desvinculação/troca de TOs (MENEGOTTO, 2011) e até evasão do mundo futebolístico.

Nem tão imutável assim

Diferentemente de mulheres cis, que negociam sua presença e legitimidade no futebol em meio às subjugadas condições de adorno ou interesseira, e sob normas e vigilâncias, às travestis e transexuais, supõem-se e impõem-se a ausência.

A trajetória de Marcelly foi conhecida por ela ter integrado a Coligay (ANJOS, 2018). Ainda criança, Marcelly tornou-se gremista por influência familiar. Na juventude, morava em Porto Alegre, mas não ia ao estádio, pois, já identificada como travesti, tinha medo de ser alvo de violências.

A Coligay, que reunia gremistas LGBT+, apresentou-se como oportunidade de aparente segurança. Aceitou o convite de amigos para integrar a torcida, mas sob apreensão, visto que a marginalidade e vulnerabilidade imposta às travestis era ainda maior que a de homossexuais.

Porém, no estádio, não se recorda de ter sido alvo de preconceito. Destaca que o grupo era aplaudido e elogiado. Contudo, acabou saindo da Coligay pela dificuldade de conciliar sua participação com o trabalho que exercia na época, na prostituição. Também contribuiu com o abandono alternativas de lazer.

Anos depois, passou a frequentar um bar próximo a estádio do Internacional, motivando-a a trocar de clube. De forma simples e objetiva, explica: “tinha um bar vermelho e branco onde todas as travestis iam e eu me senti mais acolhida”. Suas experiências torcedoras parecem, assim, norteadas pelo convívio entre LGBT+ em um contexto de diversão. Ao converter-se ao rival, sobretudo já adulta, rompe com a fidelidade, princípio basilar e estruturante do clubismo.

Sua aproximação com o Grêmio, via Coligay, e com o Inter, por meio do “bar vermelho e branco”, indicam que suas escolhas clubísticas passam menos pelo crivo do pertencimento e mais (ou, ao menos, também) pela receptividade no ambiente futebolístico dada sua identidade travesti (ANJOS, 2018).

Sendo o futebol uma modalidade em que parâmetros cisheteronormativos são especialmente reiterados, o apreço de uma travesti pode soar como improvável no senso comum, o que diz da invisibilidade e repulsa aos corpos que escapam a esses parâmetros. O vínculo clubístico e experiência torcedora de Marcelly estão imbricados ao lugar de abjeção que lhe é imposto. Se, por um lado, desenvolveu interesse e tem vontade de ir aos jogos, por

outro, outras opções de lazer parecem tão ou mais convidativas. E no cálculo de prazeres e receios, priorizou filiar-se ao clube que melhor lhe acolheu.

Conclusões

Identificamos que a admissão de vários torceres se apresenta na vida de algumas torcedoras. Assim, pensamos o torcer na vida de mulheres casadas com jogadores como uma possibilidade do exercício de polifiliações clubísticas, ainda que cada relação seja marcada por intensidades e modos diferentes no torcer.

No caso das torcedoras organizadas, havia a necessidade de se distanciar do estereótipo das maria-chuteiras. As vivências nas TOs as distinguem, tanto destas, quanto de torcedores comuns. Ao mesmo tempo, às aproximam da imagem de torcedora legítima. Ainda que esse torcer seja tido como genuíno, ele é permeado por uma série de controles, vigilâncias, concessões e violências.

Seguindo essa lógica de constante revisão dos vínculos com base nas relações construídas no âmbito futebolístico, o caso de Marcelly, travesti torcedora, para além da ruptura com a cisheteronorma, promove uma desconstrução do vínculo clubístico como um pertencimento fiel e imutável. Não há valorização ou ênfase na dedicação pelo clube, ainda que este estivesse, de algum modo, presente. Sendo uma pessoa que sofre inúmeros processos de marginalização, no futebol ela busca diversão, alegria e, sobretudo, acolhimento. Em que pese a flexibilidade que possibilitou a troca de clube, seguindo torcendo para o Inter até hoje, demonstra que não há desapego completo à tal imutabilidade.

Referências

ANJOS, L. *De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay*. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

CAMPOS, F.; TOLEDO, L. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, São Paulo, n. 99, p.123-138, set./out./nov. 2013.

COSTA, L. Marias-chuteiras x torcedoras "autênticas": identidade feminina e futebol. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA (Anpuh-Rio), 2006, 12., Niteroi. *Anais...* Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2006.

DAMO, A. *Do dom à Profissão:* a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DANTAS, M. *Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol brasileiro*. 2017. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

DANTAS, M. *Para além das quatro linhas e paredes: três histórias de mulheres casadas com jogadores de futebol*. 2019. 44f. Relatório de pesquisa (Estágio pós-doutoral em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2019.

MENDES, B. *Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em uma Torcida Organizada de Belo Horizonte/MG*. 2015. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MENEGOTTO, F. *Que rosa nada, elas usam é azul! Um estudo sobre a participação de mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. 2011. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIOLÊNCIA VERBAL NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Gustavo Andrada Bandeira[1]
Fernando Seffner[2]

Resumo
Diferentes grupos torcedores (queer, livre, antifascistas) e a própria entidade máxima do futebol (Fifa) têm colocado em questão as práticas verbais até então naturalizadas nos estádios de futebol que passam a ser entendidas como violências. Durante a realização de uma etnografia na Arena do Grêmio conseguimos dialogar com pequenos grupos de torcedores para procurar entender como esse olhar interpelava os sujeitos que haviam sido alfabetizados para o torcer em um outro espaço e com diferentes normativas para o que poderia ser entendido como um comportamento adequado em um estádio durante uma partida de futebol. Um enfrentamento entre certo "nós" torcedores de estádio contra "eles" os de fora também marcaria a legitimidade pela interpretação do que é manifestado nos estádios de futebol na perspectiva dos torcedores.
Palavras-chave: Estádio. Violência verbal. Torcedores.

Um trânsito físico e discursivo

Permitimo-nos inferir que as reformas das praças esportivas, aceleradas através da Copa do Mundo de 2014, com seus novos estádios/arenas de futebol, no Brasil autorizaram uma tensão sobre as discursividades existentes nas vivências dos torcedores de futebol de estádio. Historicamente, as práticas torcedoras contaram com grande liberalidade para as manifestações verbais, especialmente durante o tempo do jogo e dentro dos estádios.

Nosso trabalho foi realizado na torcida do Grêmio. Os torcedores do Grêmio não tiveram seu estádio apenas reformado ou "modernizado", mas fizeram a transição entre o antigo estádio Olímpico e a nova Arena do Grêmio. Todos os torcedores adultos que frequentam a Arena do Grêmio foram alfabetizados para o torcer no estádio Olímpico. O estádio Olímpico teve data de encerramento de suas atividades, assim como a Arena possui sua data de inauguração. Esse corte temporal é bastante evidente, o que, em uma olhada mais apressada para os fenômenos torcedores, permitiria pensar que essa transição traria, em si, alguma mudança ou novidade. Entretanto, é importante pensar que os conteúdos presentes em um estádio de futebol estão sempre em diálogo com outros enunciados que circulam na cultura mais ampliada.

[1] Gustavo Andrada Bandeira, Doutor em Educação, gustavoabandeira@yahoo.com.br.

[2] Fernando Seffner, Doutor em Educação, fernandoseffner@gmail.com.

Neste trabalho, nos propomos a discutir como os torcedores dialogam com o tensionamento a essas práticas bastante naturalizadas para o exercício do torcer. Nosso objetivo foi visualizar de que forma a problematização de discursividades torcedoras atravessam o currículo de masculinidade e do torcer dos sujeitos que frequentam estádios de futebol.

Para a produção do material empírico acabamos optando por realizar curtas entrevistas com diferentes torcedores no estádio e nos dias das partidas, para verificar como eles produziam narrativas a partir de suas inserções e distintas apropriações no novo estádio do Grêmio. A aposta por esses diálogos se deu a partir do entendimento de que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiriam acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas por esses atores.

Acabamos conversando com os chamados "torcedores comuns". Essa alcunha é recorrente entre os mediadores especializados para diferenciar os indivíduos que comparecem aos estádios de forma distinta das torcidas organizadas, e, especialmente, no caso dos torcedores do Grêmio, aqueles que não frequentam o setor da *Geral*. Mesmo que alguns deles participassem do espaço ocupado pela Geral do Grêmio, eles se identificavam como "indo" à *Geral* e não "sendo" da *Geral*. A opção por conversar com os "torcedores comuns", em detrimento dos organizados, aconteceu em função do protagonismo dos organizados nas principais representações sobre torcedores de futebol de estádio nos meios de comunicação e, também, acadêmico.

Manifestações torcedoras em disputa

Parece ser possível apontar para a existência de uma série de questionamentos às práticas torcedoras que ocorrem em estádios durante a segunda década deste século. Mesmo que o processo de modernização dos estádios no Brasil já pudesse ser visualizado desde a década de 1990, nos parece que a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, não apenas catalisou uma série de situações que já estavam ocorrendo, como colocou o torcedor e o torcer em questão.

Em 2013, diferentes grupos de torcedores tentaram colocar as manifestações dos torcedores nos estádios em questão, tensionando as representações de masculinidade hegemônicas na "cultura" do futebol. As chamadas torcidas *queer* tentaram criticar, via redes sociais, as manifestações, entendidas, por elas, como homofóbicas e machistas dos estádios. Uma das principais dúvidas que existia junto ao surgimento das torcidas *queer* se dava em função da possibilidade da entrada delas nos estádios, ou de sua ampliação para além das redes

sociais. Antes da parada do futebol com público, em função da pandemia da covid-19, em 2020, já era possível visualizar diferentes movimentos de torcedores que têm conseguido ocupar as cadeiras e arquibancadas com algumas manifestações que rompem com a norma do torcer nos estádios.

Na Arena do Grêmio, um coletivo de torcedores antifascistas começou a acompanhar junto às partidas. A *Tribuna 77* que divide boa parte da militância que as torcidas *queer* realizam nas redes sociais, também frequenta as Cadeiras Superiores Norte do estádio. Dentre os "trapos" levados à Arena, existe o símbolo da Grêmio Antifascista e faixas alusivas ao empoderamento das mulheres. Em abril de 2017, o grupo levou um "trapo" em homenagem aos quarenta anos da extinta torcida homossexual do Grêmio, a Coligay. Em novembro de 2018 foi criado pelas membras da *Tribuna 77* o coletivo feminista e antifascista *Elis Vive*. A principal pauta do coletivo, que em seu nome homenageia a falecida cantora Elis Regina que foi sócia do Grêmio, era defender as mulheres gremistas para que pudessem torcer tendo seus direitos e, especialmente, seus corpos respeitados.

A *Tribuna 77* não é a única junção de um determinado grupo torcedores que ocorre na Arena do Grêmio. Eles não se constituem como uma torcida organizada, mas também não poderiam ser tomados como torcedores individuais. Essas junções de pequenos conjuntos de torcedores são diferentes das práticas mais recorrentes em outros setores, nas torcidas organizadas maiores ou na lógica das multidões. Aqui, o agrupamento é feito pelo time/clube, mas também por fatores outros como vínculos políticos ou de visão de mundo e afetivos.

Entre os torcedores que dialogamos durante nosso trabalho de campo, parecia existir certa discordância em relação aos preceitos adotados pelos grupos que questionam as práticas dos estádios e pela FIFA, especialmente em relação as punições pelo que é cantado nas praças esportivas. Uma das explicações dos torcedores refere que o que é dito nos estádios de futebol não pode/deve ser pensado como algo sério, mas estaria vinculado a ludicidade. Há uma hierarquização entre violências que tende a colocar as manifestações verbais como menos importantes do que outras, quase sempre as que envolvem enfrentamentos físicos ou danos patrimoniais. Outra perspectiva apontada é de que o questionamento aos ditos nos estádios seria feito por sujeitos "de fora" desse ambiente.

Segundo Huizinga (1993), os jogos podem ser entendidos como suspensão temporária da vida comum. Esse espaço de experimentação permitiria alguns deslocamentos, especialmente aos entendimentos de seriedade que produzem as ações do cotidiano. Os torcedores dialogavam com esse entendimento e acreditavam que os jogos possuiríam

componentes específicos e que a “adrenalina”, a “empolgação” ou o “calor do jogo” acabariam autorizando comportamentos diferenciados dos esperados no cotidiano.

Há um importante corte de classe dentro das masculinidades torcedoras, especialmente se pensarmos nas representações sobre essas masculinidades. Nos permitimos interpretar que existe uma associação, especialmente ligada à masculinidade com certa estética representada como popular. Aqui, classe é muito mais uma noção estética do que econômica. Essa representação funciona como marca distintiva deste espaço. Sírio Possenti (2013) aponta que se entende o popular como mais direto, um tanto mais realista, uma vez que suas aprendizagens viriam mais da “vida” que dos livros. A representação de masculinidade que possui maior legitimidade dentro dos diferentes grupos de torcedores parece estar vinculada a uma associação com o popular, entendendo este como mais bruto, grosseiro ou menos refinado, em uma visão bastante atravessada por uma lógica preconceituosa, dominante nas classes médias. Em alguma medida, seria possível visualizar certa disputa estética entre essa representação do popular contra um maior refinamento de uma suposta elite mais polida.

A dinâmica dos jogos de futebol e das torcidas, que coloca dois grupos arbitrariamente em polos opostos, permite catalisar manifestações que coloquem na diferença seu principal pressuposto. E é aqui que os valores culturais ordinários poderão solicitar seu ingresso no mundo extraordinário dos jogos, do lazer e do esporte. Mesmo que realizados em um momento excepcional ou específico, as manifestações ou violências verbais são produzidas no circuito mais amplo da cultura. Os conteúdos de enfrentamento são escolhidos em eventos que não possuem relação com o jogo de futebol. Faltando elementos que possam separar torcedores rivais “naturalmente” dentro do jogo é necessário que se acionem conteúdos “de fora” do enfrentamento para essa separação, uma vez que “tripudiar o ‘outro’ é tão importante quanto cultuar a própria identidade. E para tripudiar é preciso, antes de mais nada, estar próximo, encaixado” (DAMO, 2002, p. 150).

Um jogo em andamento

Os torcedores do Grêmio abordados durante a realização de nossa investigação, entre agosto de 2015 e julho de 2016, pareciam ainda estar em trânsito. Dado o lugar normativo que o antigo estádio Olímpico possui nas representações sobre o torcer para os gremistas, existia uma expectativa de que a Arena deveria repetir o antigo estádio e que isso aconteceria com o passar do tempo.

Esse trânsito entre essas duas casas permitiu que os torcedores trabalhassem com uma noção de um antes e um depois (ou agora). Algumas questões que acabam colocadas contemporaneamente, como as discussões sobre a existência de racismo ou homofobia nas práticas torcedoras, são narradas através dessa fixação entre lugares que também marcariam tempo. Antes (ou no Olímpico) as manifestações não eram colocadas em questão. Agora (ou na Arena) elas aparecem em disputa por legitimidades.

O tempo do jogo foi solicitado em diferentes oportunidades para justificar que o que se passa no estádio de futebol seria uma brincadeira e restrita aquela socialização bastante pontual, que envolveria os processos de chegada ao estádio e se dissiparia quando da saída deste ambiente. Parece-nos que essa não seria a principal questão a ser colocada. É bastante verificável que os conteúdos utilizados para "brincar" ou para "ofender" no período excepcional das partidas são buscados no conjunto mais amplo da sociedade. É possível realizar essa visualização não somente por observar que esses "alvos" do estádio também são mirados em outros contextos, mas, também, porque em estádios diferentes se cantam, se xingam ou se brincam com conteúdos diferentes. Mesmo sendo tão somente uma brincadeira, essas práticas acabam constituindo o currículo de masculinidades e de torcedores no estádio, e acabam ensinando que é adequado rir de algumas identidades específicas.

Diferentes demandas colocadas no circuito mais amplo da cultura parecem ter sensibilizado diferentes agentes, incluindo clubes, federações e outros conjuntos de torcedores que frequentam os estádios para problematizar essa lógica considerada, até então, como mais fechada, ou específica dos estádios de futebol. Muito mais do que uma essência, as práticas torcedoras são uma performatividade repetida. Elas funcionam através de constantes repetições. O que aparece como normatividade para o torcer não é resultado de um acordo entre aqueles que frequentam os estádios, mas um ponto muito provisório entre disputas por significados que incluem diferentes atores com diferentes protagonismos neste contexto específico.

Referências

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social*: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

MENOS DEMOCRACIA, MAIS COPA DO MUNDO: INTERAÇÕES DA FIFA COM O ESTADO BRASILEIRO EM 1950 E 2014

Felipe Oliveira Santos[1]

Resumo
O presente estudo parte do princípio que a construção de novas arenas esportivas emerge como tática de produção de novos espaços de sociabilidade e controle. Neste contexto, se faz necessário destacar as novas formas de atuação da Fifa, que ganha contornos de um ator político com influência transnacional, a ponto de influir diretamente nas formas de organização social e urbana dos países que recebem seus megaeventos, em especial a Copa do Mundo. Tais intervenções têm o aval do Estado, numa inversão do conceito de soberania, em uma situação onde a Fifa tem influência direta nas políticas públicas de ocupação do espaço urbano em grandes metrópoles.
Palavras-chave: Fifa. Estado. Estádios. Sociabilidade

Introdução

Ao se constituir como um fenômeno de massa, o futebol é capaz de polarizar tensões sociais, o que, na primeira metade do século XX no Brasil, colaborou para a construção de um ideário nacional onde o Estado teve um papel fundamental. Foi no contexto do esporte moderno que surgiu a Federação Internacional de Futebol Associados, a Fifa, fundada em Paris em 21 de maio de 1904. Já na organização da primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai, observa-se a aproximação da entidade com representantes do poder público daquele país.

Sendo assim, desde a primeira edição de Copa do Mundo, é possível notar uma relação muito próxima entre a Fifa e as nações que, porventura, receberiam os mundiais. Contudo, pode se observar dois tipos de postura nesta relação ao longo das décadas. Até meados dos anos 70, a Fifa buscava uma atitude de maior integração com os governos locais, pouco interferindo nas realidades sociais dos países-sede para a organização do torneio. Percebe-se uma possível inversão de soberania na relação entre a Fifa e os Estados-Nações, onde a primeira acaba se constituindo num ator político capaz de interferir na realidade desses países mais do que seus próprios conjuntos de dispositivos legais.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender como a Fifa se tornou este ator capaz de intervir nas realidades políticas, econômicas e sociais dos países que recebem a Copa do Mundo. Para isso, o alvo de análise será alguns dos aspectos organizacionais das duas Copas do Mundo feitas no Brasil: 1950 e 2014. Três pontos que são de extrema relevância e se

[1] Mestre em sociologia política pelo Iuperj/UCAM. e-mail: felipesantos23@gmail.com.

entrecruzam merecem destaque: a relação da Fifa com o poder público nos dois momentos, o entendimento dela e dos países-sede de como deveria ser a relação com o público do futebol e, por fim, o impacto percebido na construção dos estádios.

Desenvolvimento

A primeira edição de Copa do Mundo pôde ser realizada graças à participação decisiva de um representante de um Estado-Nação. Ou seja, o surgimento e o firmamento da Copa do Mundo como uma competição de grande porte muito se devem ao apoio de Estados Nações. O Uruguai, em 1930, celebrava 100 anos de sua fundação. Por lá, o esporte já era encarado como um símbolo de modernidade e de união nacional.

No Brasil, o futebol se popularizava, apesar da tensão entre amadorismo e profissionalismo, por exemplo. A partir da década de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o futebol começou a ganhar contornos mais massificados. De acordo com Simões (2017), "Com um projeto nacionalista em vigor, Vargas se aproveita do futebol ao gosto que diversos outros regimes faziam em todo o mundo: um potente instrumento de propaganda política" (SIMÕES, 2017, p.68).

A rápida popularização do futebol no Brasil e o sucesso da empreitada varguista em tornar a modalidade como um elemento capaz de integrar o país contribuíram para que fosse lançada a candidatura para sediar a Copa de 1950. Com o processo definido, as relações do governo brasileiro com a Fifa se basearam em poucas exigências.

As únicas exigências em termos de estádio, para se ter uma ideia, para a Copa de 1950, era a de que as arenas tivessem capacidade para mais de 20 mil espectadores, que possuíssem alambrados e instalações para imprensa e autoridades e, além disso, que os túneis dos vestiários tivessem conexão direta com o campo de jogo. A tabela da Copa do Mundo, que hoje é definida meses antes da competição, com datas, cidades, estádios e horários das partidas, não era um problema. Em 1950, os jogos eram montados rodada a rodada. Mascarenhas (2014)[2] também cita que a Fifa fez apenas uma única vistoria em cada um dos seis estádios do mundial.

A virada na Fifa se deu também com a virada no esporte moderno, com o fortalecimento do conceito de espetáculo. Pouco a pouco, o esporte não mais se direcionava a quem o pratica, mas sim para quem o assiste. Bourdieu (1983) assinala a separação entre a prática do desporto pelas camadas populares e o consumo de espetáculos esportivos, feitos para o povo: "O esporte

[2] Ver Mascarenhas (2014), p. 128.

espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business" (BOURDIEU, 1983, p.143).

Num cenário como o "novo" futebol se apresentava, a Fifa fez com que seu principal produto, a Copa do Mundo, entrasse em um paradigma que já vinha se desenvolvendo desde anos 70, com a ascensão do brasileiro João Havelange ao poder na entidade: a transformação do futebol provocada pelo marketing esportivo.

Este novo conceito permite lançar um olhar diferente a respeito da ocupação real e simbólica dos territórios urbanos por onde são realizados os megaeventos, como Olimpíadas e Copa do Mundo. Eles são usados como motes para o desenvolvimento de espaços urbanos considerados degradados. Em tese, trariam benefícios como a inspiração para a prática do desporto, oportunidades para o turismo nos países e cidades que abrigam as competições, ou mesmo o prestígio perante a comunidade internacional.

Neste sentido, o país ou a cidade deve funcionar como uma "verdadeira empresa" e como tal deve ser conduzida. Por conseguinte, e coerentemente, há que entregá-la, sem hesitação e sem mediações, a quem entende de negócios: os empresários capitalistas" (VAINER, 2011, p. 5). O que se observa, a partir daí, é a demanda por garantias do poder público, ou seja, do Estado, para que o capital responsável pelos investimentos não saia sem lucros. Para isso, naturalizam-se práticas que podem subverter o conceito de soberania, entendido por Bourdieu (2014), como "o produto do conjunto dos agentes mandatados para exercerem a soberania" (BOURDIEU, 2014, p. 92).

O problema, do ponto de vista político e social, que pode ocorrer com a realização dos megaeventos, é a produção de um mundo ordenado não pela soberania do Estado, mas sim de entes privados que se apropriam do poder de Estado para exercer controle sobre o todo social, ignorando, inclusive, o corolário de leis estabelecidas pelo Estado para o correto andamento das rotinas sociais.

A ideia de ter autonomia nas decisões políticas do país-sede da Copa do Mundo é importante para que a Fifa garanta seu retorno financeiro. Após o Mundial realizado na Alemanha, em 2006, observou-se uma mudança de estratégia da instituição para a escolha dos próximos países-sedes. Países com uma sociedade civil pouco organizada e governos maleáveis às suas exigências passaram a ter preferência. A Fifa, não por acaso, escolheu África do Sul (2010), Brasil (2014), Rússia (2018) e Catar (2022) como sedes. Essa intenção foi

sinalizada pelo então secretário geral da entidade, Jerome Valcke[3], em críticas ao governo brasileiro:

> Menos democracia às vezes é melhor para se organizar uma Copa do Mundo. Quando você tem um chefe de estado forte, que pode decidir, assim como Putin poderá ser em 2018, é mais fácil para nós organizadores do que um país como a Alemanha, onde você precisa negociar em diferentes níveis [...] A principal dificuldade que temos é quando entramos em um país onde a estrutura política é dividida, como no Brasil, em três níveis: federal, estadual e municipal. São pessoas diferentes, movimentos diferentes, interesses diferentes e é difícil organizar uma Copa nessas condições (UOL, 2013)[4].

Se, em 1950, houve grande preocupação do Estado brasileiro com a reação do público nos estádios, em 2014 foi a Fifa que buscou determinar quais seriam as condutas consideradas ideais. Um novo perfil de torcedor emerge como ideal por parte de quem organiza o mundial. Giulianotti (2002) define este novo "tipo ideal" como um pós-torcedor: com mais dinheiro, menos identificação e paixão pelo clube, limitado a mero consumidor do espetáculo.

Sendo assim, também surgem novas estratégias para "ensinar" o torcedor nos novos estádios "padrão Fifa". A entidade, inclusive, lançou, em 2013, um "Código de Conduta no Estádio", cujo objetivo era o de mostrar como o torcedor deveria se portar durante os jogos. O novo público pretendido pela Fifa é o seguinte: de classe média ou de alta renda, comportado, que vai com a família à arena, a fim de assistir de forma mais passiva a um evento que vai lhe render alguma emoção e postagens em redes sociais. Troca-se, assim, a figura do torcedor, pela do consumidor, que apenas "contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário". Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo" (MASCARENHAS, 2014, p. 210).

Conclusão

Foi no contexto da consolidação dos Estados-Nação que a então nascente Fifa tentou organizar sua primeira grande competição, o que não teria sido possível sem a chancela dos Estados Nações, cujos representantes perceberam no futebol um terreno fértil para a adesão popular a ideias nacionalistas.

Os principais estádios da Copa de 1950 – Maracanã e Pacaembu – foram projetados para serem símbolos de desenvolvimento e ocupação do solo urbano nas duas principais

[3] Foi secretário-geral da Fifa entre 2007 e 2015, quando foi afastado devido a denúncias de recebimento de suborno para a escolha do Catar como sede da Copa em 2022.

[4] Disponível em https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/24/excesso-de-democracia-no-brasil-afeta-organizacao-da-copa-diz-valcke.htm. Acesso em 15/07/20.

metrópoles do país e simbolizaram a sociedade de massas que se formavam naqueles espaços. As exigências da Fifa eram bem mais fáceis de serem atendidas, como instalação de alambrados e cabines de imprensa. Como registro, a Fifa pouco se importou com o fato de ainda haver andaimes dentro do Maracanã no dia da final contra os uruguaios e, muito menos, pelo fato de as obras só terem terminado, de fato, após a Copa. Além disso, a construção da tabela da competição com a mesma em andamento evidenciava de certa forma até um descaso com os competidores e um certo privilégio ao país-sede. Pode-se afirmar, deste modo, que houve em 1950 uma prevalência da soberania do Estado brasileiro em relação à Fifa.

À medida que o capital passou a investir no futebol, notadamente a partir da década de 1970, os riscos precisavam ser diminuídos, assim como a ingerência dos países-sede em relação à realização da Copa do Mundo. Deveriam prevalecer os interesses dos parceiros da Fifa, que, por sua vez, soube impor o conceito de megaevento à Copa, fazendo com que os candidatos a país-sede se dispusessem a gastar somas vultosas em infra-estrutura para receberem um evento cujo retorno, do ponto de vista econômico e social, era muito duvidoso.

Nota-se, neste caso, uma possível inversão do conceito de soberania em relação aos Estados-Nação que sediam a Copa do Mundo, em uma situação onde a Fifa tem influência direta nas políticas públicas de ocupação do espaço urbano em grandes metrópoles recebendo o aval de governos para legitimar práticas de exclusão e de elitização que, adiante, serão reproduzidas por instituições privadas – de clubes de futebol a empresas que passarão a gerir as novas arenas que, por sua vez, podem vir a se tornar símbolos de um retrocesso cultural nas vivências do futebol.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. *Como se pode ser esportivo*. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado:* cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.

FIFA. *Stadium Code of Conduct for the 2014 FIFA World Cup Brazil*. Version 10. Agosto de 2013.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol:* dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras:* a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. *Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol*. Revista Cidades, v. 10, n. 17, 2013.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

UOL. *Excesso de democracia afeta organização da Copa, diz Valcke.* Disponível em: https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/24/excesso-de-democracia-no-brasil-afeta-organizacao-da-copa-diz-valcke.htm. Acesso em 15/07/20.

VAINER, Carlos. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO, 2011, 14., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2011.

POLÍCIA PARA QUEM PRECISA DE POLÍCIA: SEGURANÇA PÚBLICA E AS MUDANÇAS PROMOVIDAS PELA EXPANSÃO DO PROCESSO DE ELITIZAÇÃO NOS ESTÁDIOS

Raquel de Oliveira Sousa[1]

Resumo
Este trabalho analisa a atuação da segurança pública perante aos diferentes modos de torcer. Observando o modelo de policiamento anterior e posterior ao processo de incorporação do neoliberalismo no futebol, a partir da elitização dos estádios e do alijamento dos torcedores populares desta socialização no interior das praças desportivas. A análise da segurança pública perante estas mudanças será feita sob a ótica do Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios (BEPE), da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ).
Palavras-chave: Torcedores. Futebol. Elitização. Segurança Pública. BEPE. PMERJ.

Introdução

O avanço do neoliberalismo no futebol, possui diversas peculiaridades, dentre elas, a mais marcante é o processo de elitização dos estádios. Com a expansão desta lógica, há um afastamento das classes populares dos estádios brasileiros; no Maracanã este processo é percebido com o fim do setor popular conhecido como "geral"[2].

Ao longo do trabalho será observado essa mudança por meio dos relatos dos policiais do Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios (BEPE), antigo Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE); da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Os dados apresentados relacionados ao BEPE foram obtidos ao longo de uma etnografia realizada entre abril e dezembro de 2019.

Desenvolvimento

Existem distintas formas de torcer ao longo de toda história esportiva, dentro de um mesmo estádio é possível perceber vários comportamentos. O que também ocorre nos jogos de futebol, esporte que possui dimensões para além do âmbito do lazer, mas que envolve sociabilidade, paixão, pertencimento e memória. Existem alguns trabalhos que tratam sobre a temática (ELIAS; DUNNING, 1992; MASCARENHAS, 2013, 2014; TEIXEIRA, 1998, 2013;

[1] Raquel de Oliveira Sousa, Mestranda em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ), raqueldeoliveirasousa@hotmail.com.

[2] A "geral" era um setor mais popular que havia no estádio do Maracanã; os torcedores assistiam ao jogo em pé e havia pouca visibilidade. Por outro lado, este setor ficou marcado com a presença de torcedores simbólicos (FERREIRA, 2018) conhecidos como geraldinos.

FERREIRA, 2018; HOLLANDA, 2008). É necessário pensar que existem relações externas que influenciam no modo como cada torcedor se expressa em sua torcida; as pessoas que o acompanham, o jogo em questão[3] e inclusive as mudanças proporcionadas após o processo de modernização e "arenização" dos estádios são exemplos que podem ser citados.

A modernização dos estádios brasileiros, incluindo o Maracanã, pode ser caracterizada por dois movimentos classificados por Simões (2017) como: 1) modernização sob arquétipo inglês, com o estabelecimento do modelo *all seated*[4] e 2) a "arenização" dos estádios transformando-os em locais multiuso com restaurantes, lojas, e espaços que para além de eventos esportivos; utilizados para shows, por exemplo. Os estádios se tornam "espaços insulares" onde os "indesejáveis" são alijados (MASCARENHAS, 2013). Estes movimentos são fruto da inserção da lógica neoliberal no futebol; instituindo uma indústria do espetáculo. Nesta lógica o torcedor se torna um consumidor, cliente e "figurante", pois a presença dos torcedores ativos não são desejáveis, classificados como "agressivos e imprevisíveis" (MASCARENHAS, 2013).

> "[...] num estádio popular, a cobrança do torcedor é maior, seja pela maior quantidade de espectadores, seja pela atitude ruidosa própria dos indivíduos das camadas populares. Um público menos apaixonado, menos 'viril' e mais comportado, típico dos modernos estádios, é certamente mais adequado aos grandes interesses envolvidos no novo formato de futebol espetáculo" (MASCARENHAS, 2014, p. 170).

Essas novas relações neoliberais do futebol alteraram compulsoriamente os estádios, os clubes, os jogadores e as torcidas, como aponta Simões (2017). As antigas exclusões socioculturais são alteradas pelas exclusões socioeconômicas (FERREIRA, 2018). O perfil do torcedor que frequenta as arenas esportivas mudou com este processo; o aumento do valor dos ingressos (SIMÕES, 2017); instituição do Estatuto do Torcedor em 2003[5], baseado no Código de Defesa do Consumidor, contribuíram para reforçar esta lógica atomizada, "mais cliente que torcedor" (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004). Estas alterações também afetaram a execução da segurança nos estádios que por muitas vezes não recebe a atenção devida.

[3] Ferreira (2018) aborda sobre como a companhia para o jogo (se é um evento de lazer familiar, ou se está na companhia dos amigos) e informações sobre a própria partida, como adversário e o grau de importância da disputa podem influenciar no comportamento do torcedor.

[4] Modelo de disposição da torcida no qual não há arquibancadas, somente cadeiras e o torcedor assiste a partida sentado (SIMÕES, 2017).

[5] O Estatuto do Torcedor foi criado em 2003, mas só foi regulamentado em 2010.

O policiamento nos estádios.

Antes de apresentar as observações dos policiais do BEPE frente as mudanças advindas do avanço do neoliberalismo no futebol, vale contextualizar brevemente a atuação do policiamento nos estádios e a instituição de uma unidade especializada da PMERJ para este fim.

Episódios de brigas entre torcida não são um fato recente, Mario Filho (2010) registra sobre a torcida do Bangu na década de 1910 "[...] A multidão invadia o campo, ameaçadora, espalhava-se pela arquibancada, cercava o barracão onde os jogadores mudavam de roupa, tomavam conta da estação [...]" (ROGRIGUES FILHO, 2010, p. 42). Assim como a atuação de policiais desde o início da década de 1910; com o passar dos anos desta década há uma necessidade de aumento do efetivo policial. A justificativa tratada pelos cronistas a época se dava pela "falta de educação e disciplina esportiva" (PEREIRA, 2000, p. 130), especificamente sobre as torcidas do subúrbio, apesar de também haver conflitos nas torcidas dos clubes da zona sul carioca.

Durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, após a incorporação dos populares, surgem as primeiras torcidas organizadas, com instrumentos de sopro, a fim de impulsionar os jogadores. Dentre os chefes de torcida mais conhecidos estava Jaime de Carvalho da charanga rubro negra, o qual recebeu da polícia a homenagem de ser o "torcedor número 1" do Maracanã no ano de 1958. Jaime ajudava na "educação esportiva"; chamava atenção dos torcedores que se comportavam de maneira "inadequada" com palavras de baixo calão (HOLLANDA, 2008, p. 108-109).

Em entrevista, um ex-comandante do GEPE informou sobre a brusca atuação policial nos estádios durante a década de 1970, enquanto torcedor, antes de entrar na corporação.

> [...] Sou vascaíno, aí me lembro que fui no jogo Vasco e Londrina, 1977 [...]. Aí o Vasco começou a perder [...] o pessoal com raiva começou a jogar latinha um no outro. Aí em algum momento, jogaram a lata [...] lá na cabeça do jogador do Vasco, o Orlando. Aí a polícia escolheu um ponto, entrou e começou a bater... eu dei sorte porque eu tava [sic] da fronteira para baixo e tipo assim quando começa a bater se você ficar parado, 'ficou parado!' e se tá correndo, 'porque você tá correndo? [...]' e às vezes aí eu notava isso, né? (Entrevista realizada por mim durante o trabalho de campo com ex-comandante do GEPE).

Neste trecho da entrevista ele demonstra essa truculência para estabelecer uma distinção da relação da polícia com a torcida do período da ditadura civil-militar e a relação de proximidade que o GEPE prezava em sua criação.

O GEPE, grupamento predecessor ao BEPE surgiu em um outro período e baseado em uma nova ótica de segurança pública. Criado em 1991, durante o segundo governo de Leonel Brizola, como uma das experiências de policiamento comunitário, uma relação mais democrática entre a segurança estatal e a população, assim como a tentativa de desmistificar a lógica de guerra, com esforços em conjunto com o Coronel Carlos Magno de Nazareth Cerqueira desde o primeiro mandato. A lógica do GEPE era estabelecer um contato com as torcidas organizadas, a fim de buscar a manutenção da paz dentro dos estádios por meio do contato com os chefes das torcidas, na busca por direitos humanos, sem escudos ou força de choque.

Durante o mandato do Marcelo Alencar (1995-1998) o GEPE foi extinto. Em 1999 retornou com o governo do Anthony Garotinho, no dia 20 de janeiro, em um Fla x Flu[6] comemorativo do retorno do setor da geral do Maracanã. Este grupamento era subordinado ao Batalhão de Policiamento de Choque e sua atuação se limitava no interior dos estádios do estado do Rio de Janeiro e as escoltas de torcida e delegação. A transformação de GEPE para BEPE se deu no ano de 2018, adquirindo independência administrativa, com isso a responsabilidade do policiamento externo imediato dos estádios e a criação de uma força de choque da unidade, para além das escoltas já realizadas.

Os policiais do BEPE e a elitização do futebol.

Após esta rápida contextualização apontarei alguns dados obtidos em pesquisa etnográfica realizada de abril a dezembro de 2019, com o BEPE. Durante o decorrer do trabalho de campo era perceptível a diferença dos locais em que o BEPE se postava. Ao caminhar pelos diversos setores do estádio do Maracanã é notória a distinção da presença dos policiais do BEPE, assim como da segurança privada, doravante chamados de *stewards*[7]. Nos setores Norte e Sul, onde se localizam as torcidas organizadas (mandante e visitante), assim como no setor Leste, na lateral do campo, em todos os seus níveis são os localizados os policiais e *steward*. É válido ressaltar que o número de operadores de segurança públicos e privados variam de acordo com o apelo do jogo e com a expectativa de público estimada. No entanto, o plano de ação policial não designa policiais para o setor Oeste, nele são localizados os camarotes e o

6 Esta é a nomenclatura utilizada para se remeter ao jogo clássico entre os clubes Flamengo e Fluminense.

7 *Stewards* é a palavra em inglês para "mordomos", o termo é utilizado na própria língua estrangeira. Se refere aos seguranças privados que atuam desde as revistas para ingresso às praças desportivas, até na segurança patrimonial no interior dos estádios, controlando os torcedores a fim de evitar fiquem em pé sobre as cadeiras, por exemplo. Este modelo de segurança no interior dos estádios foi difundido após os "grandes eventos".

Maracanã mais[8], onde os acessos são mais caros. Embora haja presença de *stewards* nestes setores mais elitizados; os policiais só atuam em casos excepcionais. Não há a presença aparente de policiais nestes setores; o que é significativo por dois motivos: 1) a "falta de necessidade" de policiamento onde o público é mais elitizado, em contrapartida a presença dos policiais nos setores com ingresso mais baratos; e 2) pela presença policial não ser desejada por parte dos frequentadores destes setores. Ambos motivos dialogam com o conceito de enclaves fortificados da Caldeira (1997); com *status* de local segregado, que não há, aparentemente, a presença do Estado.

No BEPE hoje há um grande número de policiais que estão na mesma unidade desde o retorno do funcionamento do GEPE em 1999 e um policial remanescente do primeiro período, de 1991. Em momentos de diálogos informais e em entrevistas, muitos aos serem perguntados sobre a história e como era realizado o policiamento destacavam a atuação na "geral". Muitos afirmam sobre como foi difícil realizar o policiamento neste setor, que para "conseguir o respeito na geral demorou" e que "a torcida aprendeu a se comportar na porrada". Um Sargento que está na unidade há mais de dez anos informou que a "geral" era um "submundo", que o "GEPE teve que entrar e doutrinar *aquele povo*". A maioria dos policiais que atuaram na geral destacam o quão difícil foi realizar o policiamento neste setor popular.

Já para o mesmo período, em um setor que não era popular, as antigas cadeiras azuis tinham somente dois policiais para fazer a segurança, segundo o relato de um Sargento que está no GEPE/BEPE entre seis a dez anos, "[...] era [sic] só dois homens para toda a cadeira azul [...], imagina metade do Maracanã, essa metade aqui todinha, [...] era minha e de mais um homem". Com isso percebemos que o torcedor popular, mais "viril", apaixonado e menos comportado; o oposto do que é pretendido atualmente como apontou Mascarenhas (2014); é mais difícil de policiar.

Considerações finais

Alguns policiais me informaram que "hoje tá [sic] mais fácil de trabalhar", se comparado com o setor da "geral" antes deste movimento de modernização e "arenização" dos estádios. Todavia esta facilidade não se dá por fator único, existem outros fatores que também confluem para esta mudança, como a instituição do Estatuto do Torcedor (BRASIL, 2003);

[8] Setor com *status* abaixo do camarote e acima da Leste (apesar de ter a mesma visão lateral do campo). Setor típico de um estádio multiuso, possui um buffet disponível durante todo o jogo para os torcedores que se dispuserem pagar um alto valor pelo ingresso, que varia conforme a importância do jogo e do clube mandante.

inserção dos *stewards*; melhora do aparato técnico e teórico com o Curso de Policiamento em Praças Desportivas (em 2012) e maiores recursos de equipamento menos que letal, além da gratificação salarial implementada a partir de 2011 para os policiais do GEPE. Todos estes elementos supracitados são expressões que envolvem a elitização e o avanço neoliberal sobre o futebol; fortemente impulsionado pelos grandes eventos, desde o Pan-americano de 2007, passando pela Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016.

A partir desta série de alterações que ocorreram, nota-se que há uma distinção estabelecida pelos policiais para com os torcedores baseada em padrões comportamentais e socioeconômicos. Contudo, também há uma categorização entre os próprios policiais: os que se intitulam "GEPE raiz", por terem lidado com mais dificuldades e menos recursos. Enquanto que os policiais que não "enfrentar[am] a geral com somente um bastão" são classificados como "GEPE nutella". Esta categorização provém um *meme* da internet e se baseia em preceitos de coragem, virilidade e enfrentamento das dificuldades. Portanto, estes policiais mais antigos se veem na qualidade de "verdadeiro GEPE [BEPE]", logo, "GEPE raiz". Em oposição aos que não vivenciaram as adversidades; consequentemente, classificados como "GEPE nutella".

Referências

BRASIL. Lei n.10.671, de 15 de maio de 2003. *Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Leis/2003/L10.671.htm. Acesso em 05 nov. 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos*, v. 47, p. 127-154., 1997. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/produto/ edicao-47/. Acesso em 10 jul. 2020.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Em Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Fernando da Costa. Que estádio é esse? Em busca de uma taxonomia torcedora para o novo Maracanã. *Esporte e Sociedade*, ano 13, n. 31., p. 1-32, mar. 2018. Disponível em: http://www.esportesociedade.uff.br/esportesociedade/pdf/es3104.pdf. Acesso em 15 jul. 2020.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, G. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT, 2004, Florianópolis. *Perspectivas*. Florianópolis, 2004.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação:* o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras*: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 10, p. 142-170, 2013. Disponível em: < https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>. Acesso em 15 jul. 2020.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2010.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus rebeldes:* novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. *Esporte e Sociedade*, v. 8, n. 21, p. 1-16, 2013.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão:* filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. 1998. Dissertação (Mestrado em em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

QUEM É ESTE QUE NEGA O NOVO? BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUJEITO DISCURSIVO QUE NEGA O FUTEBOL MODERNO: UMA ANÁLISE DE DIZERES

Daniel de Jesus Oliveira[1]

Resumo
Este trabalho busca analisar, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso – sobretudo em suas filiações ao teórico francês Michel Pêcheux – aspectos discursivos constituintes dos ditos "Não ao futebol moderno" e "Ódio eterno ao futebol moderno", que emergem em contrariedade ao futebol moderno (mercadológico). Destaca-se no presente trabalho, dentre os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, as Formações Ideológica e Discursiva, bem como as possíveis forma-sujeito e posições-sujeito evocadas pelo sujeito do discurso nos dizeres analisados a partir de acontecimentos discursivos.
Palavras-chave: Futebol moderno. Sujeito do discurso. Forma-sujeito. Acontecimento discursivo.

Introdução

A Análise do Discurso -AD- de linha francesa, em suas filiações ao teórico Michel Pêcheux, é atualmente, no campo da Ciência da Linguagem, disciplina das mais destacadas e base teórica para diversos e relevantes estudos de caráter histórico-social. A AD, desta forma:

> [...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2001, p. 15).

Passa-se, portanto, a compreender um dado enunciado, materializado enquanto discurso, de forma ampla, para tanto é preciso afastar-se de uma análise estruturalista da linguagem, centrada numa concepção interna e fechada de Língua, e passa-se à análise dos fatores exteriores ao dizer e emergentes junto a cada novo dito, o sócio-histórico/ideológico[2].

Portanto, ao se constituir análise dos dizeres *"Não ao futebol moderno"* e *"Ódio eterno ao futebol moderno*"- hodiernamente materializados nas arquibancadas de diversos estádios; em protestos e faixas de torcedores organizados; bem como em páginas nas redes sociais- em uma perspectiva discursiva, deve se considerar os contextos exteriores ao dizer que margeiam

[1] Daniel de Jesus Oliveira, Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas – UNEB (Universidade do Estado da Bahia); e Especialista em Língua Portuguesa: oralidade e escrita – UNOESTE (Universidade do Oeste Paulista). E-mail: djo-1992@hotmaill.com.

[2] Para Indursky (2008, p. 11) "é preciso dizer, de imediato, que o sujeito, assim constituído, é um sujeito histórico, ideológico [...]. Ou seja: o sujeito é interpelado ideologicamente".

esses ditos, suas condições de produção, formações ideológica e discursiva e memórias (evocadas e esquecidas), fundamentais para a constituição da forma-sujeito que materializa os discursos analisados.

Compreender o conceito de futebol moderno em seu sentido emanado na atualidade e contrariado pelos ditos aqui analisados e quem é este sujeito do discurso, que refuta o futebol dito moderno, e como ele se constitui faz-se, então, primordial para a construção desta análise.

Discussão

O conceito de futebol moderno esteve sempre atrelado aos passos dados pelo próprio esporte no correr dos anos. Figols (2014) sinaliza que há, ao menos, três significações distintas para o termo:

> Existem pelo menos três definições do que vem a ser esse futebol. A primeira delas remete ao século XIX, quando o futebol ainda estava surgindo enquanto prática esportiva e longe de ser o que conhecemos hoje. Em 1863, após a fundação da Football Association (FA), as regras do futebol foram sistematizadas a partir do jogo praticado nas Public Schools britânicas. Posteriormente, para diferenciar esse novo futebol das práticas semelhantes, foi atribuído o termo Futebol Moderno. Assim, o novo futebol, organizado e sistematizado em regras, passaria a ser visto como moderno, enquanto as outras práticas semelhantes passariam a ser vistas como um futebol primitivo (FIGOLS, 2014).

O pesquisador aponta as reverenciadas inovações táticas das seleções da Holanda e Alemanha apresentadas ao mundo na copa do mundo de 1974 como sentido segundo evocado para o dito futebol moderno, sendo o terceiro:

> O terceiro momento em que o termo Futebol Moderno apareceu foi nos anos 1980, quando o futebol passou por profundas mudanças. O processo de espetacularização do esporte tem início muito antes dessa década, mas foi nos anos 1980 em que essa espetacularização tomou conta do futebol. Na verdade, quem tomou conta do futebol foram as televisões. Acompanhando esse processo de espetacularização do esporte está a mercantilização do futebol. Os clubes abriram as suas fronteiras regionais e foram em busca de mercados consumidores. A internacionalização dos clubes foi um fator decisivo para o futebol conquistar novos territórios e, consequentemente, novos mercados. Aqui fica evidente o papel da televisão na difusão global dos clubes. Em outras palavras, o futebol passou a ser visto como um produto, um produto da indústria do entretenimento, um produto das televisões (FIGOLS, 2014).

É este sentido último de futebol moderno que é negado/odiado nos discursos analisados neste trabalho. Percebe-se ao perpassar dos anos a alternância de sentidos emanados pelo dito futebol moderno, revelando-os como não estanques e constantemente abertos à ressignificação através da história, visto que, para Pêcheux (1997, p.160) “as palavras, as expressões, as

proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam".

Salienta-se que a emergência da alternância de sentidos se dá no campo da memória (discursiva)[3] que, coordenada por uma formação discursiva[4] que lhe é ideologicamente dominante, determina os sentidos que podem ser evocados, resgatados, negados ou esquecidos na materialização de um dizer, pois "os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz de sentido" (INDURSKY, 2011, p.77).

Percebe-se, ante o exposto, que ao emanarem sentidos novos ao dito futebol moderno matrizes de sentido também novas são instauradas a partir da memória discursiva acionada pelas formações discursivas que constituem as posições-sujeito identificadas com cada sentido novo. Há, portanto, a contra-identificação com o sentido antes evocado pelo dito e funda-se um sentido novo.

O entendimento acerca da posição-sujeito na qual se insere o sujeito que materializa os dizeres que compõem o *corpus* deste trabalho é fundamental para a compreensão da análise aqui proposta. Para Gama (2008) "Essa posição-sujeito é condição necessária que permite ao sujeito enunciar nos espaços das relações sociais, marcados pelas disputas históricas".

Nota-se, portanto, que ao proferirem-se os dizeres *"Não ao futebol moderno"* e *"Ódio eterno ao futebol moderno",* tendo dentre as condições de produção que margeiam a materialização desses ditos o contexto sócio-histórico marcado pelas disputas em torno dos rumos dados ao futebol dito moderno, tais como a mercantilização do esporte, transformado em produto das mídias; arenização dos estádios e regulação dos comportamentos de torcedores; a busca por um novo público, alçada pela alta nos valores dos ingressos; dentre outros, o sujeito do discurso se insere em uma posição-sujeito oposta à cristalização do futebol moderno evocado na matriz de sentido de sua significação última.

Deste modo, a constituição como política esportiva do terceiro sentido de futebol moderno apresentado anteriormente, fundador de uma matriz de sentido, se torna acontecimento discursivo que possibilita a emergência de uma nova forma-sujeito, ideologicamente oposta à FD futebol mercadológico entendido como moderno, assujeitada a uma formação discursiva diversa, contra o futebol moderno.

[3] Há, na AD, diferentes definições à memória discursiva. Utilizou-se neste trabalho o conceito defendido por Indursky (2011, p.87): "A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD".

[4] [...] *formação discursiva* (FD) que corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1988, p. 160 apud INDURSKY, 2008, p. 12, grifos da autora).

Para Pêcheux (apud INDURSKY, 2008, p. 21) o acontecimento discursivo "se institui no exato momento em que o sujeito do discurso rompe com um domínio de saber já instituído e com o qual estava identificado até então para identificar-se com um novo domínio de saber, que está em processo de constituição". Porquanto, o constante processo de modernização do futebol no Brasil, cada vez mais voltado para as plataformas de mídia e em crescente arenização[5] dos estádios esportivos, sobretudo após a realização da copa do mundo de futebol de 2014 no país, funda-se como o acontecimento discursivo que permite a emergência de nova forma-sujeito, esta, por sua vez, não mais pode identificar-se com o sentido último de futebol moderno, considerando-o um inimigo.

Conclusão

Por fim, buscou-se neste trabalho visibilisar dizeres que circundam o futebol nacional como construtores de discussões que vão mundo além das linhas do gramado e distam do senso comum com que é visto o referido esporte, seus costumes e, principalmente, seus torcedores. Discursos esses socialmente materializados e considerados por esta pesquisa de fundamental relevância.

Conclui-se esta breve análise resaltando-se a relevância dos dizeres que a compõem. Compreender os posicinamentos dos sujeitos dos discursos analisados, bem como estes se fundam e irrompem à materialidade, faz-se crucial ao cada vez mais relevante campo de estudos sobre os caminhos do futebol mercadológico brasileiro e da resistência dos torcedores a ele.

Referências

FIGOLS, Victor de Leonardo. *Contra o Futebol Moderno – 1# O Futebol Moderno.* 2014. Disponível em: http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/contra-o-futebol-moderno-1-o-futebol-moderno/. Acesso em: 27. Jul. 2020.

GAMA, Anailton de Souza. Discurso e sujeito: ressignificação de sentidos no enunciado "Mato Grosso do Sul – Estado do Pantanal". *Web revista discursividade estudos linguísticos*, Nova Andradina, n. 02, dez. 2008. Disponível em: http://www.cepad.net.br/discursividade/EDICOES/02/arquivos2/Anailton%20de%20Souza%20Gama.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

INDURSKY, Freda. *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso*. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra;

[5] O entendimento acerca do conceito e processo de arenização no futebol moderno brasileiro e sua relação com a Copa o mundo de futebol de 2014 foi consultado em SIMÕES (2017).

CAZARIN, Ercília (org.). *Práticas Discursivas e identitárias; Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Memória e história na/da análise do discurso.* Campinas, Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas. Fontes. 1997.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus Rebeldes:* novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

ASCENSÃO DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO FUTEBOL CARIOCA

Giovanna de Almeida Carvalho[1]

Resumo
É analisado no seguinte trabalho como o cenário do futebol pode se fundir no cenário político do presente momento, utilizando como recorte geográfico o município do Rio de Janeiro. Apresentando um panorama histórico dessas torcidas antifascistas mundialmente e no Brasil antes de chegar ao recorte principal. Foi realizado um conjunto de entrevistas com membros de coletivos/torcidas antifascistas no meio do futebol, e por meio delas foi possível fazer uma reflexão do papel de resistência desse esporte tão popular.
Palavras-chave: Futebol. Torcidas. Antifascismo.

Introdução

Para contextualizar o cenário das torcidas antifascistas é necessário primeiramente observar o surgimento desses grupos em times europeus, que em grande parte foram precursores desse movimento. Um exemplo é o Livorno, que atualmente se encontra na série B do campeonato italiano. A cidade de Livorno é um importante porto do mediterrâneo e obtém um movimento operário muito forte advindo desses trabalhadores do cais. Grande parte desses trabalhadores politizados abraça o Livorno FC como seu local de convivência e lazer trazendo assim uma atmosfera política ao estádio. O Ultras Livorno é fundado em 1957, e foi sucedido pelo surgimento de diversos outros grupos que em 1999 se unificaram nas Brigate Autonome Livornesi (B.A.L). As B.A.L se destacaram pelo combate ao fascismo e torcidas de extrema direita italianas, como a do Lazio. Porém, com a perseguição das autoridades e da mídia as brigadas acabaram se dissolvendo, porém a torcida do Livorno continua tendo a sua postura combativa.

A torcida do Livorno faz um embate direto contra a torcida do Lazio, a qual é reconhecidamente uma torcida de extrema direita. O clube era o preferido de Benito Mussolini, que costumava frequentar os estádios, e partidos políticos como o Alleanza
Nacionale utilizavam do estádio para recrutamento de adeptos. Existem casos mais atuais de manifestações da torcida a favor de Benito Mussolini, e jogadores que fizeram o saluto romano (gesto fascista), como Paolo Di Canio.

[1] Giovanna de Almeida Carvalho. Graduação em História pela UFRRJ e mestranda em história pela UFRRJ. Email: giovannalmeida29@gmail.com

Outra torcida européia que merece destaque é a St.Pauli que está na segunda divisão da Bundesliga. Localizado na cidade de Hamburgo na Alemanha, o time é notoriamente conhecido pela sua torcida organizada ativa. Foi o primeiro time alemão a proibir e expulsar todos os adeptos à ideologia nazista, e desde a década de 80 luta contra o racismo, fascismo e machismo, também é o primeiro clube europeu a ter um presidente declaradamente homossexual. Atualmente, em meio à crise dos refugiados na Europa, o estádio Millerntor foi considerado um local de acolhimento a esses refugiados.

Analisando o cenário brasileiro, a primeira torcida a se declarar antifascista é a Ultra Resistência Coral, composta por torcedores do Ferroviário Futebol Clube, no Ceará. Sua fundação, foi no ano de 2005, o clube sempre teve uma tradição muito ligada à classe operária já que foi fundado pela classe de operários ferroviários em 1933. Desta forma, se tornou ligado às classes mais populares do estado do Ceará, diferente de outros times como Fortaleza e América-CE que eram mais elitistas, sendo chamado de "time do povo". Em relação à torcida do Ferroviário em si, a Ultra consegue ter um maior número de torcedores que a própria torcida oficial do time. A torcida do Ultra se declara anticapitalista, a favor da luta de classes e um de seus lemas é "Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes"!

Desenvolvimento

Atualmente no país já existem mais de 34 torcidas que se declaram antifascistas, para essa pesquisa foi feito um recorte geográfico no município do Rio de Janeiro contemplando torcidas dos considerados quatro grandes times do Rio. Foram realizados questionários com membros do "Coletivo Popular Alvinegro", "Flamengo Antifascista", "Fluminense Antifascista"; e da "Esquerda Vascaína". Também foi realizada uma entrevista com o coletivo "Torcedores e Torcedoras pela Democracia", que engloba torcedores de diversos times. Essas torcidas surgem para contrapor um modo típico de torcer, geralmente as torcidas organizadas em busca de atacar a torcida rival acabam proferindo cânticos machismo, homofóbicos e até racistas. Essas torcidas antifascistas vêm como um contraponto a esse tipo de hábito, propondo uma maneira mais progressista e não discriminatória de torcer.

Grande parte das torcidas entrevistadas surgiram a partir das mídias sociais, grupos de whatsapp por exemplo, que se tornaram coletivos nas arquibancadas. O Fluminense Antifascista e o Flamengo Antifascista surgiram no contexto das manifestações de 2013, com a necessidade de sair do campo virtual e atrair outros torcedores de esquerda. Outros coletivos surgiram com esse mesmo propósito, porém mais tardiamente. O Coletivo Popular Alvinegro

surgiu em 2018, de um fórum online e a Esquerda Vascaína surgiu da dissidência de um outro coletivo de esquerda, que segundo os integrantes não estavam atuantes nas arquibancadas.

Esses coletivos, apesar de majoritariamente seus integrantes serem homens cis, possuem uma grande diversidade comparados a outras torcidas. Há a presença de mulheres em todos e de LGBTS em alguns, também pessoas de diversas classes. Em relação a sua organização, alguns como o Coletivo Popular Alvinegro, possuem um comitê central e grupos de trabalho. Outros não possuem esses mecanismos, mas todos se utilizam das mídias sociais para se posicionar, divulgar atos dos coletivos e convocar mais pessoas para participarem. Cada coletivo possui pautas específicas que se adequam às necessidades do seu clube. Os coletivos do Botafogo e do Flamengo possuem uma postura mais geral, de defender a participação do torcedor na política do clube, que ainda é algo muito elitizado e distante do torcedor popular. Já os do Vasco e Fluminense possuem pautas mais específicas:

> Apoiamos integralmente ações que integrem o clube às comunidades, em especial à Cidade de Deus, a qual está situada nos arredores do nosso atual CT. Nesta linha, entendemos como fundamental a contribuição das nossas categorias de base localizadas em Xerém para a formação de cidadãos, indo além de um centro de formação de jovens atletas talentosos (Fluminense Antifascista, 2019).

> Resgatar a imagem popular do Vasco. Recentemente entramos no clube com a criação do grupo político Resposta Histórica. O grupo nasce do coletivo e tem como carro-chefe esse resgate de um Vasco de todos (Coletivo Esquerda Vascaína, 2019).

Entretanto algumas pautas são unânimes entre todos os coletivos entrevistados. A questão da luta contra a elitização do futebol, ainda mais a partir da arenização dos estádios para a Copa das Confederações em 2013 e Copa do Mundo em 2014. É uma pauta recorrente a luta contra o "futebol moderno", os preços abusivos dos ingressos, em defesa do retorno de uma festa popular nos estádios e contra atitudes de machismo, homofobia e racismo. Atualmente, a pauta de defesa à democracia, contra o fascismo e o avanço do conservadorismo também se encontram presente nas manifestações desses coletivos.

Há uma resistência de outras torcidas por parte de uma torcida politizada, foi relatado que há um interesse de setores mais conservadores de vincular os seus valores ao futebol, e isso entra em conflito com grande parte de uma população que não pertence a elite. E com o avanço do conservadorismo no país, um coletivo nas arquibancadas que assume uma posição de oposição ao governo vigente incomoda torcedores comuns e outras torcidas organizadas.

Em relação ao futuro, os integrantes assumem uma posição de resistência, tanto no cenário do futebol moderno, como no cenário político atual. Há uma busca por ações que levem

a uma arquibancada menos excludente e mais acolhedora. O objetivo é transformar as arquibancadas em uma extensão das ruas, promovendo debates com a classe trabalhadora e lutando por uma maior participação popular. Se envolvendo também com torcedores de outros times, de forma a fazer uma frente contra o avanço da extrema direita. Como a criação das Torcidas Antifas Unidas-Brasil.

Um exemplo da formação dessa frente antifascista é o coletivo "Torcedores e Torcedoras pela Democracia". Criado no final de 2016, na conjuntura política do golpe, inicialmente se chamava "Torcedores contra o golpe pela democracia" e teve sua primeira concentração em uma manifestação no Maracanã, torcedores de diferentes times do Rio e também de fora do estado se reuniram. A grande questão foi de criar um espaço para falar de questões nacionais, sem perder a bandeiras de luta e suas pautas, que são a luta contra a elitização do futebol, o preço alto dos estádios, discriminação dentro dos estádios, a homofobia, o machismo e o racismo.

O coletivo ganhou notoriedade nacional durante as eleições de 2018, em manifestações do "Ele Não", a imagem dos quatro times rivais do Rio todos unidos em nome da democracia chamou atenção. Este é um exemplo de que as pautas pertinentes desse movimento mostram que o cenário político e o cenário do futebol vêm encarando problemas similares, como uma ascendência do conservadorismo e uma poda dos movimentos populares. Em uma das falas de Bernard, o representante do coletivo entrevistado faz uma conexão entre os problemas sociais e o futebol:

> É um movimento que luta junto pelas causas populares. Como, por exemplo, a gente se colocou contra a questão da reforma trabalhista, contra a reforma da previdência, as pautas e as agendas políticas elas precisam ser traduzidas também para o cara que gosta de futebol. E o jovem que sai domingo de casa, e enfrenta falta de transporte, falta de dinheiro, falta de emprego para ver o time jogar. Isso também é uma forma de educação popular que eu acho que o movimento tem essa relação, de ajudar a se relacionar com o momento político atual (BATISTA, 2019).

Resultados esperados ou conclusão

O objetivo deste trabalho foi demonstrar o quanto o cenário político pode influenciar no esporte, principalmente entre os torcedores. É muito comum por parte do grande público a ideia de que política e futebol não se misturam, mas isto está longe de ser verdade, já que a política está em tudo. Não é também uma forma de culpabilizar a população por esse pensamento, as bases dessa despolitização são muito mais profundas e não cabem neste

trabalho em si, mas sim pensar que apesar dessa visão há um grande número de pessoas envolvidas no esporte com vontade de mudar essa realidade.

As entrevistas feitas em 2019 ainda refletem de certa forma o cenário atal, mas é um trabalho que pode ser atualizado de ano a ano. No próprio cenário de 2020, a forma com que esses coletivos lidaram com a crise sanitária da COVID-19 também poderia ser abordada na pesquisa. Muitos, como a Esquerda Vascaína, ajudaram a comunidade perto da sede do clube com a entrega de cestas básicas. Portanto, ainda que haja uma conclusão por agora, é um algo que pode ser fluido e mudar ao longo do tempo.

Referências

AGUIAR, Gabriel; CRUZ, Ana Flávia; SALGADO, João Pedro. *Jogando pela esquerda:* A resistência Antifascista representada nos times FutBall-Club St. Pauli e Associazione Sportiva Livorno Calcio. UNIMONTES

Entrevistas realizadas com membros dos coletivos “Coletivo Popular Alvinegro”, “Esquerda Vascaína”, “Flamengo Antifascista”, “Fluminense Antifascista” e “Torcedores e Torcedoras pela Democracia”.

SOARES, Alison; ZAGO, Luiz Felipe. *Páginas das torcidas organizadas antifascistas de futebol: uma primeira aproximação*. XXIII ULBRA,2017.

SALAZAR, Isadora. Futebol, nacionalismo e antifascismo. *Ponto Urbe* [Online], v. 22, 2018.

PODE A ARQUIBANCADA SER DELAS? REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DE MULHERES NOS ESTÁDIOS

Thaís Rodrigues de Almeida[1]

Resumo
O esporte é um território repleto de discursos e representações, cujo o contexto brasileiro tem no futebol a prática esportiva de maior expressão. Um campo permeado por disputas, interesses e negociações, ou seja, imerso em relações de poder, e é a partir desta perspectiva que procuraremos analisar a presença de mulheres nos estádios, trazendo contribuições para refletirmos sobre a questão das representações de gênero relacionadas ás expectadoras de futebol. Em nossa abordagem teórica elencamos o esporte, o torcer e as mulheres, imbricados em relações repletas de desafios e possibilidades que ainda hoje reverberam sobre a presença de mulheres nos estádios.
Palavras-chave: Futebol. Torcedoras. Gênero.

Introdução

A questão provocativa do título desse trabalho, demarca o posicionamento através do qual observamos a presença de mulheres nos espaços de torcer, um campo permeado por disputas, interesses e negociações, ou seja, imerso em relações de poder. Compreendemos o esporte como produtor e reprodutor das relações sociais e culturais, e nesse sentido, o futebol enquanto esporte de maior expressão popular e acadêmica no contexto brasileiro, (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, GUEDES, 2011), esporte que traz historicamente valores e representações associados às masculinidades, e além da prática em si, envolve as ações de assistir, torcer, ou seja de vivenciar enquanto espectadores suas tensões, alegrias e angústias, na busca da excitação reservada aos envolvidos neste universo cultural (ELLIAS; DUNNING, 1992).

É a partir desta perspectiva que procuraremos analisar representações de gênero e as formas do torcer das mulheres envolvidas no universo esportivo enquanto "amantes do futebol", pressupõe analisar as configurações relacionadas ao protagonismo desenvolvido em diferentes modalidades para o acesso aos estádios, as quais perpassam a possibilidade o compartilhamento com seus pares em torcidas ou coletivos femininos, nos seus acessos a torcidas mistas, bem como em relação às mulheres torcedoras que vivenciam e expressam individualmente o seu "pertencimento clubístico" (DAMO, 2014).

[1] Thaís Rodrigues de Almeida, Mestra em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), takaprofe@gmail.com.

Esse texto, portanto, se propõe a tencionar os lugares de pertencimento a partir da presença de mulheres nos estádios, trazendo contribuições para refletirmos sobre a questão das representações de gênero relacionadas ás expectadoras de futebol.

O esportes, as mulheres e o torcer.

O esporte é um território repleto discursos e representações, cujo o contexto brasileiro tem no futebol a prática esportiva de maior expressão. A valorização social dada à essa modalidade em nosso país, traz consigo ambiguidades e problematizações, tensionadas desde os escritos pioneiros de Roberto Damatta (1982), provocando continuamente pesquisadores de diferentes áreas a construir saberes e interpretações que resinificam as relações e o universo envolvido para além dos embates travados nos 90 minutos de jogo (REIS, 1998; TOLEDO, 2002; DAMO, 2005, ALABARCES, 2011).

Ao voltar o olhar para o futebol, busca-se a análise deste fenômeno esportivo tendo em vista que é comum no contexto brasileiro, associar os valores desta prática à representações de uma masculinidade viril a qual prioriza e estabelece no campo da normalidade o 'sexo e gênero da bola' (GOELLNER, 2005; GOELLNER, 2007). Tais representações de masculinidades, se dão em relação à condição masculina como uma construção cultural produzida e reproduzida socialmente e que não pode ser definida fora das condições históricas, culturais, econômicas e políticas em que esse sujeito constitui sua masculinidade (KIMEL, 1998). Neste sentido, são referências não apenas aos envolvidos com as práticas no campo do jogo, mas abrange os que se apropriam das práticas e delas fazem parte enquanto espectadores (BANDEIRA, 2009)[2].

Ao abordarmos a especificidade das torcidas, ressaltamos que estas são as responsáveis pelas expressivas manifestações em massa no contexto do futebol. Em sua constituição podem ser institucionalmente organizadas ou formadas por espectadores sem vínculos, trazendo como um todo a ideia de heterogeneidade, apesar de estudos sobre as torcidas apontarem para uma maioria jovem e do sexo masculino (REIS, 2016), tendo em comum o pertencimento clubístico a partir do qual é possível vivenciar uma sociabilidade composta por sentimentos de solidariedade, companheirismo e fazer parte do grupo, amplamente fomentada por discursos de iniciativa ao clube assim como repúdio às equipes rivais (REIS, 1998; DAMO, 2014). A violência decorrente de manifestações de torcidas abrange tanto atos empíricos quanto

[2] Em seu trabalho ao analisar o futebol como um campo de disputas, acordos, socialização para garantir a construção das masculinidades dos sujeitos envolvidos, através dos cânticos, gestos, expressões manifestadas pelos torcedores.

simbólicos, analisadas pelo viés acadêmico tanto no contexto europeu com o *hooliganismo* quanto no brasileiro, tornou-se um problema desestabilizador, acarretando mobilizações inclusive governamentais as quais culminaram com a proibição de torcidas organizadas com histórico de atos violentos, assim como na elaboração do estatuto de defesa do torcedor (REIS, 2010).

As torcidas de futebol, portanto, vem recebendo investimentos políticos e acadêmicos ao buscar a compreensão dos sentidos, embates, especificidades das mesmas, porém em termos de mulheres torcedoras ou torcidas femininas, em comparação à quantidade os estudos ainda são incipientes pois frequentemente as mulheres aparecem "dissociadas do esporte mais popular do país" (COSTA 2007, p.3), a mesma autora ao realizar um recorte histórico sobre a participação feminina no universo do torcer nas primeiras décadas do século XX, demonstra a participação positiva das mulheres para a popularização das partidas de futebol, para que trouxessem um viés mais elitizado aos confrontos, a presença das torcedoras legitimava o jogo enquanto um evento social, ao mesmo tempo em que oportunizava as moças a vivência fora do ambiente doméstico, o próprio termo torcedora se popularizou através dos noticiários que apontavam as moças aflitas ao observarem as partidas e torcerem suas luvas. Porém, a partir da popularização do esporte abrangendo outros extratos sociais, acabou por modificar os discursos e afastou as mulheres dos espaços de eventos futebolísticos (COSTA, 2007).

Um espaço de disputas e negociações, eleger as experiências das mulheres torcedoras enquanto foco de estudo é compreender a necessidade de observar os discursos envolvendo gênero e sexualidade, os quais instituem relações de poder produzindo hierarquias e efeitos de verdade no meio futebolístico. Neste esporte, aparentemente os sujeitos desviantes das normas de gênero e sexualidade, são marcados como diferentes, transgressores, sendo instituída uma ideia de ilegalidade, clandestinidade, ante aqueles estabelecidos[4], normatizados na representação naturalizada e, portanto, invisível da masculinidade hegemônica. Denota também refletir sobre a ocupação e envolvimento das mulheres em relação às suas experiências no meio futebolístico, pois enquanto jogadoras na trajetória brasileira o futebol foi uma prática legalmente proibida a partir do período do Estado Novo, e somente autorizada em meados dos anos 80, deixando uma evidente lacuna em termos do desenvolvimento do esporte feminino.

Atualmente, do ponto de vista legal, todos os esportes são permitidos às mulheres, praticá-los ou envolver-se enquanto torcedora, representa uma atitude ainda suscetível a representações (por parte de homens e mulheres) que persistem associando determinadas práticas como o futebol a um referencial exclusivamente masculino, questionando as

feminilidades das mulheres que se aventuram neste meio. Além disso, a presença nos estádios permanece carregando referenciais enquanto um espaço de potencial risco, seja por assédios, violências (simbólicas ou efetivas), descaso de agentes públicos, entre outros aspectos[3].

Considerações: Desafios e Perspectivas

Frequentar um estádio, possuir um vínculo com o clube, com a torcida, acompanhar os jogos, é uma escolha permeada por desafios que vão desde as condições financeiras (valores dos ingressos, viagens), a segurança antes, durante e depois dos jogos, as relações estabelecidas com os demais membros torcedores organizados ou não (CAMPOS, 2010). O pertencimento clubístico, os gestos, vestimentas, cânticos, expressões, a alegria e o sofrimento compartilhados que implicam na constituição das identidades dos sujeitos e na produção performática do ser torcedor(a), neste sentido ser mulher torcedora.

Vivenciar esta cultura torcedora está relacionado com as possibilidades de jogos e relações de poder manifestados nos discursos advindos do meio futebolístico, e que atravessam as mulheres torcedoras envolvidas com o mesmo. A articulação destes movimentos em seus discursos e desdobramentos, permite visualizar a construção das suas identidades enquanto torcedoras.

Problematizar os discursos sobre as mulheres que torcem, vibram e envolvem-se com o universo futebolístico, apesar dos desafios permeados por representações culturais, sociais e de gênero, denota também elencar as possibilidades de expressar e vivenciar o lugar do protagonismo e de formar inclusive iniciativas e ações de resistência ante às adversidades, como é o caso das integrantes de torcidas organizadas de diferentes times brasileiros que em meio à dificuldades relacionadas à violência, legitimação do espaço, e reconhecimento por seus clubes organizam coletivos como o das Mulheres de Arquibancada e o Movimento Feminino de Arquibancada[4]. Movimentos importantes e necessários para ampliar as representações identitárias de ser mulher torcedora, e ocupar com legitimidade seu lugar nas arquibancadas, afinal como afirma o fragmento de Nelson Rodrigues: “Uma torcida não vale a pena pela sua expressão numérica. Ela vive e influi no destino das batalhas pela força do sentimento”.

[3] Os quais recentemente foram identificados e problematizados pela Federação Paulista de Futebol, que através da campanha #ElasNoEstádio prospectou uma agenda de ações para a atual temporada do campeonato paulista, as quais foram impactadas pelos efeitos da suspensão temporária das partidas pela covid-19. Fonte: https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=14131 (acesso 25/04/2020)

[4] Grupos que utilizam as redes sociais para fomentar discussões e eventos entre torcedoras de diversos clubes e regiões do país.

Referências

ALABARCES. P, Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. *Antropolítica* (UFF), v. 31, p. 17-30, 2011.

BANDEIRA, G. A. *"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração":* currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAMPOS, P. A. F. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino do futebol. *Esporte e Sociedade,* v. 2, n.4, nov/2006-fev/2007.

DAMATTA, R. Esporte na Sociedade: Um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro. In: (Org) *Universo do futebol Esporte e Sociedade Brasileira.* Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A.; OLIVEN, R.; GUEDES, S. Apresentação (dôssie Antropologia e Esporte). *Horizontes Antropológicos,* Porto Alegre, v.14, n.30, p. 7-17, 2008.

DAMO, A. S. O espetáculo das identidades e das alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). *Futebol Objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 23-55.

ELIAS, N; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GUEDES, S. L. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. *Antropolítica* (UFF), v. 31, p. 31-43, 2011.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul/dez, 2010.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. Bras. Educ.* Fís. Esp., São Paulo, v.19 n.2, abr/jun.2005.

GOELLNER, S. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.13, n.2, p.171-196, mai/ago, 2007.

KIMELL, M. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. *Horizontes Antropológicos*, n. 9, p. 103-117, 1998.

REIS, H. *Futebol e Sociedade: As manifestações da torcida*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

REIS, H. O Espetáculo Futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte,* Campinas, v.31, n.3, p.11-130, maio 2010.

REIS, H. O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo. *Tríade*: Revista de Comunicação, Cultura e Midia. 4. 172-189. 2016.

TOLEDO, L. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

O ESTÁDIO MONUMENTAL: O MARACANÃ ENQUANTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL BRASILEIRO (1983-2000)

Guilherme Moreira Gomes da Cruz[1]

Resumo
Esse trabalho tem como objetivo analisar o Estádio Maracanã enquanto patrimônio histórico cultural brasileiro por meio de seu processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Serão discutidos: os fatores que justificaram a abertura do processo relacionado ao contexto da década de 1980; o prolongamento do processo pelo funcionamento do Iphan; e a resolução em 2000 fomentada pelo alto risco de descaracterização do complexo esportivo.
Palavras-chave: Patrimônio. Maracanã. Iphan. Patrimônio esportivo

Introdução

A popularidade do futebol se justifica por sua prática disseminada, seja no próprio jogar ou na força das torcidas e, independentemente da importância ou significado de uma partida, um de seus principais personagens é o campo de jogo. O Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, é para muitos dos apaixonados pelo futebol um de seus maiores palcos. Relacionado a grandes feitos, o estádio é ora coadjuvante, ora protagonista na história do futebol brasileiro. Assim, o espaço que deve sediar os jogos recebendo atletas e torcedores pode ser um aspecto relevante para aqueles que estudam as narrativas históricas deste esporte.

A construção do Maracanã é certamente uma das obras marcantes do século XX no Brasil, tanto por seu valor arquitetônico/urbanístico, como pela associação aos discursos da modernização. Apesar de ser uma parte constitutiva do percurso de valorização do Maracanã enquanto símbolo aglutinador de uma suposta identidade nacional, o período de sua construção não compõe o aspecto principal dessa pesquisa. O objetivo desse estudo é analisar o processo de patrimonialização do Maracanã por seu valor histórico e cultural, a partir da iniciativa de tombá-lo na década de 1980 junto à Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Dessa forma, será preciso analisar critérios de seleção do patrimônio, assim como o contexto da política patrimonial nos anos 1980 para elucidar o que motivou tal projeto. Além disso, a intenção é compreender os elementos que implicaram no prolongamento deste processo inaugurado em 1983 e somente concluído em 2000 e na mesma medida provocar um debate

[1] Guilherme Moreira Gomes da Cruz, graduando em História (UFRJ), moreiraguilherme75@gmail.com.

sobre a imagem do Maracanã historicamente associada a seu apelo popular enquanto um bem público, monumento e patrimônio.

Por fim, uma análise da patrimonialização do Maracanã, além de verificar elementos das relações entre o futebol e sociedade, comunidade e patrimônio, serve também para destacar determinadas questões ainda em voga no esporte contemporâneo. A concepção atual de estádios marcada pela expansão das estruturas de arenas é um dos aspectos mais contemporâneos da transformação do futebol diante da otimização dos mecanismos de faturamento que tendem a inflacionar rendimentos e reproduzir uma desigualdade financeira entre clubes, federações e confederações.

Desenvolvimento

Ao analisar o Maracanã a partir de seu processo de tombamento parece simples relacioná-lo à narrativa nacional, já que o futebol se tornou um elemento bastante mobilizado nas buscas por representação nos assuntos da nação. No entanto, ao considerar o contexto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o desenvolvimento das práticas seletivas de um patrimônio, provavelmente a conexão entre o estádio e patrimônio não se estabeleça de maneira tão simples. A primeira fase de atuação da instituição é categórica por fundar as bases de uma tradição que seria rigorosamente fixada. Tradição essa instituída a partir da criação do órgão em 1937 e que privilegiava bens imóveis de estreita relação com a herança cultural lusitana, referenciada na arquitetura mineira e jesuítica.

> Esse patrimônio mineiro foi de tal forma reproduzido em revistas, jornais, mapas, folhetos, etc. que, multiplicando-se infinitamente, tornou-se ícone máximo de "brasilidade" na escala de valores que se impôs. O Sphan esteve, sem dúvida, aderido ao projeto de nacionalização implementado pelo Estado Novo, ao unificar uma escala hierárquica de valores patrimoniais a partir de um padrão de arte e arquitetura determinado pela produção mineira colonial (CHUVA, 2017, p.39).

Durante pelo menos quatro décadas as demandas e estratégias patrimoniais estiveram retidas sob a tutela do Estado e sua instituição responsável. Somente nas décadas de 1970 e 1980 que o cenário começava a mudar. Com a efetivação de novas ideias no campo das "práticas discursivas" estaria em voga um conceito de patrimônio restrito a uma concepção hierarquizada em relação à arte e à cultura. Cada vez mais novos agentes reivindicavam que seus patrimônios fossem reconhecidos, esses não tão imbricados a identidades nacionais, mas sim a questões particulares ligadas à vivência de grupos sociais de minorias e a outras produções culturais não privilegiadas anteriormente.

> Esse campo não só se expandiu como se diversificou e se tornou mais complexo, seja no plano institucional, seja no plano discursivo. Sem deixar de ser uma agência legitimadora e apoiadora fundamental, o Estado não mais exerce de forma impositiva e exclusiva as suas políticas de patrimônio, sendo obrigado a reconhecer e a lidar com uma série de outros atores sociais (GONÇALVES, 2012, p.64).

É neste contexto de expansão da esfera patrimonial, caracterizado pela apropriação do discurso da diversidade cultural em que o processo de tombamento do Maracanã está inserido. Em setembro de 1983 era noticiada a indicação de tombamento do Estádio Jornalista Mario Filho atribuída ao então secretário de cultura do MEC (Ministério da Cultura e Educação), Marcos Vilaça. Em entrevista aos jornais da época anexadas ao processo, ao defender a proposta ele afirmara que o Maracanã fazia parte de um conjunto de bens que mesmo detendo pouco valor histórico tem grande valor cultural e explicou que tombar o estádio seria uma "ajuda a deselitizar a concepção de cultura, que não é apenas o barroco, mas também o monumento contemporâneo". Surgiam então, a partir da abertura do processo outros argumentos de apoio e/ou crítica ao projeto. Vale destacar a preocupação evidente com o uso regular do estádio nesse período em meio a um cenário de deterioração e falta de manutenção. Portanto, o tombo além servir como um reconhecimento do valor cultural do estádio, funcionaria para alguns defensores da proposta como uma forma de proteção estrutural do imóvel ao propiciar investimentos em obras e a recuperação de seu prestígio.

Contudo, a proposta seria barrada pela Sphan explicitando sua falta de critérios para tombar um estádio, assim como no caso de outros bens tidos como não-tradicionais. Apesar do amplo estudo produzido por setores regionais da instituição, os dados foram considerados insuficientes e o processo esteve paralisado até a segunda metade da década de 1990. Com a especulação de possíveis obras no complexo esportivo e o alto risco de descaracterização da arquitetura, o processo seria resgatado com o intuito de preservar o estádio. E a partir da atualização das informações, por meio de novas vistorias e da fiscalização do Iphan, o processo avançou até ser discutido pelo Conselho Consultivo. E em dezembro de 2000, o Maracanã fora inscrito no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

Resumindo o processo em três etapas e analisando o que rege cada uma delas os seguintes aspectos podem ser destacados: a abertura tem como principal justificativa o contexto dos anos 1980 de expansão do campo patrimonial num movimento de valorização de bens até então tidos como "não-tradicionais"; a paralisação do processo teve como vetor a sacralização das tradições do Iphan, ainda em vigor apesar de algumas mudanças em sua atuação; e por último, a resolução do processo, tendo como motivação a proteção do estádio

por seu valor histórico-cultural frente ao risco de perdê-lo com as iminentes obras veiculadas pela imprensa esportiva.

Resultados esperados ou conclusão

Ainda que pensemos no encerramento desse trabalho como uma conclusão, é possível afirmar que o debate sobre patrimônios esportivos está apenas sendo inaugurado. Ao trabalhar com o Maracanã, um ponto talvez incontornável seja as transformações as quais ele foi submetido por conta de seu uso em megaeventos. Internamente sua estrutura foi reconfigurada restando apenas sua estrutura externa. Mesmo que se aceite que estádios e ambientes de aglomeração passem por medidas de conservação e atualização, seguindo inclusive novas normas de segurança, no caso do Maracanã o que se observa é a tentativa de construção de um novo estádio dentro de outro antigo.

Pode-se imaginar que de muitas formas isso impactou decisivamente na configuração de um espaço distinto, um híbrido no qual residem ao menos duas concepções de estádio, uma formulada na primeira metade do século XX e, outra, mais recente vinculada aos estádios do tipo arena. O que chama a atenção para a patrimonialização desse tipo de objeto é que seu valor está além de sua forma, ele está centrado num conjunto que passa pela disposição de seus setores e vai até a memória dos torcedores, atletas, moradores da região, ambulantes, ocasionando uma intensa relação de identificação que está mais associada ao funcionamento do estádio e suas dinâmicas internas do que ao enaltecimento de suas qualidades arquitetônicas externas.

Portanto, a patrimonialização de instalações esportivas deve funcionar de acordo com critérios específicos levando em conta a relação construída entre a comunidade e esses espaços, que além de deter valores determinados por aspectos esportivos ainda podem concentrar valor arquitetônico, histórico ou paisagístico. Longe de reforçar a ideia de banalização dos patrimônios, este estudo voltado para patrimônios esportivos é fundamentado pelas disputas entre fatores tradicionais e novos elementos no esporte. Ademais, o meio esportivo passa por uma transição direcionada ao entretenimento e às imposições do sistema financeiro, corroborando para o debate sobre estruturas esportivas mais antigas e de menor potencial de rentabilidade. A discussão deve funcionar como o lugar de produção dos mecanismos que tornarão possível uma mediação sustentável entre os antigos e os novos elementos no esporte.

Referências

CHUVA, Marcia Regina Romeiro. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2017.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo:* trajetória da política federal de preservação no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde*: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela Maria; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Antropologia e Patrimônio Cultural*: trajetórias e conceitos, Brasília, Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

HOLZMEISTER, Antonio. *A nova economia do futebol:* uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em antropologia social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. *Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 9-28, janeiro-abril/2016.

MASCARENHAS, G. Do campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol. *Revista Textos escolhidos de cultura e arte populares*, out. 2007

MELO, Victor Andrade de; FONSECA, Vivian Luiz; PERES, Fabio Faria. Patrimônio esportivo: um tema de investigação. *Projeto História*, São Paulo, v. 59, p. 261-284, abr.-jul. 2017.

MOTTA, Lia. *Patrimônio urbano e memória social:* práticas discursivas e seletivas de preservação cultural, 1975 a 1990. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro*: Ed. FGV, 1998.

TAVERES, Ana Beatriz et al. Estádio Maracanã: percepções a partir da reconstrução arquitetônica de 2010. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 2, p. 205-212, 2018.

ESTÁDIOS DE FUTEBOL NO CENTRO-OESTE: HISTÓRIA EM QUATRO FASES

Fábio Santiago Santa Cruz[1]

Resumo
O campo de jogo é essencial para a prática futebolística. E esse espaço, ao ser melhorado, se transforma em um ambiente característico: o estádio de futebol, que se assemelha a estádios usados para outros esportes, mas que também possui características exclusivamente suas. Na região Centro-Oeste do Brasil, os estádios de futebol começaram a ser construídos na década de 1920 e, nas décadas seguintes, se proliferaram, demonstrando a importância alcançada pelo futebol naquela região. Este trabalho é um fragmento, com algumas adaptações, de um livro recentemente publicado sobre o futebol no Centro-Oeste do Brasil, de minha autoria.
Palavras-chave: Estádios. Futebol. Centro-Oeste.

Introdução

Desde que o futebol começou a ser praticado, surgiu a necessidade de reservar espaços para os campos de jogo. Em seguida, os futebolistas demonstraram interesse em algo maior do que simples campos. Queriam construir estádios. Não foi diferente na região Centro-Oeste do Brasil, que conhece o futebol desde a primeira década do século XX.

Quanto mais interesse havia por aquele esporte, mais se falava no assunto. Em 1930, por exemplo, foi organizada na cidade de Goiás uma *lista pró-estádio*, que tinha à frente o Comitê Feminino Pró-Estádio. Década após década, esse espírito "pró-estádio" se manteve majoritário no Centro-Oeste. E com fases de maior intensidade, que marcaram a história do futebol na região.

Este trabalho é um fragmento, com algumas adaptações, de um livro recentemente publicado sobre o futebol no Centro-Oeste do Brasil, de minha autoria.

Desenvolvimento

A proliferação dos estádios de futebol pelo Centro-Oeste no século XX, iniciada na década de 1920, passou por quatro fases e adentrou o século XXI.

A primeira fase, que durou até o fim da década de 1930, foi a da construção dos primeiros estádios. Eram pouco confortáveis e até inseguros. Apesar de serem um tanto improvisados e precários, estavam um patamar acima dos campos que não possuíam qualquer

[1] Fábio Santiago Santa Cruz, doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB), docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG). f.santa.cruz@hotmail.com

infraestrutura em torno do gramado onde se disputavam as partidas. Foram estádios erguidos pelos primeiros clubes de futebol a ganhar maior importância em Mato Grosso e em Goiás. Clubes que, naquela época, ainda não tinham condições de fazer investimentos de grande monta.

A segunda fase foi a da construção dos estádios de maior porte (décadas de 1940, 1950 e 1960), que se tornaram símbolos do desenvolvimento futebolístico goiano, mato-grossense e brasiliense. Os dois primeiros foram construídos com relevante apoio governamental nas capitais de Goiás e Mato Grosso. O Estádio Olímpico Pedro Ludovico Teixeira, na cidade de Goiânia, passou a ser usado no início da década de 1940, mas sem "um jogo específico que possa determinar a inauguração do estádio" (Futebol de Goyaz, 2016), segundo o projeto Futebol de Goyaz. Foi um estádio "construído e entregue por partes" (Futebol de Goyaz, 2016). Já o Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra (chamado de "Dutrinha") foi inaugurado no ano de 1952 em Cuiabá.

A Federação Desportiva de Brasília (FDB), poucos anos após ser fundada, reuniu apoiadores e capitais para construir o seu próprio estádio, que foi inaugurado em 1965. "Hoje, fincamos um novo marco na história do esporte brasiliense" (Correio Braziliense, 21.04.1965, p.14), declarou um jornalista no dia da inauguração. O novo estádio, que ficou conhecido como Pelezão, sediou jogos importantes do futebol brasiliense e chegou a ser incluído, pela revista *Placar*, entre os "principais estádios brasileiros" (Placar, 02.04.1976, p. 32). Naquele mesmo ano de 1965, foi inaugurado em Anápolis o Estádio Jonas Duarte, que é usado até hoje pelo Anápolis e pela Anapolina, os dois principais clubes de futebol da cidade.

Construir estádios de maior porte era uma necessidade, pois crescia sem parar o interesse pelo futebol e o público presente aos jogos. Ao mesmo tempo, era a oportunidade de erguer mais um monumento que simbolizasse o progresso esportivo e urbano de uma cidade ou de um Estado. Progresso se tornou uma ideia fundamental do Brasil após a Revolução de 1930.

A terceira fase foi a dos estádios grandiosos construídos durante a década de 1970. Eram símbolos do "Brasil Grande" que o ufanismo do Regime Militar propagandeava. Obras de dimensões enormes e de elevado investimento. Na região Centro-Oeste, o primeiro estádio a ser construído de acordo com esses padrões de grandiosidade do Regime Militar foi o Morenão, da cidade de Campo Grande, no sul do Estado de Mato Grosso. Foi inaugurado em 1971 como parte da Universidade Estadual de Mato Grosso (atual UFMS). Os cuiabanos,

contrariados, criticavam o governo e diziam que o mais apropriado era construir aquele estádio na capital. Um parlamentar, na Assembleia Legislativa do Estado, assim se manifestou:

> Cuiabá é a sede da FMD, Cuiabá é a cidade-mãe do futebol. É Cuiabá e não Campo Grande! É aqui que se pratica mais o futebol. [...] Chega de tapeações ao povo de Cuiabá. Chega (MÁRIO, 2014, p.78).

Depois foi construído um novo estádio em Brasília, que inicialmente recebeu o nome de Estádio Governador Hélio Prates da Silveira (apelidado de Silveirão). A inauguração se deu em 1974 e, alguns anos depois, o estádio teve o nome mudado para Mané Garrincha. Chegou a ser chamado também de Melezão (Placar, 28.02.1975, p. 56), em razão do *melê* provocado pelas denúncias de irregularidades referentes à construção do estádio. *Melê* significa confusão.

Em 1975, foi inaugurado o Estádio Serra Dourada, na capital de Goiás. Mais de 70.000 pessoas estavam presentes no jogo inaugural entre a seleção portuguesa e a seleção goiana.

> E a festa foi bonita: os portões do Serra Dourada foram abertos ao meio-dia e quase que imediatamente as arquibancadas se encheram de torcedores curiosos em ver a tão decantada obra do governo goiano, construída em tempo recorde (PLACAR, 21.03.1975, p.31).

Os goianos imaginavam que o novo estádio teria impacto extremamente positivo sobre o futebol profissional do Estado. Não se frustraram. Até hoje o Serra Dourada é motivo de orgulho para os habitantes de Goiânia. A revista *Placar*, com algum exagero, chegou a dizer, em 1976, que o Serra Dourada havia ajudado a "colocar o futebol goiano entre os maiores do país" (Placar, 25.06.1976, p. 37).

Em Cuiabá foi construído o Estádio José Fragelli, mais conhecido como Verdão. O apelido tinha origem na denominação "Cidade Verde", que a capital de Mato Grosso ostentava. Era um "moderno estádio de futebol, com capacidade para acomodar, sentada, metade da população da cidade" (Placar, 23.04.1976, p. 59). A conclusão das obras estava prevista para 1975. Porém, houve atraso e o estádio foi pré-inaugurado (em março de 1975) e depois inaugurado oficialmente (em abril de 1976). No dia dessa segunda inauguração, as obras ainda não haviam chegado ao fim. Além disso, naquele mesmo dia faltou água nos vestiários e os altos falantes, considerados muito modernos, pifaram. Os cuiabanos, apesar desses problemas, estavam satisfeitos. A reivindicação da capital havia sido atendida. Assim como Campo Grande, Cuiabá também tinha, a partir de então, o seu próprio estádio de grandes dimensões.

O caso do Distrito Federal na segunda metade da década de 1970 merece ser destacado. Após ser convencido de que os estádios Pelezão e Silveirão (futuro Mané Garrincha) não haviam contribuído como se esperava para desenvolver o futebol brasiliense (porque não haviam estimulado o futebol nas cidades-satélites), o governador Elmo Serejo decidiu construir

novos estádios, mas dessa vez em locais mais afastados da região central de Brasília. Foram construídos cinco estádios em menos de dois anos. Situados no Guará, no Gama, em Taguatinga, em Sobradinho e em Planaltina. O de Taguatinga ganhou o nome do próprio governador e foi apelidado de Serejão. Para o futebol dessas regiões periféricas do Distrito Federal, foi um alento. Clubes e torcedores sentiram-se mais valorizados e estimulados a buscar maior desenvolvimento esportivo.

A quarta fase foi a da reforma dos estádios na década de 2010. Duas cidades do Centro-Oeste (Brasília e Cuiabá) foram escolhidas para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014. Essas duas cidades, por exigência da FIFA, precisavam reformar os seus principais estádios (o Mané Garrincha e o Verdão). Em Cuiabá, o Verdão foi inteiramente demolido e reconstruído. Ganhou novo nome: Arena Pantanal. Quase aconteceu o mesmo com o Mané Garrincha. Seu novo nome seria Estádio Nacional de Brasília. Parte considerável da sociedade brasiliense reagiu. Queria preservar o nome Mané Garrincha (que foi preservado, afinal).

As obras tiveram custos altíssimos e provocaram graves críticas. Mesmo assim, o chamado Padrão FIFA passou a ser a nova referência de qualidade dos estádios brasileiros. Adaptar-se o quanto fosse possível àquele padrão tornou-se quase uma obrigatoriedade. Em algumas cidades, os estádios que não se aproximassem do tal Padrão FIFA passaram a ser considerados obsoletos demais para sediar jogos de futebol profissional. A *era dos estádios* havia chegado ao fim. O Brasil havia ingressado na *era das arenas*. Passaram a ser discutidos, então, projetos para a reforma de estádios na região Centro-Oeste e, em alguns desses estádios, foram realizadas obras de melhoramento.

Os críticos diziam que os estádios da Copa do Mundo poderiam se tornar *elefantes brancos*, ou seja, monumentos inúteis, apesar do seu custo e tamanho. Advertiam que o futebol de Cuiabá, por exemplo, não teria condições de atrair público suficiente para sustentar um estádio como a Arena Pantanal. Dito e feito. A BBC Brasil revelou, em reportagem de 2017, que o estádio Mané Garrincha tinha "um prejuízo anual de mais de R$ 6,4 milhões". (BBC, 12.06.2017) A Arena Pantanal, segundo o próprio secretário-adjunto de Educação e Esporte do Estado de Mato Grosso, era insustentável:

> Nós temos aqui alguns times, mas eles não têm torcida muito grande. Não dá para bancar com os jogos. E para os shows, não tem público para encher. A gente faz shows nacionais aqui de 10 mil pessoas, é pequeno para uma arena de 40 mil. Construíram um estádio desse que não tem como ter renda (BBC Brasil, 12.06.2017).

O caso de Goiânia é interessante. Após a reforma do Estádio Olímpico Pedro Ludovico Teixeira em 2016, a cidade passou a ter não apenas um, mas dois estádios de qualidade superior

(ambos administrados pelo governo estadual). Além disso, três dos principais clubes da capital possuíam estádios próprios. O Estádio Onésio Brasileiro Alvarenga (do Vila Nova), o Estádio Antônio Acioly (do Atlético Goianiense) e o Estádio da Serrinha (do Goiás). Esses três últimos não são estádios de grandes dimensões, mas podem ser usados para sediar vários jogos. Inevitável, então, o questionamento: se os clubes consideravam indispensável construir seus próprios estádios privados, por que razão o Estado assumiu o ônus de construir o Estádio Serra Dourada e reformar o Estádio Olímpico? Algumas respostas são possíveis. Para que a cidade possa sediar jogos de maior importância, que atraem enorme público. Para simbolizar o progresso local. Para favorecer interesses empresariais (e outros) envolvidos nessas obras de construção e reforma.

Os grandes estádios, enfim, se impuseram, por todas essas razões e outras. E não só em Goiânia.

A presença grandiosa desses monumentos nas principais cidades do Centro-Oeste evidencia a importância que o futebol alcançou na região e deixa claro o prestígio desse esporte para a sociedade goiana, brasiliense, mato-grossense e sul-mato-grossense.

Conclusão

O uso de dinheiro público para a construção ou reforma de estádios de futebol é criticada desde a época do Regime Militar. Joelmir Beting, em 1972, escrevia na *Folha de São Paulo*:

> E o zé-povo baba de orgulho com o "Trapichão", com o "Morenão", com o "Romeirão" e com o "Batistão", num país que ainda rumina a falta do cano d'água e de esgoto em 60 de cada 100 lares brasileiros (FOLHA DE SÃO PAULO, 23.05.1972, p. 19).

O babar de orgulho do zé-povo, não a racionalidade fria do comentarista, foi o que predominou. Porque as pessoas comuns não vivem de acordo com estatísticas socioeconômicas, mas sim com o que sentem cotidianamente. E o que sentem é muito mais emocional do que racional.

Emocional é o que sentem muitos brasileiros pelo futebol. Tratam-no, em alguns casos, com afeto notável. Quase uma religião. Alguns, de fato, fazem dele seu amor maior e sua máxima religião. Isso é dito, percebido e tem consequências.

Estádios são templos onde torcedores cultuam esse esporte amado. E não faltam estádios no Centro-Oeste.

Referências

BBC. Disponível em: www.bbc.com/portuguese Acesso em: 01 dez. 2019)

Correio Braziliense (Brasília-DF)

Folha de São Paulo (São Paulo-SP)

Futebol de Goyaz. Disponível em: www.futeboldegoyaz.com.br Acesso em 01 dez. 2019)

MÁRIO, Jones. *Gigante de Chumbo*: a construção do Estádio Morenão e sua relação com a ditadura militar. Campo Grande, 2014.

Placar (Brasil)

IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO: O CHOQUE DO NOVO MARARACANÃ PARA O TORCEDOR

Matheus Melgaço[1]

Resumo
Não há quem não seja impactado pelo Maracanã. Seja o apaixonado pelo futebol, o frequentador de eventos ou simplesmente o transeunte da Zona Norte do Rio de Janeiro. Todos são afetados pelo imponente estádio no meio de um bairro residencial. Em sua última reforma, para os megaeventos esportivos ocorridos no Brasil, ele passou por grandes transformações, do ponto de vista arquitetônico e cultural. E é à luz destas recentes mudanças que o objetivo deste artigo é discutir como a representação do estádio, construída ao longo de décadas, é confrontada, neste momento, com um novo Maracanã e as dinâmicas sociais que se impõem a partir de então.
Palavras-chave: Maracanã. Imaginário. Megaeventos.

Introdução

Não há quem não passe pela Avenida Radial Oeste e não perceba o Maracanã. Seja pelo engarrafamento que ocorre em dias de jogos ou pela imponência em uma área predominantemente residencial. Dos que já foram ao estádio, têm de todos os perfis: desde ferrenhos torcedores de futebol à grupos religiosos. Neste sentido, mais que um espaço, seja para os moradores do bairro ou frequentadores, o Maracanã tornou-se um lugar, na medida em que se atribui significado, afetividade e valor (TUAN, 1983).

Diante deste contexto, a finalidade deste artigo é investigar o imaginário que o frequentador do estádio, de um modo geral, e o torcedor de futebol, em particular, criou do antigo Maracanã e como ele é confrontado com o novo Maracanã, que surge após a reforma para os megaeventos ocorridos no Brasil. No que tange os megaeventos e seus impactos, considero a argumentação desenvolvida por Freitas (2011), que leva em consideração os meios de comunicação de massa para a análise deste fenômeno. Neste sentido, o autor entende que os megaeventos compõem o imaginário urbano, redesenham a cidade se inscrevendo no cotidiano das pessoas. Sendo assim, pensar de que modo a construção do novo Maracanã afetou a representação do estádio no imaginário dos torcedores significa mexer em um terreno recente e ainda pouco explorado.

[1] Matheus Melgaço é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ). Formado em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – matheuspaulomelgaco@gmail.com.

Desenvolvimento

Mais do que para sediar a Copa do Mundo de 1950, o Estádio Jornalista Mário Filho teria a função de engrandecer o nacionalismo e a identidade nacional do país (ANTUNES, 2004). Ao lado dos jogos de futebol, os inúmeros eventos que ocorreram no estádio também foram os responsáveis pela construção de sua representação no imaginário social. Tendo, sobretudo, a geral, o setor mais popular do antigo Maracanã, um lugar cativo na memória dos torcedores. Ainda que sem cadeiras e insalubre, a geral do Maracanã era notadamente conhecida por democratizar o acesso ao futebol dentro do estádio. Desta forma, com suas particularidades em relação aos outros setores do estádio, a geral se configurava a partir de novas formas de estar-junto, onde havia um culto a onipresença do sensorial, do emocional, tornando-se o vínculo social mais carnal que cerebral (MAFESSOLI, 2007). Fato que foi brutalmente modificado, se levarmos em conta que a geral foi substituída pelo que hoje é uma das cadeiras mais caras do estádio para se assistir futebol[2].

Diante disto, Hall (2016) nos chama atenção para as dinâmicas que surgem a partir da construção de significados entre o objeto e o sujeito. Sendo esta o plano de fundo para entendermos como funcionam as representações.

> Representação conecta o sentido a linguagem e a cultura [...] representação é parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma mesma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos (HALL, 2016, p.31).

Sendo assim, é possível perceber, portanto, que tanto os eventos quanto os jogos de futebol foram fundamentais para solidificar a relação entre o Maracanã e o torcedor. Envolvendo as inúmeras experiências positivas vividas naquele lugar. Vividas de forma tão intensa que nem mesmo as experiências negativas foram capazes de afastar o apelido de Templo do Futebol. Termo que se remete ao sagrado, imaculado. Neste caminho, não podemos deixar de considerar que o Maracanã se mostrou, na história do Brasil, um dos principais palcos para a materialização da cultura brasileira por meio do futebol (ANTUNES, 2004). Com isso, foi tendo o Maracanã como plataforma principal do futebol, que a sociedade pôde experimentar

[2] Aqui, é possível pensarmos como as práticas corporativas dentro do futebol modificam culturas e modos de ser. Apesar de todo o lado "negativo" que a geral tinha, ela estava mais próxima do jogador e dos técnicos. O que permitia xingamentos aos jogadores e técnicos em alto e bom som. Contudo, com o modelo empresarial na gestão do futebol, assistir ao jogo em um setor perto do campo significa estar mais próximo da experiência, do espetáculo futebol. Isto significa pagar o quanto mais caro seja possível de acordo com o contexto da partida e seu valor de mercado.

e presenciar um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade (HELAL, 1997).

Entretanto, nas últimas décadas, foi possível acompanhar um intenso debate entre diversos setores da indústria esportiva acerca das exigências de adequação de práticas corporativas dentro dos clubes brasileiros. Debate este que se remodela e entra em vigor de tempos em tempos com novos exemplos e narrativas. No entanto, o que não muda em torno desta "polêmica" é a ideia da coexistência do "moderno" e do "tradicional" no futebol. "Moderna" seria a administração alinhada aos conceitos do modelo empresarial, já a "tradicional" seria aquela onde se destacam o "amor à camisa", as relações interpessoais, a troca de favores e o modelo paternalista (HELAL, 1997).

Como é possível analisarmos, após a construção dos doze[3] estádios para a realização da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, esta coexistência entre o que é considerado "moderno" e "tradicional" dentro dos clubes de futebol, também se estendeu para os equipamentos esportivos. Após estas construções, havia os estádios considerados "modernos" e os "tradicionais". Movimento que na época gerou amplo debate acerca do Maracanã e da necessidade que parte da opinião pública entendia em "modernizar" o estádio, calcados, sobretudo, nas exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Fato é que após sua reforma em 2013, o estádio se insere como "moderno" no cenário esportivo brasileiro. Deste modo, é importante ressaltar que estar em uma lógica dita como "moderna", significa adicionar o principal estádio do país, em uma lógica de mercado. Assim, espaços que antes eram ditos como públicos e, portanto, orientados a partir de uma lógica sociocultural passam a ter, de acordo com Canclini (2004), o lucro como atividade principal. E com isso, novas dinâmicas sociais são conformadas a partir daí.

A fim de entender os movimentos que culminaram no novo Maracanã, classifico o período de 2005[4] a 2013[5] como um período de virada mercadológica. Fato que não engloba somente o Maracanã, mas também o cenário esportivo brasileiro, envolvendo os clubes e a mídia, no qual é possível destacar: 1) a concessão da administração do Maracanã à iniciativa privada; 2) o "movimento" de profissionalização e rentabilização de receitas entre os clubes de

[3] Os doze estádios são: Arena Manaus, em Manaus; Mané Garrincha, em Brasília; Estádio do Mineirão, em Minas Gerais; o Maracanã, no Rio de Janeiro; Estádio das Dunas, em Natal; Estádio do Castelão, em Fortaleza; Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre; Arena Pernambuco, em Recife; Arena Pantanal, Cuiabá; Arena Fonte Nova, Salvador; Arena Corinthians, São Paulo; Arena da Baixada, em Curitiba.

[4] Fechamento do estádio para a reforma dos Jogos Pan-Americanos.

[5] Abertura do estádio após a reforma para a Copa das Confederações.

futebol[6]; 3) a construção de novas arenas esportivas para a Copa do Mundo; 4) o projeto de cidade desenvolvido no Rio de Janeiro para os megaeventos, onde Maracanã está inserido; 5) a consolidação da pauta "futebol e negócios" nos veículos de comunicação, sendo uma pauta que passa a movimentar discussões extracampo[7].

Assim, a partir destes fatores, se configura o estabelecimento de novas práticas e relações sociais com os atores que lidam com o Maracanã. Situação que afeta a representação que o torcedor possui do Templo do Futebol. Pois, se por um lado há, com a iniciativa privada, a pressão em se ter um estádio lucrativo, há também, por parte dos torcedores e de parte da opinião pública, a pressão por um Maracanã cujo acesso seja popular, como se deu durante toda sua história.

Conclusão

Dada a importância histórica que o Maracanã adquiriu, quando há competições nacionais e internacionais de futebol sediadas em território brasileiro não há dúvidas sobre qual estádio será o palco da final[8]. Esta notoriedade e importância foi construída, ao longo de décadas, com a aglutinação de múltiplas identidades e perfis, dotando o estádio de afeto, superstições e memórias. Assim foi moldado o Maracanã no plano das representações: como um estádio popular. Por isso o apelido Templo do Futebol. Remetendo-se a um lugar sagrado para a prática esportiva, um palco imaculado onde grandes jogadores, igualmente idolatrados por torcedores, pisaram. A elevação do Maracanã a este patamar faz com que sua materialidade ganhe um novo sentido, para além dos resultados práticos dentro de campo.

Por fim, como vimos brevemente, na esteira do debate que mobiliza os clubes brasileiros acerca do que é entendido como "moderno" e tradicional", no que tange as práticas administrativas, esta também adentrou, em decorrência da Copa do Mundo ocorrida no Brasil, para os equipamentos esportivos. Ao modificar, do ponto de vista arquitetônico e, consequentemente, cultural, o Maracanã, este mudou sua relação com os torcedores de maneira brutal. Novas dinâmicas sociais foram conformadas a partir daí, tendo o fim da geral como uma das principais mudanças. Em virtude deste novo cenário, surgem inúmeros desafios para este

[6] Destaco a criação do Movimento Por um Futebol Melhor cujo objetivo foi consolidar os programas de sócio-torcedor dos clubes de futebol do Brasil. Sendo mais uma iniciativa por parte dos clubes e marcas parceiras para gerar novas receitas.

[7] Aqui, percebemos que neste período a escolha dos diretores de futebol e marketing se tornam relevantes e geram discussões tanto nas mesas esportivas dos canais de televisão quanto entre os torcedores. Contribuindo para um debate macro entre futebol e negócio.

[8] Considerando a final, em um evento de futebol, o ápice do espetáculo. Onde atrai os olhos atentos de todos.

novo Maracanã, na medida em que a representação que o torcedor construiu do estádio é brutalmente confrontada com um cenário mercadológico. Fato que não é exclusividade do Maracanã, mas também dos outros tradicionais estádios brasileiros que foram reformados para a Copa do Mundo de 2014.

Analisar este fenômeno significa compreender de que maneira as práticas mercadológicas, que hoje são entendidas como necessárias para o futebol moderno, modificam culturas e modos de ser enraizados no futebol brasileiro. Sendo estas necessárias, muitas vezes, para a própria sobrevivência do futebol. Significa, sobretudo, à luz do Maracanã e suas transformações, entendermos o papel do futebol para a sociedade brasileira.

Referências

ANTUNES, Fatima Martin R. Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa!":* futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 304 p. v. 1.

CANCLINI, Néstor G. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

FREITAS, Ricardo F. Folia, mediações e megaeventos: breve estudo das representações do carnaval nos jornais cariocas. *E-compós,* Brasília, v.11, n.1, jan,/abr, 2008. Disponível em: www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=242 Acesso em: 19 de junho de 2019.

FREITAS, Ricardo. Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2011, Porto Alegre. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2011, p.1-12.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2016.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. 1. ed. [S.l.]: Editora Vozes, 1997. p.133

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

“DOMINGO EU VOU AO MARACANÃ”: PERTENCIMENTO(S) E RIVALIDADE(S) EM PALCO NEUTRO

Thalita Neves[1]

Resumo
Pertencente ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e hoje administrado em parceria com o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Football Club, o Maracanã pode ser considerado um palco neutro para as agremiações cariocas, embora sob a ótica torcedora seja esta a casa do time de maior torcida do país. É com base nesse panorama que este artigo pretende refletir sobre o pertencimento clubístico do Clube de Regatas do Flamengo em relação ao Estádio Maracanã e a construção simbólica em torno desse palco supostamente neutro que abrigou conquistas significativas dos quatro principais clubes do Rio de Janeiro. A metodologia desta análise abrange revisão bibliográfica e estudos de caso envolvendo disputas emblemáticas dos times do Vasco, Fluminense e Botafogo em ocasiões nas quais foram mandantes nesse estádio.
Palavras-chave: Maracanã. Pertencimento. Rivalidade.

Introdução

Em 16 de julho de 2020 o Maracanã (Estádio Jornalista Mário Filho) completou 70 anos de existência. O estádio, que leva em seu nome a figura de um dos maiores entusiastas de sua construção, foi inaugurado ainda em fase de obras, vindo a ser “batizado” com o *Maracanazzo* da Copa do Mundo de 1950. Desde então, consolidou-se como o palco mais emblemático da Seleção Brasileira, sediando conquistas expressivas, como duas Copas América (1989 e 2019), uma Copa das Confederações (2013) e uma medalha de ouro Olímpica (2016). O popularmente conhecido “Maraca” é o único estádio do mundo que sediou duas decisões de Mundiais (1950 e 2014) e uma abertura de Olimpíada (2016).

Pertencente ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e hoje administrado em parceria com o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Football Club, o estádio pode ser considerado um palco neutro para as agremiações cariocas, embora sob a ótica torcedora seja esta a casa do time de maior torcida do país. Inclusive, um dos mais famosos refrões rubro-negros ostenta: “Há-Há Hu-Hu o Maraca é nosso”. Foi também esse um dos slogans do movimento torcedor contra a privatização do estádio em 2013, a qual consolidaria o projeto FIFA de “arenização” (CASTRO, 2016; MASCARENHAS, 2013; SIMÕES, 2017) dos estádios brasileiros para as disputas da Copa das Confederações daquele ano e da Copa do Mundo no ano seguinte, bem como dos Jogos Olímpicos de 2016.

[1] Thalita Neves. Bacharela em Jornalismo (UFOP), Mestra em Jornalismo (UFSC) e doutoranda em Comunicação (UERJ). thalitanevesufop@gmail.com.

Então reformado para megaeventos esportivos, o Maracanã, construído para abrigar 170 mil torcedores em 1950, teve sua capacidade gradativamente reduzida para 65 mil pagantes. Quanto aos "superpúblicos" do Maraca, um levantamento feito pela RSSS Brasil (REC.SPORT.SOCCER STATISTICS FOUNDATION, 2020) mostra que a seleção brasileira ultrapassou a marca de 100 mil espectadores no estádio em 37 partidas. No entanto, o recorde em número de partidas com centenas de milhares de torcedores é dos clubes cariocas: 112 do Flamengo, 72 do Vasco da Gama, 57 do Fluminense e 43 do Botafogo.

É com base nesse panorama que se esboça o artigo aqui proposto, na intenção de refletir sobre o pertencimento do Clube de Regatas do Flamengo em relação ao Estádio Maracanã e a construção simbólica em torno desse palco supostamente neutro que abrigou conquistas significativas dos quatro principais clubes do Rio de Janeiro. A metodologia desta análise abrange revisão bibliográfica e estudos de caso envolvendo disputas emblemáticas dos times do Vasco, Fluminense e Botafogo em ocasiões nas quais foram mandantes nesse estádio.

Desenvolvimento

Entre torcedores e imprensa esportiva, são comuns os comentários de que no Rio de Janeiro o "Flamengo não tem rival", mas que, em contrapartida, os outros três grandes clubes cariocas veem o rubro-negro como principal ameaça. Essas relações jocosas (GASTALDO, 2010) permeiam o futebol como um todo, traçando disputas paralelas fora de campo em forma de apostas, brincadeiras e zombarias. Um exemplo é o que dizem vascaínos, botafoguenses e tricolores em uníssono sobre o maior rival, ironizando o fato de o Flamengo, clube de maior torcida no país, não ter estádio próprio. Contudo, a réplica dos flamenguistas é bem embasada, tendo em vista a expressividade das conquistas rubro-negras em comparação aos títulos dos rivais.

Além disso, outro trunfo do clube se refere à fidelidade de sua numerosa torcida espalhada por todo o território brasileiro, o que contribui para reforçar o estereótipo de "clube do povo" comumente atrelado ao rubro-negro. Na tese *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular*, Coutinho (2013) investiga os fatores que contribuíram para a popularidade e abrangência nacional do clube rubro-negro a partir do período de implantação do regime profissional na agremiação, entre os anos de 1933 e 1955, demonstrando que o estereótipo de clube do povo somente se consolidou após a profissionalização da equipe, elitista à época de sua fundação: "O Flamengo,

clube do povo, da paixão ensandecida, o mais querido do Brasil, era, até meados dos anos 1930, o clube da 'fina flor' carioca, o clube da força de vontade" (COUTINHO, 2013, p. 31).

A dissertação de Ferreira (2013), *"Flamengo, time de favelado!": Representações sociais do Flamengo na mídia impressa dos anos 1930 aos 1960*, analisa período semelhante ao abordado por Coutinho, investigando a construção das representações sociais sobre o clube por seus torcedores e de outros times a partir da instalação física de sua sede na década de 30, junto à comunidade (favela) da Praia do Pinto, o que, segundo o autor, contribuiu para a constituição do estereótipo de popularidade que o time carrega até os dias de hoje. Essa construção se reflete claramente nas arquibancadas do Maracanã, por meio de faixas, bandeiras e cantos de torcida, muito embora a representatividade das camadas populares no estádio seja ínfima atualmente, evidenciando uma contradição que também é comum nas demais arenas do futebol brasileiro.

Nesse sentido, chama atenção a configuração dos estádios enquanto lugares simbólicos habitados pela experiência e sociabilidade humanas, nos quais aspectos subjetivos como pertencimento(s) e rivalidade(s) se dimensionam conforme esses espaços são habitados, vividos e socialmente experienciados pelo público (DAMO, 1998; HELAL, 1997). Essas dimensões, segundo Pietro e Viana (2009, p. 99), "se apresentam na diferenciação de quando o Maraca é nosso e quando o espaço é território de outro, ou seja, quando uma determinada torcida se territorializa, simbolicamente, no espaço e quando ela é desterritorializada dele nos jogos de competição clássica". É justamente essa a disputa que se dá em torno dos quatro grandes clubes cariocas e suas relações com o Maracanã.

Resultados esperados

Com o desenvolvimento deste trabalho, espera-se contribuir para as discussões sobre a simbologia do Estádio Jornalista Mário Filho enquanto monumento histórico e social que compõe a paisagem urbana do Rio de Janeiro, inclusive destacando-se como ponto de visita obrigatória para os turistas, mesmo aqueles que sequer se afeiçoam ao futebol. Conforme Pietro e Viana (2009, p. 97), "todas as cidades dispõem de territórios que sintetizam valores, imagem e imaginário concernente à vida pública e urbana de seus espaços", de modo que o Maracanã representaria um "território-síntese" do espaço urbano carioca em toda a sua complexidade.

Tanto é que, mesmo com domínios próprios, algumas das conquistas mais expressivas de Vasco, Fluminense e Botafogo foram disputadas no Maracanã, assim como outras partidas icônicas envolvendo os três rivais diretos do Flamengo, que por sua vez ostenta o mando nesse

suposto palco neutro. Vem daí o objetivo principal deste trabalho, que é refletir sobre o pertencimento clubístico do Flamengo nesse estádio que já sediou diversos títulos dos times rivais. O Vasco, por exemplo, embora tivesse seu estádio inaugurado em 1927, reservou ao Maracanã alguns dos momentos mais exitosos de sua história, como o Brasileiro de 1974, o Mundial de Clubes de 2000 e também aquele que foi o primeiro título de um clube carioca no estádio, o Campeonato Estadual de 1950.

O Fluminense, por sua vez, teve o Estádio das Laranjeiras como palco para a maioria dos seus jogos no século passado. Porém, o estádio inaugurado em 1919 não tem infraestrutura compatível para abrigar grandes jogos. Entre algumas das partidas mais expressivas do tricolor no Maracanã destacam-se os títulos dos Campeonatos Brasileiros de 1970 e 1984, o vice-campeonato da Libertadores de 2008 e o polêmico clássico do "gol de barriga" de Renato Gaúcho contra o Flamengo, na conquista do Campeonato Carioca de 1995, gol este oficialmente anotado para o meia Aílton.

Já o Botafogo, embora priorize o mando de campo no Estádio Nilton Santos desde sua inauguração em 2007, também reúne feitos gloriosos no Maraca, como a improvável conquista da Copa Conmebol de 1993, o título Brasileiro de 1995 e o vice-campeonato da Copa do Brasil de 1999, disputado contra o Juventude naquela que foi a última ocasião em que o Maracanã recebeu mais de 100 mil pessoas. Isso evidencia a dimensão simbólica desse espaço que, a despeito dos custos elevados para os clubes que desejam mandar jogos no estádio pós-reforma – os quais nem sempre são cobertos com a bilheteria – ainda soa imponente, épico e monumental.

Referências

CASTRO, Demian Garcia. *"O Maraca é Nosso!": elitização do futebol, neoliberalização da cidade e lutas sociais em torno do Maracanã*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COUTINHO, Renato. *Um Flamengo grande, um Brasil maior:* o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1930-1955). 2013. 196 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

DAMO, Arlei. *Para o que der e vier:* o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FERREIRA, Guilherme. *"Flamengo, time de favelado!":* Representações sociais do Flamengo na mídia impressa dos anos 1930 aos 1960. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Mana,* Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses:* futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 10, p. 142-170, 2013.

PIETRO, Gustavo. Juliana, VIANA. "*Há-Há Hu-Hu o Maraca é nosso*": uma análise do espaço público e das territorialidades do Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã), Neue Romania, 39, 2009.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *Clientes versus Rebeldes*: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

NOVO MARACANÃ: ARENIZAÇÃO E O EMBATE ENTRE NOVAS E VELHAS FORMAS DE TORCER

Fábio Daniel Rios[1]

Resumo
Neste trabalho, apresento alguns resultados obtidos em minha tese de doutorado, na qual investiguei a relação dos torcedores do Flamengo com o Novo Maracanã. Escolhido como palco principal para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, o Estádio Jornalista Mario Filho foi submetido a uma profunda reforma para se adaptar aos padrões de conforto e segurança exigidos pela FIFA e pelo COI. Com isso, o antigo estádio de massas foi submetido a um processo de arenização, que incluiu não só a adoção de um novo modelo arquitetônico, mas também o encarecimento dos ingressos e a imposição de novas regras de conduta ao público. Visando compreender de que modo os próprios torcedores vivenciaram essas mudanças, foram realizadas observações de campo em jogos do Flamengo na nova arena e entrevistas qualitativas com torcedores do clube.
Palavras-chave: Maracanã. Torcedores. Arenização. Elitização. Domesticação.

Introdução

Construído para ser o principal estádio da Copa do Mundo de 1950, o Maracanã foi concebido como um espaço popular e democrático, destinado a promover a união dos diferentes segmentos da sociedade brasileira em torno da "paixão nacional" pelo futebol. Com capacidade para 200 mil torcedores, a gigantesca estrutura deveria servir também como um símbolo da engenhosidade e da capacidade de realização do povo brasileiro, num contexto político fortemente marcado pelo populismo e pelo nacionalismo.

Com o passar do tempo, o Maracanã se consolidou como um espaço profundamente associado à cultura popular, principalmente em virtude do perfil e do comportamento do público nos setores da geral e das arquibancadas. Na geral, o baixo valor dos ingressos permitia a participação de torcedores oriundos das classes mais baixas, fornecendo-lhes, contudo, péssimas condições de conforto. Nas arquibancadas, o preço dos ingressos era um pouco mais elevado, mas acessível o bastante para promover a convivência de torcedores oriundos de diferentes camadas, servindo de base para a representação do Maracanã como um espaço democrático e heterogêneo.

Na década de 1990, porém, a identificação de sérios problemas estruturais, de conservação e segurança, deu origem a diversos projetos visando à reforma e privatização do

[1] Fábio Daniel da Silva Rios, Doutor em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ (fabiodanielsr@gmail.com).

complexo esportivo, além da realização de megaeventos esportivos, como uma estratégia de reestruturação urbana. Em 2000, o Maracanã passou por sua primeira grande reforma, e em 2005, houve nova intervenção, visando à realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007. As principais consequências foram a instalação de cadeiras nas arquibancadas, a eliminação da geral e a ampliação das cadeiras comuns, levando à redução da capacidade de público e à elevação do preço dos ingressos, ensejando-se o assim processo de elitização que se intensificaria posteriormente.

Entre 2010 e 2013, o Maracanã foi submetido à terceira e maior reforma de sua história, tendo como objetivo sua conformação aos rígidos padrões de conforto e segurança exigidos pela FIFA e pelo COI para a realização da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Dessa vez, as alterações foram tão profundas que levaram muitos a afirmarem que o antigo estádio teria sido demolido para dar lugar a algo totalmente novo. Essa reconfiguração representou a atualização de uma tendência iniciada no Reino Unido, na década de 1990, e já consolidada no futebol europeu: a conversão dos antigos estádios de massa em modernas arenas *all-seater* multiuso.

Para além de mudanças arquitetônicas, esse processo de "arenização" envolveu também o encarecimento dos ingressos, a imposição de novas regras de conduta aos torcedores – como a obrigação de assistir aos jogos sentados em lugares marcados –, e a ampliação dos mecanismos de vigilância e repressão, levando a uma mudança do perfil e do comportamento do público – composto agora majoritariamente por indivíduos de classe média, presumidamente mais contidos e ordeiros – e à transformação dos espaços populares e carnavalizados dos antigos estádios de massa nos espaços elitizados de controle e consumo das novas arenas. Com isso, os estádios teriam se tornado mais "frios" ou "menos emocionantes", contrariando a importância historicamente atribuída às emoções no universo cultural do futebol, e pondo sob ameaça o tipo de "atmosfera" ou "experiência" valorizada pelos torcedores.

Em minha pesquisa, abordei a reforma de arenização do Maracanã, dedicando especial atenção ao impacto desse processo sobre o comportamento e as emoções dos torcedores, na busca por compreender de que modo eles vêm vivenciando as consequências dessa transformação. Para tanto, realizei 20 observações de campo em jogos do Flamengo no Novo Maracanã (entre 2015 e 2017) e 12 entrevistas qualitativas com torcedores do clube, selecionados sob à condição de que fossem frequentadores assíduos do estádio desde o período anterior à reforma.

Desenvolvimento

Em um dos capítulos da tese, analisei os critérios que levariam os torcedores à escolha de um setor ou lugar específico para assistir aos jogos no Novo Maracanã. A grande maioria manifestou preferência pelo setor norte superior, onde se concentrariam praticamente todos os fatores que compõem a "experiência de estádio" que os preferir assistir aos jogos *in loco*, e não em casa, pela TV. Além da melhor visão do campo, foram mencionadas a presença das torcidas organizadas, a possibilidade de torcer em pé e o comportamento mais "vibrante" do público como fatores fundamentais para a preferência por acompanhar os jogos nesse espaço. No setor norte superior se encontrariam, segundo eles, os torcedores "de verdade", que vão ao estádio com regularidade, se comportam de modo mais efusivo, e apoiam o time durante todo o jogo – cumprindo, assim, com sua obrigação de torcedor.

Os outros setores seriam frequentados majoritariamente por "turistas", ou seja, pessoas que não teriam o hábito de ir ao estádio com regularidade e se limitariam a assistir aos jogos sentados, comportando-se de modo contido e passivo, sem se preocuparem em cantar para apoiar o time, deixando assim de cumprir com a obrigação que os torcedores teriam de "jogar junto" com o time e incentivar os jogadores para que alcancem um bom resultado.

A descrição que os entrevistados fazem do comportamento dos torcedores nesses setores é muito semelhante às suas representações a respeito do perfil e comportamento do público, de modo geral, no Novo Maracanã. Em sua visão, esse paralelismo ocorreria porque os setores laterais seriam frequentados majoritariamente pelo novo tipo de torcedor que emerge a partir do processo de arenização do Maracanã, apresentando, por conseguinte, um novo modo de torcer. Em contrapartida, o setor norte seria ocupado pelos torcedores que já tinham o hábito de frequentar o Maracanã antes da reforma, apresentando o modo "antigo" ou "tradicional" de torcer.

O atual torcedor – também chamado de "nutella" ou "modinha" – só iria ao estádio nos bons momentos do time, não apresentando a mesma fidelidade incondicional que caracterizaria os torcedores no passado. Além de irem ao estádio interessados apenas em assistir aos jogos, sentados e em boas condições de conforto, ao invés de torcerem de pé para apoiar o time, teriam ainda o hábito de ficar tirando fotos, filmando e "mexendo no celular" durante as partidas, mostrando-se indiferentes aos acontecimentos que se desenvolvem no campo de jogo – o que seria mais um indício da fraqueza de seu vínculo emocional com o clube. Nesse sentido, eles não só deixam de torcer, como também de assistir aos jogos, pois seu verdadeiro objetivo seria tirar fotos e gravar vídeos para postar em suas redes sociais online.

Contudo, as observações de campo nos oferecem um cenário mais complexo, não só em comparação ao que foi apresentado pelos trabalhos que serviram da referência para pesquisa, mas também quando cotejado com os "tipos ideais" elaborados pelos entrevistados a respeito dos diferentes modos de torcer identificados por eles no Novo Maracanã. Embora as novas regras de conduta sejam apontadas, em ambos os casos, como um dos principais fatores para o comportamento menos "vibrante" do público e para a "atmosfera" menos emocionante do Novo Maracanã, é importante destacar o fato de que algumas dessas normas são amplamente desrespeitadas pelos torcedores, especialmente nos jogos de grande apelo, quando são maiores a quantidade de público e sua "agitação", dificultando a ação repressiva dos agentes de segurança. Além disso, é notória a "flexibilização" das regras ou o "relaxamento" de sua aplicação a partir de 2016, quando se encerra o ciclo dos megaeventos esportivos que serviram como pretexto para a reforma arquitetônica e disciplinar do Maracanã.

Nesse sentido, é bastante comum, por exemplo, observarmos torcedores com os pés sobre as cadeiras, ou ainda, de pé sobre as escadas, nas áreas reservadas a cadeirantes, e na saída das rampas ou túneis de acesso à arquibancada, principalmente no setor norte superior – embora esses comportamentos também possam ser observados nos outros setores em algumas ocasiões. Além disso, também é comum a presença de torcedores de pé nos setores laterais, onde essa prática seria oficialmente proibida, observando-se ainda o amplo desrespeito à regra do "lugar marcado", ou seja, à obrigação de ocupar o assento designado no ingresso.

Resultados esperados ou conclusão

Os comportamentos descritos acima, para além de meros exemplos de desrespeito ou desacato à normas de conduta do Novo Maracanã, podem ser entendidos como formas de contestação e resistência dos torcedores ao projeto de domesticação implementado como parte intrínseca do processo de arenização do estádio. Vale destacar também a ideia de que, ao invés da completa conversão do Maracanã num espaço elitizado de controle, e da imposição de um novo modelo de comportamento, o que observamos a partir de nossa experiência de campo e dos relatos dos entrevistados são a convivência e o conflito entre diferentes formas de torcer, fenômeno que se torna explícito na figura do "fiscal de torcida", mencionada por alguns entrevistados, o qual se põe a exortar os demais torcedores a ficarem de pé e cantando durante toda a partida para apoiar o time, ou ainda nos exemplos de torcedores que preferem assistir aos jogos sentados e exigem que os demais permaneçam acomodados em suas cadeiras, para

não atrapalharem sua visão do campo – atitudes que levam à ocorrência de algumas brigas e discussões relativamente comuns nas arquibancadas.

Ressalto ainda que os diferentes modos de torcer identificados por meus entrevistados devem ser entendidos como "tipos ideais", que, por definição, não podem ser realizados em sua plenitude pelos torcedores em suas ações concretas, servindo apenas como códigos ou modelos de comportamento. Nesse sentido, seria interessante explorar futuramente alguns matizes e contradições que podem ser observados nos depoimentos de meus entrevistados, enfatizando a ideia de que um mesmo torcedor pode apresentar comportamentos associados a diferentes modos de torcer em contextos variados, inclusive ao longo de uma mesma partida, como foi possível observar em minhas experiências de campo no Novo Maracanã.

Referências

BALE, John. *Landscapes of modern sport*. London: Leicester University Press, 1994.

CURI, Martin. *Espaços da emoção*: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. Dissertação (Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

KING, Anthony. *The Premier League and the new consumption of football*. Tese (Doutorado) – University of Salford, Manchester, 1995.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MOURA, Gisela. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIOS, Fábio. *Os torcedores e o Novo Maracanã*: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas. Tese (Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A NECESSIDADE DE REPRESENTAÇÃO DO ATO TORCEDOR NO PROGRAMA MIDIÁTICO FUTEBOL DURANTE O "NOVO NORMAL" DO ESPORTE MERCANTILIZADO

Anderson David Gomes dos Santos[1]

Resumo
O processo histórico de antes da pandemia apresentava a constitição de grandes arenas esportivas que modificaram o perfil do público torcedor esperado, ainda que este pudesse participar mais do clube – nos limites da categorização de sócio-torcedor, focada no consumo (I. SANTOS; A. Santos, 2018; A. SANTOS; I. SANTOS, 2015). A volta sem público acentuaria essa separação da torcida, mas, ao mesmo tempo, o produto midiático precisa apresentar uma simulação de seus atos, com clubes colocando fotos, telões e cânticos. A partir de uma revisão de literatura, a proposta aqui é fazer uma discussão sobre a mercantilização do futebol profissional representada na volta dos torneios mesmo sem a possibilidade de públicos nos estádios, considerando o torcedor enquanto "mercadoria audiência" e parte da construção do jogo enquanto programa.
Palavras-chave: Programa futebol. Torcida. Mercantilização. Mercadoria-audiência. Economia Política da Comunicação e da Cultura.

Introdução

A pandemia internacional da Covid-19 causou uma interrupção na parceria entre veículos de infocomunicação e futebol. O risco propiciado pela aglomeração presencial parou os torneios, a transmissão daqueles sob acordo com uma plataforma midiática e, consequentemente, o pagamento dos recursos referentes aos direitos de exibição das partidas. Além disso, sem transmissão, o patrocínio de marcas aos clubes também foi prejudicado, com diminuição de valores ou cancelamento de contratos devido à menor entrega negociada e por outros efeitos da crise econômica acentuada pela necessidade de isolamento social.

Na Europa, as principais ligas voltaram no dia 16 de maio com a Bundesliga, campeonato alemão. No Brasil, ainda que num contexto muito mais absurdo – com o país com alto número de casos e mortes diárias causados pela Covid-19 –, o Campeonato Carioca reiniciou a realização de seus jogos em 18 de junho. Ambos os casos sem público, mas com tentativas de simular a presença de torcida no estádio. A mesma torcida que, em diferenças intensidades e formas, passou por processos como o de arenização, com majoração do preço

[1] Anderson David Gomes dos Santos é doutorando em Comunicação na Universidade de Brasília, professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas e presidente da Ulepicc-Brasil (capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura), anderson.gomes@santana.ufal.br.

de ingresso e nova divisão de classes entre quem pode e quem não pode ver uma partida presencialmente.

É discutir a dialética posta nesta clara contradição do jogo de futebol enquanto produto midiático que pretendemos tratar nesta proposta de texto, que margeia ainda o caráter de ensaio científico por trazer neste momento mais hipóteses do que análises aprofundadas.

A metodologia proposta é a de revisão de literatura, utilizando como observáveis os casos de propostas mais distintas sobre a "participação" torcedora, casos de Alemanha, Espanha e de São Paulo. Dentre outras produções científicas, trabalharemos com a discussão sobre apropriação do torcedor pelo futebol profissional a partir de textos como os de A. Santos e I. Santos (2015) e I. Santos; A. Santos (2018); assim como, com os que discutem a mercantilização do jogo, casos de Santos (2014) e Mascarenhas (2014); e, por fim, com aqueles que trabalham com o conceito de "mercadoria audiência", como Bolaño (2004) e A. Santos e I. Santos (2018).

Desenvolvimento

O *football association* e a Indústria Cultural (rádio e TV, especialmente) ganham maior público e se estabelecem como entretenimento massivo num período histórico semelhante, no século XX. A história de ambos se cruza, com esse esporte dando a audiência para a mídia eletrônica se desenvolver, enquanto o veículo de comunicação dá a difusão espacial que o esporte necessita para se espalhar para ainda mais locais. Os dois ganham receitas no mesmo processo, além de mobilizar outras indústrias direta ou indiretamente pela publicidade.

Conceito importante para os estudos de Economia Política da Comunicação e da Cultura, e que aparece como chave na proposta que apresentamos aqui, a mercantilização, enquanto "principal forma que o capitalismo se apresenta com seu objetivo de acumular capital, na transformação do valor de uso em valor de troca, alcança o futebol principalmente por conta da participação da Indústria Cultural" (SANTOS, 2014, p. 568). Especialmente desde os anos 1980, esse esporte cada vez mais se torna um produto mercantilizado a partir da sua transformação em programa midiático, com dependência estrutural e econômica para este novo formato de mercadoria do entretenimento.

Dessa maneira, a volta do futebol sem público já representa um histórico de mudança enquanto uma mercadoria que se dá especialmente porque a transmissão dos torneios, mesmo com portões fechados, permite a entrada de receitas consideráveis na base da pirâmide econômica e estrutural deste esporte, com a partida ocorrendo de maneira adaptada ao que era

o “normal”. Além de, com isso, mobilizar as indústrias em paralelo, caso das próprias plataformas que transmitem eventos esportivos ao vivo – cujo produto tem um caráter diferente do que vinha sendo usado, porque o arquivo não gera a mesma atenção –, mas também a exposição de marcas que estão ligadas aos clubes e eventos, caso dos uniformes, mas também de patrocinadores como bancos, empresas aéreas, supermercados e outras tantas empresas.

Vale a provocação de ver neste modelo que se apresenta durante a pandemia, sem público e com representação virtual – bandeiras de torcidas nas arquibancadas, cartazes ou telões mostrando torcedores, cânticos gravados ou representação virtual da torcida do jogo eletrônico –, como um que anteciparia a tendência que considera como mais adequado para o “futebol de espetáculo” dos estádios modernos, “um público menos apaixonado, menos ‘viril’ e mais comportado”, como afirmava Mascarenhas (2014, p. 170). Sem torcida no estádio o controle é absoluto.

Entretanto, a contradição do momento atual está justamente na necessidade de o programa midiático futebol, para ser reconstituído mais próximo à sua potência, necessitar da atividade torcedora, para além da representação. Como afirmam A. Santos e I. Santos (2018), especificando o conceito histórico da EPC de “mercadoria audiência”, a atenção do torcedor do futebol em seu conjunto é o que é negociado com outras indústrias para gerar as receitas. Afinal: “o ‘poder de consumo’ do espectador deste esporte é o que tanto auxilia a movimentar recursos em torno dele, considerando que, ao contrário de outros produtos da Indústria Cultural, os oriundos a este esporte contam com a paixão envolvida” (SANTOS; SANTOS, 2018 p. 88).

Resultados esperados ou conclusão

O futebol ao vivo sem público no estádio se consolida como apenas programa midiático. Ao mesmo tempo, a ação do público do estádio fazia parte da constituição deste programa, por isso a tentativa de reconstituir este elemento a partir de diferentes formas de simulação. Entendo que isso ocorra não só para garantir a participação do público, mas especialmente para imitar o que era o “normal” dessa mercadoria.

Referências

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. A reforma do modelo brasileiro de regulação das comunicações em perspectiva histórica. *Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 17, p. 67-95, 2004. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/131. Acesso em: 22 jul. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. *Os três pontos de entrada da Economia Política no Futebol*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 561-575, abr.-jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892014000200561>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Debate teórico do conceito de mercadoria audiência a partir da apropriação do torcedor de futebol. In: SANTOS, Verlane Aragão; HERRAMILLO-HERRERA, Maurício (Orgs.). *Economia Política, Comunicação e Africanidades*: XV Seminário OBSCOM/CEPOS. São Cristóvão: ULEPICC-BR, OBSCOM-CEPOS, UFS, 2018, v. 1, p. 80-95.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. História do espectador dos jogos de futebol no Brasil: da elitização amadora às novas formas de exclusão das Arenas Multiuso. In: SANTOS, Verlane Aragão; MOTA, Joanne Santos; MARTINS, Bruna Távora de Sousa. (Orgs.). *XIII Seminário OBSCOM/CEPOS e I Fórum Regional ALAIC Cone Sul: Compilação de trabalhos apresentados*. 1ed.São Cristóvão; São Paulo: OBSCOM/CEPOS/ALAIC, 2015. p. 28-41.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 246-261, 2018. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/74084/73215. Acesso em: 22 jul. 2020.

A INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DESEMPENHO DAS EQUIPES MANDANTES DO CAMPEONATO ALEMÃO DE FUTEBOL

Vinícius Tenório Moraes da Silva[1]
Rafael Henrique da Silva Calmon[2]
Carlos Rafaell Correia-Oliveira[3]
Victor Amorim Andrade-Souza[4]

Resumo
Este trabalho teve como objetivo investigar a influência da pandemia de SARS-CoV-2 (COVID-19) nos resultados das equipes mandantes antes e após a pausa no Campeonato Alemão de Futebol (Bundesliga). A estrutura do estudo consiste na análise quantitativa de gols das equipes mandantes; gols das equipes visitantes; total de gols; vitórias dos mandantes; empates; e vitórias dos visitantes; antes (rodada 1 até rodada 25) e após (rodada 26 até rodada 34) a interrupção do campeonato por conta da pandemia de COVID-19. Os dados foram analisados por meio da soma, média e desvio padrão. Conclui-se que o número de gols e as vitórias dos mandantes diminuíram após o retorno da competição, ao passo que o número de gols dos visitantes, empates e de vitórias dos visitantes aumentaram depois da parada causada pela pandemia.
Palavras-chave: Pandemia. Futebol. Desempenho. Fator casa.

Introdução

O desempenho de uma equipe de futebol pode sofrer diversas interferências, devido aos aspectos táticos, técnicos, físicos e psicológicos (TEOLDO et al., 2015). Grande parte das equipes alteram sua forma de jogar quando a partida é realizada no estádio do adversário e por muitas vezes é utilizado um modelo de jogo mais reativo que espera o adversário atacar para poder reagir (FONTES, 2007). Por outro lado, várias equipes fazem do seu estádio um verdadeiro "caldeirão", que por diversos fatores, pode influenciar no resultado a favor da equipe mandante, tais como: a torcida mandante que pressiona a equipe adversária e até mesmo a arbitragem, sendo estes fatores intrínsecos que podem fazer parte de resultados no futebol (FONTES, 2007).

De fato, a literatura aponta que o mando de campo é um fator que favorece a equipe local, não apenas no futebol, mas em vários outros esportes, conforme Pollard (1986) verificou

[1] Vinícius Tenório Moraes da Silva, graduando em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), vinicius.moraes@arapiraca.ufal.br.

[2] Rafael Henrique da Silva Calmon, graduando em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), dicalmon17@gmail.com.

[3] Carlos Rafaell Correia-Oliveira, doutor em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP), carlos.rafaell@cesmac.edu.br.

[4] Victor Amorim Andrade-Souza, doutor em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), victor_amorim1@hotmail.com.

em seu estudo sobre os principais esportes dos Estados Unidos. Entre os esportes americanos, o fator casa é mais predominante nos esportes praticados em locais fechados, como o hóquei ou o basquete (SCHWARTZ; BARSKY, 1977). Com isso, há uma tendência geral de que o futebol também tenha uma significativa influência do fator mando de campo, possibilitando maiores possibilidades de êxito na partida, como já foi registrado na literatura nos estudos de Silveira (2018) e Fontes (2007).

Essa hipótese tem fundamentação visto que na liga inglesa de futebol, o fator casa tem um impacto significativo desde o final do século XIX e que até o final do século XX, com a estatística dos quase 100 anos de investigação dos resultados revelando um percentual favorável de tendência de vitórias aos mandantes das partidas (POLLARD, 1986).

Entretanto, com a pandemia da COVID-19, iniciada na província de Hubei, na China, e posteriormente com a declaração da pandemia de COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Campeonato Alemão de Futebol, que já havia finalizado a sua vigésima quinta rodada, precisou ser interrompido no início de março. Após 70 dias de paralisação, o campeonato teve sua retomada na vigésima sexta rodada, em meados de maio. Seguindo o protocolo da Federação Alemã de Futebol, os jogos retornaram sem a presença de público nas arquibancadas e com um rigoroso sistema de testagem para os atletas, membros da comissão técnica, arbitragem e todos os outros envolvidos nas partidas. Contudo, é totalmente desconhecido o impacto de uma parada de cerca de 3 meses na competição sobre o aproveitamento das equipes mandantes, especialmente devido ao fato de que as partidas seriam realizadas sem torcida, um fator de grande relevância para a equipe mandante.

Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo investigar a influência nos resultados das equipes mandantes antes e após a pausa efetivada pela pandemia, em que as equipes antes da pandemia jogavam em estádios com quase sua total capacidade preenchida e um percentual alto de média de público, mas em que após o retorno as partidas foram realizadas sem a presença de público nas arquibancadas.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa quantitativa descritiva de caráter transversal. Os dados obtidos para a realização deste estudo foram recolhidos no sítio oficial da Bundesliga (www.bundesliga.com/en/bundesliga) e para a tabulação dos resultados foi utilizado o método indutivo observacional no software editor de planilhas (EXCEL) acerca de vitórias, empates e derrotas nas 34 rodadas do Campeonato Alemão de Futebol, como também os resultados de antes e após a pausa efetivada pela pandemia.

Vale ressaltar que para a interpretação dos dados pelos autores, o método de contagem de pontos da tabela da Bundesliga foi preservado, em que a vitória vale 3 pontos, o empate vale 1 ponto e a derrota não vale nenhum ponto. Após essa descrição, foi realizada uma análise do quantitativo mínimo e máximo de gols marcados no campeonato, a média de gols e de vitórias, o desvio padrão de gols e de vitórias, a soma das vitórias, empates e derrotas e todas essas variáveis expostas também foram analisadas no período pré-pandemia e pós-pandemia.

Resultados

A tabela 1 refere-se ao período do início do campeonato alemão até a pausa ocasionada pela pandemia, compreendendo da primeira rodada até a vigésima quinta, onde é possível observar que as equipes mandantes tiveram vantagem no número de vitórias quando comparado ao visitante; (97 vs. 79 vitórias, respectivamente).

Tabela 1 - Soma, média e desvio padrão de gols mandante; gols visitante; total de gols; vitórias mandante; empates; vitórias visitantes, antes da pausa efetivada pela pandemia (25 rodadas).

BUNDESLIGA	GM	GV	TG	VM	EMP	VV
Soma	391	339	730	97	49	79
Média	15,64	13,56	29,2	3,88	1,96	3,16
Desvio Padrão	3,93	5,1	3,83	1,67	1,1	1,97

Legenda: Gols mandante (GM); Gols visitante (GV); Total de gols (TG); Vitórias mandante (VM); Empates (EMP); Vitórias visitante (VV). Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Na tabela 2 foi realizado um recorte do período após a pausa da pandemia, compreendendo da vigésima sexta até a trigésima quarta rodada. Os resultados revelaram uma superioridade dos visitantes em relação aos mandantes, com 36 vitórias para os visitantes contra 26 vitórias dos mandantes, além de 19 empates. Adicionalmente, os visitantes obtiveram vantagem no número de gols, com 134 convertidos pelos visitantes contra 117 dos mandantes.

Tabela 2 - Soma, média e desvio padrão de gols mandante; gols visitante; total de gols; vitórias mandante; empates; vitórias visitantes, após a pausa efetivada pela pandemia (9 rodadas).

BUNDESLIGA	GM	GV	TG	VM	EMP	VV
Soma	117	134	251	26	19	36

Média	13	14,89	27,89	2,89	2,11	4
Desvio Padrão	3,77	2,98	4,04	1,76	1,69	1,5

Legenda: Gols mandante (GM); Gols visitante (GV); Total de gols (TG); Vitórias mandante (VM); Empates (EMP); Vitórias visitante (VV). Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Discussão

Entre os fatores determinantes para a queda de aproveitamento das equipes mandantes após a pandemia podem ser destacados o estádio vazio sem o apoio da torcida em prol do time local, sem a pressão no adversário e na arbitragem; o fato do isolamento social ter contribuído para um decréscimo do condicionamento físico e técnico dos atletas; e o fator psicológico, em que os atletas poderiam estar receosos de voltar a jogar devido aos transtornos causados pela pandemia de COVID-19. Durante a coleta de dados foi verificado a queda de rendimento de algumas equipes, como o vice-campeão "Borussia Dortmund" que jogando em casa estava invicto antes da pausa, com 12 jogos, sendo 11 vitórias e 1 empate, e após a pausa foram 5 jogos com 2 vitórias e 3 derrotas.

Fontes (2007), apresenta a ideia de uma institucionalização do fator casa no futebol, em que percebe que é algo cultural que interfere no modelo e na estratégia de jogo que a equipe utilizará quando jogar em casa e fora. Nesse mesmo estudo é possível observar que técnicos portugueses afirmam que alteram o modelo ou a estratégia quando jogam como visitantes. Quando jogam como visitantes as equipes têm a tendência de ter menos efetividade ofensiva, e jogam de forma reativa esperando a equipe da casa atacar. Silveira (2018), em sua pesquisa referente a copa do mundo de 2018, corrobora com a ideia de uma maior efetividade ofensiva da equipe mandante, na qual foi possível constatar que a Rússia jogando em casa foi a seleção com melhor média de gols e maior eficiência na relação de finalizações na meta e gols marcados, números superiores do que seleções mais tradicionais a exemplo do Brasil.

A ausência de treinamento também pode ser apontada como uma possível causa do baixo rendimento das equipes mandantes, ocorrendo um certo nivelamento entre as equipes. Em um estudo de Abad et al. (2016), realizado com jovens atletas, foi verificado que em apenas duas semanas sem treinamentos houve aumento de 6,14% na somatória das dobras cutâneas, uma redução de 2,24% na velocidade de 5m e 0,97% na velocidade de 20m. A pausa efetivada pelo contexto pandêmico do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) no Campeonato Alemão de Futebol durou um período de quase 3 meses. Assim, artifícios como treinamentos remotos, respeitando o distanciamento social, que minimizassem uma perda rápida e gradativa de massa muscular e funções específicas do esporte foram utilizados para que os atletas não fossem tão

prejudicados ao voltar às rotinas normais de treinamentos e jogos, e esse pode ter sido um fator que influenciou no maior número de vitórias dos visitantes.

Conclusão

Conclui-se que o número de gols e as vitórias dos mandantes diminuíram após a pausa e que o número de gols dos visitantes, empates e de vitórias dos visitantes aumentaram depois da parada causada pela pandemia. Esses resultados sugerem que fatores como a ausência de torcidas nos estádios, além de condições técnicas e físicas das equipes após um longo período de parada podem ser fatores de grande relevância para o rendimento das equipes mandantes.

Referências

ABAD, C et al. O efeito do destreinamento na composição corporal e nas capacidades de salto vertical e velocidade de jovens jogadores da elite do futebol brasileiro. *Revista Andaluza de Medicina del Desporte,* v. 9, n. 03, p. 124-130, 2016.

FONTES, Ivo. *O "factor casa" no futebol: um estudo com treinadores das ligas portuguesas de futebol profissional na época 2006/2007*. Tese (Licenciatura) – *FADEUP,* Porto, 2007.

MATCHDAY 1-34 Season 2019-2020. *Bundesliga.* Disponível em: https://www.bundesliga.com/en/bundesliga/matchday/2019-2020/1. Acesso em: 05 jul. 2020.

POLLARD, Richard. Home advantage in soccer: a retrospective analysis. *Journal of Sports Science*, v. 4, n. 03, p. 237-248 1986.

SCHWARTZ, B.; BARSKY, S.F. *The home advantages.* Social Forces, v. 55, n. 03, mar. 1977.

SILVEIRA, João. Efetividade e análise do desempenho ofensivo da copa do mundo de futebol: Rússia 2018. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 10, n. 41, suplementar 2. p.785-794. Jan/Dez de 2018.

TEOLDO, Israel et al. *Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes*. Curitiba: Appris ed., 2015.

ESTÁDIOS X COVID-19: UMA NOVA FORMA DE TORCER

Rômulo Meira Reis[1]
Silvestre Cirilo dos Santos Neto[2]
Silvio de Cassio Costa Telles[3]

Resumo
Em meio a pandemia mundial estádios de futebol têm sido recrutados para combater a COVID-19 e outros têm sido usados com portas fechadas. Assim, essa pesquisa tem por objetivo examinar como os estádios de futebol tem sido utilizados frente a COVID-19. Os resultados indicam uso como hospitais de campanha, abrigos, locais de testes, de armazenamento doações e materiais ou centros de isolamentos em torcida única pela vida.
Palavras-chave: Estádios. Futebol. COVID-19. Utlização. Torcer.

Introdução

O novo coronavírus (SARS-CoV-2) apareceu na cidade de Wuhan/China, em dezembro de 2019. O vírus é facilmente transmitido causando de infecções a síndromes respiratórias graves pela doença COVID-19, com isso, progrediu rapidamente pela China forçando o governo local a fechar as portas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Em 2020, se espalhou pela Ásia, Oceania, África e Europa, afetando principalmente Itália e Espanha. Sem demora, ataca os Estados Unidos, Canadá e México (BIANCHINI, 2020; BRAUN, 2020). Após, chegou a América do Sul (HALLAL, 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março, declara pandemia mundial e os governos adotaram contramedidas: quarentena, cancelamento de atividades que tenham aglomeração de pessoas, fechamentos de cidades e países (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020b). Resultando na drástica redução do sistema capitalista, inclusive o esporte.

No futebol, a FIFA adiou as eliminatórias para Copa do Mundo 2022 Qatar (FIFA, 2020). Itália e Espanha, cancelaram partidas. A inglesa Premier League parou, os franceses com a Ligue 1 encerram a liga consagrando o Paris Saint-Germain campeão. Na Holanda, a Eredivisie, encerrou sem declarar o campeão.

A CONMEBOL adiou a Libertadores e Copa Sul-americana (ESPN, 2020). Os campeonatos da Argentina, Paraguai, Uruguai, Equador, Chile, Venezuela, Colômbia e Bolívia

[1] Rômulo Meira Reis, Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte, romulomreis@hotmail.com.

[2] Silvestre dos Santos Neto, Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte, silvestrecirilo@yahoo.com.br.

[3] Silvio de Cássio Costa Telles, Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte, silviotelles@terra.com.br.

parados e/ou adiados. No Brasil, a CBF sequer pôde iniciar o Brasileirão, parou a Copa do Brasil e em efeito cascata os Estaduais em andamento.

No lado oposto, K-League e Bundesliga, Coreia do Sul e Alemanha, pararam os jogos incialmente. Mas, em maio retomaram as partidas com um protocolo médico, sem expectadores e com os portões fechados, apontando para um cenário de maior esperança (DUARTE, 2020).

No entanto, atrelados ao futebol, estão os estádios ou arenas, que são naturalmente palcos do espetáculo e dependem da modalidade para manter-se ativos. Contudo, em meio a pandemia foram recrutadas para combater a COVID-19 e outros têm sido usados com portas fechadas. Assim, essa pesquisa tem por objetivo examinar como os estádios de futebol têm sido utilizados frente a COVID-19.

Método

Usamos os métodos da pesquisa bibliográfica e documental (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009). Estes se diferenciam por suas fontes, na pesquisa bibliográfica são usados escritos convencionais (artigos, teses, dissertações, livros etc.) e na pesquisa documental materiais que não receberam tratamento analítico (relatórios, fotos, vídeos, reportagens etc.). Então, seguindo os preceitos de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) organizamos o texto e produzimos as análises dentro do escopo do estudo.

Resultados

Com a COVID-19 impondo restrições ao futebol, os estádios foram fechados e ganharam uma nova conotação e um diferente modo de torcer. Agora as práticas dentro das arenas acontecem com torcida única ou ainda, insolitamente, contra o vírus que atingiu em cheio a humanidade.

Encontramos a partir dos dados coletados, casos de atuação direta contra a COVID-19 pelo mundo. Começamos pela Ásia, na Coreia do Sul o Estádio Olímpico de Seul foi transformado em local de testes atendendo pessoas que chegam a pé ou de carro com sistema “drive thru”. Além disso o estádio funcionou como local de quarentena para pessoas que não tinham para onde ir (RUPTLY, 2020).

Na Europa o Signal Iduna Park, do clube alemão Borussia Dortmund, foi utilizado como centro de testes provisório (BUNDESLIGA, 2020). Os ingleses do Tottenham foram os primeiros na Premier League a abrir as portas contra o coronavírus, disponibilizando o estacionamento do estádio Tottenham Hotspur Football Stadium para servir como local de testes rápidos (VEAL, 2020). Na Espanha, os galaticos do Real Madrid entraram na luta contra

a COVID-19, sedendo o Santiago Bernabéu para servir como depósito de doações médicas (GLOBO ESPORTE, 2020).

O continente africano também aderiu a outras formas de torcer e transformou o Teslim Balogun Stadium, em Lagos/Nigéria, em centro para abrigo e isolamento de pessoas suspeitas ou com a doença (TVC NEWS, 2020). No Quênia, o Machakos Stadium, em decisão governamental, converteu suas instalações, inclusive o gramado, para servir como hospital (CGNT AFRICA, 2020).

Partindo para a América do Sul, no Uruguai, o estádio Centenário recebe moradores de rua e desabrigados a fim de conter o avanço da COVID-19 (GAZETA DO POVO, 2020). No Brasil identificamos em São Paulo (Pacaembu), Fortaleza (Presidente Vargas), Rio de Janeiro (Maracanã/Célio de Barros) e Brasília (Mané Garrincha), todos servindo como hospitais de campanha para ampliar a capacidade de atendimento dos serviços de saúde (CATRACA LIVRE, 2020; FOLHA DE SÃO PAULO, 2020a).

Por outro lado, nas ligas que "abriram as portas" encontramos ações para gerar a presença de torcidas um tanto curiosas, por exemplo: bonecas infláveis com cartazes simulando torcedores na Coreia do Sul; sistema de som com cânticos de torcidas e vaias contra o adversário, bandeiras e faixas decorativas, instalação de banners com fotos de torcedores e não poderiam faltar as homenagens póstumas as vítimas da COVID-19 através do minuto de silêncio (FOX SPORTS, 2020; GLOBO ESPORTE 2020b).

Considerações finais

Os estádios de futebol frente a COVID-19 atuam com outro propósito, o aumento da capacidade de atendimento dos serviços de saúde, contribuindo para a sociedade e apresentando apenas uma torcida, a pela vida. Servindo aos torcedores como hospitais de campanha, abrigos, locais de testes, de armazenamento doações e materiais ou centros de isolamentos os estádio e arenas passarão para a história como um espaço que na pandemia se tornou híbrido frente a sua originária função.

Aqueles estádios que conseguiram voltar com porões fechados, os hábitos de torcer pela TV são mais do que nunca prevalentes. No entanto, essa ação também trouxe consigo mudanças no modo de torcer, inserindo bonecos no lugar de torcedores, sistema de som ambiente simulando cânticos; faixas, banners e bandeiras solitárias.

O esporte que sempre buscou atrelar exemplos para uma vida mais saudável, agora vê suas instalações de "mãos dadas" pela vida, além de desvelar possíveis novas formas de

utilizações para o ato de torcer, que fogem aos padrões convencionalmente construídos ao longo da história.

Referências

BIANCHINI, Guilherme. Mapa do coronavírus teve 37 novos países em uma semana; 29 ainda 'resistem'. 23 mar. 2020. *Estado de São Paulo*. Disponível em: https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,mapa-do-coronavirus-teve-37-novos-paises-em-uma-semana-29-ainda-resistem,70003243785. Acesso em: 24 abr. 2020.

BRAUN, Julia. *Coronavírus já atingiu 117 países pelo mundo*. Publicado em 26 fev. 2020. Atualizado em 19 mar. 2020. Veja. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/coronavirus-ja-atingiu-43-paises-pelo-mundo/. Acesso em: 24 abr. 2020.

BUNDESLIGA. *Borussia Dortmund to use Signal Iduna Park as coronavirus testing centre*. 05 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bundesliga.com/en/bundesliga/news/borussia-dortmund-use-signal-iduna-park-as-coronavirus-testing-centre-10749>. Acesso em: 05 maio 2020.

CATRACA LIVRE. *Estádios e centros de eventos viram hospitais temporários pelo país*. 02 abr. 2020. Catraca Livre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zoXgJkXWuq8. Acesso em: 24 abr.2020.

CGTN AFRICA. *Kenya's Machakos coutry turns local stadium info COVID-19 isolation facility*. 27 abr. 2020. CGTN Africa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N0DcpSSwZ_Y. Acesso em 02 mai. 2020.

DUARTE, Filipe. *Bola ao centro: quais protocolos têm sido aplicados pelos países em que o futebol voltou a ser praticado*. Gaúcha ZH. Publicado em: 14 mai. 2020. Disponível em: < https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2020/05/bola-ao-centro-quais-protocolos-tem-sido-aplicados-pelos-paises-em-que-o-futebol-voltou-a-ser-praticado-cka6u2e7z001t015n585vh983.html>. Acesso em: 28 mai. 2020.

ESPN. *CONMEBOL suspende Libertadores e Sul-Americana pelo menos até 5 de maio*. ESPN**.** Publicado em: 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6778558/conmebol-suspende-libertadores-e-sul-americana-pelo-menos-ate-5-de-maio. Acesso em: 28 mai. 2020.

FIFA. *Información sobre los clasificatorios de la Copa Mundial de la FIFA*. FIFA. Publicado em: 12 mar. 2020. Disponível em: https://es.fifa.com/worldcup/news/informacion-sobre-los-clasificatorios-de-la-copa-mundial-de-la-fifa. Acesso em: 28 mai. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Estádios de futebol e prédios fechados viram hospitais pelo Brasil*. 01 abr. 2020a. Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/estadios-de-futebol-e-predios-fechados-viram-hospitais-pelo-brasil.shtml. Acesso em: 29 mai.2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. *OMS declara pandemia do novo coronavírus Sars-Cov-2. 11 mar*. 2020b. Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/oms-declara-pandemia-do-novo-coronavirus.shtml. Acesso em: 24 abr.2020.

FOX SPORTS. *Veja os gols dos jogos que marcaram o retorno da Bundesliga neste sábado*. 16 mai. 2020. FOX SPORTS. Disponível em: https://www.foxsports.com.br/br/article/veja-os-gols-dos-jogos-que-marcaram-o-retorno-da-bundesliga-neste-sabado_c62a0r. Acesso em: 18 mai. 2020.

GAZETA DO POVO. *Estádio Centenário é transformado em albergue em meio à crise do coronavírus*. Gazeta do Povo. 25 mar. 2020. Disponível em: https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/estadio-centenario-e-transformado-em-albergue-em-meio-a-crise-do-coronavirus/. Acesso em 30 mar. 2020.

GLOBO ESPORTE. *Coronavírus: Real Madrid transforma Santiago Bernabéu em depósito para doações médicas*. Globo Esporte. 26 mar. 2020a. Disponível em: https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/coronavirus-real-madrid-transforma-santiago-bernabeu-em-deposito-para-doacoes-medicas.ghtml. Acesso em: 15 abr. 2020.

GLOBO ESPORTE. *FC Seoul pede desculpas a torcida por colocar bonecas infláveis em arquibancadas na Coreia do Sul*. 18 mai. 2020b. Globo Esporte. Disponível em: https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fc-seoul-pede-desculpas-a-torcedores-por-colocar-bonecas-inflaveis-em-arquibancada-na-coreia-do-sul.ghtml. Acesso em: 27 maio 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolo de manejo clínico do coronavírus (COVID-19) na atenção primária à saúde. *Secretaria de Atenção Primária a Saúde* (SAPS), Brasília, v. 7., abr. 2020.

RUPTLY. South Korea: Coronavirus testing centre set upa t Seoul "88 Olympic stadium. 04 abr. 2020. *RUPTLY*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KoI03a1jHcw. Acesso em: 02 mai. 2020.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingo de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Ano I, n. I, jul/2009.

TVC NEWS. *COVID-19: GTB converst Teslim Balogun Stadium to isolation centre*. 27 mar. 2020. TVC News. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r9eMuNgXvhU. Acesso em: 20 abr. 2020.

VEAL, Jonathan. *Tottenham become first Premier League clube to host coronavírus testing operation at stadium*. 15 abr. 2020. Independent. Disponível em: https://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/tottenham-coronavirus-testing-stadium-nhs-hospital-a9467296.html. Acesso em 27 abr. 2020.

MODELOS DE SEGMENTAÇÃO DE CONSUMIDORES DE ESPORTE: REVISÃO DE LITERATURA E ESTUDOS DE CASO DE TORCEDORES DE FUTEBOL

Gil Bracarense Leite[1]

Resumo
Os consumidores de esporte exibem ampla variedade de comportamentos, de tal forma que não dá para reduzi-los a um conjunto diminuto de características homogêneas. Os modelos de segmentação de consumidores de esporte podem dar sentido a esses diferentes comportamentos. Sendo assim o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão da literatura sobre modelos de segmentação de consumidores de esporte tendo em vista a existência de diferentes grupos e identidades de torcedores, além de apresentar estudos de casos específicos relacionados a torcedores de futebol. Identificar os segmentos pode levar a uma maior compreensão das necessidades e características de cada tipo de torcedor, podendo gerar abordagens de marketing específicas para cada grupo.
Palavras-chave: Consumidores de esporte. Segmentação. Futebol. Torcedores.

Introdução

Os consumidores de esporte exibem ampla variedade de atitudes e comportamentos, de tal forma que não dá para reduzi-los a um conjunto reduzido de características homogêneas. Nem todos consideram o time como parte de sua identidade pessoal, nem são igualmente leais, conhecedores das tradições do clube ou resistentes a mudanças. Enquanto alguns frequentam os jogos com regularidade, outros vão apenas a partidas mais importantes.

Toda essa complexidade ratifica a necessidade de construir modelos de segmentação de consumidores de esporte que deem sentido a esses diferentes comportamentos. Uma segmentação eficaz pode indicar distintas preferências e necessidades, revelar fontes de lealdade e comprometimento e evidenciar padrões de gastos dos consumidores de esporte.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão da literatura sobre modelos de segmentação de consumidores de esporte tendo em vista a existência de diferentes grupos e identidades de torcedores, além de apresentar estudos de casos específicos relacionados a torcedores de futebol. Identificar os segmentos pode levar a uma maior compreensão das necessidades e características de cada tipo de torcedor, podendo gerar abordagens de marketing específicas para cada grupo.

[1] Gil Bracarense Leite, Professor da UFF, Doutor em Economia pela UFRJ. gilbracarense@id.uff.br

Desenvolvimento

Modelos de segmentação de consumidores de esporte e sua evolução

De acordo com Stewart, Nicholson e Smith (2003) é possível discutir a evolução dos modelos de segmentação do consumidor de esporte a partir de três abordagens que podem ser vistas como formando uma escala crescente de aprimoramento: modelos dualísticos, modelos em camadas e modelos multidimensionais. Os modelos dualísticos envolvem essencialmente contrastar uma forma de comportamento do consumidor de esporte com seu oposto. Já nos modelos em camadas os consumidores de esporte são agrupados e ranqueados conforme a força de seu compromisso emocional ou financeiro com a equipe. E, por fim, os modelos multidimensionais buscam agrupar as mais variadas dimensões, como os motivos implícitos presentes no consumo, indicadores de lealdade, fatores que dão sentido ao esporte, níveis de apego emocional, frequência com que se comparece ao estádio, entre outros, para identificar os tipos existentes de consumidores de esporte.

Focando especificamente no futebol, muitos dos trabalhos que discutem a segmentação de torcedores tiveram a influência de Giulianotti (2002), considerado um dos trabalhos pioneiros, apesar de não tratar de um estudo de caso de algum clube específico. Em seu trabalho, o autor identificou quatro grupos de torcedores: fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs. De forma bastante resumida, o torcedor fanático é aquele que tem uma relação pessoal e emocional de longo prazo com o clube, se assemelhando à relação com familiares e amigos. O torcedor seguidor é aquele que segue seu clube, mas também se interessa por jogadores, técnicos e outros profissionais. O fã é um tipo moderno de torcedor de um clube ou de seus jogadores. Ele valoriza o clube e suas tradições, mas, a força dessa identificação é baseada no mercado através do consumo de produtos. E o último tipo de torcedor é o flâneur. Sua identidade de torcedor se dá via relacionamentos virtuais orientados para o mercado, especialmente através de interações com a mídia produzida pela televisão e internet. Se motivam por sensações e prazer e isso faz com que observem diversos clubes e jogadores, tendo uma preferência pelo entretenimento.

Segmentação de torcedores do Coventry F.C.

Tapp e Clowes (2002) fizeram uma segmentação dos torcedores tendo por base essencialmente a frequência em jogos. A segmentação proposta por eles foi resultado da realização de entrevistas com torcedores nos jogos do Coventry FC, time integrante da Premier

League na época (2001). Sabendo que uma equipe joga 19 partidas em casa ao longo da competição, a segmentação apresentada com base na frequência criou a seguinte escala de lealdade:

- Mais de 18 jogos em casa e alguns/todos fora: torcedores fanáticos
- Entre 10 e 18 jogos em casa: torcedores regulares
- Entre 1 e 9 jogos em casa: torcedores casuais

Os fanáticos são aqueles torcedores que estão em primeiro na escala de lealdade. São os que frequentam mais jogos por ano, gastam o maior montante de dinheiro com a compra de ingressos e mercadorias e são os que mostram mais interesse em receber informações regulares sobre o clube. Os fanáticos enfatizam, também, a importância de deixar visível sua lealdade através dos cânticos de torcida e do uso frequente das cores do clube. Ao frequentar o estádio eles querem a vitória, muito mais que entretenimento ou bom futebol. A maioria dos fanáticos revelou colecionar algo relacionado ao clube e disseram "viver e respirar o futebol", muitas vezes o colocando até acima de amigos e familiares.

Outro segmento identificado por Tapp e Clowes (2002) foi o dos torcedores regulares. Estes foram definidos como aqueles que assistem em média 15 jogos por temporada, o que corresponde a frequentar o estádio em 80% dos jogos em casa. Além disso, estão em uma posição intermediária nos gastos com ingresso e mercadorias. Os torcedores regulares se mostraram comprometidos, mas, com alguma reserva. De forma contrária aos fanáticos, estes não afirmaram ter o futebol como prioridade em suas vidas. Os autores afirmaram que entre os regulares foi vista a maior percentagem de torcedores para os quais a vitória do time é mais importante do que o entretenimento do jogo.

Prosseguindo, Tapp e Clowes (2002) identificaram os torcedores casuais como aqueles que assistem no estádio em média 5 jogos por temporada, o que corresponde a pouco mais que 25% dos jogos em casa. Além disso, gastam o menor valor com ingresso e mercadorias. A pesquisa revelou que cerca de 60% dos casuais viviam fora da cidade, o que indica que um torcedor pode ser casual simplesmente por morar longe do estádio. Além disso, nenhum dos entrevistados se sentiu uma parte íntima da comunidade local. O casual tem um apreço maior pelo entretenimento do que pela vitória do seu time, podendo até não gostar de nenhum clube em particular e desejar apenas apreciar um bom jogo. Diferentemente dos fanáticos e regulares, ao invés de saírem deprimidos quando o time é derrotado, os casuais pensam coisas do tipo "foi um bom jogo" ou "o que mais podemos fazer hoje?". Ademais, os casuais são menos

propensos a situações desconfortáveis como ficar na fila para comprar ingressos e, portanto, valorizam opções mais práticas.

Segmentação de torcedores do Hibernian F.C.

Fillis e Mackay (2014) identificaram quatro diferentes segmentos para descrever os torcedores do clube escocês Hibernian FC: torcedores comprometidos, fãs, devotos sociais e seguidores casuais. Os torcedores comprometidos são aqueles que frequentam regularmente os jogos e possuem forte vínculo entre eles e com o clube, em um relacionamento que se assemelha a uma família. No dia a dia utilizam as cores do clube e nos jogos se destacam por cantar as músicas e levantar seus cachecóis, em um hábito visto como uma grande cerimônia. E se assistir a partida é como uma cerimônia, os torcedores comprometidos consideram o estádio como um local de culto. Os torcedores comprometidos geralmente são os responsáveis por formar organizações de torcida e os mais interessados em apoiar financeiramente o clube.

Os integrantes do segundo segmento foram chamados de fãs por Fillis e Mackay (2014). Estes são mais participativos que os seguidores, têm um relacionamento menos manifesto com outros torcedores e que depende do desempenho da equipe. Porém, os números que retratam a frequência ao estádio evidenciam sua ligação com a equipe, também expressa por meio da utilização das cores do clube e do emprego da mídia eletrônica para acompanha-lo. No geral, os fãs tendem a participar mais quando o time está em um bom momento. Portanto, os fãs possuem um determinado nível de interesse pelo clube, mas uma lealdade mais espúria, ainda que não sejam como o fã de Giulianotti (2002) que muda de interesse quando está insatisfeito.

Para caracterizar o segmento chamado de devotos sociais, Fillis e Mackay (2014) descrevem um tipo interessante de comportamento de torcedor. Ao longo do tempo as pessoas constroem círculos de amizades nos estádios e se esses vínculos deixarem de existir pode afetar a presença nos jogos. Com base nos depoimentos colhidos, percebe-se que existe uma rotina, uma tradição e muitas vezes isso é mais importante, fazendo com que estes torcedores retornem nos jogos seguintes mesmo após as derrotas. Segundo os autores, esse comportamento é evidente nos dias de jogos, em que um “mar de cachecóis coloridos” aparece nas ruas quando os torcedores se deslocam do seu bar preferido em direção ao estádio. Essas características levam à identificação dos devotos sociais, que são aqueles que dão significativa importância à experiência social, que é o meio pelo qual eles podem canalizar seu apoio à equipe, e buscam pertencimento por meio da formação de grupos na comunidade de torcedores.

Por fim, Fillis e Mackay (2014) identificaram também o segmento chamado de seguidores casuais que eles descrevem como sendo aquele que contém torcedores que se contentam em ir a jogos ocasionais e acompanham o clube à distância pela mídia, onde se mantêm atualizados sobre resultados e coletam informações, mas não se tornam parte da comunidade virtual e nem se conectam com outros fãs.

Resultados esperados ou conclusão

O presente espera fazer uma revisão de literatura dos modelos de segmentação de consumidores de esporte, além de apresentar estudos de caso de segmentação de torcedores de clubes de futebol. Todavia, trata-se ainda de uma etapa inicial de busca por artigos e trabalhos de referência, de modo que espera-se realizar uma pesquisa mais ampla e profunda por trabalhos que tratem do tema em diferentes esportes e times de futebol de várias partes do mundo para que se possa construir um cenário mais abrangente e tecer comparações.

Uma revisão de literatura ampla e abrangendo diferentes estudos de caso, pode ser também o ponto de partida para estimular trabalhos semelhantes no Brasil. Ainda que possa ser mais comum na Europa e nos Estados Unidos, não há evidências nas buscas iniciais de trabalhos tratando do perfil e da segmentação de torcedores no Brasil.

Referências

FILLIS, I.; MACKAY, C. Moving beyond fan typologies: The impact of social integration on team loyalty in football. *Journal of Marketing Management*, v. 30, n. 3-4, p. 334–363, 2014.

GIULIANOTTI, R. Supporters, followers, fans and flaneurs. A taxonomy of spectator identities in football. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.

STEWART, B.; SMITH, A.C.T.; NICHOLSON, M. Sport consumer typologies: a critical review. *Sport Marketing Quarterly*, v. 12, n. 4, p. 206-216, 2003.

TAPP, A.; CLOWES, J. From ‘carefree casuals’ to ‘professional wanderers’ segmentation possibilities for football supporters. *European Journal of Marketing*, v. 36, n. 11/12, p. 1248-1269, 2002.

RAIZ E NUTELA NO GRAMADO DA CIBERCULTA

Alexandre Carauta[1]

Resumo
Incorporadas ao acompanhamento do futebol, as dinâmicas ciberculturais abrem novas frentes de filiação ao mundo da bola. Parte delas confronta-se com mecanismos tradicionais de formação e legitiização do torcedor. Os tensionamentos são simbolizados na oposição entre o torcedor raiz, fiel às tradições futebolísticas, e o nutela, que supostamente as transgride. Todavia, relatos de torcedores habituados a experiências em estádios indicam menos um conflito do que uma simbiose entre velhas e novas liturgias estruturantes do torcer.
Palavras-chave: Futebol. Torcedor. Cibercultura. Estádio. Smartphone.

Aquecimento

Os avanços eletrônicos efetivaram o futebol como lubrificante social e fenômeno midiático. Tornaram-no proeminente no complexo campo esportivo evocado por Pierre Bourdieu (1983). Consolidaram-no como expressão dos dramas, aspirações e contradições da sociedade brasileira (DAMATTA, 1982), vetor de uma identidade nacional culturalmente sedimentada sobre pilares ideológicos de Gilberto Freyre (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001). De quebra, a comunicação massiva ajudou a converter a riqueza simbólica, estética e sociocultural do universo futebolístico num mercado de US$ 800 bilhões anuais[2].

Gravita nesta órbita a conversão do torcedor em consumidor naturalizada ao longo do século passado sob os condões da imprensa, da publicidade, da literatura, do cinema. Os esteios morais e comportamentais do *torcer* modularam-se a mediações do rádio, do jornal, da TV.

A comunicação pós-massiva – descentralizada, desterritorializada, hipermidiatizada, pluridirecional, colaborativa – recalibra a construção de liturgias, identidades e sentidos legitimadores do torcer. Indica uma emergente etiqueta cibertorcedora, cuja vocação sincrética espelha o contemporâneo fragmentado, fugaz, ambíguo (CARAUTA, 2019). A gênese simbiótica não a livra, contudo, de tensionamentos entre práticas, representações e valores tradicionais e pós-modernos. Tensionamentos sintetizados na polarização entre torcedor *raiz*, fiel a tradições seculares, e torcedor *nutela*, que as transgride.

Ao incorporarem práticas ciberculturais, as arquibancadas reprocessam confrontos pelo *verdadeiro* significado do torcer. As apreciações deste artigo, derivadas de entrevistas com dez

[1] Doutor em Comunicação (PUC-Rio), mestre em Gestão Empresarial (FGV-RJ), especialista em Administração Esportiva (MBA/FGV). Formado em Jornalismo (PUC-Rio) e Educação Física (Unesa). alexandre.carauta@gmail.com

[2] Estimativa da consultoria Sports Value: <https://www.sportsvalue.com.br/>

torcedores entre 2017 e 2019[3], somam-se aos esforços para compreender a cartografia de filiações cognitivas e afetivas do *torcer* remodelada pelo casamento do futebol com a cibercultura. Casamento consagrado, por exemplo, nas afinidades clubísticas transnacionais das novas gerações de torcedores, recheadas do que Richard Giulianotti (2012) chama de *flauneur*. Ao resgatar o termo com o qual Baudelaire se referia ao andarilho urbano do século XIX, Giulianotti ressalta a fugacidade do torcedor germinado num terreno fértil ao ubíquo, ao instantâneo, à hiperexposição.

O torcedor pós-moderno mantém fluidos os vínculos simbólicos com mundo da bola e com o totêmico sistema das rivalidades clubísticas (DAMO. 2002). Retrato do peso crescente dos games, aplicativos e ambientes virtuais na formação boleira, esses novos eixos estruturantes somam-se a influências tradicionais, como os laços familiares e a vivência na arquibancada, ora revestida da cultura digital.

No campo das legitimações do *torcer*

Simbolizada na troca do radinho pelo onipresente smartphone, novo escudeiro nas arquibancadas, uma nova etiqueta torcedora emergente é impulsionada pela descentralização, desterritorialização e hiperconectividade das redes sociotécnicas. Aos tradicionais códigos de legitimação, o *torcer* ora agrega liturgias, valores e sentidos advindos da cibercultura. Afina-se às mixagens sígnicas e linguísticas do tabuleiro hipermidiático (SANTAELLA, 2007). Embarca na ciranda de meios e mensagens sob a batuta da convergência (JENKIS, 2009). Assimila a ambivalência da comunicação pós-massiva. Por um lado, a horizontalidade das mídias digitais dissipa a fronteira entre emissão e recepção. Aproxima-se da fusão entre autor e leitor idealizada por Jean Paul Sartre, Umberto Eco, Rolland Barthes. Por outro lado, os fluxos on-line pendem ao caleidoscópio imagético regido pela racionalidade econômica.

Tal ambiguidade pulsa nas batalhas pela hegemonia das filiações materiais e imateriais que estruturam e legitimam o torcedor. Parte delas ecoa no embate entre o padrão de consumo dos estádios pós-modernos – indicado na individualização dos assentos – e as resistências culturais que defendem, por exemplo, o direito a ver a peleja em pé. Enraizado na divisão do trabalho balizadora da sociedade moderna, esse tensionamento reproduz a polarização entre dois arquétipos de torcedor, apelidados de raiz e nutela. O primeiro guiado pela emoção, deseja fundir-se ao enredo esportivo. O segundo valoriza mais a comodidade, a contemplação e o desdobramento da experiência pelos ambientes digitais.

[3] Integram a pesquisa referente à tese *O cibertorcedor entra em campo – um estudo sobre os efeitos das práticas digitais na construção de um torcedor emergente: como a troca do radinho pelo smartphone mudou a forma de acompanhar o futebol* (CARAUTA, 2019).

Útil às provocações jocosas da sociabilidade futebolística (GASTALDO, 2006), a polarização insinua-se falaciosa. As entrevistas apontam menos um confronto entre extremos do que uma simbiose entre os comportamentos *raiz* e *nutela*, calibrados de acordo com fatores como a importância e o andamento da partida.

O maniqueísmo expõe uma disputa retórica pela primazia dos significados e valores que autentificam o torcedor nas relações mediadas pelo futebol. *Raiz* corresponderia a um selo de autenticidade: reconhecimento da fidelidade às tradições populares do futebol. *Nutela* representaria o pertencimento a uma categoria identitária maleável a novas entradas no *ethos* futebolístico (games, aplicativos, camarotes virtuais), a novas matrizes de filiação ao mundo da bola. Pertencimento ao contemporâneo.

A esgrima retórica sucumbe à fruição na arquibancada. Nela impõe-se uma miscigenação entre comportamentos, valores e significados antigos e novos do *torcer*.

As dinâmicas ciberculturais, operadas pelos smartphones a tiracolo, não necessariamente fragilizam o envolvimento com a partida. Muitas vezes percebe-se o contrário. Os dispositivos multifuncionais expandem os campos de significação, fornecem chances para reinventar a narrativa do jogo. Ampliam a interação com o enredo em curso e seus atores – o jogo, os jogadores, a torcida, a atmosfera do estádio.

Os gêneros de mensagens e a intensidade das interações e publicações on-line variam, entre outros aspectos, conforme as bagagens ciberculturais e futebolísticas de cada torcedor; e as circunstâncias da partida. Torcedores inclinados à vertigem tribal da arquibancada apresentam padrões digitais distintos daqueles mais inclinados à visualização do jogo. Tais variações hibridizam-se com protocolos do *habitus* boleiro tradicional, como entoar cânticos de louvor ao time e provocações ao adversário.

A etiqueta torcedora em gestação parece energizar uma usina de c*omentadores*, para os quais acompanhar futebol significa opinar, discutir, ingressar numa trama interlocutória potencializada pela hiperconectividade. Mais do que (co)produzirem e filtrarem conteúdos (curadoria), torcedores comentam[4] sistematicamente o jogo, ou a experiência de acompanhá-lo, no WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram.

Os comentários on-line e demais práticas ciberculturais ampliam estratos participativos e conotativos. Participar envolve, cada vez mais, exponenciar as conexões e significações em torno do espetáculo esportivo – mesmo sob o risco de dispersar a atenção no jogo, atitude inadmissível à categoria *raiz*, pois enfraqueceria o vínculo com o clube do peito, primordial à legitimação do *autêntico* torcedor.

[4] Comentário corresponde ao nível intermediário nas categorias de engajamento on-line formulada por Charlene Li (2010).

Os relatos também sugerem que a oposição raiz-nutela não resiste à geopolítica da arquibancada, onde articulam-se diferentes ritos e significados do *torcer* – por vezes confluentes, por vezes conflitantes. As novas práticas ciberculturais ampliam este repertório. Ele transita por territórios nos quais torcedores demarcam, expressam e legitimam suas identidades no universo do futebol.

Os novos estádios diluem esses territórios, ao homogeneizarem o modelo neoliberal rotulado de *padrão Fifa*. Ainda assim, neles resistem tradições socioculturais, ritualísticas e políticas que compõem a identidade cultural do futebol e do torcedor[5].

A arquibancada conserva, em certa medida, uma histórica polaridade. Num polo, concentram-se integrantes e simpatizantes de torcidas organizadas. Fazem do jogo uma ponte para vivenciarem as emoções do *torcer* e integrarem-se à tribo do futebol. Embora grande parte deles condene o uso ali do smartphone, considerado fonte de dispersão – e de traição –, não é raro vê-los sacar os aparelhos para presentificarem e multiplicarem a alegria do gol. O outro polo reúne torcedores mais afeitos ao contemplativo, com vários níveis de adesão às dimensões simbólica, sociocultural e ritualística do futebol (CURI, 2011). Já naturalizaram o smartphone na experiência esportiva.

Predominam nas arquibancadas contemporâneas o que Martin Curi denomina torcedores *flexíveis*, interessados em harmonizar *participação* e *contemplação*. Mostram-se abertos às dinâmicas ciberculturais.

Talvez a principal mudança produzida pela etiqueta cibertorcedora em construção esteja nos entrelaces oblíquos das antigas e novas territorialidades presenciais com as multifacetadas territorialidades das *arquibancadas on-line*. Esses entrelaces ampliam os perímetros simbólicos do *torcer*. A desterritorialização das mídias digitais instiga o torcedor contemporâneo a trilhar novos percursos de significação, a remodelar tempos e espaços para mixar expressões, ações, representações.

Arremate

Embora produzam tensionamentos com tradicionais vetores de formação e legitimação do torcedor, as práticas ciberculturais revelam-se menos conflitantes do que sugere a oposição raiz-nutela. Mostram-se simbióticas a tradições do universo boleiro. Diversificam tanto as frentes mais contemplativas da experiência esportiva – pois ampliam os conteúdos didático-

[5] No Brasil, tais configurações consolidaram-se com a inauguração do Pacaembu, em 1940, quando esses espaços passaram a expressar e a promover a popularização do futebol.

referenciais e as opções midiáticas para compreender e ver o espetáculo – quanto as frentes mais participativas, na medida em que expandem os campos de significação e interação.

As dinâmicas digitais também reproduzem e ressignificam a riqueza dialógica e ritualística do estádio (cheio). De duas maneiras: a) capturando e disseminando, nas comunidades on-line, estratos do espetáculo sob os formatos de textos, fotos e vídeos curtos; b) transformando os circuitos sociais da web em arquibancadas, ou seja, em ambientes para se vivenciar a sociabilidade futebolística.

A extensão da sociabilidade boleira nas *arquibancadas virtuais* não as exime de serem consideradas, numa perspectiva *raiz*, obstáculos à concentração no jogo e no time, ou seja, à lealdade aos costumes do *torcer*. Ainda assim, observa-se um viés sincrético, um deslizamento entre velhos e novos mecanismos estruturantes do torcedor. Nesta miscigenação desenha-se o horizonte de uma ética emergente do *torcer*.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo*. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARAUTA, Alexandre. *O cibertorcedor entra em campo*: um estudo sobre os efeitos das práticas digitais na construção de um torcedor emergente: como a troca do radinho pelo smartphone mudou a forma de acompanhar o futebol. Tese (Doutorado) – PUC-Rio, 2019.

CURI, Martin. *Espaços da Emoção: Arquitetura futebolística, Torcida e Segurança Pública*. In: 35. ANPOCS, 2011.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA (org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social*: uma leitura antropológica da rivalidade entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, n. 3, 2006

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde*: Revista de História do Esporte Artigo, v. 5, n. 1, junho de 2012.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LI, Charlene. *Open Leadership: how social technology can transform the way you lead.* São Franscisco: Wiley Imprint, 2010.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência.* São Paulo: Aleph, 2009.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos ao miacentrismo. *Matrizes*, v. 1, n. 1, p. 75-97, 2007. Disponível em https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38178/40907.

O NOVO PROCESSO DE EMPRESARIZAÇÃO DOS CLUBES DE FUTEBOL NO BRASIL: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA

Irlan Simões Santos[1]

Resumo
Mais de 20 anos após a Lei Pelé, o futebol brasileiro atravessa um novo momento de discussão sobre uma regulamentação pela transformação dos clubes brasileiros em sociedades empresárias, formato popularmente conhecido como "clube-empresa". A proposta desse artigo é explorar os elementos históricos, os vácuos conceituais e o panorama geral do processo de transformação dos clubes em empresa em diversos países, para poder refletir sobre os impactos dessa nova investida e os motivos dos fracassos das anteriores.
Palavras-chave: Clube-empresa. Futebol. Legislação. Lei Pelé. Associação civil.

Introdução

Promulgada em 1998, a Lei nº 9.615/1998, popularmente conhecida como Lei Pelé, consistia em uma série de novas regulmentações para a atividade econômica do futebol nacional, dentre as quais estava a relevante proposição de obrigatoriedade da transformação dos clubes brasileiros em sociedades empresárias. Mais de vinte anos depois, em abril de 2019, a Câmara dos Deputados aprovou em caráter de "urgência urgentíssima" o substitutivo do deputado federal Pedro Paulo (DEM-RJ) ao PL 5082/16, de Domigos Sávio (PSDB-MG), projeto cujo espírito da lei é basicamente o mesmo da anterior. Ao menos no que tange ao arcabouço de regulamentações sobre o processo de conversão dos clubes brasileiro de associações civis sem fins lucrativos para o formato de sociedade empresária, mais precisamente o modelo consagrado de "sociedade anônima" (S.A's).

Muito utilizado em todo mundo, o proposta das S.A's se baseia na ideia de que um modelo jurídico empresarial seria o mais adequado para os clubes de futebol, dado que geraria um processo imediato de "profissionalização". A lei de 2019 buscava atualizar a Lei Pelé em alguns pontos: alterar a carga tributária das movimentações dos clubes, consideradas muito pesarosas e, portanto, desestimulantes para a conversão; criar possibilidades para os clubes aderirem a um processo de recuperação judicial, em casos de inviabilidade de liquidação de suas dívidas; além de criar um novo processo de refinanciamento de dívidas dos clubes com a União – apenas para aqueles que adotassem o modelo.

[1] Irlan Simões Santos, mestre em Comunicação e pesquisador nível doutorado CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. iirlansimoes@gmail.com.

Desenvolvimento

Diferentemente da sua predecessora, a nova "Lei do Clube-empresa" não pretendia fazer da conversão do modelo jurídico uma medida obrigatória. Como aponta Luciano Motta (2020), a Lei Pelé perdeu esse caráter ainda no início do século, quando uma crise financeira que desvalorizou o real, ao lado de uma movimentação da chamada "bancada da bola", deram caráter facultativo ao processo de conversão de associação para empresa. Desta forma, o "novo processo de empresarização" passa quase que exclusivamente, nas palavras do próprio autor, pela construção de um "ambiente mais favorável" à transformação. O que por outro lado poderia ser entendido como um alinhamento de condições sedutoras para possíveis interessados em se tornarem donos dos clubes de futebol do Brasil, ou de assimilação dessa proposta por algumas facções políticas internas aos clubes.

O projeto era discutido em um contexto de alto endividamento dos clubes brasileiros – nada novo no século -, mas incitado nos debates públicos a partir da iniciativa do clube Botafogo Futebol e Regatas em aventar o interesse em promover tal conversão de modelo jurídico. O Botafogo apresentava uma dívida muito acima da sua capacidade real de arrecadação, o que para muitos significava uma situação de insolvência, da qual uma auditoria contratada por uma importante família de conselheiros do clube apontou pela adoção do modelo de empresa. A proposta inicial era a constituição de uma "sociedade de propósito específico", espécie de concessão de gestão, de duração de 30 anos, projeto ainda em aberto por conta da discussão dessa regulamentação.

À altura da produção desse artigo, o projeto não havia ainda sido discutido no Senado, onde rivalizava com outro projeto de caráter semelhante, conhecido como "Lei das SAF", sigla para "sociedades anônimas do futebol", a Lei n° 5516/2019, de autoria do senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG). Esse projeto, apesar de voltado para os mesmos preceitos da legislatura anteriormente explicada, consistia em criar um novo modelo jurídico, uma formatação exclusiva e específica para as "sociedades anônimas" no Brasil, voltada prioritariamente para atender às características particulares dos clubes de futebol.

Esse segundo projeto se inspirava nas iniciativas de "sociedades anónimas deportivas" da Espanha, ou "sociedades anônimas desportivas" de Portugal, ambas conhecidas como SAD. Acreditava-se que, no modelo de SAD, tanto torcedores poderiam se tornar detentores de ações dessa empresa que herdaria os ativos da antiga "associação civil" proprietária do clube de futebol, como outros interessados investidores poderiam agregar à empresa. No caso português

ainda se contemplou que a própria associação poderia se constituir como acionista da SAD então constituída.

Em geral, esse era o ponto de divergência mais latente entre os dois projetos, dentre outras possíveis arestas que, até onde essa pesquisa conseguiu alcançar, estavam sendo aparadas para que as propostas convergissem em um mesmo modelo. Com o grande problema estrutural provocado pela pandemia da Covid-19, o próprio processo de conversão de clubes em empresas acabou se apresentando – ao menos nas falas dos "especialistas" – como o modelo inevitavelmente necessário para a resolução dos problemas financeiros causados pela crise. Ainda que não fosse necessária uma pandemia para que o argumento na inevitabilidade da transformação dos clubes em empresa se apresentasse, também não se sabe muito ao certo se a adoção de um novo modelo jurídico em um contexto de crise aguda seria realmente conveniente – dentre os inúmeros problemas que esse processo já apresenta por si só.

São esses problemas decorrentes do processo de transformação dos clubes de associações civis para sociedades empresárias que nortearam a produção do livro "Clube Empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol" (SIMÕES, 2020), uma coletânea de artigos que avalia as experiências de Espanha, Portugal, Chile, Argentina e Alemanha, além de discutir sobre o caráter global dos proprietários dos clubes de futebol em todo mundo.

No artigo introdutório, de minha autoria, estabeleço os oito pontos que constituem o escopo ideológico da transformação dos clubes em empresas: 1) Eficiência corporativa; 2) Racionalidade de mercado; 3) Atração de investimentos; 4) Liberdade da política; 5) Transparência e governança; 6) Ganho de competitividade; 7) Reversão do papel de exportador; 8) Respeito aos clientes. São os pontos que, ao longo da obra, serão desconstruídos com exemplos concretos e análises financeiras. Não necessariamente os clubes desses países se constituíram enquanto exemplos desses pontos, tampouco que eles são resultados imediatos da conversão do modelo jurídico para empresas.

Resultados esperados ou conclusão

O intuito do artigo é de elencar os elementos que compõem a discussão sobre a transformação dos clubes de futebol em empresa no Brasil. Para tanto foi necessário construir um histórico das regulamentações legais sobre o tema, contextualizando a atual iniciativa e localizando-a no cenário conjuntural do futebol brasileiro. Após isso, foi fundamental estabelecer um levantamento dos efeitos do processo de conversão dos clubes em empresas em

outros países, de modo a avaliar os reais impactos desse processo. Longe de ser uma consequência positiva, imediata e natural, o que destacamos é que o clube quando entregue a um ente privado, tende a manifestar outros tipos de problemas ainda piores, se comparados aos problemas decorrentes do modelo associativo tradicional (seja ele mais fechado ou mais democrático).

Esses tipos de problemas são desconhecidos ou completamente ignorados nas discussões sobre a transformação dos clubes em empresas no Brasil. Ao passo em que não se tem casos midiáticos necessariamente relevantes (pouco se diz da experiência de clubes tradicionais como EC Bahia e EC Vitória), por outro lado tende-se a ocultar os casos reais os debates, seja por mera conveniência retórica, seja por claro intuito de tergiversar sobre a probabilidade muito real de que clubes fechem suas portas e decretem falência.

Referências

KENNEDY, David; KENNEDY, Peter. *Football in Neo-Liberal Times:* A Marxist Perspective on the European Football Industry. Routledge, 2016

MOTTA, Luciano de Campos Prado. *O mito do clube-empresa*. Belo Horizonte: Sporto, 2020.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000

SIMÕES, Irlan (org.). *Clube Empresa:* abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. Petrópolis: Corner, 2020. 362p.

SUPPORTERS DIRECT. *What is the feasibility of a Supporters Direct Europe?* Londres: Supporters Direct Europe, 2009.

ÍNDICE DE AUTORES

Alexandre Carauta 293
Alexandre Vinicius Nicolino Maciel 100
Alícia Rufino Soares 145
Álvaro Vicente do Cabo 192
Anderson David Gomes dos Santos 274
André Alexandre Guimarães Couto 192
Anna Virginia Nascimento Silva 162
Bárbara Gonçalves Mendes 209
Breno Brey D'auria 137
Bruno Balacó 105
Camila Souza Lima 42
Carlos Henrique Biscardi 110
Carlos Rafaell Correia-Oliveira 278
Carlus Augustus Jourand Correia 47
Carol Fontenelle 94
Daniel de Jesus Oliveira 233
Danilo Rodrigues Paiva 120
Eduardo de Souza Gomes 125
Elcio Loureiro Cornelsen 203
Emerson Maciel Esteves 151
Everaldo Lisboa dos Santos 31
Fábio Daniel Rios 269
Fábio Santiago Santa Cruz 253
Felipe Oliveira Santos 220
Fernanda Serafim Alves 57
Fernando Seffner 215
Gabriel Said 177
Gil Bracarense Leite 288
Giovanna de Almeida Carvalho 238
Guilherme Moreira Gomes da Cruz 248
Gustavo Andrada Bandeira 215
Igor Lacerda 8

Irlan Simões Santos....298
Itamá Winicius do Nascimento Silva....52
João Pedro Prado Mercês Lázaro....182
José Carlos Marques....156
Juliana Nascimento da Silva....88
Livia Maria Nonato....162
Lucas Barbosa Silva....137
Lucas Batista Barcelos....36
Lucas Nascimento de Mattos....62
Luiza Aguiar dos Anjos....209
Marco Antonio Roxo da Silva....172
Marcus Vínicius de Arruda Silva Pereira....137
Marina de Mattos Dantas....209
Matheus Melgaço....259
Miriam Neves de Sousa....19
Nathan Pereira Barbosa....73
Núbia Azevedo....156
Otávio Bonjiovanne Lourenço....137
Pedro Paula de Oliveira Vasconcelos....115
Rafael Henrique da Silva Calmon....278
Rafael Orazem Casé....167
Rafael Willian Clemente....25
Rafaella Prata Rabello....145
Raniery Soares Lacerda....68
Raquel de Oliveira Sousa....226
Renato Soares Coutinho....198
Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior....13
Roberto Falcão....131
Rodrigo Nascimento Reis....172
Rômulo Meira Reis....19, 283
Sérgio Montero Souto....187
Silvan Menezes dos Santos....137
Silvestre Cirilo dos Santos Neto....283

Silvio de Cassio Costa Telles....283
Tatiana Cioni Couto....84
Thaís Rodrigues de Almeida....243
Thalita Neves....264
Victor Amorim Andrade-Souza....278
Victor Belart....8
Victor Brandão de Oliveira....78
Vinicius Augusto do Nascimento Monteiro....137
Vinícius Tenório Moraes da Silva....278